

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas
Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa

GABRIEL ISOLA LANZONI

**Coesão verbo-imagética: um estudo sistêmico-funcional
sobre multimodalidade em mídias digitais**

versão corrigida

São Paulo
2020

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas
Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa

GABRIEL ISOLA LANZONI

Coesão verbo-imagética: um estudo sistêmico-funcional sobre multimodalidade em mídias digitais

versão corrigida

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Filologia e Língua Portuguesa

Linha de Pesquisa: Linguística Textual e Teorias do Discurso no Português.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Gonçalves Segundo

São Paulo
2020

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudos e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

I85c Isola-Lanzoni, Gabriel
Coesão verbo-imagética: um estudo sistêmico-funcional sobre multimodalidade em mídias digitais / Gabriel Isola-Lanzoni ; orientador Paulo Roberto Gonçalves-Segundo. - São Paulo, 2020.
200 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Área de concentração: Filologia e Língua Portuguesa.

1. Multimodalidade. 2. Mídias digitais. 3. Coesão. 4. Transitividade. 5. Visualidade. I. Gonçalves-Segundo, Paulo Roberto, orient. II. Título.

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): Gabriel Isola Lanzoni

Data da defesa: 05/02/2020

Nome do Prof. (a) orientador (a): Paulo Roberto Gonçalves Segundo

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 16/03/2020



(Assinatura do (a) orientador (a))

ISOLA-LANZONI, Gabriel. **Coesão verbo-imagética**: um estudo sistêmico-funcional sobre multimodalidade em mídias digitais. 200f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo. 2020.

Aprovado em: 05 de fevereiro de 2020

Banca Examinadora

Profa. Dra. Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira Andrade

Instituição: FFLCH-USP

Assinatura:

Julgamento: Aprovado

Profa. Dra. Maria Otilia Guimarães Nini

Instituição: UNIP

Assinatura:

Julgamento: Aprovado

Profa. Dra. Fernanda Coelho Liberali

Instituição: PUC-SP

Assinatura:

Julgamento: Aprovado

AGRADECIMENTOS

Gostaria de iniciar esses agradecimentos falando de experiência e o quanto cada pessoa com quem tive contato nesses dois anos foi importante. A começar pelo meu orientador, o Prof. Dr. Paulo Roberto Gonçalves Segundo, alguém que tenho tanto a agradecer, desde o voto de confiança em aceitar me orientar, até as longuíssimas horas de discussões e debates sobre a minha pesquisa. Paulo, agradeço pelo apoio e pelo investimento, sem os quais eu não teria me desenvolvido como pesquisador em formação e tampouco a pesquisa teria se desenvolvido ao ponto em que consta nessa dissertação. Paulo, um grande obrigado, de coração!

Agradeço às Profas. Zilda Gaspar Oliveira de Aquino e Maria Otilia Guimarães Ninin, com quem pude dialogar no exame de qualificação. À Profa. Zilda agradeço pelos cursos – da graduação e da pós-graduação –, pelas conversas, na faculdade e em eventos, pela leitura da qualificação e pelas sugestões. À Profa. Maria Otilia agradeço pelos textos publicados – primeira oportunidade de contato que tive –, pela leitura atenciosa do relatório de qualificação e pelas sugestões de encaminhamento. Às duas agradeço pelos elogios e pelas críticas, que ecoaram até a finalização da pesquisa.

Agradeço à Profa. Fernanda Coelho Liberali pelo pronto aceite de debater meu trabalho. A contribuições foram grandiosas! Agradeço também à Profa. Profª. Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira Andrade pelas oportunidades de diálogos no Núcleo de Estudos em Análise Crítica do Discurso – USP (NEAC-USP), pelos valiosos comentários em apresentações que realizei e pelo aceite em debater o meu trabalho!

Ainda no âmbito de docentes, gostaria de agradecer à Profa. Maria Inês Batista Campos pelo incentivo à pós-graduação desde o último ano da minha graduação, pelas aulas da licenciatura e pelo contato e diálogo que tivemos ao longo desse processo. Um grande obrigado, Profa. Maria Inês!

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa por ter apostado em mim como pesquisador em formação, pelo constante apoio à realização dessa pesquisa, em termos de financiamento para participação em eventos, e pelas oportunidades de propor atividades no âmbito do Programa, como os Ciclos FLP, na função de Representante Discente. Um obrigado a todas/os as/os professoras/es.

Às/aos amigas/os que, em maior ou menor grau, participaram dessa experiência. Um agradecimento em destaque a Winola Weiss, por termos estado presentes no desenvolvimento um do outro, em disciplinas, em grupos de estudos, na organização e na participação em eventos, na atuação como Representantes Discentes do Programa, e pelas diversas conversas que tivemos sobre mídias digitais, sobre educação, sobre o país e sobre o mundo. Um muito obrigado de verdade, Wino!

Um destaque também a Amanda Angelozzi por todas as conversas acadêmicas e não acadêmicas. Agradeço pela nossa amizade e pelo constante apoio à pesquisa. Sei que você será grande em seu caminho na pós-graduação.

Agradeço aos membros dos grupos de estudo, com destaque ao Midigita, cujas discussões contribuíram imensamente para os debates que empreendi nesta pesquisa. Um agradecimento, de modo geral, ao grupo de orientandos do Paulo!

E não poderia de deixar de agradecer à minha família, de quem sempre recebi o maior apoio. Aos meus pais, Adriana Isola Lanzoni e Sérgio Lanzoni Júnior, por terem garantido a mim o que há de mais valioso: o estudo. Um grande obrigado, mãe, pela paciência nesses dois anos, pelo incentivo em momentos de incerteza e pelo amor incondicional. Um grande obrigado, pai, pelo apoio, pelas conversas sobre minha pesquisa e pelos *insights* decorrentes dessas conversas. Agradeço também aos meus irmãos Rafael Isola Lanzoni e Sérgio Lanzoni Neto, pelo imenso amor e apoio. Ao meu irmão Sérgio por me ouvir várias vezes falando sobre vídeos, *posts* e memes. Ao meu irmão Rafael e à minha cunhada Stephany Marinho pelo interesse no que pesquisei e pelas nossas discussões. Vocês são grandes!

Por fim, um agradecimento às/aos funcionárias/os da secretaria do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, em especial à Daniela Teixeira, à Vera Mendes e ao Gabriel Carra.

Agradeço à CAPES pelo apoio financeiro para a realização desta pesquisa por meio da concessão de bolsa aos projetos n.º 1799306 e n.º 88882.377632/2019-01, que resultaram nesta dissertação¹.

¹ As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade do autor e não necessariamente refletem a visão da CAPES.

RESUMO

ISOLA-LANZONI, Gabriel. **Coesão verbo-imagética**: um estudo sistêmico-funcional sobre multimodalidade em mídias digitais. 200f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo. 2020.

Estudos de multimodalidade em mídias digitais enfrentam um desafio, na medida em que os objetos de estudo apresentam volatilidade, por serem constantemente transformados e renovados, seja em decorrência da emergência de novas práticas discursivas, seja por conta de novas possibilidades tecnológicas. Isso requisita ao analista verificar a aplicabilidade de categorias e de métodos de análise multimodal já existentes em face das novas práticas, atentando para as formas pelas quais unidades mínimas de análise são sistematizadas, para o papel atribuído ao *layout* no direcionamento da atenção do consumidor textual e para os modos pelos quais as diferentes possibilidades de articulação intermodal viabilizadas pela plataforma, pelos gêneros e pelas tecnologias de edição, manipulação e remixagem são contempladas nas diversas proposições. Desse modo, partimos, nesta pesquisa, da hipótese de que um sistema de COESÃO VERBO-IMAGÉTICA, estruturado a partir do sistema de TRANSITIVIDADE, ligado à Metafunção Ideacional da Linguística Sistêmico-Funcional permite consolidar unidades de análise, mapear relações estruturais, processuais e instanciais entre as modalidades e estabelecer direcionalidade de modificação a partir da determinação da modalidade dominante. Nesse sentido, assumimos como objetivos desta pesquisa: i. propor um sistema de COESÃO VERBO-IMAGÉTICA e uma metodologia de análise; ii. determinar os critérios de definição e de operacionalização de unidades de análise em interações verbo-imagéticas; iii. depreender efeitos semântico-discursivos da instanciação de laços coesivos. A investigação é articulada a uma hipótese secundária de que a articulação entre as noções de Figura e Fundo e o sistema de VALOR INFORMACIONAL permite que identifiquemos Níveis de Visualidade envolvidos no consumo de textos multimodais digitais. Assim, podemos determinar sobre quais dimensões visuais o sistema de COESÃO VERBO-IMAGÉTICA é aplicável. Para tanto, fundamentamo-nos, primariamente, na Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 2004; LAVID; ARÚS; ZAMORAO-MANSILLA, 2010; FUZER; CABRAL, 2014; GONÇALVES-SEGUNDO, 2014), por fornecer categorias de análise que possibilitam descrever a construção do significado em termos de experiência dos atores sociais em práticas discursivas diversas, e, secundariamente, na Linguística Cognitiva (LAKOFF; JOHNSON, 1980; LANGACKER, 2008; TENUTA; LEPESQUER, 2011; HART, 2014; GONÇALVES-SEGUNDO, 2017; VEREZA, 2007, 2013, 2016), por fornecer categorias para refinar o olhar interpretativo sobre os efeitos semântico-discursivos de laços coesivos e para a determinação do estatuto atencional de elementos verbais e imagéticos no âmbito de Níveis de Visualidade, além de possibilitar a compreensão da relação entre coesão e metaforização multimodais. As proposições que desenvolvemos permitiram identificar – a partir de um *corpus* constituído por textos estáticos e dinâmicos publicados no YouTube, no Twitter e no Instagram – três modos de correspondência estrutural coesiva entre elementos verbais e imagéticos (Reiteração, Adição e Identificação), que se articulam em maior ou menor grau aos efeitos de Ajuste de Focalização (Restrição Referencial e de Ajuste de Saliência), de redução de ceticismos e de orientação de raciocínios inferenciais. Além disso, discutimos a possibilidade de padrões coesivos verbo-imagéticos estarem associados à estruturação de gêneros discursivos.

Palavras-chave: Multimodalidade. Mídias digitais. Coesão. Transitividade. Visualidade.

ABSTRACT

ISOLA-LANZONI, Gabriel. **Image-text cohesion: a systemic-functional study on multimodality in digital media.** 200f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo. 2020

Studies on multimodality in digital media face a constitutive challenge, since their objects of investigation present high volatility, for they are constantly transformed and renewed, due to the emergence of new discursive practices and to the semiotic potential of new technological possibilities. The analyst must, thus, verify the applicability of the existing methods and categories of multimodal analysis to the new practices, directing attention to the ways through which the minimal units of analysis are established, to the role attributed to the *layout* in construing windows of attention and to the ways each proposal deals with the different possibilities of multimodal articulation enabled by the various platforms, the different genres and the technologies of image-text edition and remixing. Hence, we hypothesize that an IMAGE-TEXT COHESION system, structured from the TRANSITIVITY system of the systemic-functional approach to semiotics, is productive in terms of establishing analytical units, mapping structural, processual and instantial units between modes and determining the directionality of modification based on the dominant mode. Therefore, we assume as objectives of this research: i. to construe an IMAGE-TEXT COHESION system and an analytical methodology; ii. to determine definitional and operationalization criteria in order to delimit analytical units in image-text interactions; iii. to infer semantic-discursive effects related to the instantiation of cohesive ties. This investigation is associated with a secondary hypothesis, i.e., that the articulation between the notions of Figure and Ground and the INFORMATION VALUE system enables the identification of Visualization Levels involved in the consumption of multimodal digital texts. This allows the determination of the visual dimensions the IMAGE-TEXT COHESION system may be applied. To do so, we draw primarily on Systemic-Functional Linguistics (HALLIDAY, 2004; LAVID; ARÚS; ZAMORAO-MANSILLA, 2010; FUZER; CABRAL, 2014; GONÇALVES-SEGUNDO, 2014), insofar as it provides analytical categories that enable the description of meaning-making processes in terms of the experience of the social actors in diverse discursive practices, and, secondarily, on Cognitive Linguistics (LAKOFF; JOHNSON, 1980; LANGACKER, 2008; TENUTA; LEPESQUER, 2011; HART, 2014; GONÇALVES-SEGUNDO, 2017; VEREZA, 2007, 2013, 2016), since it provides categories that enhance the interpretation of semantic-discursive effects of cohesive ties, the determination of the attentional status of verbal and pictorial elements within Visualization Levels and the comprehension of the relations between multimodal cohesion and metaphorization. Based on the analysis of a *corpus* of static and dynamic texts published in YouTube, Twitter and Instagram, we were able to identify three types of structural correspondence in the cohesion of verbal and pictorial elements (Reiteration, Addition and Identification), which are related, to a greater or lesser extent, to the effects of Focal Adjustment (Referential Restriction and Salience Adjustment), of skepticism reduction and of inferential reasoning orientation. Furthermore, we discussed the possibility of correlation between image-text cohesion patterning and genre structuring.

Keywords: Multimodality. Digital media. Cohesion. Transitivity. Visualization.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.1-1 – Subsistema de STATUS RELATIVO (MARTINEC; SALWAY, 2005).....	25
Figura 1.1-2 – Tipos de processos.....	27
Figura 1.1-3 – Análise do Processo Verbal imagético em (2).....	29
Figura 1.1-4 – Subsistema de STATUS RELATIVO (MARTINEC; SALWAY, 2005).....	32
Figura 1.1-5 – Post do perfil do Masp no Instagram.....	36
Figura 1.1-6 – <i>Layouts</i> similares.....	38
Figura 1.1-7 – Exemplificação dos planos esquemático e funcional-instancial.....	38
Figura 1.1-8 – Sistema de RELAÇÕES VERBO-IMAGÉTICAS.....	42
Figura 1.2-1 – Sistema de CONSTRUÇÃO INTERMODAL.....	47
Figura 1.2-2 – Caso de Homoespacialidade.....	49
Figura 1.2-3 – Página do site do Museu Calouste Gulbenkian.....	52
Figura 1.3-1 – Folder de gravador de programa televisivo.....	54
Figura 1.3-2 – Esquema de combinações de relações verbo-visuais.....	55
Figura 1.3-3 – Página do site do Museu Calouste Gulbenkian.....	56
Figura 1.3-4 – Função de Decoração.....	58
Figura 1.3-5 – Exemplar do <i>Decretum</i> do Graciano, de Justiniano, o Grande (482-565).....	58
Figura 1.3-6 – Exemplo de relação de coordenação.....	60
Figura 1.3-7 – Exemplo de relação de subordinação.....	60
Figura 1.3-8 – Sistema de VALOR INFORMACIONAL.....	62
Figura 1.3-9 – Metafunções de relações verbo-visuais.....	63
Figura 1.3-10 – Sistema de AVALIAÇÃO.....	64
Figura 1.4-1 – Texto analisado por Royce (2007).....	68
Figura 1.4-2 – Elemento imagético de (6).....	74
Figura 2.1-1 – Possibilidade de leitura de elementos verbais em <i>post</i> do Instagram.....	92
Figura 2.1-2 – Disposições de elementos verbais e imagéticos em <i>Story</i> do Instagram.....	98
Figura 2.1-3 – Elemento imagético de (7).....	101

Figura 2.2-1 – Sistema de COESÃO VERBO-IMAGÉTICA.....	104
Figura 2.2-2 – Análise processual do elemento imagético.....	105
Figura 2.2-3 – Resultado da pesquisa de “Ludwig van Beethoven” no buscador Google.....	107
Figura 2.2-4 – Exemplo de <i>Tweet</i>	108
Figura 2.2-5 – Subsistemas de CORRESPONDÊNCIA PROCESSUAL e RECURSIVIDADE.....	114
Figura 2.2-6 – Análise do Processo imagético.....	116
Figura 2.2-7 – Subsistema de REALCE.....	118
Figura 2.2-8 – Exemplo de Identificação (2).....	121
Figura 2.2-9 – Exemplo de Identificação (3).....	122
Figura 3.1-1 – Correspondência estrutural de Reiteração e subsistema de ELABORAÇÃO.....	129
Figura 3.1-2 – Exemplo de Reiteração em manchete do jornal O Estado de São Paulo.....	130
Figura 3.1-3 – Análise processual do elemento imagético da figura 3.1-2.....	132
Figura 3.1-4 – Subsistema de CORRESPONDÊNCIA PROCESSUAL.....	133
Figura 3.1-5 – Exemplo de Reiteração em galeria de imagens do jornal Folha de São Paulo.....	134
Figura 3.1-6 – Análise processual do elemento imagético do vídeo 3.1-1.....	138
Figura 3.1-7 – Análise processual do elemento imagético do vídeo 3.1-1.....	140
Figura 3.1-8 – Análise processual do elemento imagético do vídeo 3.1-2.....	143
Figura 3.2-1 – Correspondência estrutural de Adição e subsistema de ADIÇÃO.....	147
Figura 3.2-2 – Exemplo de Adição por Substituição.....	148
Figura 3.2-3 – Análise dos componentes da modalidade imagética.....	149
Figura 3.2-4 – Estágio de interação da figura 3.2-2.....	151
Figura 3.2-5 – Exemplo de <i>Tweet</i>	153
Figura 3.2-6 – Análise do Processo imagético.....	155
Figura 3.2-7 – Exemplo de Adição por Preenchimento.....	156
Figura 3.2-8 – Exemplo de Adição de circunstância por Complementação.....	160
Figura 3.2-9 – Elemento imagético da figura 3.2-8.....	161
Figura 3.2-10 – Exemplo de Adição por Complementação em campanha contra a dengue..	163

Figura 3.2-11 – Exemplo de Adição por Complementação em <i>Tweet</i>	165
Figura 3.3-1 – <i>Post</i> de @memeriagourmet	169
Figura 3.3-2 – Unidades informacionais locais do Texto 2 do quadro 3.3-2	175
Figura 3.3-3 – Unidades informacionais locais do Texto 3 do quadro 3.3-2	176
Figura 3.3-4 – Análise processual do elemento imagético da unidade informacional 1 do texto 2.....	177
Figura 3.3-5 – Análise processual do elemento imagético da unidade informacional 2 do texto 2.....	179
Figura 3.3-6 – Elemento imagético da unidade informacional 2 do texto 2	181
Figura 3.3-7 – Texto 3	182
Figura 3.4-1 – <i>Post</i> de @memeriagourmet	185
Figura 3.4-2 – Opção de Complementaridade do Sistema de CONSTRUÇÃO INTERMODAL	187
Figura 3.4-3 – <i>Tweet</i> e Ciclos Intermodais de leitura.....	187

LISTA DE QUADROS

Quadro 1.1-1 – Análise processual de (1)	27
Quadro 1.1-2 – Análise processual de (2)	28
Quadro 1.1-3 – Processo Verbal construído pela modificação bidirecional entre modalidades	31
Quadro 1.1-4 – Esquema de direcionalidade de modificação no status relativo	33
Quadro 1.1-5 – Natureza processual de cada tipo de status relativo	33
Quadro 1.1-6 – Análise Processual de (4)	34
Quadro 1.2-1 – Exemplos de elementos imagéticos (considerados na análise)	53
Quadro 1.4-1 – Complementariedade Intersemiótica baseada em páginas	71
Quadro 2.1-1 – Tela de consumo de vídeo no YouTube	80
Quadro 2.1-2 – Exemplos de níveis de visualidade em vídeos	83
Quadro 2.1-3 – Exemplo dos primeiro e segundo níveis de visualidade de vídeos	86
Quadro 2.1-4 – Disposições de elementos verbais e imagéticos em <i>tweets</i>	87
Quadro 2.1-5 – Disposições de elementos verbais e imagéticos em <i>posts</i> do Instagram	91
Quadro 2.1-6 – Disposições de elementos verbais e imagéticos em <i>Story</i> do Instagram	94
Quadro 2.2-1 – Análise processual de um excerto verbal	105
Quadro 2.2-2 – Análise do processo da figura 2.2-4	109
Quadro 2.2-3 – Análise processual da Interação Intraprocessual por encaixamento	117
Quadro 2.2-4 – Exemplos de Identificação (1)	119
Quadro 2.2-5 – Relações de Identificação dos exemplos do quadro 2.2-4	120
Quadro 2.2-6 – Exemplos de Identificação (2)	124
Quadro 3.1-1 – Análise processual do elemento verbal da figura 3.1-2	131
Quadro 3.1-2 – Análise processual do elemento verbal da figura 3.1-5	135
Quadro 3.1-3 – Análise processual do elemento verbal do exemplo (9)	137
Quadro 3.1-4 – Análise processual do elemento verbal do exemplo (10)	140
Quadro 3.1-5 – Análise processual do elemento verbal do vídeo 3.1-2	142
Quadro 3.1-6 – Análise processual do participante Ocorrência do quadro 3.1-5	143

Quadro 3.2-1 – Análise processual da figura 3.2-2	149
Quadro 3.2-2 – Análise do processo da figura 3.2-5	153
Quadro 3.2-3 – Análise processual da Interação Intraprocessual por encaixamento	155
Quadro 3.2-4 – Análise do Processo Relacional Atributivo multimodal	157
Quadro 3.2-5 – Análise processual da figura 3.2-8	161
Quadro 3.2-6 – Análise processual da figura 3.2-11	167
Quadro 3.3-1 – Relações de Identificação da figura 3.3-1	170
Quadro 3.3-2 – Exemplos de Identificação e unidades informacionais	174
Quadro 3.3-3 – Análise processual do elemento verbal da unidade informacional 1 do texto 2.....	177
Quadro 3.3-4 – Análise processual do elemento verbal da unidade informacional 2 do texto 2.....	178

LISTA DE VÍDEOS

Vídeo 1.1-1 – Trecho sobre “trocar ideia sobre política”	28
Vídeo 1.1-2 – Trecho sobre “ <i>Prints de tweets</i> ”	30
Vídeo 1.1-3 – Trecho sobre “ <i>Prints de comentários</i> ”	34
Vídeo 1.1-5 – Trecho sobre “trocar ideia sobre política”	44
Vídeo 1.4-1 – Trecho de “147. Grice's Maxims of Conversation – THUNK”	74
Vídeo 2.2-1 – Trecho sobre “ <i>Prints de tweets</i> ”	115
Vídeo 3.1-1 – Trecho de “conversar em roda de amigos”	136
Vídeo 3.1-2 – Trecho sobre “Bolhas/Redes Sociais”	142
Vídeo 3.2-1 – Trecho sobre “ <i>Prints de tweets</i> ”	154

SUMÁRIO

Introdução	16
Capítulo 1 Interação verbo-visual: distintas visões	21
1.1 Sistemas de RELAÇÕES VERBO-VISUAIS (IMAGE-TEXT), de Martinec; Salway (2005)	23
1.2 Sistemas de CONSTRUÇÃO INTERMODAL, de Unsworth (2006).....	46
1.3 Esquema de combinações de relações verbo-visuais, de Kong (2006).....	54
1.4 Complementaridade Intersemiótica, de Royce (2007)	66
Capítulo 2 Por uma metodologia de análise	78
2.1 Discutindo aspectos de <i>layout</i> : os Níveis de Visualidade	79
2.2 Sistema de COESÃO VERBO-IMAGÉTICA	102
Capítulo 3 Explorando efeitos semântico-discursivos de padrões coesivos	128
3.1 Relação coesiva de Reiteração	128
3.2 Relação coesiva de Adição.....	146
3.3 Relação coesiva de Identificação	169
3.4 Ciclos Intermodais de Leitura	184
Conclusão	190
Referências bibliográficas	195

Introdução

A produção de textos multimodais exponenciou-se nos últimos anos devido tanto ao crescimento de plataformas digitais, quanto à popularização de *softwares* e de aplicativos de edição de imagem e de vídeo (MANOVICH, 2009). Como efeito, emergiram novas práticas discursivas, que são engendradas a partir das coerções típicas de cada plataforma e das relativas liberdades dos usuários tanto no âmbito dessas mídias, quanto no processo de edição, de manipulação e de remixagem desses textos no que tange à geração de sentidos diversos. Nesse processo, instaura-se um ambiente ricamente povoado por textos que articulam recursos verbais e visuais, com produtos estáticos ou dinâmicos (vídeos).

A criação de textos multimodais está articulada ao fato de usuários de redes sociais configurarem-se como *prosumers* (MANOVICH, 2009), ou seja, consumidores e produtores de textos produzidos para mídias digitais e distribuídos por elas, em um processo constante de emergência, de transformação e de renovação de possibilidades técnicas e de composição sociosemiótica em uma dinâmica descentralizada. Em consequência disso, as pesquisas sobre multimodalidade enfrentam um desafio constitutivo: a volatilidade do próprio objeto de estudo, que requisita um constante revisitar de teorizações, de metodologias e de categorias de análise para que se possa dar conta dos processos de coconstrução de significado entre as modalidades nas distintas práticas e suportes. Desse modo, de que forma as propostas de estudos de interação verbo-visual já existentes fornecem meios de proceder a uma análise de textos multimodais de mídias digitais?

Para introduzir tal discussão, partimos de quatro propostas de interação verbo-visual, ancoradas na Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 2004[1985]), a partir das quais buscamos verificar de que forma ofereceriam suporte descritivo, interpretativo e metodológico para a análise de textos extraídos das plataformas do YouTube, do Twitter e do Instagram.

Iniciamos as investigações com o sistema de RELAÇÕES VERBO-VISUAIS, de Martinec; Salway (2005), que se baseia nos sistemas de TRANSITIVIDADE e de RELAÇÕES LÓGICO-SEMÂNTICAS, ligadas à Metafunção Ideacional hallidayana. Os autores visam a construir um sistema que abarque interações em novas e velhas mídias. Para isso, propõem um subsistema de STATUS, que estaria ligado a uma dimensão estrutural da interação, e um subsistema de RELAÇÕES LÓGICO-SEMÂNTICAS, decalcado da proposta de Halliday (2004[1985]) acerca da combinação entre orações. Embora a proposta ofereça algumas possibilidades de aplicação do sistema de TRANSITIVIDADE para uma análise verbo-visual, o sistema de RELAÇÕES VERBO-

VISUAIS parece ainda carecer de sistematicidade na definição de unidades mínimas de análise para os subsistemas propostos, e de critérios para a articulação dos mesmos.

Partimos, em seguida, para a proposta de Unsworth (2006): o sistema de CONSTRUÇÃO INTERMODAL. Tal sistema é proposto a partir da investigação de interações verbo-visuais de livros e de materiais didáticos de ciências e consiste em um decalque do sistema de RELAÇÕES LÓGICO-SEMÂNTICAS, com avanços relevantes no que tange às opções de Elaboração e de Extensão/Aumento. Contudo, embora jogue luz à relação entre multimodalidade e gêneros discursivo e discuta processos não detectados por Martinec; Salway (2005), a proposta também carece de uma sistematicidade de critérios, uma vez que, por não dispor de um aparato descritivo em termos estruturais dos textos analisados, incorre em mesclas de critérios lógico-semânticos e textuais. Esse processo acaba por gerar, novamente, inconsistências na delimitação das unidades mínimas de análise.

A terceira proposta consiste no Esquema de combinações de relações verbo-visuais, de Kong (2006). Diferentemente dos outros autores, Kong (2006) propõe uma rede de aspectos que podem ser relevantes para uma análise de um texto multimodal. Assim, articula em um grafo tanto aspectos estruturais, a partir da RST (*Rhetorical Structure Theory*), quanto aspectos de *layout*, como o sistema de VALOR INFORMACIONAL, mesclando diferentes níveis de análise – micro e macro – em uma mesma rede, revelando, igualmente, inconsistência na delimitação de unidades analíticas. Por outro lado, por não se limitar ao nível micro, em termos de TRANSITIVIDADE e de RELAÇÕES LÓGICO-SEMÂNTICAS, o autor avança no sentido de buscar sistematizar possibilidades de categorias Textuais e Interpessoais na articulação multimodal, ainda que de forma subsidiária ao Ideacional.

Por fim, debatemos a proposta de Complementaridade Intersemiótica, de Royce (2007), que, assim como Kong (2006), extrapola a Metafunção Ideacional ao propor categorias de análise da coesão intersemiótica para as três Metafunções. Embora disponha de maior sistematicidade, com debates acerca das motivações das escolhas realizadas, a proposta apresenta restrições em relação à sua produtividade, na medida em que é elaborada a partir de textos multimodais com dimensões de uma página, como editoriais de jornais, ou seja, uma dinâmica bastante distinta da identificada em textos multimodais de mídias digitais.

A partir da contraposição das distintas propostas e da verificação de suas aplicações sobre um *corpus* de textos de mídias digitais, identificamos a necessidade de um aparato descritivo que se voltasse ao nível da superfície textual de modo a estabelecer critérios de análise e definir unidades mínimas de análise, de forma que investigações acerca de interações

verbo-visuais apresentassem maior consistência para a sustentação das interpretações realizadas.

Nesse sentido, partimos da hipótese de que a configuração de uma interação entre o verbal e o imagético decorre das restrições operacionalizadas por um sistema de COESÃO VERBO-IMAGÉTICA estruturado a partir do sistema de TRANSITIVIDADE, ligado à Metafunção Ideacional da Linguística Sistêmico-Funcional. Defendemos que tal sistema permite consolidar unidades de análise; mapear relações estruturais, processuais e instanciais entre as modalidades; e estabelecer direcionalidade de modificação a partir da determinação da modalidade dominante.

Diante dessa hipótese, tomamos como objetivos:

1. Determinar os critérios de definição e de operacionalização de unidades de análise em interações verbo-imagéticas.
2. Construir um sistema de COESÃO VERBO-IMAGÉTICA.
3. Propor um método de análise da coesão verbo-imagética.
4. Depreender efeitos semântico-discursivos da instanciação de laços coesivos.

Por nos propormos à elaboração de um sistema de coesão ancorado no sistema de TRANSITIVIDADE, aplicável a um nível micro de análise, e por partirmos de propostas que, em maior ou menor grau, consideram a dimensão composicional de textos multimodais, compreendemos como necessária a realização de debates acerca dos níveis de visualidade envolvidos em textos multimodais de mídias digitais, de forma a determinarmos sobre quais dimensões visuais o sistema de COESÃO VERBO-IMAGÉTICA é produtivo.

Desse modo, partimos de uma hipótese subsidiária de que a articulação entre as noções de Figura e Fundo – discutidas no âmbito da Linguística Cognitiva e da Gestalt – e o sistema de VALOR INFORMACIONAL – discutidos por Kress; van Leeuwen (2006) e Kong (2006) – permite que identifiquemos Níveis de Visualidade envolvidos no consumo de textos multimodais digitais.

Diante disso, tomamos como objetivos:

1. Determinar estruturas de nível esquemático e funcional-instancial que caracterizam os *layouts* de distintas plataformas digitais.
2. Propor critérios para a delimitação de níveis de visualidade nessas plataformas.
3. Articular níveis de visualidades a unidades informacionais.

Em termos teóricos, nossa pesquisa é orientada, primariamente, pela Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 2004; LAVID; ARÚS; ZAMORAO-MANSILLA, 2010; FUZER; CABRAL, 2014; GONÇALVES-SEGUNDO, 2014), uma vez que dispõe de

categorias de análise, como o sistema de TRANSITIVIDADE, que possibilitam uma investigação de caráter descritivo da construção do significado em termos da experiência dos atores sociais imersos em práticas discursivas e sociais diversas; e, secundariamente, pela Linguística Cognitiva, (LAKOFF; JOHNSON, 1980; LANGACKER, 2008; TENUTA; LEPESQUER, 2011; HART, 2014; GONÇALVES-SEGUNDO, 2017; VEREZA, 2007, 2013, 2016), na medida em que fornece categorias para refinar o olhar interpretativo sobre os efeitos semântico-discursivos de laços coesivos, para a delimitação do estatuto atencional (Figura e Fundo) dos elementos verbais e imagéticos em interação e para a compreensão da relação entre coesão e metaforização multimodais.

O *corpus* da pesquisa é composto por textos diversos extraídos do YouTube, do Twitter e do Instagram. O critério para a composição do *corpus* decorreu da busca pela pluralidade de fenômenos, de modo que pudéssemos propor um sistema que abrangesse uma alta gama de processos coesivos, com diferentes efeitos, em textos que instanciam gêneros discursivos distintos. Assim, o *corpus* inclui vídeos educacionais, tanto brasileiros, como vídeos do Canal Nostalgia, de Felipe Castanhari, quanto estrangeiros, como vídeos do Canal Thunk, de Josh Pelton; memes multimodais, extraídos, principalmente, do Twitter; *posts* e *Stories* publicados no Instagram.

Com isso em vista, iniciamos nossa dissertação com um capítulo que se volta aos estudos sobre interação verbo-visual, dedicando uma seção para a discussão das potencialidades e limitações de cada proposta (MARTINEC; SALWAY, 2005; UNSWORTH, 2006; KONG, 2006; ROYCE, 2006).

No segundo capítulo, dedicamos a primeira seção a um debate sobre aspectos de *layout*, desenvolvendo a proposta de Níveis de Visualidade, articulada às nossas noções de unidade informacional global e local, bem como aos constrangimentos das distintas plataformas. A segunda seção é dedicada à proposta de sistema de COESÃO VERBO-IMAGÉTICA, bem como à metodologia de análise que desenvolvemos para a sua aplicação.

No terceiro capítulo, desenvolvemos análises de textos multimodais digitais. Estruturamos o capítulo a partir das três correspondências estruturais do sistema de COESÃO VERBO-IMAGÉTICA – Reiteração, Adição e Identificação –, buscando explorar efeitos semântico-discursivos decorrentes da instanciação de laços coesivos. Dedicamos uma seção final à noção de Ciclos Intermodais de Leitura (UNSWORTH, 2006), articulando-a à análise da coesão verbo-imagética.

Por fim, na Conclusão, retomamos os principais resultados da pesquisa, discutindo a pertinência de nossas propostas em termos da descrição tanto de relações verbo-imagéticas em

nível micro, quanto da composição do *layout* de consumo dos textos e seu papel coercitivo, bem como debatendo as suas limitações e seu potencial de aplicação aos estudos da linguagem.

Capítulo 1 Interação verbo-visual: distintas visões

Os estudos da interação entre as modalidades verbal e visual têm como marco inicial a obra *Elements of Semiology*, de Roland Barthes (1967), na qual o autor identifica três relações entre os códigos verbal e visual, concebendo que “códigos verbais podem elaborar ou estender elementos visuais”² (KONG, 2006, p. 208). A elaboração, como apresenta Kong (2006, p. 208), “pode vir em duas formas – ou o verbal [*language*] vindo primeiro e o visual vindo depois para formar o que tradicionalmente é denominado de ‘ilustração’, ou o visual vindo primeiro e o verbal [*language*] depois, o que é conhecido como ‘ancoragem’”³. Em relação à extensão, Barthes (1967; 1978) denomina o processo apoio⁴, em que o verbal estende ou adiciona nova informação ao visual, estando, desse modo, uma modalidade mais dependente da outra. Barthes (1967; 1978) propõe as categorias de ‘ancoragem’, ‘ilustração’ e ‘apoio’ a partir de análises detalhadas de propagandas, de fotografias de jornais (BATEMAN, 2014, p. 32) e, “em uma extensão menor, imagens dinâmicas [*moving images*] e diálogos em filmes”⁵ (MARTINEC; SALWAY, 2005, p. 342, colchetes nossos).

Kong (2006) esclarece que o foco de Barthes (1978) estava “nas imagens, sugerindo uma reversão histórica em que ‘a imagem não ilustra mais as palavras; são agora as palavras que, estruturalmente, são parasitas da imagem’ (Barthes, 1978, p.204)”⁶ (KONG, 2006, p. 208). Essa formulação revela uma alteração no modo de tratar os textos em que modalidades convergem na construção de sentido. Devido à tradição de estudos e de teorias da linguagem terem como objeto as línguas, seja em seu meio fônico, seja no gráfico, o trato com textos multimodais requer do analista uma suspensão da centralidade da língua sobre as outras modalidades, de modo a permitir que sejam identificados, descritos, analisados e interpretados textos em que o visual e o sonoro, por exemplo, se configuram como nucleares, enquanto

² Tradução livre de: “Verbal codes can elaborate or extend visual elements” (KONG, 2006, p. 208).

³ Tradução livre de: “Elaboration can come in two forms – either language coming first and visuals coming afterwards to become what is traditionally labelled ‘illustration’, or visuals coming first and language afterwards, which is known as ‘anchorage’” (KONG, 2006, p. 208).

⁴ Optamos por nos referir à categoria de *relay* como apoio, embora não haja ainda uma tradução precisa para a categoria em português. De modo a alinhar às outras duas categorias que são referidas em português, julgamos ‘apoio’ uma contraparte portuguesa que se aproxima a *relay*, visto que essa é a propriedade que singulariza *relay* nas formulações tanto de Barthes (1967; 1978) quanto de Martinec; Salway (2005), que utilizam tal noção para propor a categoria de status complementar – a ser discutida na próxima seção.

⁵ Tradução livre de: “Barthes’ (1977a[1961], 1977b[1964]) text relations, whose main object seemed to be newspaper photographs and, to a lesser extent, moving images and dialogue in film” (MARTINEC; SALWAY, 2005, p. 342).

⁶ Tradução livre de: “This is not surprising because Barthes reveals that his focus is on images by suggesting a historical reversal in which ‘the image no longer illustrates the words; it is now the words which, structurally, are parasitic on the image’ (Barthes, 1978, p.204)” (KONG, 2006, p. 208).

elementos da língua, nos termos de Barthes (1978), se tornam “parasitas” de elementos de outras modalidades de linguagem.

De modo a diminuir o grau de centralidade de uma modalidade sobre as outras, os autores que desenvolveram reflexões acerca da interação entre as modalidades verbal e visual – tratados neste capítulo –, optaram por partir de teorias sócio-semióticas de base funcionalista – como a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) proposta por Halliday (2014; 2004; 1994; 1985) – por serem teorias voltadas ao estudo da semiose, e não apenas da língua, apesar de este ser o objeto central. Por ser uma teoria da semiose, que tem como nuclear o estudo da construção do significado, a LSF permite que as categorias de análise elaboradas para o estudo da língua, que se baseiam em funções exercidas pelos diversos elementos em textos, sejam reelaboradas para o estudo de outras modalidades, tal como o fizeram Kress; van Leeuwen (2006) em sua Gramática do Design Visual.

Bateman (2014, p. 186-187) aponta que as duas categorias de descrição gramatical da LSF que predominam nas propostas de relações verbo-visuais [*image-text relations*]⁷ são o sistema de TRANSITIVIDADE, que trata da construção oracional do ponto de vista da organização da experiência humana, e o de RELAÇÕES LÓGICO-SEMÂNTICAS, que trata da construção do complexo oracional. Embora as duas categorias sejam as mais exploradas nas propostas de relações verbo-visuais, as propostas discutidas neste capítulo atribuem distintos graus de relevância a elas; enquanto Martinec; Salway (2005) elaboram dois sistemas para a descrição da interação verbo-visual, cada um voltado a um desses sistemas básicos da LSF, dedicando maior esforço para o sistema de STATUS, que tem como base o de TRANSITIVIDADE, Unsworth (2006) centra seu sistema de CONSTRUÇÃO INTERMODAL apenas no sistema de RELAÇÕES LÓGICO-SEMÂNTICAS; Kong (2006), por sua vez, inclui este último sistema como mais um dos critérios para a análise da interação verbo-visual e o ramifica em dois, RELAÇÕES LÓGICO SEMÂNTICAS e HIERARQUIA, este último similar ao sistema de STATUS de Martinec; Salway (2005), porém com outra base teórica – a RST (Rhetorical Structure Theory).

Exploraremos as duas categorias nas seções seguintes, à medida que discutimos as diferentes propostas dos autores. Destacamos, antes, os critérios que nortearão nossa leitura das propostas. Atentar-nos-emos:

⁷ Nos originais, os autores referem-se a elementos da modalidade verbal como *text*; optamos por nos referir aos *texts* como elementos verbais/da modalidade verbal por haver uma diferença entre o uso de *text* em inglês, ligado a construções linguísticas especificamente, e o correspondente em português, texto, que compreendemos como uma “materialização de um evento sócio-semiótico em uma prática discursiva” (GONÇALVES-SEGUNDO, 2018a, p. 81), referindo-se, portanto, ao produto final de uma construção, passível de atitude responsiva, podendo este ser estritamente verbal ou multimodal.

- às unidades mínimas de análise que cada proposta assume (ou não), verificando as implicações teóricas e metodológicas dessas escolhas;
- às unidades informacionais recortadas para a análise, ou seja, a delimitação dos elementos de cada modalidade que estão em interação;
- aos planos esquemático e funcional-instancial relativos aos elementos imagéticos em análise.

A atenção voltada a esses três pontos nas propostas dos autores visa à delimitação de critérios de descrição que subsidiem a elaboração de uma proposta de sistema de COESÃO VERBO-IMAGÉTICA que permita a análise tanto das interações encontradas no *corpus* da pesquisa quanto de demais textos multimodais. Desse modo, centramos o *corpus* desta pesquisa em textos multimodais veiculados nas principais redes sociais – YouTube, Twitter e Instagram –, a partir dos quais buscamos explorar uma variedade de fenômenos, de modo que alcançássemos uma proposta metodológica, tanto no que se refere ao sistema de COESÃO VERBO-IMAGÉTICA, quanto na metodologia de delimitação de unidades informacionais e da aplicação do sistema proposto. Assim, buscamos compor o *corpus* desta pesquisa a partir da variedade de fenômenos que permitisse um grau ótimo de refinamento da proposta.

Para a realização das reflexões, partimos de quatro propostas que apresentam diferentes enfoques: um conjunto se centra na interação verbo-visual propriamente dita, buscando propor sistemas de classificações a partir de relações mais próximas ao polo semântico, a passo que a última proposta se debruça sobre a coesão multimodal, voltando-se ao aspecto estrutural/lógico das relações por meio da proposição de categorias de análise e de dispositivos coesivos.

Assim, iniciaremos a discussão das propostas pelo sistema de RELAÇÕES VERBO-VISUAIS, de Martinec; Salway (2005), seguido do sistema de CONSTRUÇÃO INTERMODAL, de Unsworth (2006). Em seguida, trataremos do esquema de critérios para a análise de combinações de relações verbo-visuais, de Kong (2006), e, por fim, discutiremos a proposta de Complementariedade Intersemiótica de Royce (2007; 2016).

1.1 Sistemas de RELAÇÕES VERBO-VISUAIS (IMAGE-TEXT), de Martinec; Salway (2005)

Bateman (2014, p. 190) aponta que o objetivo de Martinec; Salway (2005) é “construir um sistema único de classificação para relações verbo-visuais que suporte qualquer caso em

que o verbal e o visual coocorram”⁸. Para tanto, os autores analisam textos diversos, desde peças publicitárias, sites de notícias e de galerias de arte até livros de anatomia e de *marketing*. Martinec; Salway (2006), assim, elaboram um sistema de RELAÇÕES VERBO-VISUAIS (*IMAGE-TEXT*) voltado a identificar o processo de construção da interação entre as modalidades, de modo a “tornar claros o significado ou a interpretação pretendidos de uma combinação verbo-visual”⁹ (BATEMAN, 2014, p. 190).

Martinec; Salway (2005, p. 342, colchetes nossos) apontam que, para a elaboração do sistema de RELAÇÕES VERBO-VISUAIS, partem da

combinação das relações lógico-semântica e de status de Halliday (1985, 1994), desenvolvidas para classificar a relação entre orações em um complexo oracional, e das relações textuais de Barthes (1977a[1961], 1977b[1964]), cujo objeto central são fotografias de jornais e, em uma extensão menor, imagens dinâmicas [*moving images*] e diálogos em filmes¹⁰.

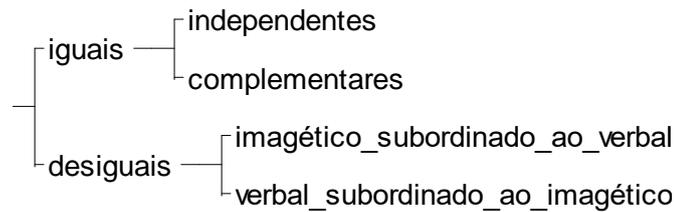
Os autores tomam como base também o sistema de TRANSITIVIDADE, responsável pela codificação léxico-gramatical da experiência humana interna e externa. As duas categorias extraídas da LSF – sistemas de TRANSITIVIDADE e de RELAÇÕES LÓGICO-SEMÂNTICAS – compõem a base dos subsistemas, que se combinam de forma independente, ou seja, a seleção de um tipo de status não influencia a seleção de um tipo de relação lógico-semântica. Martinec; Salway (2005) replicam o sistema de RELAÇÕES LÓGICO-SEMÂNTICAS para seu sistema de RELAÇÕES VERBO-VISUAIS, sem alterar as categorias; já o sistema de TRANSITIVIDADE é utilizado como a base do subsistema de STATUS RELATIVO, exposto na figura 1.1-1 a seguir. Bateman (2014, p. 191) avalia o subsistema de STATUS RELATIVO como o responsável por indicar a “importância relativa” de cada modalidade, uma vez que teria o potencial de apontar relações de coordenação e de subordinação – termos não utilizados pelo autor – nas interações verbo-visuais, na medida em que expõe relações de igualdade e de desigualdade nas articulações entre as modalidades.

⁸ Tradução livre de: “Martinec and Salway’s goal is to construct a single classification system for text-image relations that holds for all cases where text and image occur together” (BATEMAN, 2014, p. 190).

⁹ Tradução livre de: “the intended meaning or interpretation of the text-image combination becomes clear.” (BATEMAN, 2014, p. 190).

¹⁰ Tradução livre de: “Our system is based on combining Halliday’s (1985, 1994) logico-semantic and status relations, developed to classify the relationship between clauses in the clause complex, with Barthes’ (1977a[1961], 1977b[1964]) text relations, whose main object seemed to be newspaper photographs and, to a lesser extent, moving images and dialogue in film” (MARTINEC; SALWAY, 2005, p. 342).

Figura 1.1-1¹¹ – Subsistema de STATUS RELATIVO (MARTINEC; SALWAY, 2005)



Fonte: traduzido de Martinec; Salway (2005, p. 360).

O subsistema de STATUS RELATIVO apresenta como entradas iniciais as opções de status Iguais e status Desiguais, que se ramificam, respectivamente, em Independentes e Complementares, e em Imagético subordinado ao verbal e Verbal subordinado ao imagético. Embora a relação de subordinação fique explícita nos casos de status desiguais, os status iguais não são marcados por casos de coordenação estritamente, visto que Martinec; Salway (2005) tomam como critérios para a classificação do status, por um lado, a **construção de eventos por cada modalidade** e, por outro, a **direcionalidade de modificação**. Os autores aproximam a noção de subordinação à de modificação, uma vez que compreendem modificação como a capacidade de uma oração sustentar-se *per se* ou não. Exploraremos melhor esta noção mais adiante, após a discussão sobre o primeiro critério: a construção de eventos por cada modalidade.

Tanto o sistema de TRANSITIVIDADE quanto o de RELAÇÕES LÓGICO-SEMÂNTICAS vinculam-se à Metafunção Ideacional, concebida por Halliday; Matthiessen (2004) como a responsável pela construção da experiência humana em linguagem. Halliday; Matthiessen (2004, p. 29, negrito dos autores e colchetes nossos) concebem que “a linguagem fornece uma **teoria** da experiência humana, e alguns dos recursos da léxico-gramática de cada língua [linguagem] são dedicados a esta função”¹². Enquanto as Metafunções Interpessoal e Textual relacionam-se, respectivamente, à “negociação de relações sociais e papéis discursivos” (GONÇALVES-SEGUNDO, 2014, p. 1289) e ao mapeamento dos significados, “relacionando-os ao contexto nos quais os significados são negociados [...] responsável por garantir a criação da tessitura (*texture*)” (GONÇALVES-SEGUNDO, 2014, p. 1289, itálico do autor), a

¹¹ Achamos oportuno explicar uma escolha metodológica de apresentação desta dissertação. Optamos por apresentar as figuras, os quadros e os vídeos com um identificador numérico de duas partes; a primeira parte, anterior ao meio-traço (–), indica a seção em que o item está localizado, e a segunda parte indica a numeração sequencial daquele item (figura, quadro ou vídeo) dentro daquela seção. Assim, a figura em questão (Figura 1.1-1) está localizada na seção 1.1 e consiste na 1ª figura desta seção. Essa escolha foi motivada por duas razões: (i) facilitar a localização do item em relação ao capítulo e à seção; e (ii) facilitar o processo de elaboração do trabalho em si; considerando o elevado número de figuras e quadros, ao estabilizarmos os itens em relação à seção em que são discutidos evitaríamos potenciais confusões na numeração dos exemplos no corpo do texto.

¹² Tradução livre de: “Languages provides a **theory** of human experience, and certain of the resources of the lexicogrammar of every language are dedicated to that function” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 29).

Metafunção Ideacional articula a construção da experiência interna e externa dos indivíduos, tendo como principais atividades os processos de categorização, construção de eventos, articulação entre eventos, entre outros.

A organização metafuncional da linguagem, como aponta Gonçalves-Segundo (2014, p. 1289), está associada, dentre alguns fatores, à “noção de que a língua se constitui em uma rede de recursos que viabiliza ação e reflexão”, estando a Metafunção Ideacional mais relacionada à reflexão. Esta Metafunção é concebida como realizada por duas funções distintas: experiencial e lógica. A função lógica, como apontam Fuzer; Cabral (2014, p. 33), é responsável pelas combinações de grupos lexicais e oracionais, estando ligada, assim, às relações lógico-semânticas, que serão discutidas mais adiante. “A função experiencial é responsável”, segundo as autoras, “pela construção de um modelo de representação do mundo” (FUZER; CABRAL, 2014, p. 33). Desse modo, o sistema de TRANSITIVIDADE localiza-se dentro da função experiencial, visto que

constrói o mundo da experiência em um conjunto manejável de Tipos de Processos. Cada tipo de processo fornece seu próprio modelo ou esquema para a construção de um domínio particular de experiência, como uma figura de um tipo particular¹³ (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 170).

A TRANSITIVIDADE é, portanto, “um sistema de descrição de *toda a oração*, a qual se compõe de processos, participantes e eventuais circunstâncias” (FUZER; CABRAL, 2014, p. 40, *itálico das autoras*). Uma vez que a teoria, como exposto anteriormente, foi proposta para um estudo da semiose e não apenas da língua – apesar de esta ser o objeto central –, torna-se possível, como argumentam Martinec; Salway (2005), fazer uso dessa categoria para a análise do status relativo entre as modalidades na interação verbo-imagética. Interessa a Martinec; Salway (2005) analisar a construção de eventos por cada modalidade em uma dada interação verbo-imagética. A construção de eventos, analisada por meio do sistema de TRANSITIVIDADE, envolve componentes que são necessários, os processos e os participantes, e componentes que são facultativos, as circunstâncias. Tais componentes apresentam um elevado índice de esquematicidade, mas são especificados à medida que é definido o tipo de processo, que constringe determinados tipos de participantes, com funções sintáticas mais ou menos esperadas. Um exemplo disso é explorado em (1):

- (1) Semana passada, eu finalmente postei aquele vídeo do Egito que vocês tanto pediam há tanto tempo (CASTANHARI, 2018, 0’27’’-0’31’’).

¹³ Tradução livre de: “The transitivity system construes the world of experience into a manageable set of PROCESS TYPES. Each process type provides its own model or schema for construing a particular domain of experience as a figure of a particular kind” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 170).

Em (1), é construído um processo material por meio do verbo *postar*, que tem como participantes *eu* e *aquele vídeo do Egito que vocês tanto pediam há tanto tempo*. A locução *Semana passada* e *finalmente* configuram-se como circunstâncias. Este exemplo permite explorar a contraparte sintática de cada componente: processos são construídos geralmente por um verbo ou por um grupo verbal; participantes são tipicamente construídos por grupos nominais; e circunstâncias são tipicamente construídas por meio de grupos adverbiais e preposicionais. Por se tratar de um Processo Material, os componentes são especificados como se apresenta no quadro 1.1-1 a seguir, em que o participante responsável pela realização do processo material de *postar* é denominado Ator, enquanto o participante atingido pela ação realizada pelo Ator é denominado Meta. *Postar* caracteriza-se como um Processo Material por envolver uma atividade de ‘fazer’.

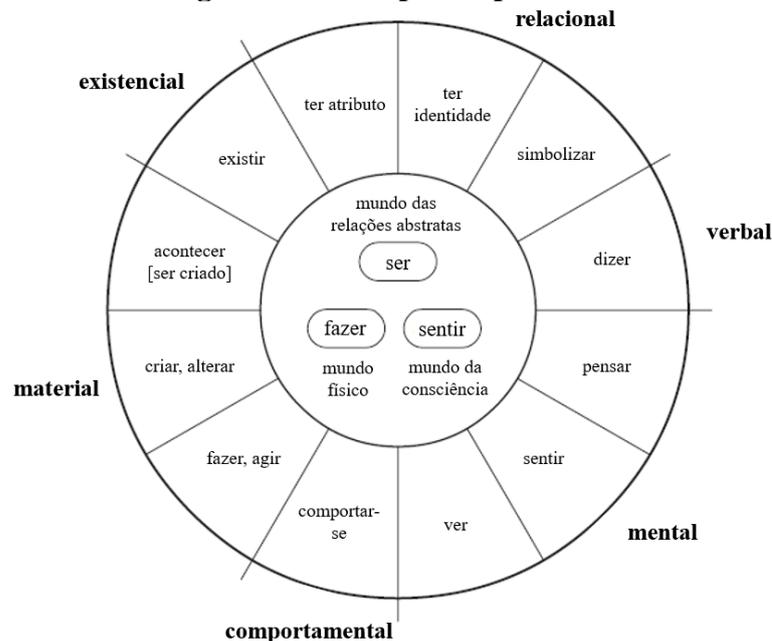
Quadro 1.1-1 – Análise processual de (1)

Semana passada	eu	finalmente	postei	aquele vídeo do Egito que vocês tanto pediam a tanto tempo
circunstância	participante	circunstância	processo	participante
Circunstância de tempo	Ator	Circunstância de tempo	Pr. Material	Meta

Fonte: elaboração própria.

Tais papéis/participantes – Ator e Meta – estão associados a esse tipo de Processo – Material. Outros tipos de processos acabam por exigir outros tipos de participantes. Halliday; Matthiessen (2004, p. 172) propõem seis tipos de processos, que apresentamos na figura 1.1-2 a seguir:

Figura 1.1-2 – Tipos de processos



Fonte: traduzido de Halliday; Matthiessen (2004, p. 172)

Autores que se debruçam sobre o estudo da TRANSITIVIDADE concebem de modos distintos a gama de processos. Lavid; Arús; Zamorao-Mansilla (2010), por exemplo, em sua Gramática Sistêmico-Funcional do Espanhol, não concebem Processos Comportamentais como válidos, e acabam por inserir os eventos escopados por esse tipo de Processo majoritariamente dentro dos Materiais. Como não é nosso objetivo neste capítulo explorar as distintas visões sobre o sistema de TRANSITIVIDADE, limitar-nos-emos a discutir os Processos de forma localizada nos exemplos.

A atividade de construção de evento por cada modalidade é explorada no exemplo (2) a seguir. O trecho analisado é retirado do vídeo *Você está em uma BOLHA SOCIAL? Descubra!*, que compõe o *corpus* da pesquisa. O trecho destacado em negrito em (2) – analisado no quadro 1.1-2 – é produzido simultaneamente ao surgimento de personagens no canto inferior direito da tela, como se observa no vídeo 1.1-1 a seguir:

Vídeo 1.1-1 – Trecho sobre “trocar ideia sobre política”



Fonte: Castanhari (2017a). Disponível em: <http://bit.ly/2LOmfrv>.

- (2) Agora deixa eu te fazer outra pergunta: de **todas essas pessoas que você troca ideia sobre política, ou sobre assuntos complicados que é possível haver discordância**, alguma dessas pessoas pensa de um jeito completamente diferente de você? (CASTANHARI, 2017, 0’36’’-0’50’’).

Quadro 1.1-2 – Análise processual de (2)

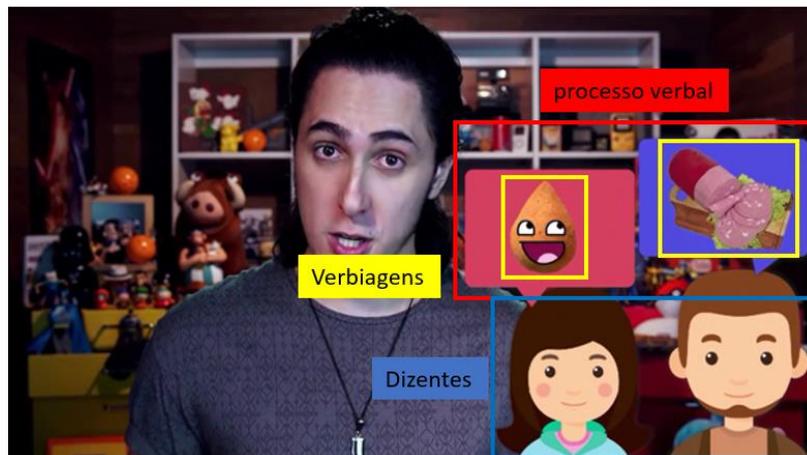
que	you	troca ideia	sobre política ou sobre assuntos mais complicados que é possível haver discordância
participante	participante	processo	participante
Receptor [pronomes relativos que retomam ‘todas essas pessoas’]	Dizente	Pr. verbal	Verbiagem

Fonte: elaboração própria.

¹⁴ O trecho do vídeo pode ser acessado por meio do QR code que apresentamos ao lado de cada vídeo. Para a visualização, é necessário que a câmera de seu smartphone tenha a opção de leitura de QR codes. Caso não disponha dessa funcionalidade, indicamos o aplicativo “QR Droid Code Scanner”, da empresa DroidLa. Caso esteja visualizando a dissertação em um pdf, clicar no QR code também leva ao vídeo.

É construído, em (2), um Processo Verbal por meio da locução verbal *trocar ideia*, com os participantes *você* como Dizente, o pronome relativo *que* como Receptor por retomar *todas essas pessoas*, ou seja, os interlocutores de *você*, e *sobre política ou assuntos mais complicados que é possível haver discordância* como Verbiagem. Lima-Lopes; Ventura (2008, p. 12) afirmam que “os processos verbais são processos de dizer” que “não precisam possuir um participante humano”. Os participantes envolvidos são a Verbiagem, a mensagem propriamente dita; o Dizente, aquele que realiza a ação de dizer; o Alvo, aquele que é atingido pelo processo; e o Receptor, aquele a quem a Verbiagem¹⁵ é direcionada. Na modalidade imagética, também é construído um Processo Verbal no qual os balões de fala constroem o processo, os personagens atuam como Dizente e o conteúdo dos balões constituem a Verbiagem, como apresentamos na figura 1.1-3 a seguir:

Figura 1.1-3 – Análise do Processo Verbal imagético em (2)



Fonte: vídeo: Castanhari (2017a); análise: elaboração própria.

Cada modalidade, desse modo, constrói Processos¹⁶ que se sustentam *per se*, sem que uma dependa de componentes da outra para construir um Processo com componentes mínimos. Como consequência, a interação entre as modalidades é classificada, quanto ao status relativo, como Iguais: Independentes¹⁷. Martinec; Salway (2005, p. 345) propõem que o status de Iguais

¹⁵ Utilizaremos, neste trabalho, o termo Verbiagem para cobrir tanto os casos que usualmente são denominados Circunstância de Assunto quanto aqueles que são denominados Locução, uma vez que enxergamos que tais diferenciações se devem apenas a critérios formais (grupo preposicionado e oração encaixada, respectivamente), o que não consideramos relevante para a multiplicação de categorias. Adotamos como central a estabilidade funcional das construções.

¹⁶ Devido ao fato de ser utilizado o mesmo termo processo tanto para o componente, normalmente construído por meio de uma locução verbal, quanto para a construção toda do evento, optamos por utilizar Processo, com inicial maiúscula, para referir-se ao evento construído, e processo, com inicial minúscula, para referir-se ao componente do Processo (verbo ou locução verbal), assim como são utilizados participante e circunstância com iniciais minúsculas para os demais componentes dos Processos.

¹⁷ Para nos referirmos à classificação no sistema, seguimos o modo de notação adotado por Figueiredo; Pagano; Oliveira (2014), no qual o galho (Iguais) e a folha (Independentes) são redigidos com iniciais maiúsculas e ligados por meio de dois pontos (:).

seja atribuído quando as modalidades “são unidas em pé de igualdade e não há sinais de modificação entre uma e outra”¹⁸, e que sejam classificadas como Independentes quando “a informação que [as modalidades] fornecem existe em paralelo – cada uma forma seus próprios processos”¹⁹ (MARTINEC; SALWAY, 2005, p. 345, colchetes nossos).

Entre os Processos construídos nas modalidades, ocorre reiteração tanto de Processo – *trocar ideia* –, quanto de participantes, uma vez que há uma correspondência entre o participante *você*, que se refere ao espectador do vídeo, e um dos personagens construídos imageticamente – o outro personagem estabelece uma identificação com o núcleo *pessoas* do sintagma nominal. No caso da Verbiagem, não ocorre, do mesmo modo, uma reiteração, pois os elementos que ocupam o papel de Verbiagem imagética – *coxinha, mortadela, pão com mortadela, tucano e estrela vermelha* – estão associados a grupos políticos, a posicionamentos aos quais as pessoas, os espectadores do vídeo, podem se identificar, figurando como instâncias possíveis de *política ou assuntos mais complicados que é possível haver discordância*. O que ocorre entre as Verbiagens verbal e imagética é uma **coesão composicional** (MARTINEC; SALWAY, 2005; BATEMAN, 2014) por uma relação **tipo-instância**.

Além da classificação do status Iguais: Independentes, que é marcada, segundo os autores, por uma não modificação entre as modalidades, está incluída no sistema de IGUAIS a categoria status Complementar. Martinec; Salway (2005) utilizam essa classificação para casos em que as modalidades se modificam de forma bidirecional. Um exemplo desse tipo de interação é explorado no exemplo (3) a seguir, também retirado do vídeo *Você está em uma BOLHA SOCIAL? Descubra!*.

Vídeo 1.1-2 – Trecho sobre “Prints de tweets”



The image is a composite. On the left, a man with dark hair and a goatee is speaking. On the right, there is a screenshot of a Twitter thread with several tweets. The tweets are in Portuguese and appear to be criticisms or jokes directed at a user named 'Castanhari'. On the far right, there is a large QR code. Below the QR code, the text 'QR code do trecho' is written.

Fonte: Castanhari (2017a). Disponível em: <http://bit.ly/34IEBXq>.

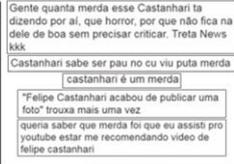
¹⁸ Tradução livre de: “An image and a text is considered independent and their status equal when they are joined on an equal footing and there are no signs of one modifying the other” (MARTINEC; SALWAY, 2005, p. 345).

¹⁹ Tradução livre de: “the information they provide exists in parallel – they each form their own processes” (MARTINEC; SALWAY, 2005, p. 345).

- (3) O que acontece é que as pessoas só atacam quem pensa diferente delas. E esse é o padrão, é o que está acontecendo. **E eu nem estou falando isso por já ter sido xingado pra caralho em alguns vídeos polêmicos que eu fiz.** Porque, não sei se você percebeu, esse vídeo não é sobre mim, esse vídeo é sobre todos nós. Estamos em um estado de paralisia intelectual (CASTANHARI, 2017, 1'11''-1'28'').

Os *prints de tweets*, localizados à direita da tela, articulam-se ao trecho destacado em negrito em (3), mais especificamente ao sintagma preposicional *por eu já ter sido xingado pra caralho em alguns vídeos polêmicos que eu fiz*, no qual é construído um Processo Verbal por meio do grupo verbal *ter sido xingado*. Constrói-se também na modalidade verbal o participante Alvo²⁰ [eu] e as circunstâncias *pra caralho* e *em alguns vídeos polêmicos que eu fiz*. Por tratar-se de um Processo Verbal, está implicada a existência dos participantes Verbiagem e Dizente, que são, por sua vez, construídos na modalidade imagética, na medida em que são apresentados os conteúdos dos xingamentos – a mensagem dos *tweets* – e os autores dos xingamentos – autores dos *tweets*. É construída também na modalidade imagética a circunstância de espaço, por meio do ícone *follow* do Twitter, no canto superior dos *tweets*, que identifica em que plataforma os xingamentos foram realizados. Apresentamos a articulação entre as modalidades na construção deste evento no quadro 1.1-3 a seguir:

Quadro 1.1-3 – Processo Verbal construído pela modificação bidirecional entre modalidades²¹

por	(eu)	já	ter sido xingado			pra caralho		em alguns vídeos polêmicos que eu fiz
	Alvo		Processo Verbal	Verbiagem	Dizente	circunstância	circunstância	circunstância

Fonte: elaboração própria.

Enquanto em (2), exemplo anterior, são construídos dois Processos, um em cada modalidade, que se articulam de forma independente, em (3) – este exemplo –, constrói-se apenas um único Processo de forma conjunta pelas duas modalidades, por meio de uma modificação bidirecional. Apesar desta diferença na construção dos Processos, Martinec; Salway (2005) inserem as duas possibilidades no sistema de IGUAIS. Os autores não expõem as motivações para a inclusão de interações de naturezas tão distintas em um mesmo subsistema;

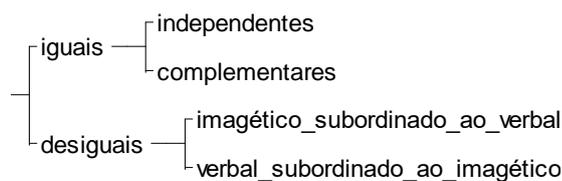
²⁰ O participante Alvo é construído de forma implícita, em concordância com o sujeito da oração principal.

²¹ Para a representação esquemática do Processo, optamos pela construção típica da voz passiva, em que o conteúdo do xingamento (Verbiagem) e o agente da passiva (Dizente) aparecem após a locução verbal. Entretanto, não se objetiva, por meio dessa forma esquemática de representação, sugerir que o Processo intermodal construído apresente uma construção da voz passiva, ou seja, uma construção típica da modalidade verbal. Trata-se apenas de uma opção metodológica pautada na forma da locução verbal, que estrutura os demais componentes do Processo.

entretanto, hipotetizamos que a justificativa se dê pela possibilidade de as modalidades construírem Processos integralizados – ou seja, com os componentes mínimos – que se sustentam *per se*. Ou seja, em interações com status relativo de Iguais: Independentes, cada modalidade constrói, em si, um Processo de forma integral, enquanto, em interações com status relativo de Iguais: Complementares, nenhuma das modalidades constrói um Processo de forma integral, que se sustente *per se*; a construção do Processo nesse caso decorre da articulação dos elementos das duas modalidades, que coconstroem o único Processo.

Retomando o subsistema de STATUS RELATIVO, reapresentado na figura 1.1-4 abaixo, identificamos como critério para a ramificação em Iguais e Desiguais o **estatuto processual das modalidades** para a interação, que é subsidiada pelo critério apresentado anteriormente de **construção de evento por cada modalidade**. O outro critério que os autores assumem para a ramificação em Independentes e Complementares e em Imagético subordinado ao verbal e Verbal subordinado ao imagética é a **direcionalidade de modificação**.

Figura 1.1-4 – Subsistema de STATUS RELATIVO (MARTINEC; SALWAY, 2005)



Fonte: traduzido de Martinec; Salway (2005, p. 360).

Martinec; Salway (2005, p. 342), concebem que “status, em qualquer caso, implica direcionalidade, uma vez que o item subordinado modifica o subordinador, e a direcionalidade de itens iguais é de mão dupla [bidirecional]”²² (MARTINEC; SALWAY, 2005, p. 342, colchete nosso). Assim, os autores sustentam que “imagens e elementos verbais [*text*] são considerados desiguais quando um elemento modifica o outro [modificação unidirecional]. O elemento modificador é considerado dependente do modificado”²³ (MARTINEC; SALWAY, 2005, p. 345, colchetes nossos). Desse modo, podemos esquematizar as possibilidades de status relativo em relação à **direcionalidade de modificação** como no quadro 1.1-4 a seguir.

²² Tradução livre de: “Status in any case implies directionality since the subordinate item modifies superordinate one, and the directionality of equal items is both ways” (MARTINEC; SALWAY, 2005, p. 342).

²³ Tradução livre de: “images and texts are considered to be unequal in status when one of them modifies the other. The modifying element is considered to be dependent on the modified one. Equal status between images and text is further divided into independent and complementary” (MARTINEC; SALWAY, 2005, p. 345).

Quadro 1.1-4 – Esquema de direcionalidade de modificação²⁴ no status relativo

Iguais	Independentes:	Verbal ----- Imagético Não há modificação (bidirecionalidade em não modificação)
	Complementares:	Verbal <-----> Imagético Modificação bidirecional
Desiguais	Imagético subordinado ao Verbal:	Verbal <----- Imagético Modificação unidirecional
	Verbal subordinado ao Imagético:	Verbal -----> Imagético Modificação unidirecional

Fonte: elaboração própria.

A partir do esquema apresentado no quadro 1.1-4, é possível depreender que a distinção feita por Martinec; Salway (2005) entre status Iguais e Desiguais relaciona-se à modificação – ou não modificação – ser uni ou bidirecional; os status considerados Iguais seriam estabelecidos por uma bidirecionalidade, seja de não modificação entre as modalidades (Independentes) ou de modificação mútua (Complementares); e os status considerados Desiguais seriam estabelecidos por uma unidirecionalidade da modificação, estando uma modalidade subordinada à outra por modificá-la (Imagético subordinado ao Verbal ou vice-versa). Os autores apontam que a vantagem do subsistema de STATUS RELATIVO proposto em relação aos desenvolvidos por outro autores repousa na aproximação realizada com a fundamentação de Barthes (1977a; 1977b) sobre o conceito de apoio, do qual decorre o status Iguais: Complementares, por compreender que as modalidades verbal e imagética “podem ser independentes ou mutualmente dependentes” (MARTINEC; SALWAY, 2005, p. 344-345).

A interação entre os critérios de **construção de evento por cada modalidade** e de **direcionalidade de modificação** é esquematizada no quadro 1.1-5 a seguir:

Quadro 1.1-5 – Natureza processual de cada tipo de status relativo

Iguais	Independentes	há, pelo menos, <u>dois Processos</u> , um construído na modalidade verbal e outro na modalidade imagética, sem sinais de modificação – <u>bidirecionalidade</u> em não modificação.
	Complementares	há apenas <u>um Processo</u> , construído de forma conjunta – modificação <u>bidirecional</u> – pelas duas modalidades.
Desiguais	Imagético subordinado ao Verbal	há apenas <u>um Processo</u> , construído pela modalidade <u>verbal</u> . O elemento imagético modifica, de forma <u>unidirecional</u> , o processo da modalidade verbal, relacionando-se a apenas uma parte do processo verbal, podendo ser participante, processo ou circunstância.

²⁴ Mantivemos o termo ‘modificação’, utilizado por Martinec; Salway (2005), por marcar o critério que os autores estabelecem, compreendendo que a modificação de uma modalidade sobre a outra dá-se quando a construção de um participante, circunstância ou mesmo o processo é realizada pela outra modalidade na interação. Desse modo, Modificação para Martinec; Salway (2005) diz respeito à capacidade de a oração sustentar-se *per se* ou não. Ou seja, há modificação quando é necessário que um elemento da outra modalidade se associe à construção da outra para que forme uma unidade informacional mínima.

	Verbal subordinado ao Imagético	há apenas <u>um</u> Processo, construído pela modalidade <u>imagética</u> . O elemento verbal modifica, de forma <u>unidirecional</u> , o processo da modalidade imagética, relacionando-se a apenas uma parte do processo imagético, podendo ser participante, processo ou circunstância.
--	---------------------------------	--

Fonte: elaboração própria.

Um exemplo de interação verbo-visual com status relativo Desiguais é encontrado também no vídeo *Você está em uma BOLHA SOCIAL? Descubra!*, apresentado em (4). Neste exemplo, o elemento imagético assemelha-se, em um nível esquemático²⁵, ao elemento do trecho em (3), uma vez que se trata também de prints de comentários apresentados à direita da tela.

Vídeo 1.1-3 – Trecho sobre “Prints de comentários”



Fonte: Castanhari (2017a). Disponível em: <http://bit.ly/2PDx1ln>.

- (4) Ou você realmente acha que a melhor maneira de defender o seu argumento é ficar dando chilique na internet, e ficar falando que a galera que pensa diferente de você é culpada por todos os problemas do mundo (CASTANHARI, 2017, 5’22’’-5’30’’).

Em (4), ocorre a associação do conteúdo dos comentários nos *prints* à Verbiagem do Processo Verbal, analisado no quadro 1.1-6 a seguir.

Quadro 1.1-6 – Análise Processual de (4)

e	ficar falando	que a galera que pensa diferente de você é culpada por todos os problemas do mundo
	processo	participante
	Pr. Verbal	Verbiagem

Fonte: elaboração própria.

Apesar de haver uma associação entre a Verbiagem e o conteúdo dos *prints*, não ocorre Reiteração de evento, como em (2) – reiteração funcional e referencial de Dizente, Processo Verbal e Verbiagem –, uma vez que a Verbiagem em (4) atua como uma avaliação sobre os

²⁵ Explicaremos, adiante, o que compreendemos como nível Esquemático; por ora, utilizamos Esquemático para nos referirmos ao *layout* de distribuição de elementos verbais e imagéticos anterior a seu preenchimento por alguma imagem ou texto específicos.

comentários presentes nos *prints*; ocorre, desse modo, apenas reiteração funcional entre os elementos; em outros termos, ambos os elementos atuam léxico-gramaticalmente como Verbiagens, apesar de não construírem um mesmo evento. Uma vez que a construção processual ocorre apenas na modalidade verbal, enquanto na modalidade imagética é construído apenas um elemento que estabelece uma relação com um componente do Processo, a interação é classificada como Desigual: Imagético subordinado ao verbal.

A contraposição dos exemplos (3) e (4), que apresentam elementos imagéticos bastante similares, embora com classificações distintas quanto ao status relativo, aponta para a relevância da análise processual de cada modalidade, uma vez que a natureza de um elemento imagético não determina, necessariamente, o tipo de interação verbo-visual que é estabelecida. O que determina é a articulação entre os elementos verbais e imagéticos em face dos respectivos Processos. Embora os elementos imagéticos em (3) e em (4) apresentem instâncias do esquema de comentários/*posts* em redes/mídias sociais – autor do comentário/*post*, comentário/*post* e identificação da plataforma, por meio de ícone ou por meio da Interface –, o acionamento desses aspectos não ocorre da mesma forma nas duas interações. Enquanto, em (3), tanto autores, quanto *post* e plataforma desenvolvem papéis funcionais e referenciais na construção do Processo, construído parcialmente por cada modalidade, em (4), devido à construção processual ocorrer de forma completa, com os componentes mínimos básicos, na modalidade verbal – quadro 1.1-6 –, apenas o elemento Verbiagem é reiterado, quanto à sua função, na modalidade imagética. Embora tais vídeos consistam em textos multimodais, é necessário destacar a dominância da modalidade verbal, uma vez que é por meio dela que o fluxo informacional do vídeo é desenvolvido. Dessa forma, o fato de ter sido construído um Processo que se sustente *per se* na modalidade verbal, no qual a Verbiagem consiste em uma avaliação sobre os comentários presentes nos *prints* apresentados, a modalidade verbal acaba por constranger quais aspectos dos elementos imagéticos ganham destaque – ou seja, ocupam cognitivamente o papel de figura²⁶ (LANGACKER, 2008; TENUTA; LEPESQUER, 2011; GONÇALVES-SEGUNDO, 2017) –, de modo a acionar, neste exemplo, apenas o conteúdo dos comentários²⁷.

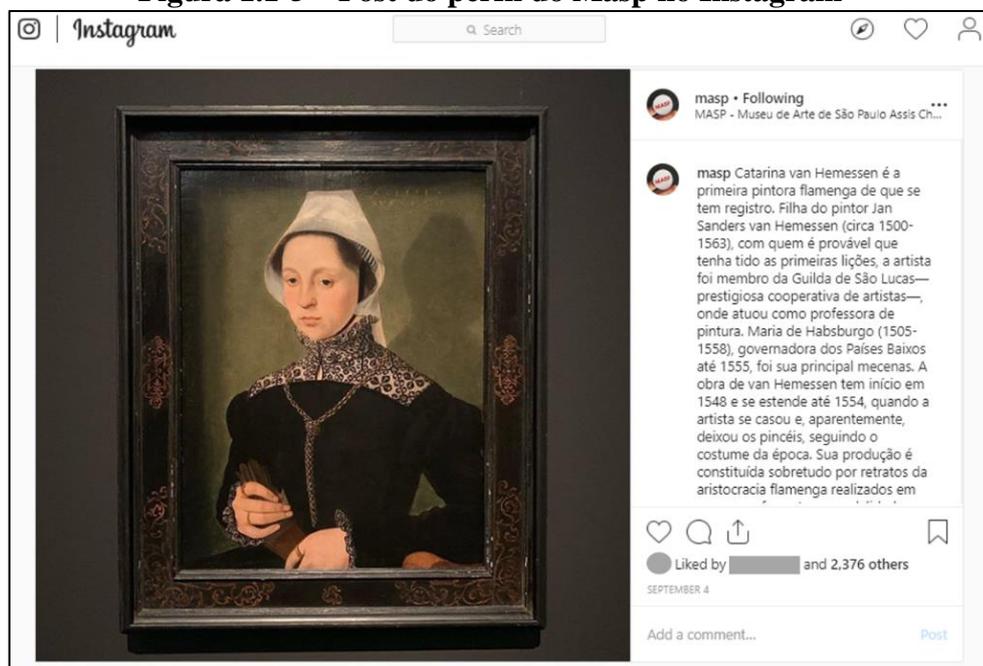
Torna-se relevante destacar um aspecto que Unsworth (2006) – a ser discutido na seção seguinte – salienta quanto às interações verbo-visuais e aos gêneros discursivos em que estão inseridas. O fato de o conteúdo do vídeo ser construído, majoritariamente, por meio da

²⁶ O conceito de Figura, bem como o conceito de Fundo relacionado, será discutido e articulado com nossa proposta na seção 2.1.

²⁷ Em outros termos, queremos destacar a relevância de se reconhecer a descentralidade do verbal para a criação do significado, mas atestar também o seu papel no direcionamento da atenção.

modalidade verbal em seu meio fônico, tendendo, dessa forma, a serem construídos Processos com todos os componentes mínimos na modalidade verbal, consiste em um constrangimento para que determinados aspectos dos elementos imagéticos estejam em destaque, o que acarreta a instância regular de interações com status relativo Desigual: Imagético subordinado ao Verbal. Em outros termos, o gênero, como aponta Unsworth (2006), e sua relação de dominância entre as modalidades, acaba por estabelecer padrões mais típicos de interações, embora não impeça a ocorrência de outros²⁸. Essa articulação justifica não termos identificado casos de interação com status Desigual: Verbal subordinado ao imagético nos vídeos que compõem o *corpus* da pesquisa. Tal relação apresenta maior potencial de ser identificada em uma interação verbo-visual em que o elemento imagético consiste no centro da informação, como o caso de *posts* de páginas de museus. Um exemplo disso seria o *post* do Museu de Arte de São Paulo (Masp), que apresentamos na figura 1.1-5 a seguir. No *post*, o cerne do texto parece consistir na obra de arte apresentada no elemento imagético [foto], enquanto o verbal apenas qualifica a foto com informações referentes à artista, ao local de criação, contexto sócio-histórico, entre outras.

Figura 1.1-5 – Post do perfil do Masp no Instagram²⁹



Fonte: *post* do perfil @masp no Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B2AkLZRp5EE/>

²⁸ É possível hipotetizar, ainda que não seja um objetivo desta pesquisa, que gêneros como folder de museus e de exposições tendam a apresentar de forma mais frequente interações com status Desigual: Verbal subordinado ao imagético, visto que o visual tende a apresentar papel central.

²⁹ O *post* é apresentado na horizontal, uma vez que a captura de tela foi realizada na versão do Instagram para navegador. Compreendemos que a alteração do *layout* possa apresentar distinções na constituição da interação, contudo, justificamos a opção pela necessidade de apresentação do elemento imagético junto ao elemento verbal, aspecto possibilidade por essa versão da plataforma.

Além de esse exemplo permitir que identifiquemos um texto cuja modalidade dominante é a imagético, o exemplo também permite que apliquemos essas reflexões a mídias sociais, uma vez que, dada a centralidade que cada plataforma assume sobre modalidades de linguagem, determinadas interações podem ser mais típicas de ocorrer, em detrimento de outras; ou seja, uma vez que, no YouTube e no Facebook, o fluxo informacional e o conteúdo tendem a ser desenvolvidos majoritariamente na modalidade verbal – seja em seu meio fônico, no caso do primeiro, seja em seu meio gráfico, no caso do último –, a relação de dominância entre as modalidades parece salientar a verbal, enquanto, no Instagram, a relação se inverte, na medida em que, por consistir em uma plataforma centrada em produções imagéticas, essa modalidade assume a centralidade, restringindo o verbal a uma especificação, de modo a se aproximar de uma relação tópico/imagético-comentário/verbal. A dominância de uma modalidade sobre a outra parece não ser preditiva no caso do Twitter. Muitas são as possíveis motivações para isso, mas parece ser a principal a alta restrição quanto ao corpo do texto verbal (atualmente, em 280 caracteres); essa restrição pode impulsionar uma maior necessidade de articulação de elementos verbais e imagéticos na elaboração de *tweets*, de modo que a determinação da dominância entre as modalidades seria realizada caso a caso.

Embora as relações de dominâncias entre modalidades sejam constrangidas pelas Estratégias³⁰ (MANOVICH, 2009) de cada plataforma, a inserção de textos de uma plataforma em outra, ou seja, inserir um texto de uma Prática Discursiva em outra Prática, que apresenta, por sua vez, outras coerções, pode acabar envolvendo um processo de constrangimento da saliências dos elementos que assumirão maior relevância. Esse processo pode ser verificado nos últimos dois exemplos que analisamos do vídeo de Felipe Castanhari, em que os dois elementos imagéticos que estabelecem uma interação verbo-imagética com a fala do *edutubers* apresentam grande similaridade em relação ao *layout*. Apresentamos os dois casos a seguir, na figura 1.1-6.

Como analisamos anteriormente, a partir das categorias de Martinec; Salway (2005), os elementos imagéticos apresentam distintos modos de interação como o verbal – Iguais: Complementares, à esquerda, e Imagético subordinado ao Verbal –, apesar de apresentarem similaridades quanto ao *layout*.

³⁰ Exploramos mais a fundo as noções de Estratégia e de Tática (MANOVICH, 2009) na seção 2.1 do capítulo 2, ao discutirmos os constrangimentos das plataformas digitais no que tange a dominância entre as modalidades imagética e verbal.

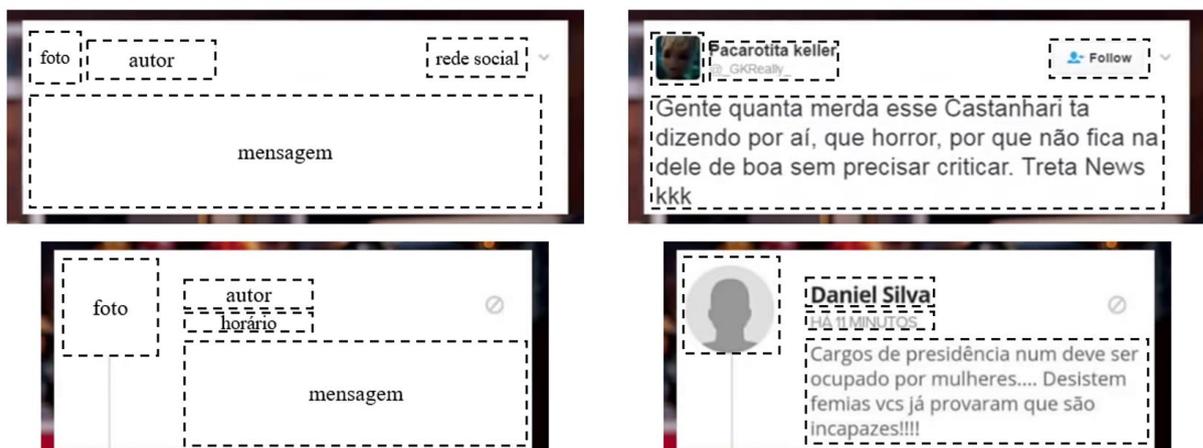
Figura 1.1-6 – Layouts similares



Fonte: Castanhari (2017a)

Dessa articulação, decorre a impossibilidade de imbricação do **plano esquemático dos elementos imagéticos** com o **plano funcional-instancial**. Compreendemos **plano** como o *layout* que organiza a distribuição dos recursos multimodais no suporte; no caso, uma tela. O plano esquemático diz respeito à organização desse *layout* em termos de Tipos; em outras palavras, ele é responsável pela consolidação de espaços/regiões especializados/as para abarcar determinados conteúdos, seguindo a lógica estratégica da plataforma. Nos exemplos discutidos anteriormente – e rerepresentados na figura 1.1-7 a seguir –, identificamos a estrutura de *posts* de comentários como pertencendo ao plano esquemático; ou seja, a existência de uma foto do autor do comentário, do nome do autor, do conteúdo e da identificação da plataforma (seja por ícones, seja pela interface) diz respeito ao plano esquemático de comentários em redes sociais. Já o plano funcional-instancial diz respeito ao *layout* que resulta do preenchimento dos espaços consolidados por Instâncias, particularizando eventos sociossemióticos, como podemos observar nas imagens à direita expostas na sequência:

Figura 1.1-7 – Exemplificação dos planos esquemático e funcional-instancial



Plano esquemático

Plano funcional-instancial

Fonte: vídeo: Castanhari (2017a); análise: elaboração própria.

Tais planos não são abordados pelos autores que discutimos neste capítulo, mas compreendemos que a distinção seja válida, na medida em que o plano esquemático dos elementos imagéticos – e do suporte de construção do texto – constrange tanto o tipo de status quanto o de relação lógico-semânticas, mas não os determina; seria apenas pela articulação entre os planos que o tipo de interação poderia ser estabelecido. Tal hipótese de constrangimento e de engajamento de potencialidades quanto à classificação da interação requereria um *corpus* que compreendesse diversos gêneros discursivos inseridos em distintas Práticas Discursivas, o que foge ao escopo desta pesquisa. Limitamo-nos a conceber a existência dos dois planos – plano esquemático dos elementos imagéticos e plano funcional-instancial – de modo a estabelecer as condições de entrada de **Integração Modal** no sistema de COESÃO VERBO-IMAGÉTICA que propomos. Debateremos o sistema na seção 2.2.

Estabelecida a relevância da análise processual para o estabelecimento da interação, passamos ao segundo subsistema de Martinec; Salway (2005), o sistema de RELAÇÕES LÓGICO-SEMÂNTICAS. Como apresentamos anteriormente, o sistema está ligado à função lógica. Interessa à função lógica compreender “como orações são relacionadas uma a outra por meio de algumas relações lógico-semânticas para formar **complexos oracionais**”³¹ (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 363, negrito dos autores), ou, aplicando o conceito à questão multimodal, compreender como as modalidades são relacionadas, em termos lógico-semânticos, para formar um complexo processual intermodal.

Halliday; Matthiessen (2004) concebem duas relações lógico-semânticas primárias, que correspondem, por sua vez, a diferentes tipos de processos. A primeira, **projeção**, “corresponde a orações mentais e verbais” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 367), enquanto “**expansão** corresponde a orações relacionais” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 367, negrito nosso). Essas relações são manifestações dos mesmos tipos semânticos gerais que os autores identificam no aumento realizado por circunstâncias no sistema de TRANSITIVIDADE. Halliday; Matthiessen (2004, p. 261) compreendem que um elemento circunstancial “é em si [...] um processo que se tornou parasitário em outro processo. Ao invés de permanecer como processo em si, serve como expansão de algo”³². Desse modo, as relações estabelecidas entre os componentes necessários, processos + participantes, e componentes facultativos, circunstâncias, seriam similares às estabelecidas entre duas orações em um complexo oracional;

³¹ Tradução livre de: “We shall now investigate how clauses are linked to one another by means of some kind of logico-semantic relation to form **clause complexes**” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 363).

³² Tradução livre de: “A circumstantial element is itself, from this point of view, a process that has become parasitic on another process. Instead of standing on its own, it serves as an expansion of something else” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 261).

assim, os autores concebem que as relações de **expansão** – Elaboração, Extensão e Realce – e **projeção** – Locução e Ideia – mostram-se úteis na análise de complexos oracionais.

Martinec; Salway (2005, p. 351) fazem uso das duas relações lógico-semânticas propostas por Halliday; Matthiessen (2004), definindo que “expansão lida com relações entre eventos representados na experiência não-linguística” e “projeção lida com eventos que já foram representados”³³, ou seja, diz respeito a casos em que “o conteúdo do que está sendo representado pelo elemento verbal ou pela imagem é re-representado em outra modalidade”³⁴ (MARTINEC; SALWAY, 2005, p. 352). Os autores mantêm a ramificação dos casos de projeção em Locução e Ideia, apresentando que os casos mais típicos dessa relação são tiras de quadrinhos e diagramas.

Sobre a relação de Expansão, são mantidas as três possibilidades propostas na LSF: Elaboração, Extensão e Realce. A **Elaboração** é definida como uma relação lógico-semântica a partir da qual “uma oração expande a outra ao elaborá-la (ou [ao elaborar] parte dela), apresentando-a em outras palavras, especificando em maior detalhe, comentando ou exemplificando”³⁵ (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 378, colchete nosso). Martinec; Salway (2005, p. 352, colchete nosso) propõem, no âmbito da Elaboração, as relações de Exposição – “a imagem e o elemento verbal são do mesmo grau de generalidade” – e de Exemplificação – “os graus [de generalidade] são diferentes”³⁶. A **Extensão** é definida como “a relação entre uma imagem e um elemento verbal na qual uma ou outra adiciona informação nova e relacionada”³⁷ (MARTINEC; SALWAY, 2005, p. 352). Os autores não propõem subcategorias para esta opção. Por fim, “quando uma imagem e um elemento verbal são relacionados por **realce**, um qualifica o outro circunstancialmente”³⁸ (MARTINEC; SALWAY, 2005, p. 353, negrito nosso). Os autores compreendem a temporalidade, a espacialidade e a causalidade como opções mais refinadas do sistema de **Realce**. Sobre a relação de Projeção, as propostas de Halliday; Matthiessen (2004) são mantidas: **Locução** e **Ideia**. A diferença entre as duas folhas do sistema reside no processo que subjaz à Projeção; na Locução, a oração

³³ Tradução livre de: “while expansion deals with relations between represented events in the non-linguistic experience, projection deals with events that have been represented” (MARTINEC; SALWAY, 2005, p. 351).

³⁴ Tradução livre de: “Projection is useful to account for cases when content that has been represented by text or images is re-represented in the other mode” (MARTINEC; SALWAY, 2005, p. 352).

³⁵ Tradução livre de: “one clause expands the another by elaborating on it (or some portion of it): restating in other words, specifying in greater detail, commenting, or exemplifying” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 378).

³⁶ Tradução livre de: “In exposition, the image and the text are of the same level of generality, whereas in exemplification the levels are different” (MARTINEC; SALWAY, 2005, p. 352).

³⁷ Tradução livre de: “Extension is a relationship between an image and a text in which either the one or the other add new, related information” (MARTINEC; SALWAY, 2005, p. 352).

³⁸ Tradução livre de: “when an image and a text are related by enhancement, one qualifies the other circumstantially” (MARTINEC; SALWAY, 2005, p. 353).

projetada é a Verbiagem de um Processo Verbal, enquanto, na Ideia, a oração projetada é um (Hiper)Fenômeno de um Processo Mental.

Exposto isso, o sistema de RELAÇÕES VERBO-IMAGÉTICAS de Martinec; Salway (2005) configura-se como se mostra na figura 1.1-8 a seguir, com os dois subsistemas de STATUS RELATIVO e de RELAÇÕES LÓGICO-SEMÂNTICAS funcionando de forma independente, mas concomitante, ou seja, paralela.

Figura 1.1-8 – Sistema de RELAÇÕES VERBO-IMAGÉTICAS



Fonte: traduzido de Martinec; Salway (2005, p. 360)

O sistema de RELAÇÕES VERBO-IMAGÉTICAS, como concebido por Martinec; Salway (2005), prevê a possibilidade de interação entre os subsistemas de STATUS RELATIVO e de RELAÇÕES LÓGICO-SEMÂNTICAS sem restrições, de modo que tanto interações com status Iguais: Independentes – nas quais há, pelo menos, dois Processos –, quanto interações com status Iguais: Complementares e Desiguais – nas quais há apenas um Processo – apresentem uma relação lógico-semântica. Martinec; Salway (2005) exploram essas possibilidades em seu artigo ao apresentar casos de interações com ambos os status Iguais com as três possibilidades de Expansão. Eles não desenvolvem, contudo, a articulação entre interações de status Desigual com as relações lógico-semânticas, ainda que assumam que tal possibilidade exista.

Martinec; Salway (2005), ao proporem a atuação independente dos dois subsistemas, incorrem na imprecisão teórica de propor a possibilidade de uma relação lógico-semântica em uma interação verbo-visual que dispõe de apenas um Processo, como nos exemplos (3) e (4), ou seja, em interações com status Iguais: Complementares e Desiguais. Tal imprecisão decorre do funcionamento da função lógica, que é responsável pela identificação de tipos de relações estabelecidas entre orações em um complexo oracional. Visto que relações lógico-semânticas são estabelecidas entre Processos, a proposição de uma relação em uma interação em que há apenas um Processo torna-se questionável³⁹.

A imprecisão parece ser decorrente do não estabelecimento de critérios e de unidades mínimas para a análise no que concerne à definição da relação lógico-semântica em uma dada interação. Enquanto, para a definição do status relativo, os autores elaboram os critérios de estatuto processual das modalidades, construção de evento por cada modalidade e direcionalidade de modificação, para a definição da relação lógico-semântica não são desenvolvidos critérios ou estabelecidas unidades mínimas de análise, o que incorre na possibilidade de diferentes análises, a depender da unidade mínima selecionada. A exemplo desse aspecto, retomamos o exemplo (2), transposto a seguir em (5), no qual depreendemos anteriormente uma relação de status Iguais: Independentes.

- (5) Agora deixa eu te fazer outra pergunta: de **todas essas pessoas que você troca ideia sobre política, ou sobre assuntos complicados que é possível haver discordância,**

³⁹ Martinec; Salway (2005) partem de Kress; van Leeuwen (2006) para o desenvolvimento de análises dos elementos imagéticos, apesar de interpretarem que interações com status desiguais seriam marcadas pelo imagético articulando-se a apenas uma parte do verbal (MARTINEC; SALWAY, 2005, p. 351). Tal interpretação contrapõe-se à concepção de Kress; van Leeuwen (2006) de que toda representação imagética comportaria de um Processo, seja Narrativo, seja Conceitual. Assim, não haveria como, nos exemplos abordados por Martinec; Salway (2005) para as opções de status desiguais, propor que houvesse uma relação lógico-semântica em uma interação em que o imagético não estabelece uma articulação com todo o Processo construído verbalmente; a interação se daria no âmbito de determinados componentes (participante verbal e participante imagético), o que limita a detecção de uma relação lógico-semântica.

alguma dessas pessoas pensa de um jeito completamente diferente de você? (CASTANHARI, 2017, 0’37’’-0’49’’).

Vídeo 1.1-5 – Trecho sobre “trocar ideia sobre política”



Fonte: Castanhari (2017a). Disponível em: <http://bit.ly/2LOmfrv>.

Caso tomemos o plano esquemático do elemento imagético, ou seja, o *layout* do elemento – personagens e balões de fala – como unidade mínima para o estabelecimento da relação lógico-semântica, a interação seria marcada por uma Projeção: Locução, uma vez que, como defendem Martinec; Salway (2005), esta disposição formal – esquema, na nossa concepção – assemelha-se a tiras de quadrinhos; os símbolos *coxinha*, *mortadela*, *pão com mortadela*, *tucano* e *estrela vermelha* consistiriam em locuções [wordings] dos personagens. A segunda possibilidade diz respeito ao plano funcional-instancial, no qual se volta à reiteração ou não de componentes entre as modalidades. Entre as Verbiagens verbal e imagética, ocorre reiteração funcional – ambas são Verbiagem –, mas não reiteração referencial⁴⁰, uma vez que apresentam graus distintos de generalidade: a Verbiagem verbal apresenta política e assuntos complicados como tipos, enquanto a Verbiagem imagética apresenta possíveis instâncias desses tipos. Desse modo, a relação lógico-semântica nessa interação poderia ser classificada como de Elaboração: Exemplificação: Verbal mais geral. Caso tomemos os componentes reiterados, haveria uma terceira possibilidade de análise na qual os participantes Dizente e o processo *trocar ideia* são reiterados, delimitando uma classificação lógico-semântica de Elaboração: Exposição.

A tripla possibilidade de análise desse exemplo revela a necessidade de se discutir o tipo de recorte a ser realizado, bem como os critérios subjacentes a este recorte, uma vez que é possível, por um lado, voltar-se a partes dos elementos das modalidades, ou seja, assumir os componentes dos Processos como critérios para o estabelecimento da relação lógico-semântica,

⁴⁰ Essa bipartição do plano funcional-instancial relaciona-se ao que discutiremos na seção 2.2, sobre o subsistema de CORRESPONDÊNCIA PROCESSUAL, em relação a participantes.

e, por outro, voltar-se para o todo imagético e o todo verbal, como, por exemplo, assumir como unidade mínima o *layout* dos elementos.

Sobre as várias possibilidades de análise, os autores concebem que interações verbo-visuais possam apresentar mais de um nível de análise, relacionados por constituição, apresentando, dessa forma, mais de uma relação lógico-semântica. Essa possibilidade de ocorrência de distintas relações lógico-semânticas, entretanto, é distinta do processo de coesão composicional. Martinec; Salway (2005, p. 358) concebem que a coesão composicional “relaciona processos, participantes e circunstâncias entre si”⁴¹, de modo a auxiliar na decisão de “quais são as unidades entre cada relação de status” e na determinação das “unidades que cada relação lógico-semântica supõe”⁴². As relações lógico-semânticas, por sua vez, relacionam “processos completos, incluindo seus participantes e circunstâncias (e quaisquer orações no texto que modifiquem hipotaticamente a oração principal que está associada)”⁴³. Embora os autores concebam como distintos os processos de coesão composicional e de relações lógico-semânticas, eles ainda incorrem no questionável estabelecimento de relações lógico-semânticas em interações em que há apenas um Processo, o que, em tese, permitiria apenas o estabelecimento de correspondências em nível de coesão.

Desse modo, defendemos que o sistema de RELAÇÕES VERBO-IMAGÉTICAS de Martinec; Salway (2005), *da forma como é proposto pelos autores*, requer um redesenho, de modo a evidenciar entradas de restrições, na medida em que relações lógico-semânticas são possíveis apenas em casos de status Iguais: Independentes, enquanto, nos demais status, é possível estabelecer apenas relações de coesão. Nesse sentido, nossa proposta, a ser debatida no capítulo 2, concebe que um sistema de COESÃO VERBO-IMAGÉTICA seja necessário como aparato descritivo para que a determinação de relações lógico-semânticas seja respaldada em unidades mínimas de análise.

Embora o sistema de RELAÇÕES VERBO-IMAGÉTICAS apresente questões a serem reelaboradas, apontamos como válida a ramificação nos dois subsistemas, que se aproximam de uma ramificação dos planos esquemático e funcional-instancial aqui propostos. Tal aspecto não é explorado por Unsworth (2006) – a quem passaremos agora – na composição de seu

⁴¹ Tradução livre de: “Componential cohesion relations link processes, participants and circumstances themselves” (MARTINEC; SALWAY, 2005, p. 358).

⁴² Tradução livre de: “Apart from helping to decide what the units are between which status relations hold, componential cohesion is also crucial to determining the units between which logic–semantic relations obtain” (MARTINEC; SALWAY, 2005, p. 358).

⁴³ Tradução livre de: “Logic–semantic relations link whole processes, including their participants and circumstances (and any clauses in the text that hypotactically modify the linked main clause)” (MARTINEC; SALWAY, 2005, p. 358).

sistema de construção intermodal, que acaba por apresentar limitações quanto a classificações, na medida em que praticamente se restringe ao lógico-semântico; ainda assim, o autor evidencia outros aspectos também relevantes para a composição de nosso sistema de COESÃO VERBO-IMAGÉTICA.

1.2 Sistemas de CONSTRUÇÃO INTERMODAL, de Unsworth (2006)

Enquanto Martinec; Salway (2005) buscam elaborar “um sistema único de classificação para relações verbo-visuais que suporte qualquer caso em que imagem e língua coocorram”⁴⁴ (BATEMAN, 2014, p. 190), Unsworth (2006) propõe um sistema de análise menos abrangente, com foco pedagógico, resultado da análise de interações verbo-visuais em livros didáticos de ciências, bem como de outros livros e de websites relacionados. Unsworth (2006) concebe que um sistema que permita ao pesquisador analisar qualquer interação multimodal pode apresentar-se como frágil pela visão abrangente que assume do fenômeno da interação multimodal, uma vez que o sistema não seria suficiente para apontar todas as potencialidades de geração de significados que interações verbo-visuais possam apresentar em distintos gêneros e esferas. Assim, Unsworth (2006, p. 1173) destaca que o sistema de RELAÇÕES VERBO-IMAGÉTICAS (MARTINEC; SALWAY, 2005) consiste em

uma tentativa de especificar um sistema de RELAÇÕES LÓGICO-SEMÂNTICAS entre imagens e elementos verbais, que utilmente descreve algumas relações verbo-imagéticas em ‘combinações contemporâneas’ que são analisadas, mas que ainda está distante da robustez necessária para uma aplicação mais geral⁴⁵.

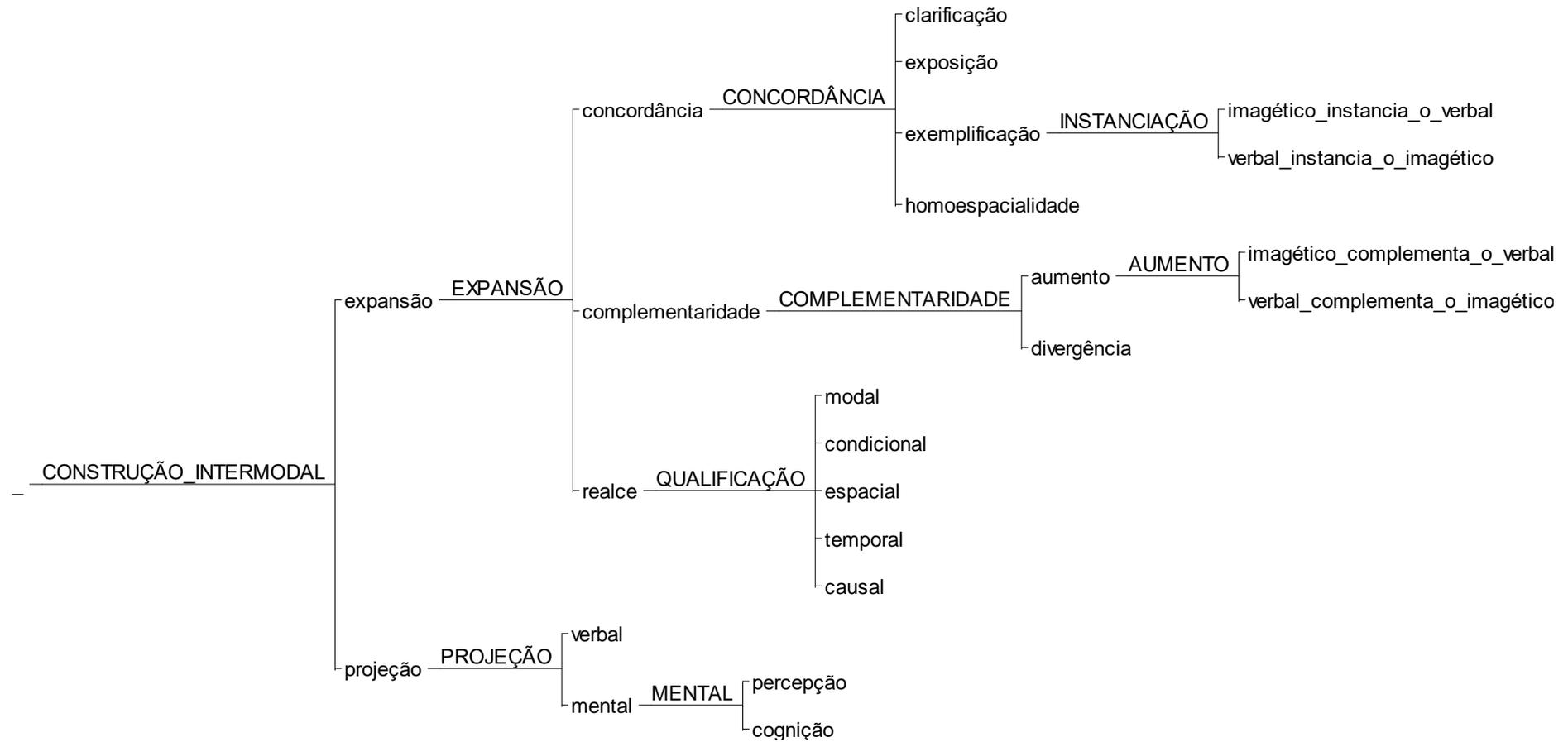
O sistema de CONSTRUÇÃO INTERMODAL (UNSWORTH, 2006) consiste em um único sistema, que corresponde ao sistema de RELAÇÕES LÓGICO-SEMÂNTICAS. O sistema apresenta bastante similaridade com o de Martinec; Salway (2005), apesar de apresentar maior refinamento, na medida em que apresenta renomeações pertinentes de classificações – dado o fato de os termos comumente usados na LSF serem bastante herméticos –, bem como refinamentos dentro dos sistemas de EXPANSÃO e de PROJEÇÃO.

No subsistema de Expansão, Elaboração e Extensão passam a ser denominadas Concordância e Complementaridade, respectivamente. Diferentemente de Martinec; Salway (2005), que não propuseram ramificações para a Extensão, COMPLEMENTARIDADE consiste em um sistema, que se ramifica em Aumento e Divergência. O sistema de CONSTRUÇÃO INTERMODAL é apresentado na figura 1.2-1 a seguir:

⁴⁴ Tradução livre de: “Martinec and Salway’s goal is to construct a single classification system for text-image relations that holds for all cases where text and image occur together” (BATEMAN, 2014, p. 190).

⁴⁵ Tradução livre de: “This is an attempt to specify a system of logico-semantic relations between images and text, which usefully describes some image-text relations in the ‘contemporary image-text combinations’ that were analyzed, but is a long way from the robustness required for more generalized application” (UNSWORTH, 2006, p. 1173).

Figura 1.2-1 – Sistema de CONSTRUÇÃO INTERMODAL



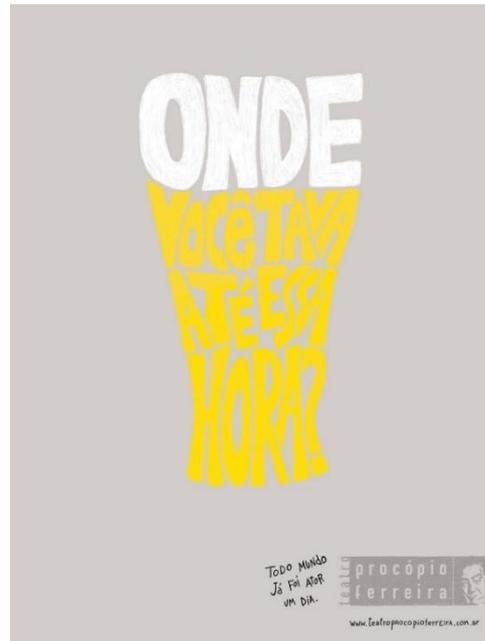
Fonte: traduzido de Unsworth (2006, p. 1175).

No sistema de EXPANSÃO, o subsistema de CONCORDÂNCIA (UNSWORTH, 2006) apresenta duas opções paradigmáticas adicionais aos subsistemas de EXPOSIÇÃO e de EXEMPLIFICAÇÃO (MARTINEC; SALWAY, 2005): a Clarificação e a Homoespacialidade. O sistema de COMPLEMENTARIDADE (UNSWORTH, 2006) difere da Extensão (MARTINEC; SALWAY, 2005) por ser ramificada, tendo como possibilidades Aumento e Divergência. AUMENTO, por sua vez, consiste em um subsistema por ser ramificado em Imagético complementa o verbal e Verbal complementa o imagético. Em REALCE, são adicionadas as alternativas Modal e Condicional. Já no sistema de PROJEÇÃO, as possibilidades de Locução e Ideia são denominadas Verbal e Mental, respectivamente, com inclusão de um subsistema MENTAL, que inclui Percepção e Cognição, de acordo com os modos de construção da experiência no domínio mental, apresentado no sistema de TRANSITIVIDADE.

Ao propor apenas um sistema – de RELAÇÕES LÓGICO-SEMÂNTICAS – para a análise da interação multimodal, Unsworth (2005) não gera a imprecisão teórica que ocorre no sistema de RELAÇÕES VERBO-IMAGÉTICAS (MARTINEC; SALWAY, 2005), que prevê interação entre os status Iguais: Complementares e Desiguais e as relações lógico-semânticas. Entretanto, embora haja a necessidade de reestruturação do sistema nesse aspecto, Martinec; Salway (2005) expõem a importância de um subsistema de STATUS paralelo, uma vez que buscar abarcar o fenômeno da interação multimodal em um único sistema de RELAÇÕES LÓGICO-SEMÂNTICAS pode incorrer na imbricação dos planos esquemático e funcional-instancial para classificar uma relação lógico-semântica, como no caso de Homoespacialidade (UNSWORTH, 2006). Para Unsworth (2006, p. 1175-1176), homoespacialidade “refere-se a textos em que duas modalidades semióticas diferentes coocorrem em uma entidade homogênea espacialmente ligada”⁴⁶. Um exemplo desse caso é apresentado na figura 1.2-2 a seguir:

⁴⁶ Tradução livre de: “refers to texts where two different semiotic modes cooccur in one spatially bonded homogenous entity” (UNSWORTH, 2006, p. 1175-1176).

Figura 1.2-2 – Caso de Homoespacialidade



Fonte: Campanha *Todo mundo já foi ator um dia* – Procópio Ferreira, da agência Escala⁴⁷.

Na figura, a construção verbal ‘*onde você tava até essa hora?*’ é disposta imageticamente de modo a representar um copo de cerveja, ou seja, apresenta-se como uma entidade homogênea em que as duas modalidades coocorrem. De acordo com Unsworth (2006), o critério para classificação dessa interação como homoespacialidade relaciona-se ao aspecto esquemático, de disposição de *layout* das modalidades. Entretanto, a classificação de interações dessa ordem como sendo, todas, de homoespacialidade faz com que nuances de sentido de cada construção não sejam consideradas. Na figura, é construída, na modalidade verbal, uma pergunta que simula um diálogo com um interlocutor, que não a responde; contudo, a resposta projetada pelo enunciador é construída pela modalidade imagética e se refere, metonimicamente, a um bar, pela sua associação com o copo de cerveja. A utilização apenas do critério de configuração formal da interação não seria suficiente para depreender a relação lógico-semântica que é estabelecida localmente – utilizando as categorias de Unsworth (2006), possivelmente um Aumento: Imagético complementa o verbal.

Por texto multimodais desse tipo – denominados no campo do *marketing* e propaganda de *All Types* – apresentarem uma similaridade no plano esquemático da interação, é possível hipotetizar que a disposição pode fazer com que interações verbo-visuais desse tipo tendam a apresentar determinadas relações lógico-semânticas; entretanto, atribuir uma relação lógico-

⁴⁷ A propaganda faz parte da Campanha *Todo mundo já foi ator um dia*, produzido pela Agência Escala em setembro de 2009 para o Teatro Procópio Ferreira. Dados da campanha são acessíveis em: https://www.adsoftheworld.com/media/print/procopio_ferreira_beer.

semântica a um tipo de disposição esquemática do elemento imagético pode implicar que o critério de *layout* também será aplicado às demais relações previstas no sistema, o que não ocorre. Embora consista em um recurso recorrente no campo da propaganda, não investigamos, nesta pesquisa, casos de Homoespacialidade, dada sua mínima incidência em nosso *corpus*. Destacamos, apenas, que este caso evidencia a necessidade ou de um sistema separado que aborde o plano esquemático ou de status, como em Martinec; Salway (2005), ou de uma entrada inicial de um sistema, que distinga casos de Homoespacialidade, em que o critério que parece prevalecer é o de *layout*, dos casos que denominamos de Heteroespacialidade, que compreenderia casos em que as duas modalidades não cooquem em uma entidade homogênea espacialmente ligada, como são os casos de interações encontradas no *corpus* da pesquisa. Essa condição inicial de entrada, que distingue as interações em homoespaciais e heteroespaciais, é explorada no sistema de INTEGRAÇÃO MODAL, que introduz o sistema de COESÃO VERBO-IMAGÉTICA que propomos na seção 2.2.

Além do caso evidenciado pela Homoespacialidade, a existência de um sistema de STATUS – ou alguma outra forma de sistema que abarque o plano formal da interação – justifica-se na medida em que atua como parâmetro de análise da coesão composicional entre as modalidades, visto que a identificação de componentes como participantes, processos e circunstâncias em ambas as modalidades, seguida da análise da reiteração, bem como de graus de aproximação e de distanciamento entre os elementos, auxiliam no processo de análise, por exemplo, da concordância entre os elementos verbal e imagético, ou de sua divergência.

Sobre a Divergência, Unsworth (2006) insere-a no subsistema de COMPLEMENTARIDADE, propondo que tal relação lógico-semântica abarque os casos em que informações novas e relacionadas são adicionadas pela outra modalidade. O autor compreende divergência como casos em que “o conteúdo ideacional do elemento verbal e da imagem estão em variação” (UNSWORTH, 2006, p. 1176), em outras palavras, seriam casos de “‘combinações paralelas’ em que ‘palavras e imagens parecem percorrer caminhos bastante distintos – sem se interseccionarem’ (McCloud, 1994: 154)”⁴⁸ (UNSWORTH, 2006, p. 1190).

Tomando como critério a reiteração de componentes de Processos, Divergência corresponderia, desse modo, a casos em que os conteúdos dos elementos verbal e imagético não apresentariam reiterações, uma vez que estariam representando aspectos distintos de um mesmo

⁴⁸ Tradução livre de: “he [McCloud] refers to as ‘parallel combinations’ where ‘words and pictures seem to follow very different courses – without intersecting’ (McCloud, 1994:154)” (UNSWORTH, 2006, p. 1190, colchete nosso).

tema. Unsworth (2006, p. 1191) apresenta que casos de Divergência são frequentemente referidos como formas de deturpações [*misrepresentation*].

Compreendemos, acordando com Unsworth (2006), a validade de uma classificação de Divergência, na medida em que expõe a não reiteração entre componentes dos elementos de cada modalidade; entretanto, compreendemos que tal classificação não corresponde a uma relação lógico-semântica, uma vez que diz respeito a um estatuto de coesão entre os elementos de cada modalidade. Tal coesão composicional, do mesmo modo que ocorre na Homoespacialidade, pode apresentar uma relação lógico-semântica mais típica, mas não corresponderia, em si, a uma relação.

Desse modo, tanto Homoespacialidade quanto Divergência apresentam-se como não pertencentes a um sistema de RELAÇÕES LÓGICO-SEMÂNTICAS. Enquanto Homoespacialidade comporia o sistema de INTEGRAÇÃO MODAL, como apresentamos anteriormente, Divergência consistiria em um efeito decorrente de uma não compatibilidade entre os eventos construídos em cada modalidade. Assim, compreendemos que Divergência não se localiza nem no âmbito das relações lógico-semânticas, nem no âmbito da coesão verbo-imagética, mas, sim, enquanto um efeito que emerge da contraposição de eventos construídos pelas modalidades. Exploraremos de forma pormenorizada a noção na seção 3.4 do capítulo 3.

Relacionado à relevância de um sistema distinto para aspectos formais e de *layout*, Bateman (2014, p. 191), ao debater os sistemas de Martinec; Salway (2005) e de Unsworth (2006), aponta que o subsistema de STATUS indica a relativa importância de cada modalidade: se a imagética ou a verbal é mais importante (status desigual) ou se “elas são iguais em importância”⁴⁹ (status igual). Assim, o sistema de RELAÇÕES VERBO-IMAGÉTICAS de Martinec; Salway (2005) apresenta vantagens ao expor a estudiosos de multimodalidade a necessidade de reflexões sobre o aspecto formal da interação, ao passo que também apresenta limitações, uma vez que a interação entre os subsistemas apresenta imprecisões.

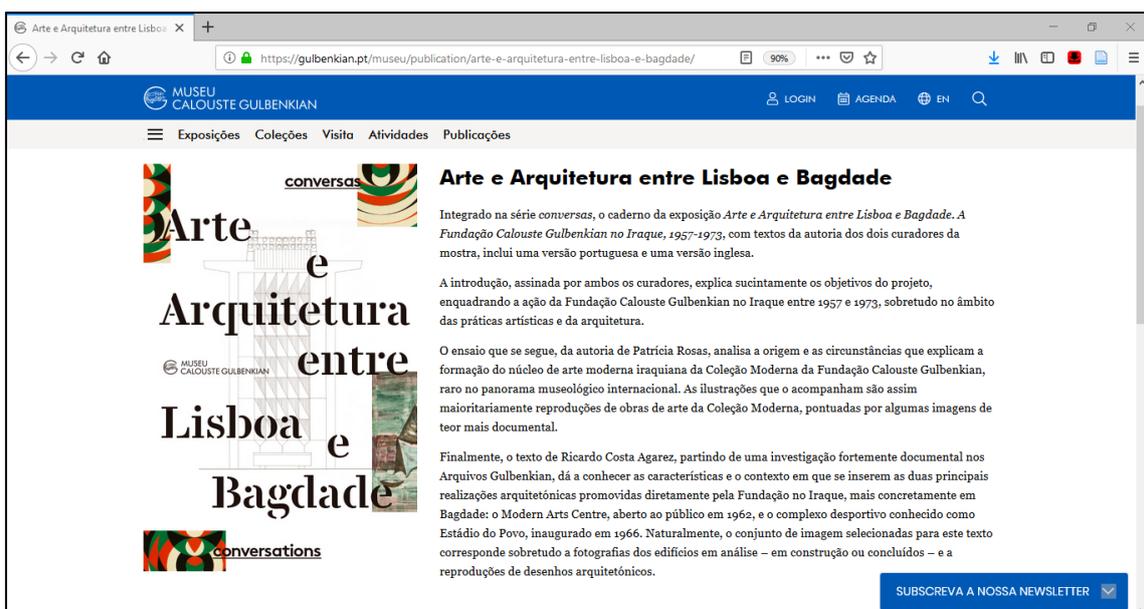
Em vista da questão sobre o plano esquemático da interação, gerada tanto pelos casos de Homoespacialidade e Divergência (UNSWORTH, 2006), quanto pela imprecisão na interação entre os subsistemas do sistema de RELAÇÕES VERBO-IMAGÉTICAS (MARTINEC; SALWAY, 2005), defendemos que uma disposição esquemática de *layout* concomitantemente constrange e engaja determinadas relações lógico-semânticas. Assim, é possível hipotetizar que a disposição esquemática não define o tipo de relação lógico-semântica, como em Unsworth (2006), nem mesmo deixa aberta qualquer possibilidade, como em Martinec; Salway (2005).

⁴⁹ Tradução livre de: “or they are equal in importance” (BATEMAN, 2014, p. 191).

Como apresentamos ao final da seção anterior, a verificação de tal hipótese não consiste no objetivo desta pesquisa; deixamos, assim, apontados possíveis caminhos para estudos decorrentes das reflexões aqui elaboradas.

Merece destaque a questão apontada por Unsworth (2006) sobre os gêneros discursivos em que estão inseridas as interações verbo-visuais. Além do constrangimento sobre tipos de status – debatido na seção anterior, sobre vídeos tenderem a apresentar interações com status relativo Desiguais: Imagético subordinado ao verbal –, o gênero acaba por delimitar as unidades informacionais que podem ser assumidas quando da análise verbo-visual. Um exemplo deste aspecto pode ser explorado com a figura 1.2-3 a seguir, em que é apresentado uma página do site do Museu Calouste Gulbenkian, em Lisboa (Portugal). Diferente dos casos analisados na seção anterior dos vídeos de *youtubers*, em que a análise se respaldava sob a construção processual nas duas modalidades, na página da exposição “Arte e Arquitetura entre Lisboa e Bagdade”, a interação instanciada entre a figura à esquerda e o texto à direita é marcada por duas possibilidades: (i) a imagem está relacionada mais diretamente ao título da exposição, apresentado em negrito à direita, uma vez que apresentam os mesmos elementos verbais em suas composições; (ii) o todo visual relaciona-se ao todo verbal, em uma relação de tópico/imagem e comentário/verbal. Nessa segunda possibilidade de análise, o sistema de TRANSITIVIDADE não se mostraria produtivo para o estabelecimento do tipo de interação ou das relações de coesão.

Figura 1.2-3 – Página do site do Museu Calouste Gulbenkian



Fonte: Exposição *Arte e Arquitetura entre Lisboa e Bagdade*, do Museu Calouste Gulbenkian (Lisboa/Portugal)⁵⁰.

⁵⁰ A página de divulgação da exposição está disponível em: <https://gulbenkian.pt/museu/publication/arte-e-arquitetura-entre-lisboa-e-bagdade/>

A análise da interação em sites de museus pode requerer outras categorias que considerem a disposição dos elementos na página, bem como sua centralidade ou marginalidade na tela, por exemplo, ou mesmo a hierarquia estabelecida entre os elementos⁵¹.

Ao apontar que distintos gêneros apresentam distintas unidades informacionais envolvendo elementos visuais e verbais, Unsworth (2006) destaca a impossibilidade de se estabelecer um sistema que abarque todos os casos de interação verbo-visual, como Martinec; Salway (2005) propõem, sobretudo com um sistema de status, visto que o gênero restringiria as unidades mínimas que seriam produtivas para a análise multimodal. Acrescentamos a este aspecto o fato de o gênero constranger os níveis de visualidade envolvidos. As análises realizadas sobre o *corpus* da pesquisa voltaram-se a elementos que são construídos de forma local – denominados aqui **imagéticos** –, como apresentamos no quadro 1.2-1 a seguir, podendo ocupar uma parte da tela ou a tela inteira. Embora tais elementos sejam indubitavelmente visuais, o cenário e o(s) próprio(s) *youtuber(s)* também comportam uma dimensão visual. A interação entre cada um desses níveis de visualidade com a modalidade verbal não é idêntica, e especificidades precisam ser consideradas.

Quadro 1.2-1 – Exemplos de elementos imagéticos (considerados na análise)



Fonte: vídeos do *corpus*.

Diante de distintos níveis de visualidade que os gêneros podem apresentar, torna-se necessário que o analista identifique os níveis envolvidos em seu objeto, estabelecendo a

⁵¹ Tais categorias são debatidas por Kong (2006), a ser discutido na próxima seção.

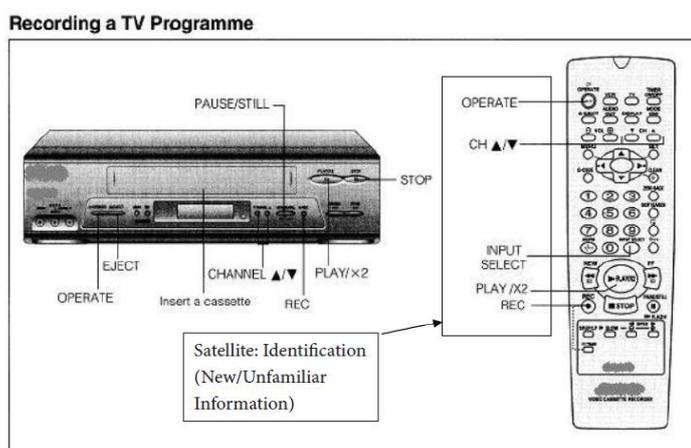
qual(is) nível(is) tanto a análise quanto a teorização se voltarão, de modo a explorar as particularidades de cada um. Exploraremos os critérios para o estabelecimento dos **níveis de visualidade** na seção 2.1 do capítulo 2, ao debatermos aspectos relacionados ao *layout* de textos multimodais distribuídos em mídias digitais.

Passaremos, agora, à discussão sobre o esquema de combinações de relações verbo-visuais de Kong (2006), que busca apresentar uma rede de critérios que podem ser acionados para uma análise da interação verbo-visual.

1.3 Esquema de combinações de relações verbo-visuais, de Kong (2006)

Diferentemente de Martinec; Salway (2005) e de Unsworth (2006), Kong (2006) propõe um esquema de potenciais aspectos a serem considerados em análises de relações entre palavras e imagens. Enquanto Unsworth (2006) delimita o objeto de análise a interações verificadas em gêneros da esfera científica e educacional, Kong (2006) se aproxima de Martinec; Salway (2005) ao propor um esquema de critérios para a análise de qualquer texto que envolva as modalidades verbal e visual, abrangendo desde fôlderes de controle remoto ou gravador de programa televisivo – como apresentamos na figura 1.3-1 abaixo – até guias turísticos.

Figura 1.3-1 – Folder de gravador de programa televisivo



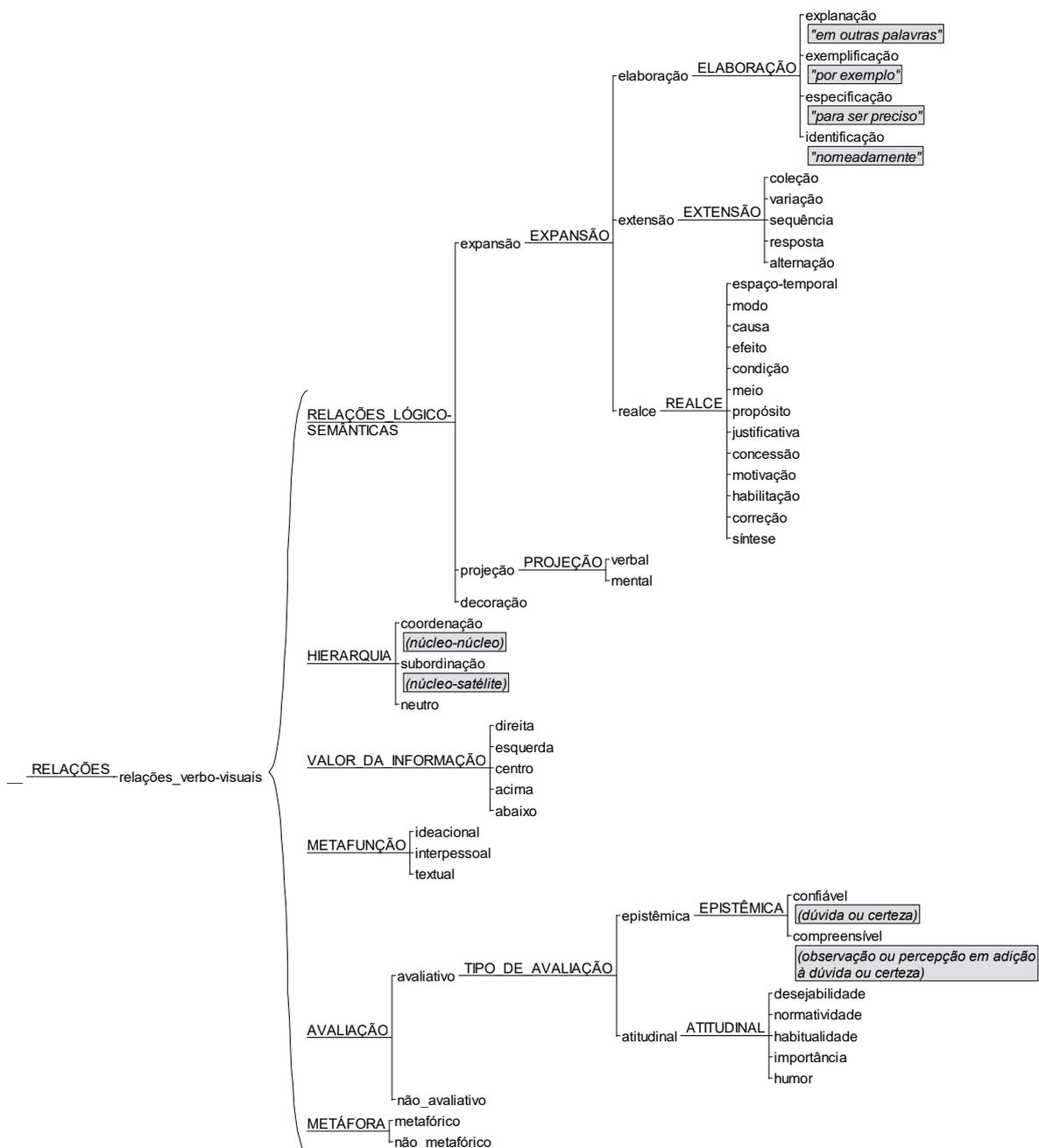
Fonte: extraído de Kong (2006, p. 217).

Apesar da aproximação com Martinec; Salway (2005), Kong (2006) concebe uma rede de critérios multinível que engloba não apenas um nível micro de análise, ou seja, não se restringe a apenas um nível de TRANSITIVIDADE e de RELAÇÕES LÓGICO-SEMÂNTICAS, mas abarca também um nível de *display*, no qual busca explorar os significados construídos a partir do posicionamento dos elementos em uma página; um nível metafuncional; e um nível figurativo. Um esquema multinível valida-se na medida em que oferece aspectos de análise para

distintas unidades informacionais. A elaboração de distintos níveis é justificada pelo objetivo de construir “um quadro teórico que possa auxiliar analistas e designers de documentos na compreensão das relações complexas entre as duas [modalidades]”⁵² (KONG, 2006, p. 210, colchete nosso).

A rede de critérios para a análise das relações entre o verbal e o visual é composta por seis níveis. Os níveis são apresentados na figura 1.3-2 a seguir.

Figura 1.3-2 – Esquema de combinações de relações verbo-visuais



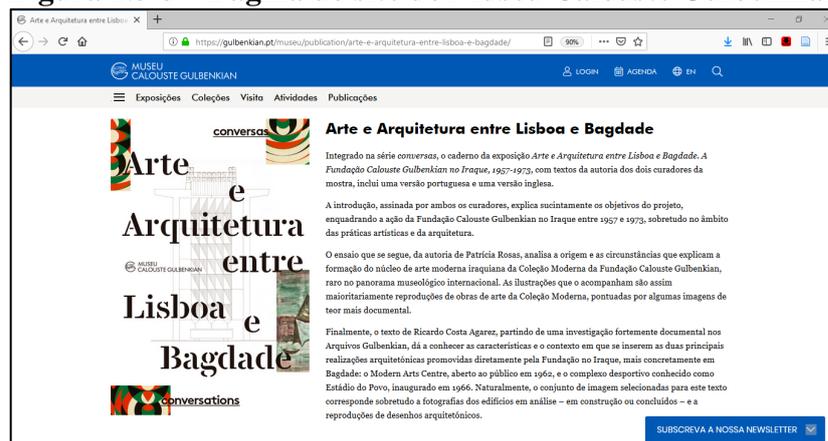
Fonte: integração dos esquemas de Kong (2006, p. 213, 220 e 222).

⁵² Tradução livre de: “a framework that can help analysts or document designers to understand the complex relationship between the two” (KONG, 2006, p. 210).

Ao introduzir o esquema de possibilidades, Kong (2006, p. 222) afirmar tratar-se de uma “rede’ [sistema] de relações nos termos de Halliday”. Entretanto, embora a representação gráfica corresponda ao modo típico de representação sistêmica da LSF, a rede de critérios não consiste em um sistema, uma vez que construir os seis níveis de relações – (i) relações lógico-semânticas; (ii) relações de (as)simetria; (iii) relações de arranjo espacial; (iv) relações de Metafunções; (v) relações de natureza avaliativa; (vi) relações de natureza metafórica – ligados a uma mesma chave⁵³ indicaria que todos eles são interligados de forma independente e simultânea.

Caso fosse um sistema, seria possível uma articulação entre os sistemas⁵⁴ de relações lógico-semânticas e de hierarquia, para os quais a unidade mínima de análise assumida consiste em Processos, ou seja, partes do verbal e do visual, com o sistema de valor informacional, que toma como unidade o todo verbal e o todo imagético, atribuindo a cada modalidade uma classificação. A diferença residiria no fato de os sistemas de relações lógico-semânticas e de hierarquia atribuírem uma classificação para a interação das duas modalidades, enquanto o sistema de valor informacional atribuiria uma classificação ao elemento verbal e outra ao elemento visual. Um exemplo disso seria a página do Museu, na figura 1.2-3 da seção anterior, transposta em 1.3-3, em que o visual seria classificado como à esquerda, representando o Dado, e o verbal à direita, representando o Novo, a partir das concepções da Gramática do Design Visual (Kress & van Leeuwen, 2006).

Figura 1.3-3 – Página do site do Museu Calouste Gulbenkian



Fonte: Exposição *Arte e Arquitetura entre Lisboa e Bagdade*, do Museu Calouste Gulbenkian (Lisboa/Portugal).

⁵³ Em representações sistêmicas, chaves correspondem a uma relação de adição; em outros termos, uma interação verbo-visual teria uma classificação lógico-semântica E uma classificação de hierarquia E de valor informacional, assim por diante. Em sistemas, o uso de colchete corresponde a uma relação de alternativa, ou seja, a interação pode ser classificada quanto à relação lógico-semântica como de Expansão OU de Projeção, por exemplo.

⁵⁴ Embora o Esquema de combinações de relações verbo-visuais de Kong (2006) não consista em um sistema, cada nível de relação que especifica consiste, localmente, em um sistema.

Outro ponto que evidencia o fato de não consistir em um sistema é a impossibilidade de articulação entre os subsistemas de RELAÇÕES LÓGICO-SEMÂNTICAS e o de METAFUNÇÕES, uma vez que, como proposto pela LSF e discutido no início deste capítulo, o sistema de RELAÇÕES LÓGICO-SEMÂNTICAS insere-se na Metafunção Ideacional, por tratar das relações estabelecidas entre eventos construídos por meio de Processos. Prever a possibilidade de uma relação lógico-semântica estar relacionada à Metafunção Textual ou Interpessoal incorre em uma imprecisão teórica.

Desse modo, compreendemos que Kong (2006) busca apontar para aspectos possíveis de serem considerados na análise da interação entre o verbal e o visual a depender da unidade de análise a ser assumida, e é a partir dessa compreensão que temos o Esquema de Combinações.

Discutiremos agora em que medida cada nível apresenta aspectos relevantes para a análise da interação verbo-imagética estabelecida nos vídeos que compõem o *corpus*, embora partam de unidades informacionais distintas.

– *Relações lógico-semânticas*

Kong (2006) distancia-se de Martinec; Salway (2005) e de Unsworth (2006) em dois pontos: (i) ao propor ramificações nos subsistemas de elaboração, de extensão e de realce, bem como utilizar “termos que são intuitivos [*user-friendly*]”⁵⁵ (KONG, 2006, p. 212); (ii) ao propor uma classificação de Decoração, em oposição a Expansão e Projeção.

Em relação ao primeiro aspecto, Kong (2006) expande o sistema de EXTENSÃO, apresentando as folhas Coleção, Variação, Sequência, Resposta e Alternação. O sistema de REALCE apresenta 13 opções de classificação, e o sistema de ELABORAÇÃO apresenta, além de Exemplificação e Explicação, que corresponde à Exposição, as opções de Especificação – similar à Clarificação de Unsworth (2006) – e de Identificação.

Em relação ao segundo aspecto, Kong (2006) concebe que a inserção de uma função Decorativa é produtiva para casos em que o verbal e o visual não são intercambiáveis, ou seja, casos em que o visual adiciona nova informação ao verbal, mas a omissão dessa informação – sua não enunciação ou construção, a depender do quadro teórico – não comprometeria o significado construído. Kong (2006, p. 212-214) concebe que a função Decorativa, embora subjetiva, seria

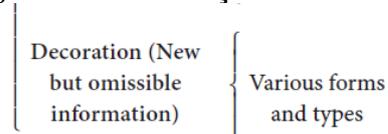
importante o suficiente para ser classificada como uma outra relação, uma vez que ao mesmo tempo em que imagens simplesmente decoram a mensagem que acompanham, elas também podem ‘provocar reações carregadas de

⁵⁵ Tradução livre de: “I tend to use terms that are user-friendly” (KONG, 2006, p. 212).

emoções que podem preceder a consciência cognitiva e influenciar a interpretação das mensagens’ (Richards; David, 2005, p. 31)⁵⁶.

A classificação proposta apresenta problemáticas decorrentes, por um lado, da concepção de que elementos não exercem funções na construção do significado, podendo ser omitidos – figura 1.3-3 a seguir –, e, por outro, da contradição entre essa concepção (omissão sem perda de significado) e a compreensão de que a presença desses elementos pode “provocar reações carregadas de emoções que podem preceder a consciência cognitiva e influenciar a interpretação das mensagens” (RICHARDS; DAVID, 2005, p. 31 *apud* KONG, 2006, p. 214), o que invalida a ideia inicial de que a omissão não comprometeria o significado da construção.

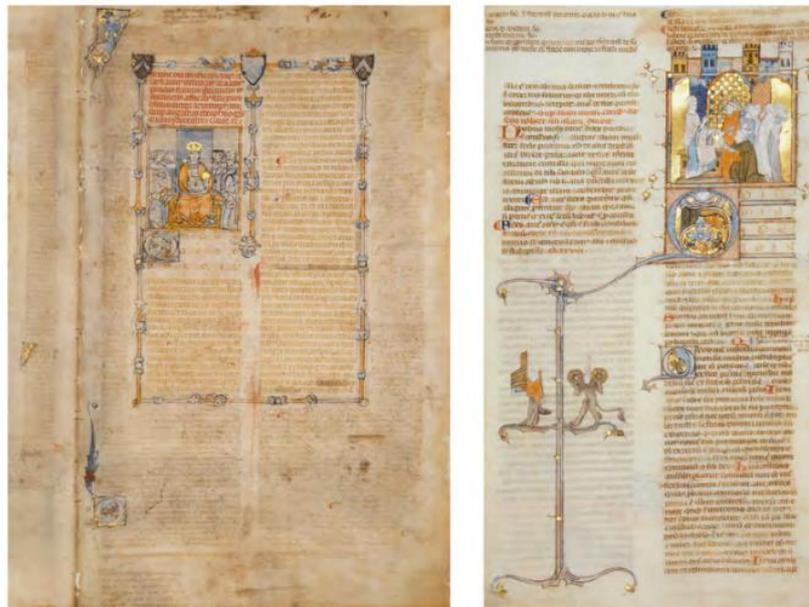
Figura 1.3-4 – Função de Decoração



Fonte: extraído de Kong (2006, p. 213).

Kong (2006) não apresenta exemplos de interações verbo-visuais com uma relação lógico-semântica de Decoração. Entretanto, compreendemos como um possível caso o exemplo apresentado na figura 1.3-5 a seguir, que diz respeito a um exemplar do *Decretum* do Graciano, presente no acervo do Museu Calouste Gulbenkian (Lisboa, Portugal).

Figura 1.3-5 – Exemplar do *Decretum* do Graciano, de Justiniano, o Grande (482-565)



Lisboa, MCG (Gratianus, Decretum) LA 212, fl. 1r e M. 36B, fragmento (folha simples)
Fotos MCG

Fonte: extraído de Bilotta (2015, p. 110).

⁵⁶ Tradução livre de: “Although this function is subjective, it is important enough to be labeled as another relation because while pictures can simply decorate accompanying messages, they can also ‘elicit emotion-laden reactions that may precede cognitive awareness and influence interpretation of messages’ (Richards and David, 2005, p. 31)” (KONG, 2006, p. 212-214).

Ambos os documentos apresentam elementos visuais, porém, o documento à esquerda dispõe de elementos visuais que emolduram o elemento verbal, tanto externamente, quanto internamente, definindo a estrutura de colunas. Bilotta (2015, p. 110) apresenta que este documento é categorizado como um documento jurídico, em que a decoração [elemento visual], “como sempre acontece nos manuscritos jurídicos, tinha a finalidade de subdividir visualmente a estrutura do texto em livros, capítulos e parágrafos”. O elemento visual, um exemplo de função Decorativa, desse modo, está associado à identificação de um gênero discursivo, sinalizando a sua estruturação composicional. Essa função, embora Kong (2006) associe à Metafunção Ideacional, apresenta – no caso – maior relação com a Metafunção Textual, uma vez que o elemento visual identifica o gênero. O fato de esse tipo de elemento visual estar associado à Metafunção Textual parece justificar a concepção inicial de Kong (2006) de que seriam elementos omissíveis, que não comprometeriam o significado construído, já que não apresentariam conteúdo ideacional – embora concebamos a impossibilidade de ser omitidos e manter-se o significado.

Esse aspecto indica a não possibilidade de se inserir a relação de Decoração no sistema de RELAÇÕES LÓGICO-SEMÂNTICAS, uma vez que não está associada à Metafunção Ideacional. Somado a esta característica, as unidades tomadas para a classificação da interação consistem no todo verbal e no todo visual, de forma distinta das unidades tomadas para a classificação de relações de Expansão e de Projeção. Tal relação estaria mais associada ao sistema de VALOR INFORMACIONAL, a ser discutido adiante.

– *Relações de (as)simetria*

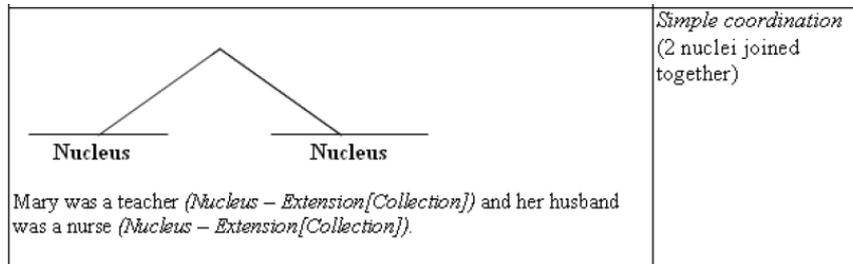
As relações de (as)simetria são apresentadas no sistema de HIERARQUIA, que se assemelha ao sistema de status, de Martinec; Salway (2005), uma vez que explora a hierarquia estabelecida entre as modalidades ao buscar compreender as “relações que unem as unidades, que podem ser ou não de status iguais”⁵⁷ (KONG, 2006, p. 214). Enquanto Martinec; Salway (2005) partem do sistema de TRANSITIVIDADE da LSF para propor o sistema de STATUS RELATIVO, Kong (2006) parte da Teoria da Estruturação Retórica (RST, *Rethoric Structure Theory*) – uma proposta desmembrada da LSF – para propor o sistema de HIERARQUIA.

Kong (2006) concebe três possibilidades de relações hierárquicas: coordenação, subordinação e neutro. A relação de Coordenação corresponde à relação paratática, em que os dois eventos/Processos construídos constituem-se em dois núcleos que se inter-relacionam, como no exemplo da figura 1.3-5 abaixo, em que as orações – *Mary was a teacher and her*

⁵⁷ Tradução livre de: “unit hierarchy, namely that relations which bind units together may or may not be of equal status” (KONG, 2006, p. 214).

*husband was a nurse*⁵⁸ – articulam-se por meio de uma relação de adição, ou, como Kong (2006) denomina em seu sistema de RELAÇÕES LÓGICO-SEMÂNTICAS, de Coleção.

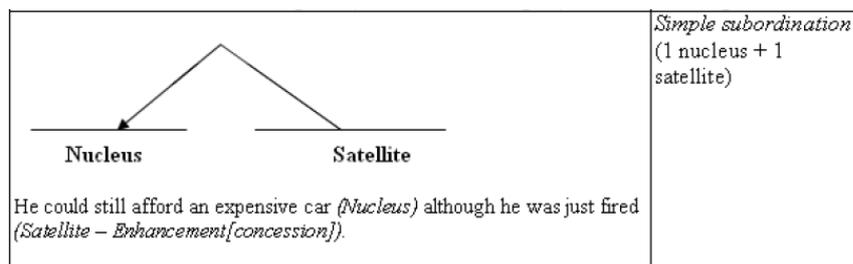
Figura 1.3-6 – Exemplo de relação de coordenação



Fonte: extraído de Kong (2006, p. 215).

A relação hierárquica de Coordenação corresponderia ao status Iguais: Independentes de Martinec; Salway (2005). Já as relações de Subordinação correspondem aos casos de hipotaxe, em que os elementos de uma das modalidades estariam subordinados aos elementos da outra. Um exemplo de Subordinação é explorado na figura 1.3-7 abaixo, também extraído de Kong (2006).

Figura 1.3-7 – Exemplo de relação de subordinação



Fonte: extraído de Kong (2006, p. 215).

Essas representações de articulação entre orações são típicas da RST, cujos maiores representantes são Mann; Thompson (1988). Bateman (2014) afirma que um dos critérios para a definição do núcleo e do satélite nas interações, segundo Kong (2006), está relacionado a relações de informação ‘dada’ e ‘nova’: enquanto “o que é ‘dado’ é o **núcleo** (mais importante), o que é ‘novo’ é informação auxiliar (chamado de ‘satélites’)” (KONG, 2006, p. 207 *apud* BATEMAN, 2014, p. 202). A terceira categoria, de relações Neutras, diria respeito a casos em que os dois tipos de hierarquias – coordenação e subordinação – ocorrem. Kong (2006, p. 214, colchete nosso) concebe que, em casos de hierarquia neutra, “uma unidade [elemento] pode desempenhar um papel dominante (com um tamanho maior ou posição mais central)”⁵⁹, o que aponta uma articulação desse sistema com o seguinte, de VALOR INFORMACIONAL.

⁵⁸ Os exemplos estão em inglês por terem sido retirados de Kong (2006).

⁵⁹ Tradução livre de: “a unit may take a dominant role (with a bigger size or a more central position)” (KONG, 2006, p. 214).

Kong (2006) também estabelece uma articulação desse sistema com o de RELAÇÕES LÓGICO-SEMÂNTICAS, uma vez que propõe que “uma unidade subordinada a outra é encontrada em relações lógico-semânticas que apresentam relações de suporte, como elaboração, realce e decoração”⁶⁰, enquanto que relação coordenada “é encontrada em relações lógico-semânticas que são ligadas em pé de igualdade, sem uma [modalidade] modificar a outra. As relações de extensão e de projeção são bons exemplos”⁶¹.

– *Relações de arranjo espacial*

Kong (2006) propõe o sistema de VALOR INFORMACIONAL a partir de um decalque realizado da Gramática do Design Visual, de Kress; van Leeuwen (2006). Para a proposta do sistema, Kong (2006) articula três sistemas inter-relacionados para a definição de critérios de análise: valor informacional, saliência e enquadramento.

O valor informacional corresponde à localização de elementos no texto. Como Kress; van Leeuwen (2006) propõem, concebe-se que há “valores informacionais específicos ligados às várias regiões das imagens: esquerda e direita, acima e abaixo, centro e margem”⁶² (KONG, 2006, p. 214). O valor informacional está relacionado, portanto, à “relação entre como a informação é espacialmente arranjada e os seus significados e implicações”⁶³.

A saliência está relacionada ao eixo modal em imagens (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006) e diz respeito à forma como os elementos

são feitos para atrair a atenção do leitor [espectador] para diferentes níveis, como realizado por fatores como localização no primeiro plano ou no fundo, o tamanho relativo, contraste em valor total (ou cor), diferença no formato, etc.⁶⁴ (KONG, 2006, p. 214).

O último critério, enquadramento, diz respeito à

presença ou ausência de dispositivos de enquadramento (realizados por elementos que criam linhas divisórias ou por enquadramentos de fato) que

⁶⁰ Tradução livre de: “A unit subordinate to another unit is found in the logico-semantic relations having supporting functions, such as elaboration, enhancement and decoration” (KONG, 2006, p. 214).

⁶¹ Tradução livre de: “This is known as a paratactic relationship or parataxis, and is found in logico-semantic relations which are of equal standing, without one modifying the other. The logico-semantic relations of extension and projection are good examples of this type of relationship” (KONG, 2006, p. 214).

⁶² Tradução livre de: “The placement of elements ... endows them with the specific informational values attached to the various zones of the image: left and right, top and bottom, center and margin” (KONG, 2014, p. 214).

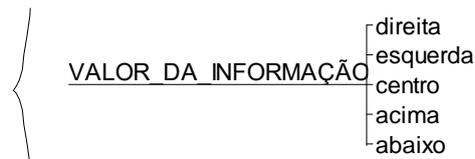
⁶³ Tradução livre de: “In other words, information value is linked to the relationship between how information is spatially arranged and its inherent meanings and implications” (KONG, 2014, p. 216).

⁶⁴ Tradução livre de: “The elements are made to attract the viewer’s attention to different degrees, as realized by such factors as placement in the foreground or background, relative size, contrasts in total value (or colour), difference in sharpness, etc” (KONG, 2006, p. 214).

desconectam ou conectam elementos da imagem, significando que se relacionam ou não de alguma forma⁶⁵ (KONG, 2006, p. 216).

Os critérios de saliência e de enquadramento relacionam-se tanto ao modo como a informação é destacada, quanto à maneira como ela é dividida. Os três critérios são articulados para a proposta da classificação de localização em: Direita, Esquerda, Centro, Acima e Abaixo, como na figura 1.3-8 a seguir.

Figura 1.3-8 – Sistema de VALOR INFORMACIONAL



Fonte: extraído de Kong (2006, p. 222).

O sistema de VALOR INFORMACIONAL é articulado aos sistemas de RELAÇÃO LÓGICO-SEMÂNTICAS e de HIERARQUIA, na medida em que uma “relação de Identificação, como uma unidade subordinada, é usualmente colocada à direita (como uma informação NOVA), e o que está sendo identificado é colocado à esquerda (como uma informação DADA)”⁶⁶ (KONG, 2006, p. 217). Entretanto, embora o autor aponte articulações possíveis entre os sistemas, as unidades mínimas de análise são distintas nos sistemas. Enquanto, nos sistemas de RELAÇÕES LÓGICO-SEMÂNTICAS e de HIERARQUIA, as unidades são Processos, no sistema de VALOR INFORMACIONAL, a classificação diz respeito ao posicionamento dos elementos de cada modalidade, ou seja, há uma classificação para cada elemento, e não uma classificação para a interação, como nos outros dois sistemas. O posicionamento dos elementos pode interferir, como Kong (2006) aponta, na determinação da relação de dominância entre as modalidades, ou seja, no sistema de HIERARQUIA.

O sistema de VALOR INFORMACIONAL aponta para um aspecto não explorado por Martinec; Salway (2005) ou Unsworth (2006), uma vez que introduz a questão do *layout* da página, propondo que o arranjo espacial dos elementos exerce influência na construção do significado. Isso indica uma mudança na seleção da unidade informacional de interações verbo-visuais, uma vez que para a análise do valor informacional, toma-se a página como unidade informacional, e não componentes das modalidades, ou seja, o todo verbal e o todo imagético.

⁶⁵ Tradução livre de: “The presence or absence of framing devices (realized by elements which create dividing lines, or by actual frame lines) disconnects or connects elements of the image, signifying that they belong or do not belong together in some sense” (KONG, 2006, p. 216).

⁶⁶ Tradução livre de: “For example, the ‘identification’ relation, as a subordinate unit, is usually put on the right hand side (as NEW information2), and what is being identified is put on the left hand side (as GIVEN information)” (KONG, 2006, p. 217).

Tomar o *layout* como uma unidade informacional retoma a discussão realizada ao final da seção 1.2 – sistema de CONSTRUÇÃO INTERMODAL (UNSWORTH, 2006) – sobre níveis de visualidade. Ao se assumir que regiões das páginas apresentam valores informacionais específicos, é possível conceber que qualquer texto multimodal apresenta um nível zero de visualidade, que diria respeito à disposição dos elementos na página, ou seja, à diagramação construída para o arranjo dos elementos, similar à noção de esquema que discutimos na seção 1.1. Exploraremos o nível zero de visualidade na seção 2.1 do capítulo 2.

– *Relações Metafuncionais*

Kong (2006) também recorre à LSF na criação de um sistema que se apoia na hipótese metafuncional da linguagem. O sistema de METAFUNÇÕES de Kong (2006) compreende as três Metafunções hallidayanas: a Ideacional, a Interpessoal e a Textual. Como discutido no início do capítulo, cada Metafunção associa-se a uma atividade do processo de construção de significado por meio da linguagem. Kong (2006) apresenta uma articulação entre os sistemas de METAFUNÇÃO e de RELAÇÕES LÓGICO-SEMÂNTICA, como apresentamos na figura 1.3-9 a seguir. No quadro, Kong (2006) aponta que as relações lógico-semânticas de Expansão: Realce (que compreendem a maioria das relações lógico-semânticas) e de Decoração estariam mais diretamente associadas à Metafunção Interpessoal, enquanto Expansão: Realce (correção e síntese) estariam associadas à Metafunção Textual.

Figura 1.3-9 – Metafunções de relações verbo-visuais

Ideational
<i>Expansion:</i> Elaboration (explanation, exemplification, specification, identification) Extension (collection, variation, alternation, response) Enhancement (spatio-temporal, manner)
<i>Projection</i>
Interpersonal
<i>Expansion:</i> Enhancement (justification, motivation, concession, enablement, cause, effect, condition, means, purpose)
<i>Decoration</i>
Textual
<i>Expansion:</i> Enhancement (restatement, summary)

Fonte: extraído de Kong (2006, p. 218).

Como discutimos no início do capítulo, as relações lógico-semânticas estão ligadas à função lógica da Metafunção Ideacional. Diante dessa restrição, não é possível, portanto, que uma opção do sistema de relações LÓGICO-SEMÂNTICAS se combine a uma outra Metafunção. Assim, correção (*restatement*), uma atividade que Kong (2006) enquadra como típica da Metafunção Textual não poderia ser inserida em um sistema de RELAÇÕES LÓGICO-SEMÂNTICAS.

Este ponto evidencia a impossibilidade de assumir o Esquema de combinações de relações verbo-visuais como um sistema único, composto por seis subsistemas em paralelo.

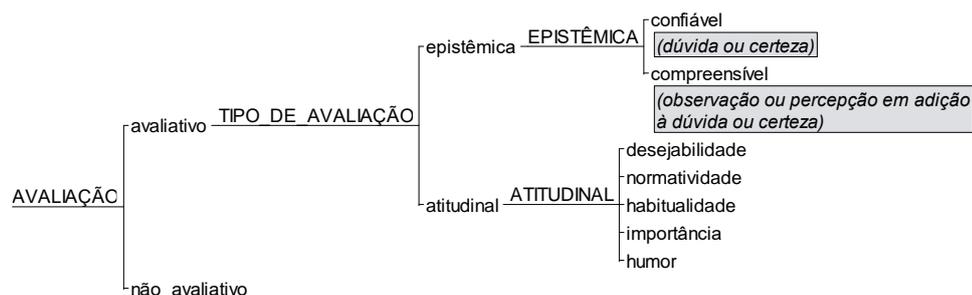
– *Relações de natureza avaliativa*

Kong (2006, p. 219) compreende que “algumas relações verbo-visuais possam apresentar funções avaliativas, além das relações lógico-semânticas”⁶⁷. O autor aponta que as funções avaliativas – que seriam de duas ordens, epistêmica e atitudinal – relacionam-se tanto à Metafunção Interpessoal, quanto à Ideacional. Kong (2006, p. 219) justifica a relação com a Metafunção Ideacional por conceber que uma “avaliação é utilizada para apresentar informações adicionais sobre algo em questão”⁶⁸, embora reconheça que, para a LSF, relações avaliativas compõem a Metafunção Interpessoal, visto que

podem atenuar o grau de certeza em uma proposição, como nos casos de ser vago (a natureza epistêmica da avaliação), assim como pode influenciar a atitude do leitor sobre o conteúdo ideacional (a natureza atitudinal da avaliação)⁶⁹ (KONG, 2006, p. 219).

Kong (2006) parte do quadro teórico desenvolvido por Greenbaum (1969) e Lemke (1998) para compor uma reelaboração das categorias, visando a um estudo mais holístico da avaliação. O resultado é publicado no artigo *Linguistic resources as evaluators in English and Chinese research articles* (KONG, 2005), sobre o qual Kong (2006) afirma que “fornece um tratamento mais organizado da avaliação, além de mais adequado ao estudo das conexões entre palavras e imagens”⁷⁰.

Figura 1.3-10 – Sistema de AVALIAÇÃO



Fonte: extraído de Kong (2006, p. 218).

⁶⁷ Tradução livre de: “Some relations may have additional evaluative functions in addition to the logico-semantic ones outlined above” (KONG, 2006, p. 219).

⁶⁸ Tradução livre de: “It is related to the ideational meta-function because evaluation is used to give additional information about something in question” (KONG, 2006, p. 219).

⁶⁹ Tradução livre de: “and to the interpersonal meta-function because firstly evaluation can mitigate the degree of certainty in a proposition, as in the case of a hedge (the epistemic nature of evaluation), and secondly it can influence a reader’s attitude towards ideational content (the attitudinal nature of evaluation)” (KONG, 2006, p. 219).

⁷⁰ Tradução livre de: “The framework provides a tidier treatment of evaluation and is more suitable to study the connections between words and images” (KONG, 2006, p. 219).

O sistema de avaliação – apresentado na figura 1.3-10 acima – tem como entrada inicial as opções Avaliativo e Não avaliativo, uma vez que Kong (2006) compreende que não são todos os casos de interações verbo-visuais que apresentam dimensão avaliativa; o autor afirma que cartoons políticos são mais típicos de apresentar essa característica, baseado em estudo de Hunston; Thompson (2000). O sistema de TIPO DE AVALIAÇÃO ramifica-se em Epistêmico e Atitudinal, que dizem respeito, respectivamente, à “expressão de dúvida ou certeza sobre uma proposição ou ideia” e à “expressão de julgamento mais pessoal sobre o que é dito ou apresentado na imagem”⁷¹ (KONG, 2006, p. 219).

– *Relações de natureza metafórica*

Por fim, o último sistema que compõe o esquema de possibilidade de combinações de relações verbo-visuais é o de METÁFORA. Kong (2006, p. 220) concebe que assim “como a avaliação, a metáfora pode não ser uma característica inerente a todas as relações entre palavras e imagens, mas é importante em vários gêneros”⁷². Os estudos sobre metáfora assumiram grandes proporções desde a proposição da Teoria da Metáfora Conceptual por Lakoff; Johnson (1980). Os desdobramentos da teoria (KÖVECSES, 2015; 2019; STEEN, 2006; VEREZA, 2007; 2013; 2016; GONÇALVES-SEGUNDO & ZELIC, 2016; FORCEVILLE, 2007; 2009; 2019) foram de crucial importância para a exploração das concepções de metáfora, metonímia, assim como de diversas outras estratégias relacionadas, seja no âmbito da Linguística Cognitiva, seja na interface com outras áreas, como argumentativos, estudos do discurso e a teoria da argumentação. Apesar disso, Kong (2006, p. 220) utiliza o termo Metáfora para incluir “todos os tipos de figuras de linguagem, como analogia, metonímia, sinédoque, hipérbole e apóstrofe”⁷³. O autor (KONG, 2006, p. 220) justifica essa generalização pelo fato de conceber que o termo possa ser utilizado como um “termo guarda-chuva”⁷⁴, como apontaria Chandler (2004).

A incorporação da Metáfora como um aspecto relevante na análise da interação verbo-visual é justificada pela teorização sobre Metáforas Visuais e Multimodais de Forceville (1996),

⁷¹ Tradução livre de: “Epistemic evaluative categories express doubt or certainty about a proposition or an idea, whereas attitudinal evaluative items tend to express more personal judgment about what is said or shown in a picture” (KONG, 2006, p. 219).

⁷² Tradução livre de: “Like evaluation, metaphor may not be an inherent feature of all word-image relations but is important in various genres” (KONG, 2006, p. 220).

⁷³ Tradução livre de: “Metaphor’ here includes all kinds of figures of speech such as similes, metonymy, synecdoche, hyperbole, and apostrophe” (KONG, 2006, p. 220).

⁷⁴ Tradução livre de: “since the term ‘metaphor’ has been so widespread that it can be used as an umbrella term for all related terms (Chandler, 2004)” (KONG, 2006, p. 220).

que concebe que, em interações verbo-visuais, “um dos domínios (alvo ou fonte) é realizado verbalmente, e o outro é realizado pictoricamente”⁷⁵ (KONG, 2006, p. 221).

Embora o autor não explore a Metáfora em termos das especificidades de seu uso em interações verbo-visuais – ou seja, restringe-se às opções paradigmáticas Metafórica ou Não-metafórica –, Kong (2006) aponta para um aspecto a ser explorado por pesquisadores que se voltem à textos em que a dimensão metafórica da interação apresente maior saliência. Visando a verificar o processo de estabelecimento da coesão em interações marcadas por metáforas, propomos, na seção 2.2 do capítulo 2, a relação coesiva de Identificação. Para isso, partimos dos desdobramentos da Teoria da Metáfora Conceptual, buscando verificar as vantagens e as limitações da articulação de uma análise coesiva com uma análise metafórica.

A partir das discussões sobre os sistemas de Martinec; Salway (2005), de Unsworth (2006) e de Kong (2006), buscamos compreender os recortes realizados sobre (i) as unidades mínimas de análise que cada proposta assume (ou não), bem como a unidade mínima para cada subsistema, sobretudo no caso de Kong (2006); (ii) as unidades informacionais recortadas para a análise, que exercem influência sobre as categorias passíveis de serem acionadas para a análise da interação; e, por fim, (iii) os distintos planos que envolvem a interação, um esquemático e outro funcional-instancial.

Passaremos agora à proposta de Royce (2007) sobre a Complementaridade Intersemiótica. A diferença principal desta proposta em relação às que vimos até então consiste no fato de o autor voltar suas reflexões à coesão multimodal, aspecto deixado em segundo plano pelos autores que discutimos anteriormente.

1.4 Complementaridade Intersemiótica, de Royce (2007)

Bateman (2014) avalia a proposta de Complementariedade Intersemiótica de Royce (2007) como uma das mais desenvolvidas nas investigações acerca da coesão multimodal, que é compreendida, em termos estritamente linguísticos, como “modos de relacionar entidades linguísticas em qualquer tipo de fronteira sintática ou estrutural”⁷⁶ (BATEMAN, 2014, p. 161).

Uma discussão sobre coesão multimodal está intimamente ligada a uma discussão sobre a unidade informacional, uma vez que, como já apontavam Martinec; Salway (2005) – apesar

⁷⁵ Tradução livre de: “According to Forceville, in verbopictorial synthesis, one of the domains (target or source) is realized verbally, and the other is realised pictorially” (KONG, 2006, p. 221).

⁷⁶ Tradução livre de: “cohesion is a way of relating linguistic entities across all kinds of syntactic and other structural boundaries” (BATEMAN, 2014, p. 161).

de não terem se detido em tal aspecto no artigo mencionado – interações que ocorrem entre o todo verbal e o todo imagético apresentam características que são distintas de interações entre o todo verbal e parte do imagético, ou mesmo parte do verbal e o todo imagético. Essa constatação nos leva a considerar que distintas configurações dos elementos que estão em interação restringem as categorias mais produtivas para uma análise; em outros termos, determinadas características dos elementos das duas modalidades apresentam maior saliência a depender da constituição da interação.

Com isso em mente, circunscrevemos a proposta de Royce (2007) a um tipo de interação entre o todo verbal e o todo imagético, uma vez que o autor introduz “um quadro teórico descritivo para a análise de textos multimodais baseados em página”⁷⁷ (ROYCE, 2007, p. 63). Assim, Royce (2007, p. 63; *itálicos do autor*) examina

a proposição de que ambas as modalidades verbal e visual, dentro dos limites de um texto, *complementam-se* na medida em que projetam significados, e que essa *complementaridade intersemiótica* (Royce, 1998a, 1998b) seria realizada por meio de diversos modos linguísticos e visuais, particulares a cada modalidade⁷⁸.

Essa investigação é justificada pela constatação que o autor realiza de que há pouca especificação sobre a natureza das relações semânticas intersemióticas. Uma consequência disso seria a não possibilidade de se sustentar explicações sobre o que torna textos multimodais coerentes. Visando a propor um aparato descritivo que altere essa situação, Royce (2007, p. 63) propõe a Complementaridade Intersemiótica, assumindo que se volta a textos que apresentam a página como unidade informacional global⁷⁹. Assim, o autor desenvolve as reflexões a partir de um Artigo de Opinião do *The Economist*, que reproduzimos a seguir.

⁷⁷ Tradução livre de: “In this chapter a descriptive framework for the analysis of page-based multimodal texts is introduced and applied to a multimodal text extracted from the Finance department of The Economist magazine” (ROYCE, 2007, p. 63).

⁷⁸ Tradução livre de: “The chapter examines the proposition that both the verbal and visual modes of communication, within the boundaries of a single text, *complement* each other in the ways that they project meaning, and that this *intersemiotic complementarity* (Royce, 1998a, 1998b) is realized through various linguistic and visual means peculiar to the respective modes” (ROYCE, 2007, p. 63, *itálico do autor*).

⁷⁹ Destacamos que a noção de ‘unidade informacional global’ não é desenvolvida pelo autor. Apresentamos a noção de forma direta no capítulo 2, no qual desenvolvemos nossa proposta.

Figura 1.4-1 – Texto analisado por Royce (2007)

FINANCE

Mountains still to climb

If April's business plan for Lloyd's does not satisfy both its capital providers and its clients, the market could die

ONE peak scaled often reveals another. So it is at Lloyd's, London's insurance market. Last year was awful: the market reported losses of over £2 billion (\$3.3 billion) for 1989, lawsuits alleging negligence mushroomed, and names (the individuals who provide Lloyd's capital) were outraged by a levy to boost central funds. But some said the worst was over. Losses for 1990 would be smaller; as the insurance cycle turned, later years would bring profits. And the new management team of David Rowland as chairman and Peter Middleton as chief executive would improve market efficiency and placate angry names.

Such optimism now seems premature. It has become clear that the market's loss for 1990, to be announced in June, will be bigger than that for 1989, probably close to £3 billion. Admittedly, a chunk of this—possibly £500m-1 billion—is a form of double-counting, for it represents stop-loss payments to names who made losses in 1989 and syndicates' "errors and omissions" (E&O) reserving against names' lawsuits. Both of these involve payments by one lot of names to another, not a net market loss. But the money still has to be found. And whereas 1989's losses were concentrated on the 5,000 names in excess-of-loss catastrophe syndicates, the 1990 losses will be more widely spread; few names will avoid them.

The cumulative effect of huge losses is undermining the market. As names resign or go bust, Lloyd's capacity has shrunk. The market now has just under 20,000 active names with an underwriting capacity of £8.75 billion, down by 40% in real terms from 1988. Names who struggled to pay 1989's losses last year will find it even harder to meet 1990's. And most are trapped in "open years"—syndicate years with losses that are too big and unpredictable to be closed by reinsuring into a successor year. Already 84% of names have at least one open year; by June that figure will be close to 100%. Members with open years can stop underwriting, but they cannot leave Lloyd's.

It is an inauspicious background for Lloyd's first-ever business plan, which will be unveiled by Messrs Rowland and Mid-

dleton in late April. The plan, which will set Lloyd's future course, is now being discussed by its market board. According to Mr Middleton, its proposals could be more radical than the reforms suggested in last year's taskforce report—partly because the huge losses revealed since then have softened resistance to change. Cost-cutting, for instance, is being stepped up. Lloyd's is sacking central staff; agencies are following suit.

Mr Middleton thinks he can push through reforms, even though the members' agencies that look after names and the managing agencies that run syndicates are fiercely independent. The centre may exert some control because the agencies all trade under its brand-name. He wants to raise professional standards, and to make economies through amalgamation and centralisation of some functions, including those now spread among 80 members' agencies. He is also keen on corporate members, both to help the market grow and to spur higher underwriting standards.

Most of this will be welcomed by names. But it leaves three other big problems: open years, litigation and financing the 1990 losses. The main reason that these are so tricky is that they all involve huge sums of money.

Mr Rowland

likes to say that he has no magic lamp to rub which can produce money from thin air.

The business plan will certainly discuss open years; it has to, for finding an exit route has become most names' top priority. The plan may suggest a bigger job for Centrewrite, the Lloyd's-owned insurance company set up in 1991 to offer quotes to syndicates unable to close their accounts. But Centrewrite will need a lot more capital from the market if it is to cope with the hangover of past claims, especially those arising from American asbestosis and pollution for which insurers are contesting liability in court. And names who are relatively free of these burdens will protest against any tacit mutualisation of losses.

Those with an eye to the future say that Lloyd's must insulate newcomers from the cost of the past—otherwise nobody, individual or incorporated, will join. Some have suggested leaving all 1990 accounts open, for instance, thus ensuring that no claim from that year or earlier ones falls on future names. By showing that capital-providers can find the exit blocked, however, such a move could deter new names from signing up. Mr Middleton sees a case for concentrating old-year claims and reserves in a single body, to present a united front to claimants. But that may not do much to close years that are open because insurers are fighting policy-holders and their successors through American courts (although some recent decisions have been helpful to Lloyd's).

The business plan will have less to say about the lawsuits lodged by Lloyd's own names. Members'



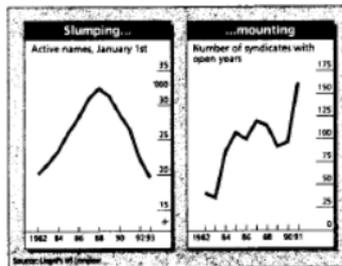
THE ECONOMIST MARCH 27TH 1992

105

FINANCE

and managing agencies have been deluged by writs from angry names convinced that they are the victims of negligence rather than bad luck. Mr Middleton points out that, if prospective litigants could settle with the E&O insurers who would have to pay whenever claimants won, it would minimise the sums siphoned off by lawyers. But the insurers are not keen to settle on the names' terms. Not all the claims are equally strong; many E&O insurers have reinsurance outside Lloyd's that they can claim on only if they lose in court; and the E&O pot of about £1 billion is anyway too small to cover all litigants.

Letting the litigation run is dangerous, however. It means at least three years of bad publicity for Lloyd's, which might put off not only new names but also new policy-holders. It could drive many agencies into bankruptcy. Some names reckon that, despite its immunity from most lawsuits under the 1982 act, Lloyd's itself could be held liable if it were shown to have acted in bad faith. If they are right, that could close down the whole market. Hence, the angry names'



argue, the case for a generous settlement now, drawing not only on the reserves set aside by E&O insurers but also on borrowing through a bond issue by Lloyd's.

A bond issue is also talked of as a possible solution for the third problem, financing 1990's losses—which the business plan may not even discuss. Rising insurance rates should make the early 1990s profitable. But names cannot touch those profits for another three years, under Lloyd's system of

back-dated accounting; meanwhile, they must meet losses for 1990 (and perhaps 1991).

Mr Middleton would like to help those who want to continue underwriting. But any borrowing to pay for past losses could run foul of the trade department's solvency rules (though some see the Treasury's modest budget measures to help names build reserves as a sign of government sympathy). Mortgaging future profits would make the market less attractive to new capital. And profits may not, in the event, materialise; few people expected the New York bomb or America's recent storms.

Names, policy-holders and prospective investors are pinning a lot of hope on the Rowland/Middleton business plan for Lloyd's. The two men win plaudits for their willingness to listen to both suggestions and grievances. But good intentions are not enough. If the plan cannot solve the open-year problem, help head off litigation and find a way of meeting 1990's losses, Lloyd's may not survive. The stakes are that high.

Embora a seleção de textos multimodais baseados em página possa acabar limitando a diversidades de fenômenos de interação verbo-visual, delimitar o *corpus* sobre esse tipo de texto pode acabar auxiliando na elaboração de uma proposta que se volte às três Metafunções da LSF. Royce (2007, p. 66) compreende que a leitura (ou visualização) de textos dispostos visualmente “envolve a interação simultânea de três elementos que são correlatos às três Metafunções de Halliday (1985)”⁸⁰. Royce (2007) propõe que haja *Participantes Representados*, *Participantes Interativos* e *Elementos Visuais de Coerência Estrutural*, cada aspecto associado mais diretamente a uma das Metafunções.

Participantes Representados são compreendidos como

todos os elementos ou entidades que são, de fato, apresentados visualmente – sejam animados ou inanimados –, elementos que representam a situação mostrada, a visão de mundo vigente ou estados de coisas no mundo⁸¹ (ROYCE, 2007, p. 66-67);

em outros termos, diz respeito aos elementos que são construídos pelas modalidades imagética e verbal, de modo que se associa mais diretamente à Metafunção Ideacional. Para esse aspecto, Royce (2007) também parte do sistema de TRANSITIVIDADE.

Os *Participantes Interativos* consistem nos “participantes que interagem entre si no ato de leitura do texto, um desses consistindo no desenhista ou designer gráfico, e o outro consistindo no leitor ou visualizador”⁸² (ROYCE, 2007, p. 67); em outras palavras, esse nível diz respeito ao produtor e ao consumidor⁸³ do texto e suas relações sociais, o que nos permite inferir que esteja mais diretamente associado à Metafunção Interpessoal.

Por fim, as *Características Composicionais Visuais (elementos visuais de coerência estrutural)* dizem respeito aos “modos que os elementos no visual ou no texto são dispostos para dar a sensação de coerência estrutural”⁸⁴ (ROYCE, 2007, p. 67). O autor aponta que esse nível, por ser composto de elementos de *layout* do texto, combina e integra os participantes

⁸⁰ Tradução livre de: “Reading (or viewing) a visual involves the simultaneous interplay of three elements which correlate with Halliday’s (1985) three metafunctions: the ideational, the interpersonal, and the textual” (ROYCE, 2007, p. 66).

⁸¹ Tradução livre de: “The represented participants are all the elements or entities that are actually present in the visual, whether animate or inanimate, elements which represent the situation shown, the current world view, or states of being in the world” (ROYCE, 2007, p. 66-67).

⁸² Tradução livre de: “The interactive participants are the participants who are interacting with each other in the act of reading a visual, one being the graphic designer or drawer, and the other the reader or viewer” (ROYCE, 2007, p. 67).

⁸³ Aqui, fazemos uso dos termos da Análise Crítica do Discurso (GONÇALVES-SEGUNDO, 2018a; FAIRCLOUGH, 2003; 2010; CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999), que concebe que um texto, enquanto materialidade linguística (verbal ou visual) é envolto em uma Prática Discursiva, que compreende os processos de Produção, Distribuição, Consumo e Interpretação de textos.

⁸⁴ Tradução livre de: “the ways elements in a visual or a text are arranged to give a sense of structural coherence” (ROYCE, 2007, p. 67).

interativos e representados, “que atuam de forma conjunta para representar uma estrutura cultural e ideologicamente dependente da visão de mundo que o desenhista ou designer gráfico intenta apresentar naquele momento e contexto (Kress; van Leeuwen, 1990, pp. 16-18)”⁸⁵ (ROYCE, 2007, p. 67). Por conseguinte, ele está vinculado à Metafunção Textual.

Compreender que o último nível de análise articula os dois anteriores liga-se, também, à concepção de que é nesse nível que a materialidade linguística (verbal ou visual, no caso desta pesquisa) ocorre. Assim, ao apresentar que a proposta se baseia em textos multimodais baseados em páginas, o autor estabiliza alguns aspectos das *Característica Composicionais Visuais*, na medida em que define a página como unidade informacional global do texto. Como o nosso objetivo nesta pesquisa é desenvolver, também, reflexões acerca da definição de unidades informacionais em textos multimodais, concebemos, em acordo com Royce (2007), que a identificação dos ‘limites’ do texto consiste em etapa prévia ao início da análise da coesão verbo-imagética. Expandindo a discussão do autor, compreendemos que determinadas configurações de *layout* tornam determinados níveis de análise mais produtivos. Ou seja, como apontamos nas seções anteriores, páginas de museus e folders parecem tornar mais produtivas análises em termos da Metafunção Textual, uma vez que a relação entre as modalidades parece ser de o todo verbal interagindo com o todo imagético, de modo que relações de tópico-comentário ganham saliência; ao passo que *posts* de redes sociais parecem tornar mais produtivas análises em termos da Metafunção Ideacional, uma vez que a relação entre as modalidades parece ser a de parte por parte, ou seja, de combinação para a co-construção de eventos. Realizamos essa reflexão por compreender que algumas investigações apresentam contextos mais propícios para uma maior gama de fenômenos, que podem estar associados a determinada(s) Metafunção(ões).

Essa reflexão decorre do fato de o autor desenvolver, no âmbito do nível dos *participantes representados*, uma análise verbo-imagética da transitividade entre as duas figuras do artigo de opinião e o todo verbal. Embora possível e válida, concebemos não ser produtiva uma análise desse tipo considerando o texto a que o autor se volta, como tentaremos argumentar por meio do exemplo que desenvolveremos em breve.

Royce (2007), por propor um quadro descritivo da Complementaridade Intersemiótica, procede a análise nos três níveis que identifica. Assim, realiza análises da interação em termos

⁸⁵ Tradução livre de: “These are elements of layout which combine and integrate the interactive and represented participants, which work in unison to represent a particular culturally and ideologically dependent structuring of the world view which the graphic designers or drawers wish to present at that point in time and context (Kress & van Leeuwen, 1990, pp. 16–18)” (ROYCE, 2007, p. 67).

de: i. transitividade entre as duas figuras e o verbal; ii. relações coesivas entre as modalidades; iii. relações interpessoais; iv. características composicionais. De modo a sistematizar esse processo, o autor propõe uma metodologia de análise para cada nível. Como voltamos-nos, nesta pesquisa, à Metafunção Ideacional para a proposição de um sistema de COESÃO VERBO-IMAGÉTICA, limitar-nos-emos aos procedimentos propostos no âmbito dessa Metafunção, tecendo, por vezes, comentários acerca das demais, quando pertinente.

Expomos a seguir o quadro que sintetiza a Complementariedade Intersemiótica em seus três níveis.

Quadro 1.4-1 – Complementariedade Intersemiótica baseada em páginas

Significados Visuais	Complementariedade Intersemiótica	Significados Verbais
Metafunção Ideacional		
<p>Variações ocorrem de acordo com a orientação do código.</p> <p>No código Naturalístico⁸⁶, podemos observar:</p> <p><i>Identificação</i>: quem ou o quê. <i>Atividade</i>: que(al) ação. <i>Circunstâncias</i>: onde, com quem, sob que condições. <i>Atributos</i>: as qualidades e as características</p> <p>No código Matemático, podemos observar:</p> <p><i>Identificação</i>: o quê. <i>Atividade relacional</i>: qual a relação <i>Circunstâncias</i>: onde, com o que, sob que condições. <i>Atributos</i>: qualidades e características</p>	<p>Há vários modos léxico-semânticos de relacionar ou o conteúdo experiencial e lógico ou o conteúdo representado/projetado em ambas duas modalidades, verbal e visual, por meio das relações intersemióticas de:</p> <p><i>Repetição</i>: significado experiencial idêntico. <i>Simonímia</i>: significado experiencial é o mesmo ou similar. <i>Antonímia</i>: significado experiencial oposto. <i>Meronímia</i>: a relação parte-todo de algo. <i>Hiponímia</i>: a relação entre uma classe geral de algo e suas subclasses. <i>Colocação</i>: uma expectativa ou alta probabilidade de coocorrência em um campo.</p>	<p>Elementos lexicais que se relacionam aos significados visuais. Esses itens lexicais surgem de acordo com:</p> <p><i>Identificação</i> (participantes): quem ou o que está envolvido em qualquer atividade? <i>Atividade</i> (processos): que ação ocorre? Eventos, estados, tipos de comportamento? <i>Circunstâncias</i>: onde, com quem e sob que condições as atividades se desenvolvem? <i>Atributos</i>: quais são as qualidades e as características dos participantes?</p>
Metafunção Interpessoal		
<p>Variações ocorrem de acordo com a orientação do código.</p> <p>No código Naturalístico, é um <i>continuum</i> do uso de:</p> <p><i>Endereçamento</i> <i>Envolvimento & Poder</i> <i>Distância Social</i> <i>Marcadores de modalidade</i></p> <p>No código Matemático, é um <i>continuum</i> do uso de:</p> <p><i>Envolvimento & Poder</i> <i>Marcadores de modalidade</i></p>	<p>Há vários modos de relacionar intersemioticamente o leitor/visualizador e o texto, considerando o MODO, ou seja, endereçar via oferta, comando, declaração e pergunta, e a MODALIDADE – atitudes sobre algo ser real-irreal, verdadeiro-falso, possível-impossível, necessário-não-necessário, assim como outros posicionamentos atitudinais. Essas relações intersemióticas são de:</p> <p><i>Reforço do endereçamento</i>: uma forma idêntica de endereçamento. <i>Congruência atitudinal</i>: um tipo similar de atitude. <i>Dissonância atitudinal</i>: uma atitude oposta ou irônica.</p>	<p>Elementos da oração como troca que se relacionam aos significados visuais. Esses elementos surgem de acordo com:</p> <p><i>O elemento MODO</i> na oração que realiza a função discursiva. <i>As características modais</i> da oração que expressam atitudes. <i>Atitude</i> envolvida no uso de adjetivos atitudinais.</p>

⁸⁶ O termo 'Naturalístico' é utilizado para se referir à primeira imagem do artigo de opinião (cartoon), enquanto 'Matemático' se refere ao gráfico do artigo. Não exploramos a análise realizada sobre a figura de código Matemático, mas sugerimos para reflexão Hiippala; Bateman (2020).

Metafunção Composicional⁸⁷		
Variações no significado visual ocorrem de acordo com as escolhas feitas em termos de: <i>Valor informacional</i> <i>Saliência</i> <i>Enquadramento (forte ou fraco)</i>	Há vários modos de mapear as modalidades para depreender um <i>layout</i> ou uma composição coerente: <i>Avaliação da Informação na página</i> <i>Saliência na página</i> <i>Graus de enquadramento dos elementos na página</i> <i>Sinonímia Inter-visual</i> <i>Caminho de leitura</i>	O corpo do texto verbal como um todo ortográfico compreendido por vários princípios estruturais: <i>Valor informacional</i> <i>Saliência</i> <i>Enquadramento (forte ou fraco)</i>

Fonte: traduzido e adaptado de Royce (2007, p. 68-69) e Royce (2016, p. 354)

Royce (2007) propõe, no âmbito da Metafunção Ideacional – ou dos *participantes representados* –, que a complementaridade intersemiótica seja explicada em termos das relações intersemióticas de repetição, sinonímia, antonímia, meronímia, hiponímia ou colocação. Para a realização da análise nesse nível, o autor segue uma metodologia que parte da construção do evento na modalidade imagética, seguindo para sua articulação com o verbal, de modo que atribui, nessa etapa, as relações intersemióticas apresentadas anteriormente.

Royce (2007) propõe que, no imagético, a análise se inicie pela (1) *identificação* dos participantes representados, seguido da depreensão das (2) *atividades* – processos – representadas, das (3) *circunstâncias* que são construídas para a atividade e para os participantes, e, por fim, dos (4) *atributos* – ou qualidades – dos participantes representados. Os elementos depreendidos em cada etapa são denominados pelo autor de *Elementos Visuais da Mensagem* (EVMs ou, no inglês, VMEs), e passam a compor *Inventários lexicais* que são articulados ao verbal para que se possa identificar as relações intersemióticas envolvidas.

Um aspecto relevante dessa metodologia é a estratégia desenvolvida por Royce (2007) para sustentar uma análise da transitividade verbo-imagética em um texto de relação todo verbal e todo imagético: ao partir da análise da construção de eventos no imagético, o autor estabiliza os referentes envolvidos nos eventos, de modo que pode voltar-se para o verbal, identificar orações em que os mesmos referentes são construídos e, em relação a estes trechos específicos, proceder a uma análise de transitividade – que considera, nesta proposta, os participantes, os processos, as circunstâncias e os atributos no verbal e no imagético –, e chegar às relações intersemióticas no nível da Metafunção Ideacional.

Um aspecto a ser considerado é o fato de Royce (2007) estar analisando um texto multimodal estático, em que o leitor, ao se deparar com o texto, visualiza tanto os elementos

⁸⁷ Royce (2007) argumenta pela utilização do termo Composicional, em detrimento de Textual, por conceber que “composição lida não apenas com o *layout* da superfície da página, mas também com o posicionamento do texto dentro de uma revista ou livro, assim como em uma seção ou departamento específico” (ROYCE, 2007, p. 67). Com essa alteração, o autor busca alterar a rota de conceptualização desse nível de análise para, especificamente, o modo de apresentar uma “mensagem intersemiótica coerente” (ROYCE, 2007, p. 67).

verbais quanto os imagéticos sem que haja pistas sobre quais trechos do verbal articulam-se mais diretamente com o imagético. A isso se soma o fato de o elemento imagético no artigo consistir em uma estratégia de aumento de metaforicidade da parte verbal do texto. O elemento imagético aumenta a metaforicidade (DIENSTBACH, 2017) do texto, na medida em que, ao construir os dois agentes da proposta Lloyd's carregando uma pedra montanha acima, e o artigo ter como título "Mountains still to climb" (em tradução livre: "Montanhas ainda a escalar"), o produtor do texto sinaliza que partirá dos conhecimentos sobre escalada para falar sobre propostas de resolução para o fato econômico. Assim, o imagético constrói o domínio-fonte da metáfora (KÖVECSSES, 2019; FORCEVILLE, 2007; 2009; 2019; GONÇALVES-SEGUNDO & ZELIC, 2016; GONÇALVES-SEGUNDO; ISOLA-LANZONI; WEISS, 2019), estimulando, pois, o leitor a realizar as projeções que estruturam a metáfora.

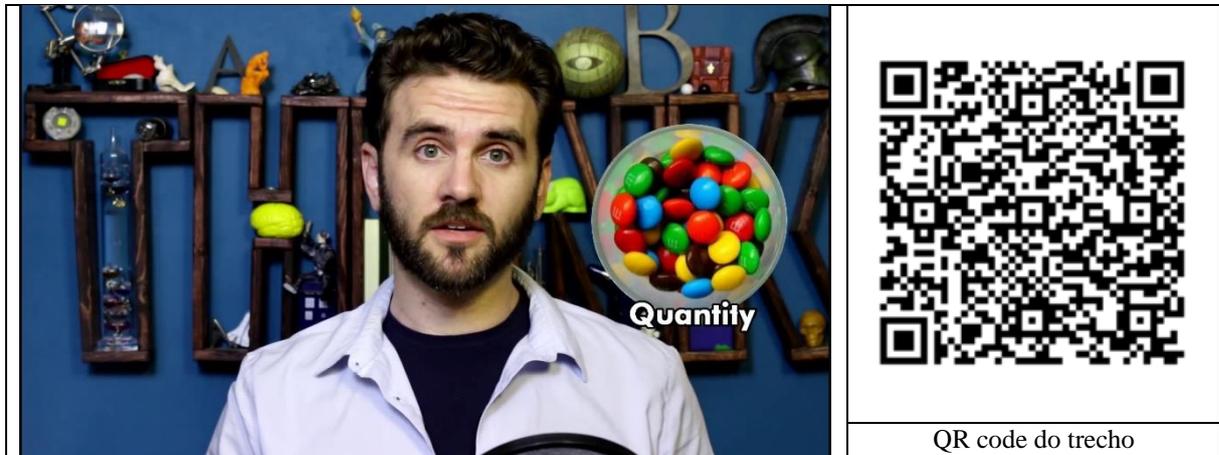
Visando explorar essa questão de pistas para depreender a que trechos do verbal um elemento imagético se articula, realizaremos uma breve análise de um excerto do vídeo "147. Grice's Maxims of Conversation – THINK", publicado por Josh Pelton, autor do Canal britânico Think, uma vez que podemos explorar algumas características de interações que se desenvolvem entre parte do verbal e parte do imagético e interações entre o todo verbal e o todo imagético. Ao realizarmos uma análise de um trecho de um vídeo para discutir a proposta de Royce (2007), que assume outra base para a delimitação da unidade informacional do texto, não queremos incorrer em críticas que extrapolam a proposta. Procedemos à análise de um trecho do vídeo por consistir em um exemplo que permite explorar a questão de uma interação verbo-imagética apresentar dois momentos: o primeiro, em que se instaura uma interação parte-parte; e o segundo, em que a interação passa a ser do tipo todo-todo, na medida em que o elemento imagético em análise é mantido em tela. Realizamos essa reflexão com o vídeo, uma vez que podemos recorrer ao critério do momento de co-enunciação dos elementos das duas modalidades para a delimitação das unidades informacionais.

Apresentamos, a seguir, o trecho do vídeo e a transcrição.

- (6) First, let's look at the [1] **maxim of quantity, that is, convey the right amount of information, not too much not too little.** Check out [2] **this terse letter of recommendation written for John Nash by Richard Duffin, noted physicist and professor of mathematics at Carnegie Mellon.** Letters of rec are usually around three pages in length with all sorts of descriptive language about the quality and important characteristics of the applicant in question. However, this one flouts the maxim of quantity. It contains significantly less information than is expected. By doing so, it implies something: that the information contained here is everything the admissions board needs

to know. [3] I am Richard Duffin, a respected brilliant mathematician and I assert that John Nash is a freaking genius⁸⁸. (THUNK, 2018, 2'50''-3'37'').

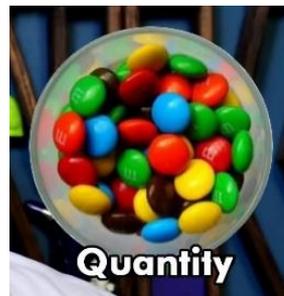
Vídeo 1.4-1 – Trecho de “147. Grice's Maxims of Conversation – THUNK”



Fonte: THUNK (2018, 2'50''-3'37''). Disponível em: <http://bit.ly/36t0ipO>.

O vídeo de Josh tem como tema as Máximas Conversacionais de Grice (1975). Ao longo do vídeo, o *edutuber* apresenta as máximas de forma articulada a exemplos. No trecho que selecionamos, o *edutuber* apresenta a Máxima da Quantidade e recorre a três elementos imagéticos, que se articulam a distintos momentos do trecho; identificamos o início e o desenvolvimento de cada em negrito. Restringiremos nossa análise sobre o primeiro elemento imagético, que rerepresentamos a seguir:

Figura 1.4-2 – Elemento imagético de (6)



Fonte: THUNK (2018, 2'50''-3'37'').

O primeiro elemento imagético do trecho consiste em um <pote cheio de M&M's> que é rotulado como “Quantity”. O elemento é construído de forma sincronizada ao trecho “maxim

⁸⁸ Embora realizemos as análises a partir do inglês, disponibilizamos aqui uma tradução livre do exemplo: “Primeiro, vamos falar sobre a Máxima da Quantidade, que consiste na transmissão da quantidade certa de informações, nem muito, nem pouco. Confira esta carta de recomendação concisa escrita sobre John Nash por Richard Duffin, um reconhecido físico e professor de matemática da Carnegie Mellon. Cartas de recomendação apresentam, geralmente, cerca de três páginas de cumprimento, com todos os tipos de recursos descritivos sobre a qualidade e as características importantes do candidato em questão. No entanto, esta desrespeita a Máxima da Quantidade. Ela contém significativamente menos informações do que o esperado. Ao fazer isso, [o produtor] implica algo: que as informações contidas aqui são tudo o que o conselho de admissões precisa saber. “Sou Richard Duffin, um matemático brilhante e respeitado e eu afirmo que John Nash é um baita gênio”.

of quantity, that is, convey the right amount of information, not too much not too little”; mais especificamente, é apresentado ao ser enunciado “maxim of quantity”. O fato de o *edutuber* recorrer a uma co-construção simultânea de um elemento verbal e um imagético (com parte verbal) sinaliza para um processo de co-construção de evento, de modo que uma análise de nível micro (análise da transitividade e da coesão) ganha produtividade. Assim, em termos coesivos, podemos conceber que o *edutuber* propõe que o leitor/visualizador do vídeo identifique o termo “maxim of quantity” ao elemento <pote cheio de M&M’s>, articulando conhecimentos de um para compreender, localmente, o outro. Tal relação, mais do que uma adição de participante, sinaliza uma relação metafórica (LAKOFF; JOHNSON, 1980), uma vez que o leitor é instruído a partir dos conhecimentos que tem sobre a experiência de lidar com um pote cheio de M&M’s para iniciar o processo de compreensão da máxima da quantidade (“maxim of quantity”). Tal processo consiste no mapeamento típico de construções metafóricas.

Assim, o trecho é marcado por uma atividade de Identificação⁸⁹ de participantes, na medida em que <pote cheio de M&M’s> é identificado ao sintagma nominal “the maxim of quantity, that is, convey the right amount of information” presente no sintagma preposicionado por “at”, que consiste, por sua vez, no Fenômeno do Processo Mental Perceptivo “let’s look”.

Embora o elemento imagético estabeleça uma interação parte-parte com o trecho, ele é mantido na tela do vídeo ao longo do trecho sublinhado em (6). Ao ser mantido na tela, entramos em uma problemática similar à de Royce (2007), uma vez que a interação passa a ser do tipo todo imagético interagindo com o todo verbal, ou seja, o elemento imagético que fora construído de forma articulada, localmente, com um Processo específico da modalidade verbal passa a estabelecer uma interação com toda uma reflexão. A função que o elemento <pote cheio de M&M’s> passa a assumir neste momento deixa de ser a de co-construir um evento, na medida em que deixa de exercer uma função de Figura (LANGACKER, 2008; TENUTA; LEPESQUER, 2011; GONÇALVES-SEGUNDO, 2017). A noção de Figura – e de Fundo – foi concebida no âmbito da Gestalt e da Linguística Cognitiva e é compreendida como

o elemento da realidade que é enfocado, que se torna saliente em face de um entorno, em geral, mais (localmente) homogêneo — o **Fundo** — contra o qual ele contrasta. [...] trata-se de uma relação de interdependência, na medida em que só existe Figura em face de um Fundo. Nesse sentido, a **Figura** torna-se foco primário de atenção (GONÇALVES-SEGUNDO, 2017, p. 88-89, negrito nosso).

⁸⁹ Utilizamos Identificação enquanto um termo técnico, associado à nossa proposta de coesão. Exploraremos a noção na seção 2.2 do capítulo a seguir.

Desse modo, manter o elemento <pote cheio de M&M's> na tela e continuar o desenvolvimento do tópico 'máxima da quantidade' com exemplos e construção de outros elementos imagético – que não analisamos aqui –, o elemento imagético inicial deixa de atuar como Figura, passando a configurar-se como um Fundo para o trecho completo. Parece razoável que consideremos o movimento de passagem de Figura para Fundo de um elemento imagético como um critério para a determinação da produtividade de uma análise de transitividade, na medida em que, atuar como Figura implicaria uma relevância maior para a co-construção de evento, de modo que permite uma análise da coesão em termos de transitividade. Ao deixar de atuar como Figura, passando, então, para a função de Fundo, a relação que um elemento imagético estabelece com o verbal parece ser o de Tópico(imagético)-Comentário(Verbal), assim como parece ocorrer um folders de museus. O fato de passar a atuar como Fundo de um desenvolvimento de um assunto, o elemento imagético sinaliza o tópico discursivo daquele segmento tópico. Nesse processo, é razoável conceber que haja duas unidades informacionais envolvidas: uma que consiste na interação entre o elemento <pote cheio de M&M's> e a oração inicial do trecho, ou seja, uma unidade informacional com os limites de uma oração verbal; e outra que consiste na interação entre o mesmo elemento imagético e um segmento tópico completo, ou seja, uma unidade informacional com os limites de um tópico ou subtópico discursivo.

Sistematizando as reflexões, compreendemos que a articulação dos critérios de tipo de relação – parte-parte, parte-todo e todo-todo – e o estatuto de Figura-Fundo pode consistir em uma base para a delimitação da produtividade de uma análise micro (em termos de co-construção de eventos) ou uma análise macro (em termos de tópico-comentário). Ao considerarmos que estamos diante de um texto em formato de vídeo, é válido considerarmos o papel do tempo de enunciação como um critério auxiliar para a delimitação da produtividade das análises micro e macro, uma vez que a co-enunciação de elementos verbais e imagéticos parece indicar a co-construção de eventos, favorecendo análises micro, enquanto a manutenção de um elemento imagético na tela por um tempo considerável⁹⁰ parece favorecer análises macro.

A partir da proposta de Complementaridade Intersemiótica, de Royce (2007; 2016), que parte de textos multimodais baseados em páginas, pudemos chegar às motivações do autor para a proposta e para a metodologia de análise desenvolvida. Pudemos, também, identificar a

⁹⁰ Embora o uso do adjetivo “considerável” em um trabalho científico consista em uma noção vaga, , recorremos a esse adjetivo por estarmos diante de um critério – de tempo – que dificulta a possibilidade de definições exatas, por exemplo, que se defina 30 segundos como o mínimo de um tempo “considerável”. Tal determinação decorre das características do vídeo em análise, para o qual podem ser tomados como critérios a manutenção ou a troca de um tópico discursivo e a relevância dos elementos em relação ao objetivo comunicativo do produtor do texto.

necessidade de uma investigação prévia à análise da coesão, que diz respeito ao tipo de interação – parte-parte, parte-todo e todo-todo –, para o qual são necessárias considerações sobre o *layout* do texto. Concebemos que determinados arranjos espaciais (KONG, 2006; ROYCE, 2007) favorecem determinadas relações entre os elementos verbais e imagéticos. Desse modo, considerando aspectos do *layout* e da Interface de redes sociais para a nossa proposta de sistema de COESÃO VERBO-IMAGÉTICA, propomos uma investigação acerca dos níveis de visualidade envolvidos nos textos. Buscaremos articular as noções de Figura e Fundo, associadas ao sistema de VALOR INFORMACIONAL (KONG, 2006), para propor critérios de definição dos níveis de visualidade. Essa definição se mostrará produtiva para a determinação dos aspectos que parecem consistir em mais produtivos para investigações de interações verbo-visuais. Procederemos a essa reflexão pormenorizadamente na primeira seção do capítulo 2 deste trabalho, visto que se configura como uma proposta analítica anterior ao sistema que propomos. Passaremos, então, a essas discussões.

Capítulo 2 Por uma metodologia de análise

Os distintos sistemas discutidos no capítulo anterior apontam para a complexidade envolvida na análise da interação verbo-visual. Enquanto Martinec; Salway (2005) e Unsworth (2006) voltam-se a um nível de análise micro, classificando as interações quanto à relação lógico-semântica estabelecida, ou ao tipo de integração das modalidades na configuração de uma unidade informacional, Kong (2006) expõe diversos aspectos passíveis de consideração, a depender do gênero e da constituição da unidade informacional multimodal. Por outro lado, Royce (2007) se volta a uma análise micro, em termos de coesão, enquanto aponta, também, para questões de *layout*.

Neste capítulo, buscamos apresentar o sistema de COESÃO VERBO-IMAGÉTICA, concebido como um aparato descritivo da interação verbo-imagética no que tange a articulação entre elementos verbais e imagéticos no âmbito da superfície textual. Concebemos que essa etapa descritiva é necessária como um estágio prévio para a análise da interação verbo-imagética. Contudo, tendo em vista as discussões que realizamos no primeiro capítulo acerca das diversas propostas para a análise das interações verbo-imagéticas, cujos autores proponentes jogam luz a distintos aspectos das interações, procederemos primeiro neste capítulo a reflexões sobre o *layout* sobre o qual a interação se desenvolve. Essas reflexões tornam-se necessárias, na medida em que, ao propormos um sistema que assume um nível de análise micro, em termos de TRANSITIVIDADE, precisamos delimitar o escopo de atuação do sistema em relação (i) aos **níveis de visualidade** dos textos produzidos, distribuídos e consumidos em mídias digitais; (ii) à constituição de **unidades informacionais**; assim como (iii) aos **constrangimentos das plataformas** por meio das quais os textos são distribuídos e consumidos.

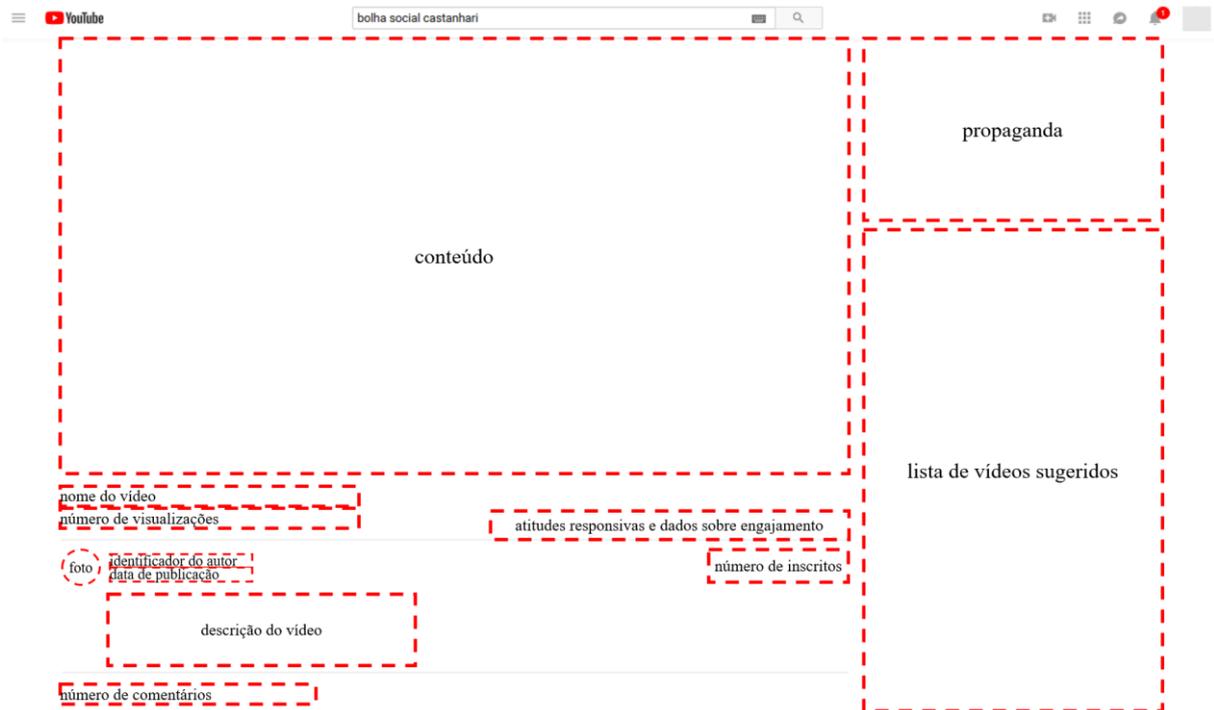
Para essas reflexões, sairemos do nível do sistema de TRANSITIVIDADE – que assumimos como categoria de análise de nosso sistema de COESÃO VERBO-IMAGÉTICA – e partiremos para questões de ordem mais textual/composicional, uma vez que articularemos aspectos de *layout* a partir do sistema de VALOR INFORMACIONAL, de Kong (2007), assim como a discussão de Unsworth (2006) em relação a gêneros discursivos, bem como aspectos que Royce (2007) aborda pelo fato de assumir, para sua proposta, textos multimodais delimitados por páginas. Com isso, buscamos desenvolver um afunilamento do texto multimodal de mídias digitais, de modo a delimitarmos o escopo de atuação do sistema de COESÃO VERBO-IMAGÉTICA.

2.1 Discutindo aspectos de *layout*: os Níveis de Visualidade

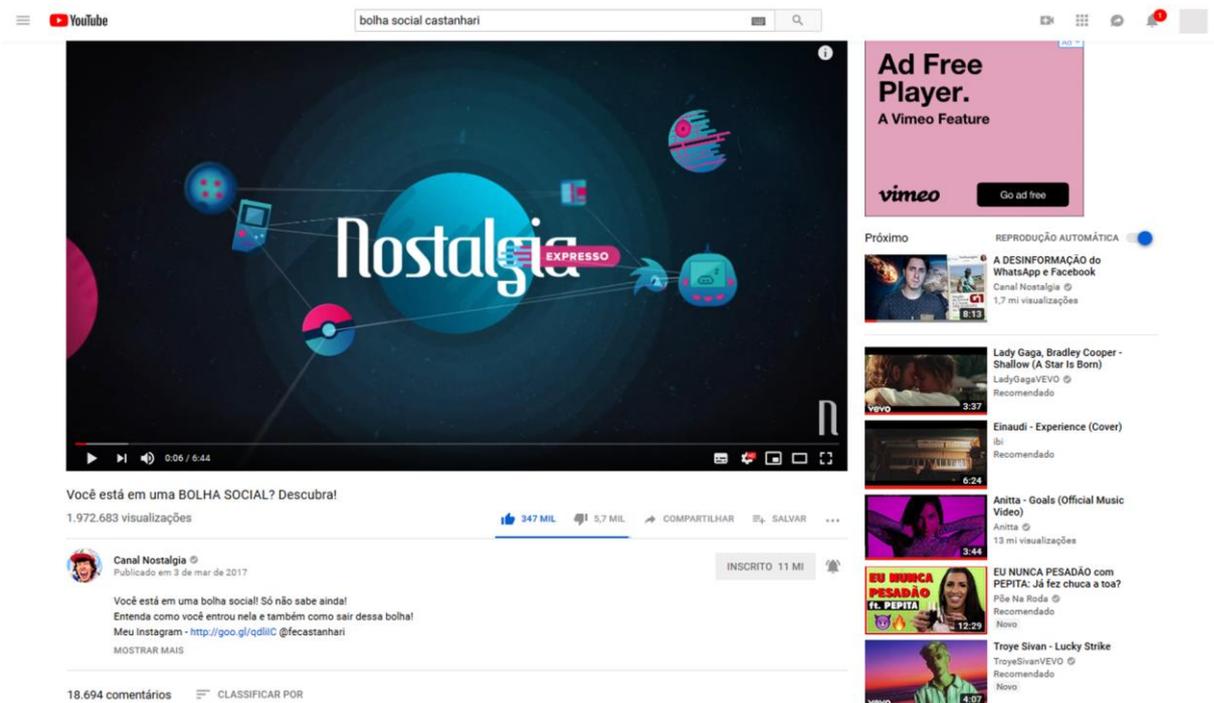
Dos aspectos apontados por Unsworth (2006), retomamos agora a discussão sobre os níveis de visualidade que cada gênero pode apresentar. Para depreender as unidades visuais de textos distribuídos em mídias digitais, partimos de uma articulação do sistema de VALOR INFORMACIONAL de Kong (2006) com as noções de **Figura e Fundo**, debatidas no âmbito da Linguística Cognitiva.

Como discutimos na seção 1.3, o sistema de VALOR INFORMACIONAL toma como unidade informacional o *layout* do gênero, isto é, a disposição de elementos em termos de centralidade e marginalidade na página ou na tela. Assumir que as várias regiões das páginas – ou tela, no caso dos vídeos – apresentam valores informacionais específicos torna possível hipotetizar um nível zero de visualidade que estruturaria todo gênero que requisita um suporte material para o consumo. Esse nível zero de visualidade corresponde ao **plano esquemático** discutido na seção 1.1, que diz respeito ao *layout* de distribuição de recursos multimodais no suporte enquanto Tipos, ou seja, à consolidação de espaços/regiões especializados/as para abarcar determinados conteúdos. Em eventos sociossemióticos nos quais textos são produzidos, essas regiões tipificadas são preenchidas por elementos específicos, sejam verbais, sejam visuais, que configuram o **plano funcional-instancial**. Apresentamos no quadro 2.1-1 a seguir um exemplo desse processo de identificação de constituintes e de instanciação de elementos. Na parte superior, as regiões especializadas da tela são destacadas por meio de caixas com bordas vermelhas; essa representação indica o nível zero de visualidade da tela de consumo de vídeos no YouTube enquanto esquema. Na parte inferior do quadro, apresentamos as regiões do nível zero de visualidade instanciados por elementos que marcam o evento sociossemiótico.

Quadro 2.1-1 – Tela de consumo de vídeo no YouTube
Nível zero – esquema



Nível zero – instanciado



Fonte: Castanhari (2017a).

O nível zero de visualidade da tela de consumo de vídeos no YouTube apresenta elementos de naturezas diversas, mas que podem ser agrupados em quatro grupos: i. elementos identificadores (Canal em que o vídeo foi publicado, autor, data e horário de publicação); ii.

indicadores de atitudes responsivas (ações de curtir, descurtir, comentar, compartilhar, salvar, bem como indicações do total de engajamento, em termos de números de curtidas e comentários); iii. conteúdo propriamente dito (vídeo, alvo do consumo dos usuários); iv. conteúdo relacionado (propaganda, vídeos que a plataforma sugere, assim como comentários⁹¹).

Agrupamos tais elementos – embora sejam dispostos separadamente na tela – por concebermos que guardam semelhança no que tange às informações a que os usuários podem ter acesso. Referimo-nos tanto aos elementos identificadores, quanto aos elementos indicadores de atitudes responsivas (MODOLO, 2018) como informações relativas a Pistas Sociais (BAYM, 2010). Baym (2010), que realiza estudos sobre a constituição de plataformas digitais no âmbito da Antropologia Digital, concebe que é típico que as plataformas forneçam “informações adicionais sobre contexto, o significado de mensagens e a identidade dos interlocutores”⁹² (BAYM, 2010, p. 9, colchete nosso). Desse modo, um primeiro bloco de áreas específicas diria respeito às informações contextuais e às ações possibilitadas aos consumidores dos textos. Outro bloco de áreas específicas seria o de conteúdo relacionado, que englobaria tanto vídeos sugeridos pela plataforma, quanto propagandas. Esses dois blocos, contudo, são articulados pelo fato de consistirem ambos em um fundo para o vídeo, que consiste no conteúdo propriamente dito, alvo do consumo dos usuários.

Desse modo, podemos delimitar dois níveis de visualidade, que definem regiões no âmbito do nível zero:

0. **Nível zero:** diz respeito à esquematização de espaços, na tela, reservados para a disponibilização das pistas sociais e do conteúdo propriamente dito.
1. **Primeiro nível:** diz respeito à instanciação de elementos periféricos: por um lado, informações de pistas sociais (elementos identificadores e indicadores de atitudes responsivas), e, por outro lado, conteúdo relacionado (propaganda e vídeos sugeridos).
2. **Segundo nível:** diz respeito à instanciação do conteúdo propriamente dito: o vídeo.

Definimos os níveis partindo das noções de **Figura** e **Fundo**, discutidas no âmbito da Gestalt e da Linguística Cognitiva (LANGACKER, 2008; TENUTA; LEPESQUER, 2011; GONÇALVES-SEGUNDO, 2017) e reenquadradas à luz da Gramática do Design Visual (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006; NASCIMENTO; BEZERRA; HEBERLE, 2011).

⁹¹ Comentários são dispostos, em termos de *layout* em uma tela distinta à do consumo do vídeo. Para ter acesso aos comentários, o usuário deve proceder a uma rolagem de tela. Nesse processo, ao ter acesso aos comentários, o usuário deixa de ter na mesma tela a região reservada ao vídeo propriamente dito.

⁹² No original: “*social cues* that are available to provide further information regarding context, the meanings of messaged, and the identities of the people interacting” (BAYM, 2010, p. 9, itálico da autora).

No paradigma cognitivista, compreende-se **Figura** como

o elemento da realidade que é enfocado, que se torna saliente em face de um entorno, em geral, mais (localmente) homogêneo — o **Fundo** — contra o qual ele contrasta. [...] [T]rata-se de uma relação de interdependência, na medida em que só existe Figura em face de um Fundo. Nesse sentido, a **Figura** torna-se foco primário de atenção (GONÇALVES-SEGUNDO, 2017, p. 88-89, negrito e colchete nosso).

Em termos da Gramática do Design Visual (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006; NASCIMENTO; BEZERRA; HEBERLE, 2011), esse aspecto corresponderia ao potencial de a **Figura** atrair atenção “por seu tamanho, sua posição no plano visual, sua sobreposição em relação a outros elementos imagéticos, sua cor e tonalidade, sua nitidez ou definição, dentre outros” (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 210).

Aplicando essas noções aos constituintes do nível zero de visualidade, podemos compreender que em tela de consumo de vídeo, elementos de conteúdo relacionado e de pistas sociais consistem em um **Fundo**, sob o qual o vídeo, enquanto alvo do consumo dos usuários, se torna foco primário de atenção, ou seja, **Figura**.

Como discutimos anteriormente, integram o primeiro nível de visualidade tanto elementos de pistas sociais (elementos identificadores e indicadores de atitudes responsiva), quanto conteúdos relacionados ao vídeo (comentários, propagandas e vídeos sugeridos). Embora estejam englobados em um mesmo nível de visualidade, compreendemos que tais elementos podem apresentar distintos graus de *backgrounding*, ou seja, não se deve pensar em **Fundo** como uma categoria discreta, mas como uma categoria gradiente de direcionamento de atenção. Para isso, partimos de uma noção de radialidade: concebemos que elementos de pistas sociais tendem a apresentar um grau menor de Fundo em face de elementos de conteúdos relacionados e de comentários pelo fato de estar radialmente mais próximos ao alvo do consumo, o vídeo. Conteúdos relacionados e comentários estão mais periféricamente localizados, em relação ao vídeo, de modo que parecem consistir em elementos com mais traços de Fundo, ou seja, com menor captação de atenção.

Destacamos que as noções de Figura e Fundo não coincidem com a ordem de leitura ou o foco de leitura. Como exploraremos mais adiante, há contextos em que um nível de visualidade é composto por elementos de distintas modalidades (verbal e imagética). Nesses casos, ambos os elementos podem atuar como Figura, simultaneamente, embora determinados elementos possam configurar-se como foco local de leitura. Com isso, buscamos desarticular a noção de foco com a de Figura. Para elementos verbais e imagéticos atuarem como Figura

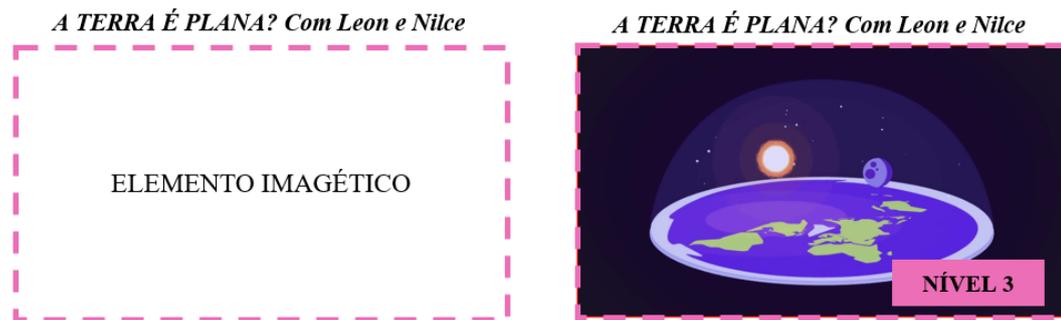
conjuntamente, ambos precisam ser articulados para que a reconstrução do significado seja alcançada.

Um exemplo desse processo seria o vídeo propriamente dito. Em vídeos, co-ocorrem elementos visuais e verbais (seja em seu meio fônico, seja em seu meio gráfico), que são articulados de modo a construir uma significação. Nesse processo, tais elementos podem atuar ambos como Figura, embora possa, cada um, serem foco da leitura/visualização dos usuários em determinados momentos do vídeo.

Ao considerarmos que vídeos em que há um enunciador localizado em um espaço e que podem ou não ser construídos elementos imagéticos locais na tela, podemos aplicar também no âmbito do vídeo propriamente dito uma análise dos níveis de visualidade. Apresentamos no quadro 2.1-2 a seguir exemplos de vídeos; à esquerda, apresentamos a reconstrução do nível zero de visualidade de cada exemplo, e, à direita, apresentamos a instanciação em três níveis de visualidade.

Quadro 2.1-2 – Exemplos de níveis de visualidade em vídeos

<p><i>Você está em uma BOLHA SOCIAL? Descubra!</i></p> <p>CENÁRIO</p> <p>YOUTUBER</p> <p>ELEMENTO IMAGÉTICO</p>	<p><i>Você está em uma BOLHA SOCIAL? Descubra!</i></p> <p>NÍVEL 1</p> <p>NÍVEL 2</p> <p>NÍVEL 3</p> 
<p><i>A TERRA É PLANA? Com Leon e Nilce</i></p> <p>CENÁRIO</p> <p>YOUTUBERS</p> <p>ELEMENTO IMAGÉTICO</p> <p>ELEMENTO IMAGÉTICO</p>	<p><i>A TERRA É PLANA? Com Leon e Nilce</i></p> <p>NÍVEL 1</p> <p>NÍVEL 2</p> <p>NÍVEL 3</p> 
<p><i>FIM DO YOUTUBE E DO CANAL NOSTALGIA</i></p> <p>YOUTUBER</p> <p>ELEMENTO IMAGÉTICO</p> <p>CENÁRIO</p>	<p><i>FIM DO YOUTUBE E DO CANAL NOSTALGIA</i></p> <p>NÍVEL 2</p> <p>NÍVEL 3</p> <p>NÍVEL 1</p> 



Fonte: vídeos: Castanhari (2017a; 2017b; 2018); análises: elaboração própria.

Aplicando as noções de Figura e Fundo aos constituintes do nível zero de visualidade de vídeos, podemos compreender que, em vídeos, o cenário consiste no **Fundo**, sob o qual o *youtuber* se torna foco primário de atenção, ou seja, **Figura**. Considerando, também, os elementos imagéticos dos vídeos, que são construídos de forma local, podemos propor três níveis de visualidade – enquadrados nos constituintes do nível zero de vídeos –, envolvendo cenário, *youtuber* e elementos imagéticos. Os três níveis podem ser definidos pela articulação que estabelecem com os outros níveis:

1. **Primeiro nível:** cenário base do vídeo, que corresponde ao **Fundo**.
2. **Segundo nível:** enunciador, prototipicamente o *youtuber*, que envolve gestualidade e expressão facial (outras modalidades de linguagem englobadas no visual), e que corresponde à **Figura** em relação ao primeiro nível.
3. **Terceiro nível:** elementos tipográficos e/ou imagéticos que exercem localmente a função de **Figura**, ocupando a tela de forma parcial ou integral, permitindo uma interação direta ou indireta da parte do enunciador.

Realizamos as identificações dos níveis de visualidade, pelo fato de esses três elementos – cenário, enunciador e elementos imagéticos – estarem englobados em uma categoria de elementos visuais. A identificação dos níveis é válida pelo fato de elementos visuais de naturezas distintas requererem abordagens distintas: não podemos aplicar determinadas categorias de análise para a interação que ocorre entre elementos verbais fônicos (fala) e gestualidade do mesmo modo como aplicaríamos para uma interação que ocorre entre elementos verbais fônicos e elementos imagéticos que são construídos de forma local na tela. Em relação à gestualidade, a interação ocorreria ao longo de todo o vídeo, enquanto o enunciador é apresentado na tela; já em relação aos elementos imagéticos de construção local, a interação ocorreria em momentos específicos, com uma delimitação muito mais clara em termos de tempo. Com isso, buscamos especificar campos no âmbito da visualidade, uma vez

que concebemos que o termo interação verbo-visual apresenta pouca especificidade sobre a natureza dos elementos visuais que estão sendo analisados em relação ao elemento verbal.

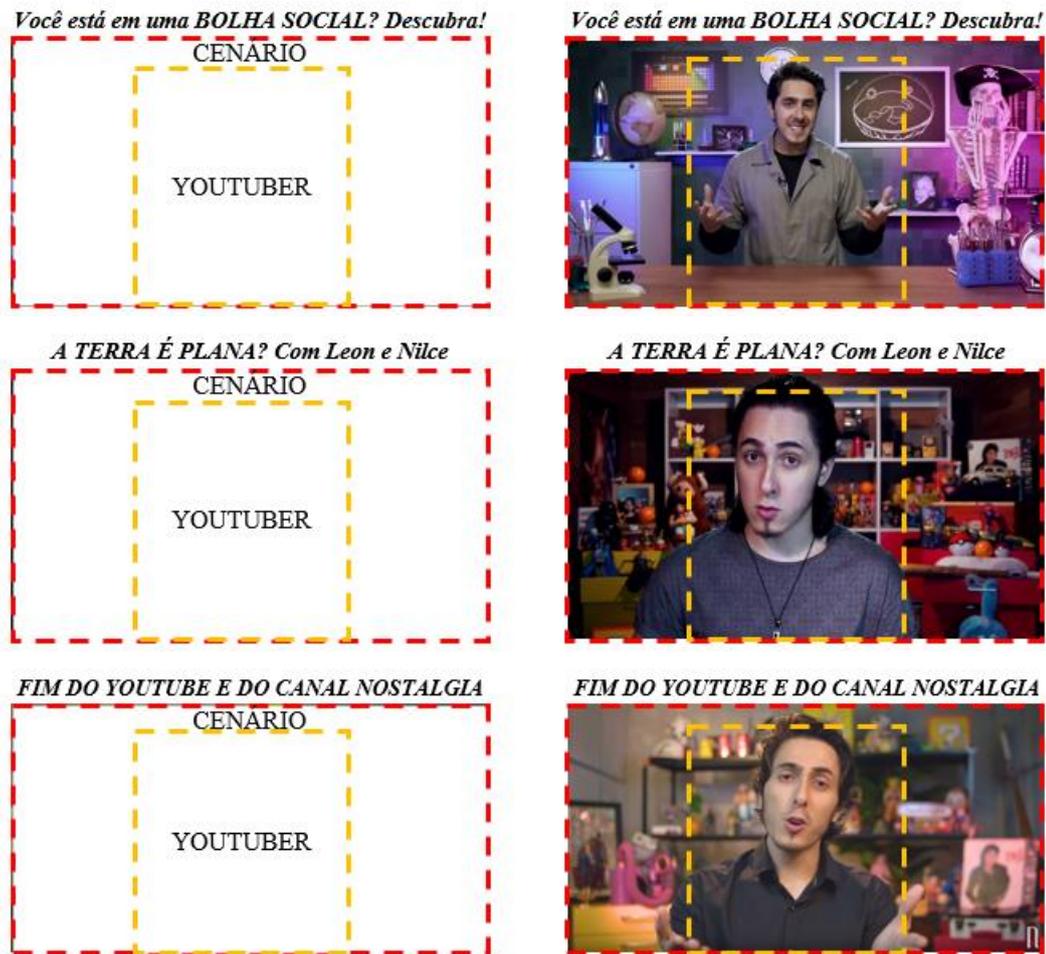
Desse modo, indicamos que, nesta pesquisa, no que tange a vídeos, nos voltamos aos elementos do terceiro nível de visualidade, os quais denominamos imagéticos, que compõem uma unidade informacional local, de menor extensão, que permitem, de modo geral, a realização de uma análise micro. Assim, não abordamos, nas reflexões que envolvem o sistema de COESÃO VERBO-IMAGÉTICA, o cenário e o enunciador (considerando suas expressões faciais e gestualidade), respectivamente primeiro e segundo níveis de visualidade de vídeos, pelo fato de consistirem em outras modalidades de linguagem.

Em relação aos elementos imagéticos, compreendemos que exercem localmente a função de Figura, por um lado, por serem construídos à frente do(s) *youtuber(s)*, como nas duas primeiras telas, e, por outro, por deslocar o *youtuber* de forma a ser reenquadrado para dividir o espaço da tela com o elemento imagéticos, como na terceira tela. Por fim, elementos imagéticos também preenchem a tela de forma integral, como na quarta tela, o que poderia levar a se configurar como primeiro nível. Entretanto, essa construção, assim como a os demais elementos imagéticos, ocorre de forma local, delimitando, dessa forma, uma unidade informacional local⁹³, em relação ao primeiro e ao segundo níveis. Assim, a função de Figura em relação a elementos visuais, no caso de vídeos do YouTube, está diretamente relacionada à construção local dos elementos diante do vídeo todo. Ressaltamos que a função de Figura desses elementos é exercida conjuntamente aos elementos verbais (fônicos ou gráficos) que são enunciados simultaneamente.

Outro aspecto que indica que elementos imagéticos consistem em Figura é o fato de a construção de um desses elementos implicar na movimentação do enunciador na tela. Contrapondo a localização do(s) enunciador(res) nas telas do quadro 2.1-2, em que são construídos elementos imagéticos, com a localização do enunciador nas telas do quadro 2.1-3 a seguir, identificamos que o(s) enunciador(es) são movidos para as margens, de modo que passam a dividir a tela com os elementos imagéticos. Por causarem tal mudança, tais elementos acabam por consistir no foco de atenção dos leitores/visualizadores do vídeo, atribuindo ao enunciador e ao cenário a função de Fundo.

⁹³ Utilizamos a expressão “unidade informacional local” enquanto termo técnico. Abordaremos a noção mais adiante.

Quadro 2.1-3 – Exemplo dos primeiro e segundo níveis de visualidade de vídeos



Fonte: vídeos: Castanhari (2017a; 2017b; 2018); análises: elaboração própria.

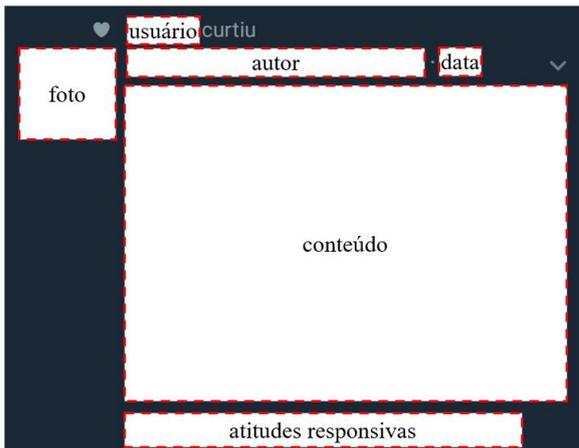
Essas reflexões que desenvolvemos – sobre plano esquemático, plano funcional- instancial, níveis de visualidade e Figura-Fundo – também podem ser aplicadas a outras plataformas, como o Twitter e o Instagram, que apresentam distintas centralidades em relação às modalidades verbal e imagética. A diferença entre os textos produzidos para as três plataformas se apresentaria, primeiro, em dois aspectos: (i) a quantidade de níveis de visualidade e (ii) a questão local dos elementos imagéticos.

Embora o YouTube conceba a visualidade como inerente aos textos distribuídos e consumidos em sua plataforma, uma investigação sobre a interação entre o verbal e o imagético circunscreve-se à ocorrência de elementos do terceiro nível de visualidade que identificamos. Os vídeos, contudo, apresentam-se como um contexto bastante propício para investigações sobre as modalidades de linguagem gestual e de expressão facial, seja de forma autônoma, seja em interação ao verbal. Esse aspecto pode não ter tão produtivo em *tweets* – textos distribuídos e consumidos no Twitter –, que apresentam menor índice de ocorrência de vídeos autorais nos perfis. O Twitter apresenta-se como um contexto mais propício para a investigação sobre a

interação entre o verbal e o imagético, uma vez que os textos são produzidos com um limite de caracteres (modalidade verbal) que são dispostos em imediata e conjunta associação com o(s) elemento(s) imagético(s) postado(s). Apresentamos a seguir as disposições mais frequentes de *tweets*.

Quadro 2.1-4 – Disposições de elementos verbais e imagéticos em *tweets*

(1)



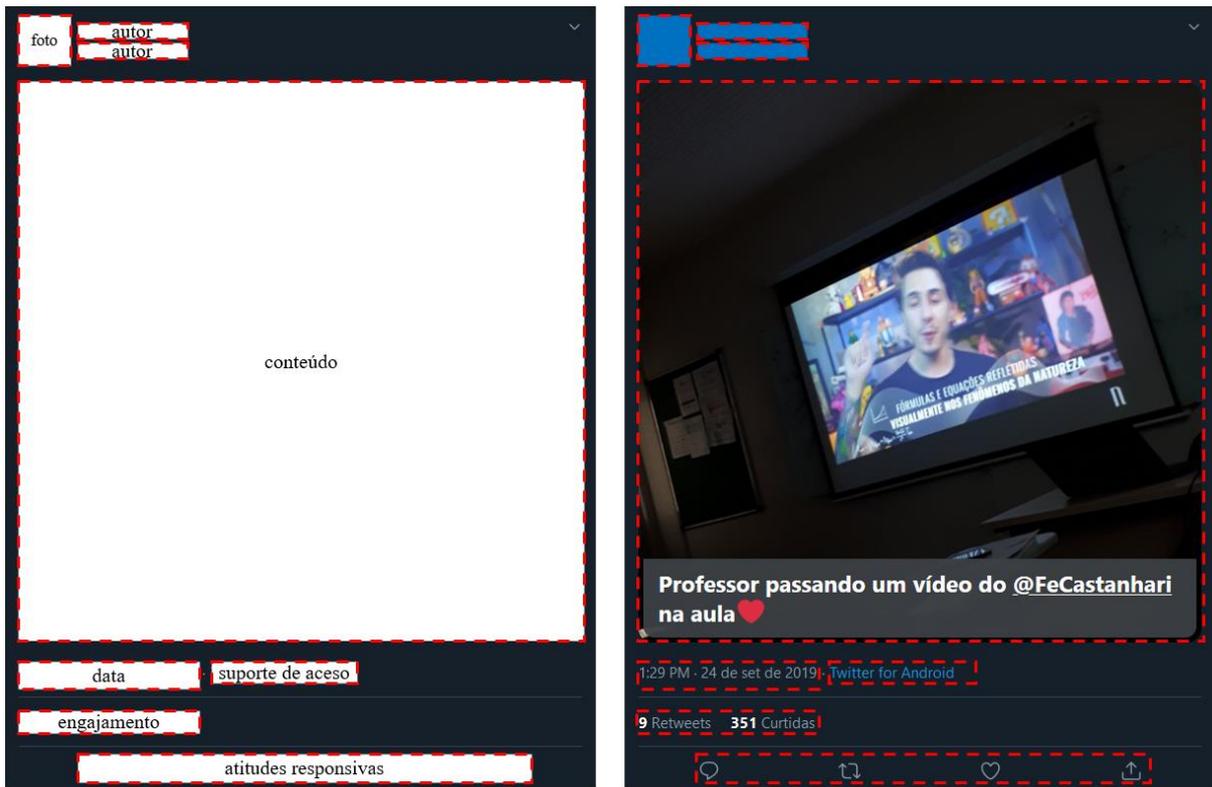
Fonte: *post* da plataforma Twitter. Disponível em: <http://bit.ly/2DG6KNY>

(2)



Fonte: *post* da plataforma Twitter. Disponível em: <https://twitter.com/DicasEstalinho/status/1117516728018329602>

(3)



Fonte: post da plataforma Twitter. Disponível em: <http://bit.ly/2Rdexe7>

Podemos identificar nos exemplos a consolidação dos espaços em *tweets*: foto e identificação do autor do *post* localizam-se na parte superior esquerda do *tweet*; data e horário de postagem localizam-se ora ao lado do nome (exemplo 1), ora abaixo do conteúdo do *tweet* (exemplos 2 e 3); elementos de atitudes responsivas e informações sobre o engajamento localizam-se na parte inferior; o conteúdo do *tweet* localiza-se na região central e apresenta distintas configurações.

Em (1), o conteúdo é distribuído espacialmente de modo que o elemento verbal é apresentado acima do elemento imagético que, embora ocupe uma área maior que a do elemento verbal, aparentemente está subordinado ao primeiro. Em (2), a relação de subordinação é alterada, na medida em que o *tweet* é composto por apenas um elemento, que é imagético; esse elemento, contudo, apresenta elementos verbais em sua composição – *ameaça comunista* e *militares* que são Identificados⁹⁴ a <bota> e a <criança>⁹⁵. Assim como em (1), em (3) são construídos elementos verbais e imagéticos, mas em uma relação distinta à do exemplo (1),

⁹⁴ Utilizamos Identificação enquanto termo técnico de nosso sistema de COESÃO VERBO-IMAGÉTICA. Por ora, não exploramos a questão; procederemos à análise coesiva do exemplo (2) na seção seguinte, ao tratarmos da correspondência estrutural de Identificação.

⁹⁵ Adotamos representações gráficas para a apresentação dos elementos verbais e imagéticos. Representamos elementos verbais em itálico (como em *ameaça comunista* e *militares*) e elementos imagéticos entre colchetes angulares (< e >) (como em <bota> e <criança>).

uma vez que o elemento imagético, além de também ocupar uma área maior que a do elemento verbal, é disposto espacialmente acima e atrás do elemento verbal, que é construído por meio de um balão de fundo cinza na parte inferior do elemento imagético.

Diante desses exemplos, podemos identificar que *tweets* apresentam dois blocos de áreas específicas: um mais típico e padronizado, que diz respeito às informações de pistas sociais dos textos, de engajamento, assim como os elementos de atitudes responsivas. Já o segundo bloco diz respeito ao conteúdo propriamente dito do *tweet*, que, como identificamos, apresenta um menor grau de engessamento em relação ao *layout*⁹⁶. A isso se soma o fato de não podermos determinar uma modalidade como a dominante nos textos da plataforma; a relação de dominância é definida texto a texto, muito provavelmente, com influência de fatores genéricos. No Twitter, o desenvolvimento informacional pode se dar majoritariamente pela modalidade verbal ou pela imagética. Embora uma modalidade consista na dominante na interação (seja a verbal, seja a imagética), em *tweets* tantos os elementos verbais, quanto os imagéticos construídos no âmbito do conteúdo do *tweet* exercem a função de Figura, na medida em que se articulam para a construção conjunta da significação.

Desse modo, podemos definir dois níveis de visualidade em relação a *tweets*. Tais níveis estariam contidos no nível zero:

0. **Nível zero:** elementos de pistas sociais e conteúdo do *tweet* (em termos esquemáticos).
1. **Primeiro nível:** consiste nos elementos imagéticos e tipográficos que instanciam as regiões típicas das pistas sociais; atua como Fundo primário.
2. **Segundo nível:** consiste no conteúdo do *tweet* propriamente dito; atua como Figura, por consistir no alvo do consumo dos usuários.

Diferentemente do YouTube, o Twitter parece operar com dois níveis de visualidade sem que o nível do conteúdo propriamente dito disponha intrinsecamente de níveis internos. No YouTube, como vimos, a modalidade verbal é recrutada tipicamente em seu meio fônico/falado, de modo que a análise dos níveis de visualidade não engloba necessariamente elementos estritamente verbais. Em *tweets*, por outro lado, o verbal apresenta uma dimensão visual por ser construído em seu meio gráfico. Nessa dinâmica, em que elementos verbais e imagéticos são construídos visualmente, a plataforma estabelece uma dupla figuração entre elementos. Nesse sentido, o segundo nível de visualidade em *tweets* corresponde aos elementos

⁹⁶ Embora não tenhamos apresentado, é típica também a construção de tweets apenas com elemento verbal, como no exemplo (2). Não apresentamos *tweets* compostos apenas por elementos verbais por fugir do escopo da investigação: interação verbo-imagética.

verbais e imagéticos construídos no âmbito do conteúdo, em casos de *tweet* multimodais; em *tweets* monomodais – seja apenas verbal, seja apenas imagético –, estabelece-se uma figuração única.

Embora *tweets* apresentem apenas dois níveis de visualidade, é possível que o elemento imagético, a depender de sua natureza, apresente uma dinâmica de Figura-Fundo. Um exemplo seria o texto 2, no qual o segundo plano da imagem (o chão) consistiria no Fundo, enquanto a criança e a bota exerceriam a função de Figura, pelo fato de consistirem no foco da construção do significado. De modo análogo, em (3), a cena do vídeo que está sendo projetado parece consistir na Figura, enquanto os elementos mais marginais da foto – como o quadro de avisos à esquerda e o notebook na parte inferior – consistiriam em um Fundo, que contextualizaria o consumo do vídeo projetado. Embora consistam em um Fundo, tais elementos apresentam articulação com o elemento verbal em termos de coesão, uma vez que consistem em uma Reiteração da circunstância verbal *na aula*.

Outra plataforma que apresenta uma dinâmica própria de níveis de visualidade é o Instagram. O Instagram consiste em uma mídia digital que assume o visual como o centro do conteúdo que é produzido, aspecto que é evidenciado pelas práticas possibilitadas pela plataforma – *Story*, *Feed* de Notícias e *IGTV* –, assim como pela disposição dos elementos imagéticos e verbais no *layout* da plataforma. Uma vez que as práticas possibilitadas se diferem quanto às suas constituições, realizaremos as reflexões sobre cada uma delas, buscando encontrar pontos em comum, haja vista pertencerem à mesma plataforma.

Em *posts* em *feed* de notícias, o elemento imagético ocupa uma área consideravelmente maior que a do verbal, que é disposto abaixo do imagético, de modo que atua como uma legenda. Assim como no Twitter, o *layout* dos textos apresenta elementos de pistas sociais – identificação do perfil por meio do qual o conteúdo foi postado e dos perfis que deram *likes* no *post*, assim como atitudes responsivas e informações sobre engajamento. Esses elementos são dispostos abaixo do elemento imagético, juntamente do elemento verbal (legenda). Apresentamos um exemplo, retirado do perfil da artista brasileira Pabllo Vittar, no quadro 2.1-5 a seguir.

Quadro 2.1-5 – Disposições de elementos verbais e imagéticos em *posts* do Instagram



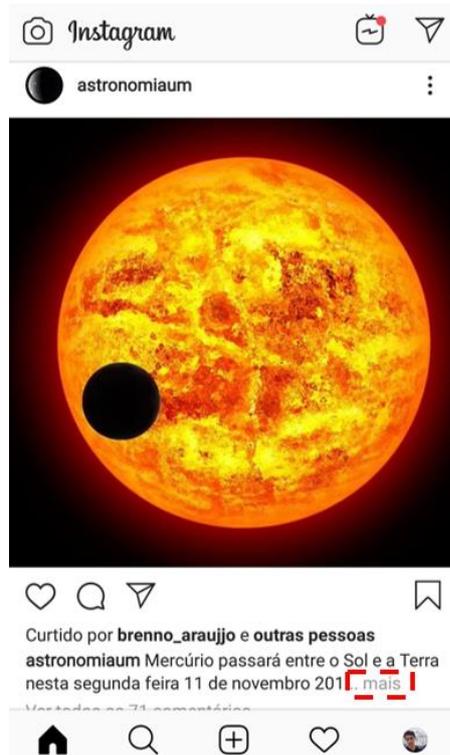
Fonte: *post* de @pablovittar no Instagram. Acesso em: 21 set. 2019. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B2eS5URg8kH/>

No exemplo, podemos identificar que, diferente de como ocorre no Twitter, o conteúdo do *post* no Instagram é permeado por informações contextuais. O elemento imagético e o verbal que definem uma interação e compõem uma unidade informacional são permeados por uma linha na qual são dispostos alguns dos usuários que assumiram uma atitude responsiva diante do *post* e realizaram a ação de ‘curtir’/dar *like* no *post*. Entre o elemento verbal e o imagético localiza-se, também, a identificação do produtor do *post*, que é destacado em negrito. Embora essas informações localizem-se entre os elementos que compõem o conteúdo do *post*, acabam por atuar como Fundo, na medida em que, assim como no Twitter, consistem em regiões que são esperadas pelos usuários para conter informações contextuais, que, a menos que a atenção seja direcionada a eles, não atuam de forma a compor conjuntamente a mensagem que o conteúdo propriamente dito do *post* constrói.

Além da disposição espacial dos elementos que compõem o conteúdo do *post* centralizar a dominância na modalidade imagética – representação estrutural do exemplo; à esquerda –, é possível identificar uma Estratégia da plataforma para o direcionamento da atenção dos usuários para o elemento imagético em detrimento do verbal. A Estratégia consiste em omitir uma parte

do elemento verbal, de modo que ocupe menor espaço na tela, o que acaba por diminuir a saliência e a possibilidade de um usuário voltar a atenção para esse elemento. A leitura do elemento verbal fica dependente, portanto, de o usuário acionar o botão “mais” ao final da legenda cortada, como apresentamos na figura 2.1-1 a seguir.

Figura 2.1-1 – Possibilidade de leitura de elementos verbais em *post* do Instagram



Fonte: *post* de @astronomiaum no Instagram. Acesso em: 12 nov. 2019. Disponível em:

<https://www.instagram.com/p/B4tZou9HW7S/>

Utilizamos Estratégia enquanto termo técnico, proposto por De Certeau (1984) e rediscutido por Manovich (2009) no âmbito dos estudos de Antropologia Digital. Estratégias são compreendidas como ações “utilizadas por instituições e estruturas de poder” (MANOVICH, 2009, p. 322) na criação de recursos a fim de constranger as interações a desenvolverem-se da forma esperada dentro da plataforma. Estratégias são articuladas a Táticas, que são compreendidas como as atividades realizadas por indivíduos – usuários das plataformas –, o que os permite “trabalhar sobre as coisas de modo a fazer delas suas, ou para fazê-las habitáveis” (MANOVICH, 2009, p. 322). Táticas, assim, seriam “os modos pelos quais os indivíduos negociam estratégias que lhes foram colocadas” (MANOVICH, 2009, p. 322). Enquanto Táticas resultam da agência individual dos usuários – ou seja, resultam da relativa liberdade dos usuários quanto às condições disponíveis para Produção, Distribuição, Consumo e Interpretação (GONÇALVES-SEGUNDO, 2018) de textos –, Estratégias correspondem ao nível da estruturação, às coerções que constroem os atores sociais quanto à sua agentividade,

uma vez que estariam “engajadas no trabalho de sistematização, de imposição de ordem”. Assim, aplicando os conceitos ao caso discutido do Instagram, omitir uma parte do elemento verbal – deixando a possibilidade de acesso por meio do botão “mais” (figura 2.1-1) – consiste em uma Estratégia da plataforma de constranger o modo de leitura dos *posts*, por parte dos usuários, a assumir o elemento imagético como Figura e o verbal como Fundo. Esse processo parece justificar a associação espacial do elemento verbal com elementos da ordem de informações contextuais que discutimos anteriormente. Contudo, o elemento verbal pode acabar assumindo um papel de Figura na medida em que produtor constrói o elemento imagético visando a direcionar a atenção do leitor para o elemento verbal associado. Essa ação consiste em uma Tática assumida pelo produtor para reverter um constrangimento da plataforma. Assim, por meio de relativa liberdade do produtor na construção de seu texto/*post*, o elemento imagético pode assumir localmente uma função de Fundo para o elemento verbal, que passa a consistir em Figura.

Embora se estabeleça uma relação de Figura e Fundo entre elementos imagéticos e verbais, respectivamente, ressaltamos que ambos consistem nos elementos que são articulados para a definir uma relação verbo-imagética. Em conjunção, os elementos exercem uma função de Figura em relação aos elementos de pistas sociais. Desse modo, *posts* em *feed* de notícia do Instagram estabelece, assim como o YouTube e o Twitter, dois níveis de visualidade, um que se volta aos elementos de pistas sociais, e outro que se volta ao conteúdo propriamente dito. O segundo nível, por sua vez, estabelece uma relação de Figura e Fundo entre os elementos imagéticos e verbais, respectivamente, dada a centralidade do imagético direcionada pela própria plataforma, mas sem que haja uma definição de dois níveis de visualidade. Os elementos não estabelecem dois níveis de visualidade internos pelo fato de definirem uma única unidade informacional entre si, que é manifestada pela articulação desses elementos na interação verbo-imagética. Para que sejam estabelecidos novos níveis de visualidade, é necessário que constem elementos (verbais ou imagéticos) que atuem como Fundo para que outros elementos verbais gráficos e imagéticos, de forma articulada, construam significados ideacionais entre si. Assim, embora partamos das noções de Figura e Fundo, não compreendemos que haja uma relação direta entre a existência de uma Figura e um Fundo com a existência de dois níveis de visualidade. Compreendemos Nível de Visualidade como uma categoria de agrupamento de elementos com dimensão visual que apresentam relevância em termos ideacionais para a construção do significado. Considerando a investigação verbo-imagética em textos em que elementos imagéticos e verbais apresentam dimensão visual, um nível é composto por elementos das duas modalidades que são articulados diretamente para a construção de um

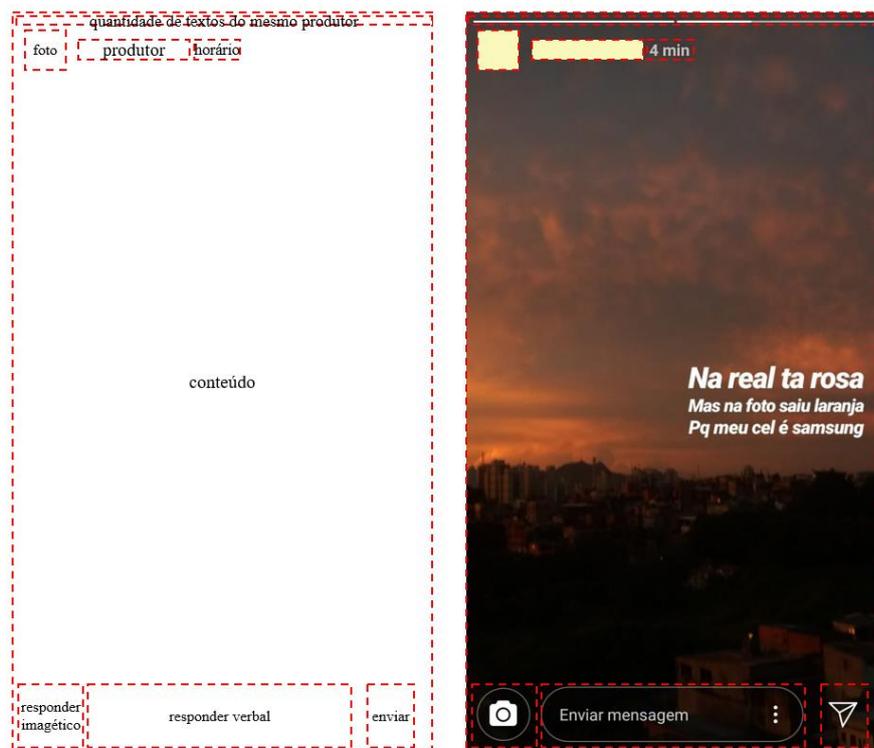
significado ideacional. Nesse sentido, em *posts* de *feed* de notícias do Instagram, embora estabeleça uma relação de Figura e Fundo entre elementos imagéticos e verbais, ambos os elementos articulam-se para a construção de um significado, o que nos leva a incluir os dois elementos como componentes de um mesmo nível de visualidade.

Em suma, *posts* de *feed* de notícias do Instagram apresentam a seguinte dinâmica de níveis de visualidade no âmbito do nível zero:

0. **Nível zero:** elementos de pistas sociais e conteúdo do *post* (em termos esquemáticos).
1. **Primeiro nível:** consiste nos elementos imagéticos e tipográficos que instanciam as regiões típicas das pistas sociais; atuam como Fundo primário.
2. **Segundo nível:** consiste no elemento tipográfico e/ou imagéticos que compõem o elemento imagético e o elemento verbal/legenda do *post*. Não ocorre uma dupla figuração, na medida em que o elemento imagético exerce a função de Figura, enquanto o verbal exerce a função de Fundo.

Outra modalidade de publicação de textos no Instagram é o *Story*. Apresentamos no quadro 2.1-6 a seguir um exemplo.

Quadro 2.1-6 – Disposições de elementos verbais e imagéticos em *Story* do Instagram



Fonte: *story* distribuído no Instagram. Acesso em: 17 fev. 2019. Disponível em: *não recuperável*⁹⁷.

⁹⁷ *Stories* apresentam um armazenamento atípico em relação a textos produzidos para/na internet. Enquanto textos distribuídos na internet são armazenados de modo que podem ser consumidos tardiamente (BAYM, 2010), *stories*

Story consiste em uma modalidade de postagem de conteúdo que permite o acesso dos usuários por um tempo máximo de 24 horas. Após esse período, apenas o produtor do *story* tem acesso ao texto. Além da brevidade no consumo, *Story* se diferencia de *post no feed* de notícias pelo fato de ser disposto espacialmente de modo a preencher completamente a tela do smartphone. Tipicamente, o elemento imagético do *Story* ocupa a área total da tela, como no exemplo do quadro 2.1-5, constringendo o elemento verbal a ser disposto em sobreposição a alguma parte. Esse *layout* assemelha-se, em parte, ao exemplo (3) do Twitter.

Assim como em *posts* do *feed* de notícias, *Story* também apresenta elementos de ordem estrutural, ou seja, informações contextuais, como autor e horários de postagem, e recursos interacionais, como as atitudes responsivas. Os elementos são dispostos na parte superior e inferior. Na parte superior, constam informações sobre o produtor – foto e nome identificador na plataforma (@XXXX) –, sobre o tempo em que o texto está disponível (ao lado do nome identificador), assim como a quantidade de *stories* que o mesmo produtor tem disponível (indicada pela quantidade de segmentos de reta que compõem a barra superior). Na parte inferior, são dispostas atitudes responsivas que os leitores do texto podem assumir diante do texto: à esquerda, responder ao *story* com um outro texto visual; ao centro, responder com um texto verbal; e à direita enviar o *story* a outro usuário. Esses elementos são de ordem estrutural, de modo que são esperados pelos usuários a ocuparem esses espaços. Por consistirem em elementos de ordem contextuais e interacionais, e por serem apresentados em tonalidades de cinza e espessuras finas, exercem a função de Fundo, embora estejam em sobreposição ao conteúdo propriamente dito do *Story*.

Assim como nas demais plataformas, *Stories* apresentam dois níveis de visualidade, que dizem respeito aos elementos de pistas sociais e ao conteúdo do texto. Há uma problemática envolvida nos níveis, pelo fato de os elementos de pistas sociais serem apresentados em sobreposição ao conteúdo propriamente dito do *Story*; no entanto, tais elementos apresentam pouca saliência por duas razões: i. apresentarem tonalidades e espessuras neutras, assim como ii. localizarem-se nas extremidades superior e inferior da tela, possibilitando que o alvo do consumo dos usuários ocupe a região central da tela.

Em relação ao conteúdo, parece não haver uma previsibilidade alta em relação à dinâmica estabelecida entre os elementos imagéticos e verbais, uma vez que *Stories* podem ser

estão disponíveis por no máximo 24 horas, ou – quando o autor do perfil opta – por um tempo indeterminado por meio do recurso de ‘Destaques’ do Instagram. De todo modo, *stories* não dispõem de um *link* para que possa ser distribuído, o que acaba por impossibilitar a inclusão de um indexador que leve nosso leitor desta dissertação para consumir o *post* em seu contexto original. Assim, indicamos apenas que não é possível recuperar a disponibilização do *story*.

construídos tanto de forma estática, como no exemplo do quadro 2.1-6, quanto de forma dinâmica, em casos de vídeos. Essa flexibilidade de construção se manifesta também sobre a disposição dos elementos na tela. Enquanto em *posts* do *feed* de notícias há uma predeterminação sobre as regiões dos elementos imagéticos e verbais, em *Stories* estáticos (como o exemplo anterior) o produtor do texto dispõe de uma liberdade maior sobre a localização do elemento verbal gráfico, e mesmo do elemento imagético, que pode não ocupar toda a tela. No exemplo do quadro 2.1-6 o elemento verbal gráfico foi inserido à direita da tela, mas poderia ter sido inserido na região mais inferior (e mais escura) da foto, ou na região superior. Essa maior flexibilidade acaba por apontar para uma maior relevância de categorias de análise da Metafunção Textual/Composicional para esses textos, como as noções de Dado e Novo, Ideal e Real, por exemplo, uma vez que a localização dos elementos pode alterar sobremaneira o significado criado.

Dada a pouca previsibilidade, afirmações sobre *Stories* requisitam, na verdade, de uma investigação sistemática, que fornecesse critérios de análise que auxiliassem investigadores a elaborar análises de forma mais consistente. Como isso foge ao escopo de nossa investigação, procedemos a indicações de características que, a partir de nossas reflexões, se mostram relevantes. Assim, debateremos de forma um pouco mais detida dois exemplos.

Para discutir *Stories* estáticos, partiremos do exemplo do quadro 2.1-6. No exemplo, os elementos imagético e verbal compõem o segundo nível de visualidade do *Story* por seguir o mesmo critério de *post* no *feed* de notícias: os dois elementos com dimensões visuais articulam-se em um mesmo nível para a construção de um significado. No entanto, pode ser instaurada uma relação de Figura e Fundo entre os elementos, sem que haja uma definição de um novo nível de visualidade.

No exemplo, assumimos que o elemento imagético atua como Figura dada a centralidade a ele atribuída pela plataforma, assim como pelo fato de ocupar toda a área da tela e por consistir no alvo do consumo dos usuários. O elemento verbal, por sua vez, atua como Fundo para o elemento imagético. O exemplo, contudo, apresenta uma particularidade pelo fato de um elemento que atua como Fundo ser construído com propriedades de Figura, ou seja, é construído em sobreposição ao elemento imagético, apresentando maior saliência e, em consequência, maior potencial de atrair a atenção dos usuários consumidores. Para articular essa particularidade, precisamos compreender que a relação entre Figura e Fundo pode desenvolver-se de forma dinâmica, em estágios. Vejamos como se dá esse processo.

Em uma primeira leitura, o elemento imagético consistiria na Figura, por ser o alvo do consumo do *Story*. O elemento verbal, então, consistiria no Fundo. Entretanto, por ser

construído em sobreposição e apresentar maior saliência (devido à sua cor branca, que contrasta com a coloração do imagético), o verbal exerce, em um segundo momento, uma função local de Figura. Nesse momento, atribui-se ao elemento verbal um papel de direcionar o modo de conceptualização do elemento imagético. Em outros termos, o produtor, ao construir o elemento *na real ta rosa*, auxilia o leitor a reconceptualizar a foto do horizonte e o céu, projetando uma alteração da cor alaranjada da foto por uma roseada. Esse convite à alteração da cor é justificada pela marca do celular que, segundo o produtor, apresenta a característica de não captar a coloração natural ao registrar uma foto. Ao levar o usuário a retornar ao imagético, projetando a alteração na cor, o verbal reatribui ao imagético a função de Figura, que passa a apresentar um significado distinto, a partir do constrangimento do verbal. No exemplo, é ao construir o elemento verbal gráfico *na real ta rosa mas na foto saiu laranja* que o produtor instrui o leitor a retornar ao imagético e colocar em saliência a coloração da foto, convidando o leitor a projetar uma alteração no elemento que consiste na Figura do texto, o imagético.

Denominamos esse processo **Ajuste de Focalização**. Seu funcionamento se dá pela reconceptualização de um elemento de uma modalidade a partir do foco que a outra atribui a uma parte da primeira. No nosso exemplo, o imagético é reconceptualizado a partir do foco que o verbal atribui a uma parte dele; nesse processo, elementos que apresentam menor saliência podem ser colocados em foco, de modo que passam a exercer papel fundamental na construção do sentido visado.

Apresentamos na figura 2.1-2 a seguir um outro exemplo do processo de **Ajuste de Focalização**. O exemplo consiste em um *story* do Instagram em que consta uma *selfie*⁹⁸ do produtor. Indicamos, em primeiro lugar, que o *post* original não conta com o mosaico no rosto do produtor; realizamos tal edição em concordância com Zimmer; Kinder-Kurlanda (2017), pesquisadores sobre ética em pesquisas que envolvem a internet, seguindo o princípio de tentativa de inofensividade, ou seja, de não inserção da imagem de um autor de um perfil de rede social em uma prática que foge ao escopo do compartilhamento do texto original; assim, anonimizamos qualquer forma de identificação do produtor, incluindo seu rosto⁹⁹. Embora tenhamos procedido a uma edição do exemplo, acreditamos que a análise possa ser realizada sem comprometimento.

⁹⁸ O termo *selfie* diz respeito a uma modalidade de foto em que o produtor da foto registra uma foto de si mesmo.

⁹⁹ A essa situação, opomos os exemplos que analisamos de *edutubers*. Ao tratarmos de textos produzidos por profissionais que atuam em redes sociais, compreendemos que o princípio da inofensividade deixa de ser premente, na medida em que a divulgação de seu conteúdo faz parte de um processo almejado pelos profissionais, o que não ocorre em perfis que são pessoais, como o que aqui analisamos.

Assim como no exemplo anterior, o *story* da figura 2.1-2 apresenta um elemento verbal construído em sobreposição ao imagético que ocupa toda a área da tela. O elemento imagético consistiria na Figura inicial da interação, primeiro, por ocupar toda a área da tela, segundo, pelo fato de o (rosto do) produtor estar localizado na região central da tela, aspecto já apontado como relevante por Kress; van Leeuwen (2006) e Kong (2006). O elemento verbal, por sua vez, ocupa a região inferior da tela, próximo aos elementos de pistas sociais. O elemento verbal, embora construído em tamanho reduzido – o que pode gerar, inicialmente, efeito de Fundo – acaba por atuar localmente com Figura, por um lado, por apresentar um contraste entre o tom da pele do produtor e a cor das letras, e, por outro lado, por estar em sobreposição a uma parte da foto.

Figura 2.1-2 – Disposições de elementos verbais e imagéticos em *Story* do Instagram



Fonte: *story* do Instagram. Acesso em: 15 nov. 2019. Disponível em: *não recuperável*.

Embora o elemento verbal atue como Figura, seu papel consiste em orientar o leitor e colocar determinados aspectos do imagético em foco. Em outros termos, ao construir a “Eu tenho medo do que posso encontrar no escuro”, o produtor instrui o leitor a focalizar em determinados aspectos do imagético. Sobre esse elemento, as funções de Figura e Fundo também podem ser aplicadas; o elemento imagético pode ser dividido em Produtor como Figura, que apresenta maior luminosidade e localiza-se na região central da foto, e em Cenário como Fundo, que apresenta menor luminosidade e localiza-se às margens da foto. Diante dessa

oposição, ao construir verbalmente a circunstância de lugar “no escuro”, o produtor instrui o leitor a focalizar a região de menor luminosidade do elemento imagético para a construção de um significado visado. Nesse processo, a região que seria tipicamente assumida como o Fundo em uma *selfie*, por apresentar menor saliência, passa a ser focalizada pelo leitor, que, alcançando o visado pelo produtor, identifica uma sombra que se assemelha à do presidente brasileiro. Ao realizar essa identificação, o leitor, então, associa aquilo que poderia ser encontrado no escuro e que lhe causaria medo ao presidente brasileiro, o que pode levar à emergência do humor visado pelo produtor.

A partir desses exemplos, podemos delimitar os níveis de visualidade de *Stories* estáticos:

0. **Nível zero:** esquematização de espaços para disponibilização de elementos de pistas sociais e do conteúdo do *story*.
1. **Primeiro nível:** consiste nos elementos imagéticos e tipográficos que instanciam as regiões típicas das pistas sociais; atuam como Fundo.
2. **Segundo nível:** consiste no conteúdo do *story*, ou seja, nos elementos imagéticos e/ou verbais gráficos construídos; atua como Figura.

Como discutimos anteriormente, pode ser estabelecida em *Stories* estáticos uma relação de Figura e Fundo entre os elementos do segundo nível de visualidade sem que se estabeleçam níveis internos. O mesmo não ocorre em relação a *Stories* dinâmicos (vídeos).

Tanto *Stories* dinâmicos, quanto textos publicados por meio do *IGTV (InstaGram TV)*, embora não tenham sido objetos de análise nesta pesquisa, aparentam apresentar a dinâmica interna ao segundo nível que identificamos em relação a vídeos no YouTube. Assim, nesses textos, no âmbito do segundo nível de visualidade, podem ser definidos três níveis de visualidade. A diferença entre textos de *Stories* dinâmicos/*IGTV* e vídeos do YouTube reside no fato de os vídeos publicados pelo Instagram tenderem a serem apresentados verticalmente, uma vez que são voltados para consumo em *smartphones*, enquanto no YouTube, o típico é produção de vídeos com orientação de paisagem, ou seja, disposto na horizontal.

Embora tenhamos realizado reflexões sobre os níveis de visualidade apenas sobre as três principais plataformas digitais, os conceitos e os critérios de apreensão dos níveis podem ser aplicados a distintos contextos, como sites, propagandas, entre outros. Como esses textos não constituem o escopo de nossa investigação, mantemos apenas a indicação da aplicação dos conceitos a outros suportes e gêneros para outros pesquisadores de multimodalidade.

Concebemos que o processo de identificação dos níveis de visualidade auxilia pesquisadores a delimitar o foco das investigações que irão empreender: (i) geral, buscando

compreender as articulações entre todos os níveis para a apreensão do sentido, em um tratamento mais holístico; ou (ii), específico, buscando entender o papel de um nível ou da associação entre alguns níveis na construção de sentido. Associa-se aos níveis de visualidade uma discussão sobre as unidades informacionais dos textos multimodais em plataformas digitais. Compreendemos que um pesquisador que realize investigações sobre, por exemplo, o terceiro nível de visualidade de vídeos como os do YouTube precisa considerar que assume como unidade de análise unidades informacionais locais; enquanto pesquisadores que realizem investigações sobre o primeiro e o segundo níveis de vídeo acaba por assumir unidades informacionais globais.

Concebemos uma **unidade informacional** como uma unidade mínima de construção de significado. A **unidade informacional** ganha relevância na medida em que, ao discutirmos interações entre o verbal e o imagético, é necessário que haja uma unidade informacional que englobe elementos verbais e imagéticos. A essa unidade formada pelos elementos de cada modalidade, que atuam conjuntamente para a construção de sentido no texto, referimo-nos como unidade informacional multimodal global. Compreendemos que a **unidade informacional global** diz respeito à unidade estabelecida entre os elementos para a composição de um texto, o que torna relevante questões de ordem composicional (Metafunção Textual). Já **unidade informacional local** diz respeito à unidade estabelecida entre elementos verbais e imagético que são construídos localmente em determinado momento do texto com construção de significação pontual, como os casos que viemos discutindo em Martinec; Salway (2005), em Unsworth (2006) e brevemente em Royce (2007). Essa reflexão deriva sobremaneira da discussão que realizamos na seção 1.4 sobre a Complementaridade Intersemiótica (ROYCE, 2007), uma vez que o autor realiza análises de nível local (análise da transitividade) em um tipo de texto que é marcado por uma relação global, em que o elemento imagético atua como uma manutenção do tópico, mesmo que metaforicamente. Pelo exemplo que trouxemos do vídeo “147. Grice’s Maxim of Conversation – THUNK”, podemos discutir os limites, no caso de vídeos, das unidades informacionais locais e globais. Em relação à coconstrução do evento entre o elemento imagético que rerepresentamos a seguir e o verbal diretamente associado – “maxim of quantity, that is, convey the right amount of information” – define-se uma unidade informacional local, de modo que uma análise quanto à coesão em termos de TRANSITIVIDADE torna-se produtiva.

Figura 2.1-3 – Elemento imagético de (7)



Fonte: THUNK (2018, 2'50''-3'37'').

Já em relação à interação entre o mesmo elemento imagético e todo o trecho associado – que rerepresentamos em (7) a seguir – define-se uma unidade informacional mais global em relação à unidade local¹⁰⁰, de modo que uma análise da TRANSITIDADE, embora possível, não é produtiva. Análises em relação à configuração Tópico-imagético Comentário-verbal parecer ser mais produtiva.

- (7) First, let's look at the maxim of quantity that is conveyed the right amount of information, not too much not too little. Check out this terse letter of recommendation written for John Nash by Richard Duffin noted physicist and professor of mathematics at Carnegie Mellon. Letters of rec are usually around three pages in length with all sorts of descriptive language about the quality and important characteristics of the applicant in question. However, this one flouts the maxim of quantity. It contains significantly less information than is expected. By doing so it, implies something, that the information contained here is everything the admissions board needs to know. I am Richard Duffin, a respected brilliant mathematician and I assert that John Nash is a freaking genius. (THUNK, 2018, 2'50''-3'37'').

Com isso queremos estabelecer que nosso sistema de COESÃO VERBO-IMAGÉTICA se volta à análise de interações verbo-imagéticas de nível de unidades informacionais locais, em que os elementos verbais e imagéticos coconstroem eventos. Por isso, no caso de vídeos, o sistema de COESÃO VERBO-IMAGÉTICA mostra-se produtivo para a investigação de elementos do terceiro nível de visualidade. No caso de *tweets* e *posts* no Instagram (sejam por *story* ou pelo *feed* de notícias), o sistema mostra-se produtivo para a investigação do segundo nível. Em outros termos, o sistema é afinado para a discussão da articulação verbo-visual no nível mais alto de visualidade.

Passaremos agora à apresentação do sistema de COESÃO VERBO-IMAGÉTICA, focalizando a diagramação do sistema, seu funcionamento, a metodologia que desenvolvemos para sua aplicação, assim como seus limites.

¹⁰⁰ Essa unidade informacional é mais global em relação à unidade informacional local anterior, embora também consista em uma unidade informacional local em relação à unidade informacional global geral – o texto/vídeo em si.

2.2 Sistema de COESÃO VERBO-IMAGÉTICA

A apreensão analítica da construção do significado em um texto não se encerra na análise da coesão, pelo fato de ela envolver centralmente a superfície textual. Conforme Koch (2004, p. 35) em uma abordagem orientada ao verbal, coesão diz respeito à “forma como os elementos linguísticos presentes na superfície textual se interligam, se interconectam, por meio de recursos também linguísticos, de modo a formar um “tecido” (tessitura), uma unidade de nível superior à da frase” (KOCH, 2004, p. 35).

Araújo (2002, p. 80) concebe a construção do texto como um fenômeno que é amparado em “um jogo dúbio na sua constituição: de um lado, o seu sentido; de outro, a sua articulação linguística”. Nesse sentido, o autor compreende que ao buscarmos “as formas da articulação dos elementos de um texto” – dimensão da investigação da coesão –, “temos a preocupação de buscar apreender a sua significação” (ARAÚJO, 2002, p. 80). A investigação da coesão apontaria para modos de apreender e promover a significação de textos.

Desse modo, a análise da coesão consiste na investigação dos modos que os elementos – no caso de nossa pesquisa – verbais e imagéticos na superfície textual articulam-se e interconectam-se, denotando estarem ligados na constituição da textualidade. Esses modos – que, em uma análise verbo-imagética, concebemos como Reiteração, Adição e Identificação – desempenham papel significativo, na medida em que sinalizam, no nível da expressão/superfície textual, meios de se apreender a significação do texto.

Com isso, concebemos que a proposição de um sistema de COESÃO VERBO-IMAGÉTICA valida-se na medida em que se volta aos elementos verbais e imagéticos construídos, de modo que sua análise pode atuar como base para uma investigação da interação verbo-imagética em termos, por exemplos, lógico-semânticos. Assim, concebemos que o sistema de COESÃO VERBO-IMAGÉTICA oferece subsídios descritivos em relação ao status da interação, aspectos que identificamos, ao longo do capítulo 1, como carentes ainda de aprofundamento. Logo, o sistema proposto é útil por consolidar uma etapa analítica prévia à da interação verbo-imagética, na medida em que fornece critérios para a descrição dos modos de articulação entre os elementos verbais e imagéticos no nível da superfície textual.

É nesse ponto que localizamos tanto o nosso sistema de COESÃO VERBO-IMAGÉTICA, quanto o seu escopo de atuação.

Como categoria de análise para esta proposição, assumimos centralmente o sistema de TRANSITIVIDADE, também utilizado por alguns dos autores que discutimos anteriormente, pelo fato de esse sistema oferecer um aparato descritivo para uma análise de nível micro. A partir

do sistema de TRANSITIVIDADE, assumimos como unidades mínimas de análises os componentes de Processos: processo, participante e circunstância. Os componentes compõem o subsistema de CORRESPONDÊNCIA PROCESSUAL, que permite identificar as unidades mínimas de cada modalidade em interação. A articulação entre as unidades identificadas é concebida em termos do subsistema de CORRESPONDÊNCIA ESTRUTURAL, cujas opções são Reiteração, Adição e Identificação. Os dois sistemas – CORRESPONDÊNCIA ESTRUTURAL e CORRESPONDÊNCIA PROCESSUAL – compõem a opção Heteroespacialidade.

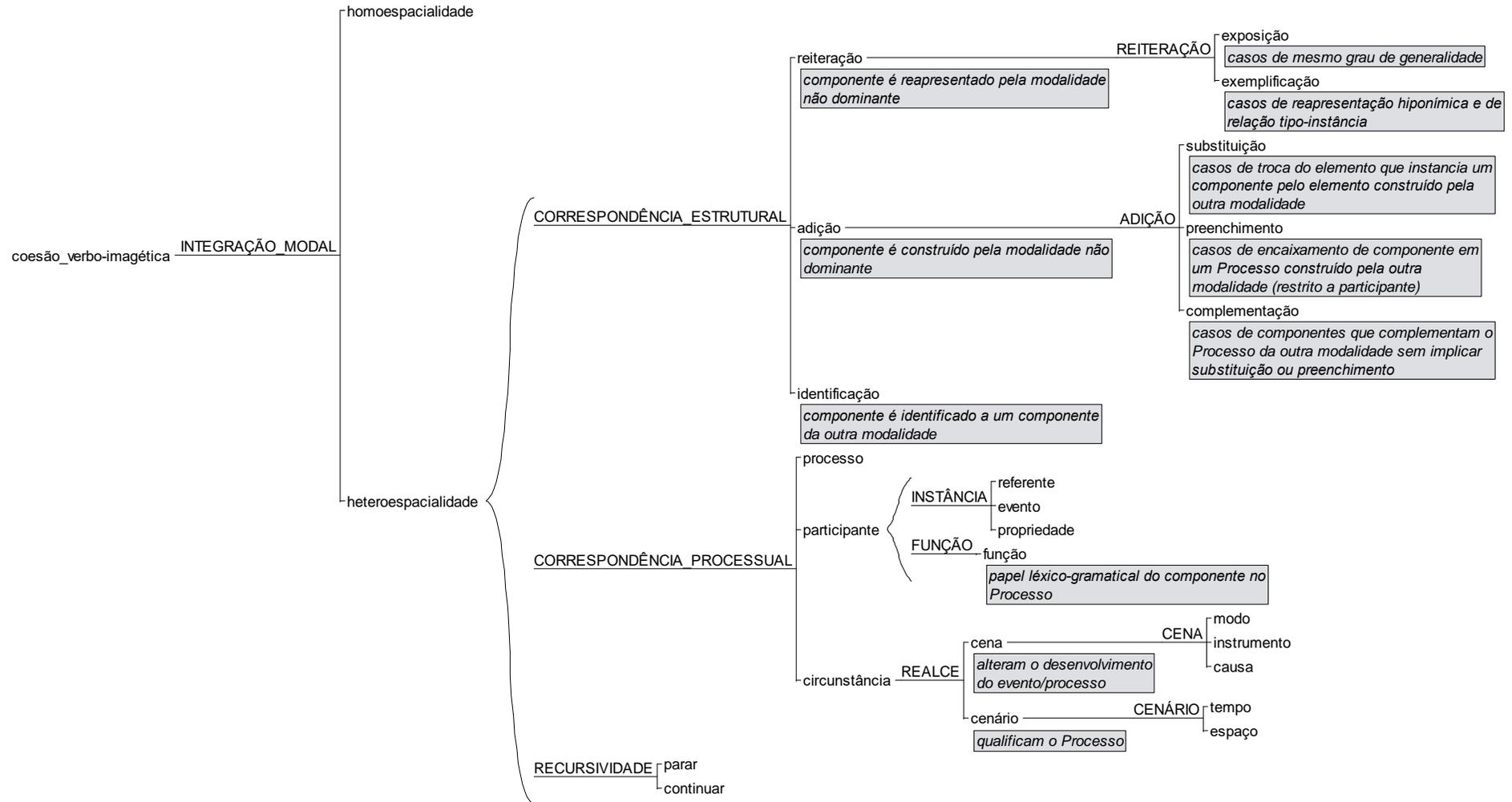
O sistema de COESÃO VERBO-IMAGÉTICA apresenta como condição de entrada o subsistema de INTEGRAÇÃO MODAL. Esse sistema diz respeito aos modos de integração, em termos espaciais, dos elementos de cada modalidade. O sistema compreende as opções Homoespacialidade e Heteroespacialidade. Homoespacialidade diz respeito a casos em que as duas modalidades se integram de modo a construir uma entidade espacialmente homogênea. Já a Heteroespacialidade diz respeito a casos em que as modalidades interagem, mas não compõem uma única entidade homogeneamente interligada. Como mencionamos anteriormente, nesta pesquisa nos voltamos a interações marcadas pela Heteroespacialidade, motivo pelo qual somente indicamos a opção paradigmática de Homoespacialidade, não desenvolvendo suas formas de refinamento. Detemo-nos, então, à coesão da Heteroespacialidade.

A Heteroespacialidade é especificada tanto pelos subsistemas de CORRESPONDÊNCIA ESTRUTURAL e de CORRESPONDÊNCIA PROCESSUAL, quanto pelo subsistema de RECURSIVIDADE. Tal subsistema indica a possibilidade de ocorrência de diversas correspondências estruturais entre os componentes. Essa forma de arquitetura – além de solucionar a problemática que apontamos em Martinec; Salway (2005) sobre a não previsão de mais de uma ocorrência de relações – justifica-se na medida em que se trata de um sistema de coesão, por meio do qual se objetiva a identificação dos modos estruturais de articulação entre elementos em uma dada interação. Visto que assumimos como unidades mínimas de análise os componentes de Processos, as chances de ocorrência de vários modos são altas.

Os três sistemas da opção Heteroespacialidade interagem entre si de forma paralela, de modo que uma opção de correspondência estrutural é determinada em referência a uma opção de correspondência funcional.

Apresentamos, na figura 2.2-1 a seguir, o sistema de COESÃO VERBO-IMAGÉTICA. Passaremos agora para a apresentação do funcionamento do sistema, assim como da metodologia de análise desenvolvida para a aplicação do sistema.

Figura 2.2-1 – Sistema de COESÃO VERBO-IMAGÉTICA



Fonte: elaboração própria.

A utilização do sistema para a análise da coesão verbo-imagética é guiada 4 etapas, que envolvem, por um lado, a determinação da relação de dominância entre as modalidades, e, por outro, os modos de correspondência entre as modalidades.

Etapa 1: Análise do Processo/componente construído por cada modalidade.

A análise das modalidades quanto à construção de um Processo ou apenas de componentes tem por objetivo: (i) identificar os Processos e os respectivos componentes em cada modalidade, ou seja, identificar as unidades mínimas de análise em cada modalidade; (ii) determinar a modalidade dominante.

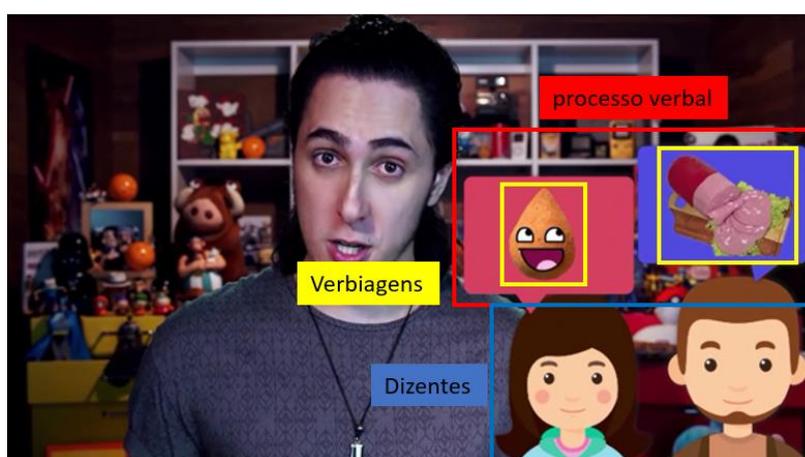
A **identificação dos componentes** de cada modalidade é realizada por meio da identificação do processo, seguido dos participantes envolvidos e, por fim, das circunstâncias, caso tenham sido construídas. Para a modalidade verbal, dispomos a análise processual em quadros, como no exemplo abaixo (que replica o quadro 1.1-2, da seção 1.1), de modo a expor os sintagmas ou orações que instanciam os papéis léxico-gramaticais pertinentes. Para a modalidade imagética, dispomos a análise processual na captura de tela, como no exemplo abaixo (que reproduz a figura 1.1-3, da seção 1.1).

Quadro 2.2-1 – Análise processual de um excerto verbal

que	você	troca ideia	sobre política ou sobre assuntos mais complicados que é possível haver discordância
participante	participante	processo	participante
Receptor [pronome relativo que retoma ‘todas essas pessoas’]	Dizente	Pr. verbal	Verbiagem

Fonte: elaboração própria.

Figura 2.2-2 – Análise processual do elemento imagético



Fonte: vídeo: Castanhari (2017a); análise: elaboração própria.

A **determinação da modalidade dominante**, por sua vez, obedece a um fuso de critérios que envolvem tanto os Processos que são construídos pelos elementos das duas

modalidades, quanto as coerções da plataforma em que o texto foi postado e o gênero em questão. Seguindo o debate que realizamos na seção anterior, concebemos que a modalidade dominante tende a ser aquela assumida como a central pela plataforma – em casos de textos publicados em mídias digitais – ou pelo gênero. Essa dominância é motivada justamente pela discussão acerca das Estratégias das plataformas na determinação da centralidade de uma modalidade sobre a outra.

Entretanto, tal relação de dominância pode ser alterada a depender das Táticas assumidas pelos usuários ao construírem seus textos. Assim, em conjunção ao critério de centralidade por parte ou da plataforma ou do gênero, a modalidade dominante pode ser determinada a partir de dois critérios sequenciais: i. a modalidade dominante consiste naquela que constrói o processo (componente); ii. a modalidade dominante consiste naquela que constrói o Processo de maior dinamicidade.

O primeiro desses critérios é produtivo na medida em que o processo seleciona determinadas funções léxico-gramaticais a serem preenchidas. Um exemplo disso são os verbos ‘acusar’ e ‘dizer’, ambos Processos Verbais. Enquanto o verbo ‘acusar’ apresenta um esquema processual – participantes envolvidos na construção do evento – com Dizente, Verbiagem e Alvo (aquele que é atingido pela mensagem da Verbiagem) – *Ele acusou o João de ser irritante* –, o verbo ‘dizer’ parece apresentar um esquema processual com Dizente e Verbiagem, mais centralmente, e Receptor (a quem a mensagem é direcionada), mais periféricamente – *Ele disse (à Maria) que iria embora*. Desse modo, tomar o processo como central para a análise permite identificar os papéis léxico-gramaticais a serem preenchidos, seja pela mesma modalidade em que o processo é construído, seja pela outra. Apresentaremos, em seguida, um exemplo desse caso.

O segundo desses critérios é produtivo para interações em que ambas as modalidades constroem Processos. A modalidade dominante pode ser determinada a partir da dinamicidade envolvida nos eventos construídos. Assim, concebemos que Processos Materiais apresentam o maior grau de dinamicidade, enquanto Processos Relacionais apresentam o menor grau. Em uma interação em que tais Processos são construídos, a modalidade em que é construído o Processo Material apresenta uma tendência de consistir na dominante.

Embora produtivos, os dois critérios devem ser articulados ao de centralidade da plataforma ou do gênero, uma vez que podem apresentar pouco potencial de determinação de dominância a depender da função comunicativa do texto. Podemos tomar como um exemplo a realização de uma busca de “Ludwig van Beethoven” em um buscador da internet, como o Google em nosso exemplo a seguir. Ao realizar a busca, a plataforma apresenta na região direita

da tela de resultado a replicação do nome de músico alemão e uma foto de perfil do músico. Seguindo Kress; van Leeuwen (2006), que concebem que toda construção visual comporta um Processo, seria possível assumir que a foto – o imagético – constrói um Processo Conceitual Classificatório, enquanto o verbal constrói apenas um sintagma nominal, que conta apenas com o nome próprio do músico. Caso assumíssemos que os critérios de construção processual como os mais fortes para a determinação da modalidade dominante, chegaríamos a conclusão de que a modalidade imagética é a dominante, pois estaríamos diante de um caso típico do primeiro critério de construção processual: uma modalidade constrói um Processo (imagético) e a outra constrói apenas um componente (verbal constrói um participante). Contudo, considerando que a função comunicativa na busca pelo nome de um músico consista em obter mais informações sobre o artista, que são tipicamente construídas na modalidade verbal, seja em seu meio fônico, seja em seu meio gráfico – como no exemplo –, o papel que a foto acaba por exercer restringe-se a uma relação de identificação; uma reconstrução possível consistiria em “Esse <foto> é Ludwig van Beethoven”, uma relação que é especificada por um Processo Relacional Identificativo Intermodal, em que o verbal “Ludwig van Beethoven” consiste no participante Identificado (Valor) e a foto consiste no participante Identificador (Ocorrência).

Figura 2.2-3 – Resultado da pesquisa de “Ludwig van Beethoven” no buscador Google

The image shows a Google search result for 'Ludwig van Beethoven'. The search bar at the top contains the text 'Ludwig van Beethoven'. Below the search bar, there are navigation options: 'Todas', 'Imagens', 'Vídeos', 'Notícias', 'Shopping', 'Mais', 'Configurações', and 'Ferramentas'. The search results indicate approximately 29,000,000 results found in 0.54 seconds. The first result is a Wikipedia entry titled 'Ludwig van Beethoven – Wikipédia, a enciclopédia livre'. The snippet includes the URL 'https://pt.wikipedia.org/wiki/Ludwig_van_Beethoven', a brief biography stating he was born in Bonn in 1770 and died in Vienna in 1827, and mentions his instrument as piano. Below the snippet is a section titled 'As pessoas também perguntam' with four questions: 'Porque é que Beethoven ficou surdo?', 'Qual é o nome completo de Beethoven?', 'Qual era a deficiência física de Beethoven?', and 'Qual era o instrumento que Beethoven tocava?'. To the right of the search results is a knowledge panel for 'Ludwig van Beethoven', identified as a 'Compositor'. It features a portrait of Beethoven and lists where he is available: YouTube, Spotify, and Kboing. It also provides his birth date (December 1770, Bonn, Germany) and death date (March 26, 1827, Vienna, Austria), along with his nationalities: German and Austrian.

Fonte: pesquisa no buscador Google. Disponível em: <http://bit.ly/2RwxIVH>

Buscamos por meio desse exemplo apontar que a relação de dominância entre modalidade não segue uma ordenação sequencial de critérios, mas sim um fuso que deve ser articulado e justificado de modo a chegar na argumentação de maior consistência. Não

queremos implicar, contudo, que os critérios de construção processual não são produtivos para análises verbo-imagéticas. Vejamos um exemplo a seguir de uma análise centrada no processo.

O exemplo a seguir consiste em um *tweet*. Dado que, tipicamente, o *Twitter* não apresenta padrões preferenciais de dominância modal (no caso de textos verbo-imagéticos), identificamos que o texto apresentado na figura 2.2-4 a seguir é construído pela conjunção da imagem – personagem Sheldon, do seriado *Big Bang Theory*, e um *spray* – com o elemento verbal *Homens se vestindo de dona de casa usando “bela, recatada e do lar”*.

Figura 2.2-4 – Exemplo de *Tweet*



Fonte: extraído de Kobayashi (2018, p. 111). Disponível em: <http://bit.ly/2qVfOM9>

Nessa interação, as modalidades constroem, de forma conjunta, um único Processo. O processo é construído na modalidade imagética, por meio do *spray* e da mão da personagem, que aciona o *spray*. Desse modo, a modalidade dominante nessa interação é a imagética. O Processo Material – ou o Processo Narrativo Transacional, seguindo Kress; van Leeuwen (2006) – intermediado pelo instrumento *spray* apresenta como esquema processual básico os participantes Ator (aquele que realiza a ação) e Meta (aquele que é atingido pela ação do Ator). O participante Ator é construído também na modalidade imagética, correspondendo à personagem Sheldon; enquanto o participante Meta é construído na modalidade verbal, por meio do elemento *Homens se vestindo de dona de casa usando “bela, recatada e do lar”*.

Apresentamos a análise processual da interação no quadro 2.2-2 a seguir. Destacamos que interações em que as modalidades coconstroem um único Processo são analisadas como na figura abaixo. Exploraremos esse tipo de interação na Etapa 3 a seguir.

Quadro 2.2-2 – Análise do processo da figura 2.2-4

		<p>Homens se vestindo de dona de casa usando “bela, recatada e do lar”</p>
Ator	Pr. Material	Meta

Fonte: elaboração própria.

O primeiro critério, portanto, soluciona a dominância em casos em que as modalidades coconstróem um Processo (evento), como na classificação Iguais: Complementares de Martinec; Salway (2005), ou na classificação Intraprocessual, que debateremos adiante.

Em suma, a realização das duas etapas – **identificação dos componentes de cada modalidade e determinação da modalidade dominante** – define o procedimento das etapas seguintes, que dizem respeito aos modos de correspondência estrutural.

Etapa 2: Análise da Reiteração da correspondência processual (processo, participante e circunstância).

Concebemos **Reiteração** como a atividade de reapresentação, na modalidade não dominante, de um componente já construído na modalidade dominante. A análise é constrangida por dois pontos: (i) a **análise é direcional**¹⁰¹, ou seja, parte-se dos componentes da modalidade dominante e verificam-se as respectivas reiterações ou não na modalidade não dominante; (ii) a **ordem de análise** segue a nuclearidade dos componentes, ou seja, analisa-se primeiro a reiteração de processo, depois de participante e, por fim, de circunstância, caso tenha sido construída.

O processo de reapresentação de componentes – Reiteração – pode apresentar distintos graus de generalidade, que são especificados por meio do sistema de ELABORAÇÃO, com as opções paradigmáticas de Exposição e Exemplificação. A opção **Exposição** diz respeito a casos em que os componentes apresentam o mesmo grau de generalidade. A segunda opção,

¹⁰¹ É válido destacar que concebemos que o procedimento analítico é direcional e não a interação. Isso implica que a análise toma como ponto inicial os componentes da modalidade dominante. Conceber uma interação – não uma análise – direcional implicaria conceber que uma modalidade modifica – nos termos de Martinec; Salway (2005) – a outra, ou seja, que uma apenas ilustra/decora a outra, posição da qual discordamos. Embora entendamos que haja uma modalidade dominante, compreendemos que a interação é sempre bidirecional, ou seja, que o significado construído na interação é dado pela combinação de correspondências entre as duas modalidades, independentemente da forma pela qual ela se dê.

Exemplificação, diz respeito a casos tanto de rerepresentação hiponímica quanto de relação tipo-instância.

A análise da **Reiteração** permite determinar algumas características da interação:

1. Se houver Reiteração de processo, estamos diante de um caso de Interação Interprocessual. Compreendemos como **Interprocessual** interações em que ambas as modalidades constroem integralmente Processos, ou seja, com todo o esquema processual preenchido. Este tipo opõe-se à Interação **Intraprocessual**, que apresentamos no item 3 a seguir.
2. Se não houver Reiteração de processo, mas as duas modalidades construírem Processos, estamos, do mesmo modo, diante de um caso de **Interprocessualidade**, mas com Adição de processo – a ser discutido na Etapa 3.
3. Se não houver Reiteração de processo e apenas uma modalidade construir um processo, estamos diante de um caso de Intraprocessualidade. Compreendemos uma Interação **Intraprocessual** como interação em que apenas uma modalidade constrói um Processo. Concebemos duas possibilidades de Intraprocessualidade: (i) **Intraprocessualidade por encaixamento**, em que o único Processo é construído de forma conjunta pelas modalidades – não ocorre reiteração com nenhum dos componentes; e (ii) **Intraprocessualidade por sobreposição**, em que o único Processo é construído por apenas uma modalidade, a dominante, e a outra rerepresenta um componente, tipicamente um participante, ou adiciona um componente, tipicamente uma circunstância. Diferente da Interprocessualidade, a Intraprocessualidade é deduzida a partir da análise da Reiteração e da Adição – a ser discutida adiante.

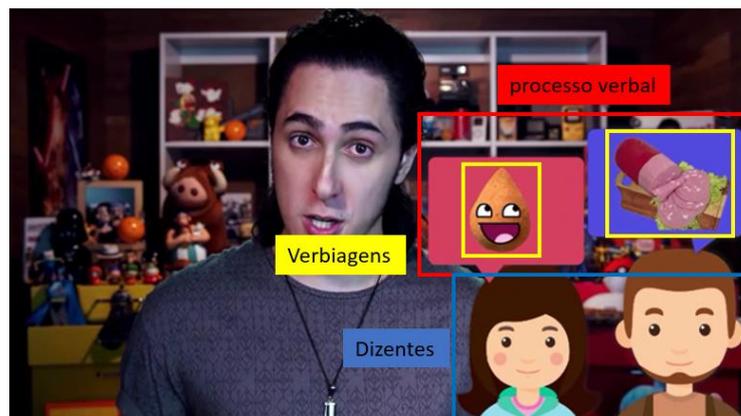
Um exemplo de Interação Interprocessual é a interação ocorrida entre os Processos do quadro 2.2-1 e da figura 2.2-2 apresentados anteriormente, que transpomos aqui.

Quadro 2.2-1 – Análise processual de um excerto verbal

que	você	troca ideia	sobre política ou sobre assuntos mais complicados que é possível haver discordância
participante	participante	processo	participante
Receptor [pronomes relativos que retomam ‘todas essas pessoas’]	Dizente	Pr. verbal	Verbiagem

Fonte: elaboração própria.

Figura 2.2-2 – Análise processual do elemento imagético



Fonte: vídeo: Castanhari (2017a); análise: elaboração própria.

Ambas as modalidades constroem Processos integralizados. Ambos os Processos são Verbais, não havendo, assim, distinção em termos de dinamicidade. Assim, a modalidade dominante na interação é a verbal, devido à característica do gênero discursivo nesta plataforma. Os componentes são, então, analisados quanto à Reiteração. Entre os processos verbal e imagético ocorre Reiteração por Exposição, do mesmo modo que ocorre entre os participantes Dizentes verbal e imagético. Entre os participantes Verbiagens verbal e imagética também ocorre Reiteração, mas por Exemplificação, uma vez que a Verbiagem imagética, ao construir os elementos <cozinha, mortadela, pão com mortadela, tucano e estrela vermelha>, apresenta, em relação à Verbiagem verbal, instâncias possíveis de *política ou assuntos mais complicados que é possível haver discordância*.

Um exemplo de Interação Intraprocessual por encaixamento é o quadro 2.2-2, apresentado anteriormente. No exemplo, a modalidade dominante é a imagética, uma vez que é por meio dela que é construído o processo. Não ocorre reiteração de processo, nem de participante. As modalidades interagem para a construção conjunta do Processo material multimodal. Desse modo, a Interação é marcada por um encaixamento de participante, que é explicado por meio da correspondência estrutural de Adição, Etapa 3.

Etapa 3: Análise da Adição da correspondência processual (processo, participante e circunstância).

Adição envolve tanto a construção, na modalidade não dominante, de um componente que não havia sido construído pela modalidade dominante, quanto a construção, na modalidade não dominante, de um componente que compartilha funções léxico-gramaticais com um componente da modalidade dominante, mas não a mesma rede de instâncias. Referimo-nos ao primeiro tipo de construção como casos de Encaixamento; enquanto ao segundo tipo de construção referimo-nos como casos de Sobreposição.

Assim como na etapa 2, a análise é direcional e é ordenada pela nuclearidade dos componentes (processo, depois participante e, por fim, circunstância). Entretanto, por figurar-se como o segundo ponto de análise da correspondência estrutural, a análise da Adição de componente vai em direção aos componentes que não foram reiterados. Desse modo, a interação marcada pelo quadro 2.2-1 e pela figura 2.2-1, analisados anteriormente, não requerem a concretização desta terceira etapa, uma vez que todas as opções do subsistema de CORRESPONDÊNCIA PROCESSUAL foram analisadas quanto ao modo de CORRESPONDÊNCIA ESTRUTURAL.

O processo de construção de componente pela modalidade não dominante é especificado pelo sistema de ADIÇÃO, que apresenta como opções paradigmáticas Substituição, Preenchimento e Complementação.

Substituição diz respeito a casos de Adição em que a modalidade dominante e a não dominante constroem elementos que compartilham funções léxico-gramaticais, mas que se articulam por meio de uma troca orientada a redefinição. Subjaz a essa relação uma ideia de “X, na verdade, é Y”.

Preenchimento diz respeito a casos de Adição em que a modalidade dominante e a não dominante constroem elementos que não compartilham funções léxico-gramaticais; a modalidade dominante construiria o processo e determinados componentes (participantes ou circunstâncias), enquanto a não dominante construiria outro(s) componente(s) que é(são) encaixado(s) ao processo por serem previstos pelo esquema processual.

Por fim, **Complementação** diz respeito a casos de Adição em que a modalidade não dominante constrói componentes que não são previstos pelo esquema do Processo construído pela modalidade dominante, mas que não estabelecem relações de substituição. Complementação envolve tanto casos de construção de circunstâncias – componente não previstos pelo Processo –, quanto casos de construções de outros Processos pela modalidade não dominante.

Assim como na Reiteração, todas as opções do sistema de CORRESPONDÊNCIA PROCESSUAL podem ser adicionadas. Entretanto, há impactos distintos da construção dos componentes tanto na coesão quanto na constituição de uma unidade informacional multimodal. A análise da Adição permite determinar algumas características da interação:

1. A Adição de processo implica um caso de Interprocessualidade, uma vez que cada modalidade constrói integralmente um Processo em si.
2. A Adição de participante pode implicar, mas não necessariamente, um caso de Intraprocessualidade.

3. Enquanto a Adição de processo e de participante, componentes nucleares, apresenta uma tendência sobre a constituição do tipo de interação, a Adição de circunstância não leva a deduzir uma interação do tipo Interprocessual ou Intraprocessual, uma vez que – como componente facultativo na construção do Processo, ou seja, que não exerce função do esquema processual – a construção de uma circunstância não implica um novo processo. Desse modo, a circunstância, tanto na Etapa 2 quanto na Etapa 3, figura-se como o terceiro componente a ser analisado.

Um exemplo de Adição de participante ocorre na interação analisada no quadro 2.2-2 – que rerepresentamos a seguir –, uma vez que o participante Meta é previsto pelo esquema processual do Processo Material de acionar o *spray* de inseticida construído pela modalidade imagética, mas é construído pela modalidade verbal (não dominante). Nesse caso, o participante é Adicionado por Preenchimento, uma vez que o sintagma nominal *Homem se vestindo de dona de casa usando “bela, recatada e do lar”* é encaixado na Meta do Processo Material – ou, é encaixado no objeto do evento. A interação seria do tipo Intraprocessual por encaixamento, pelo fato de as modalidades construírem conjuntamente um único Processo.

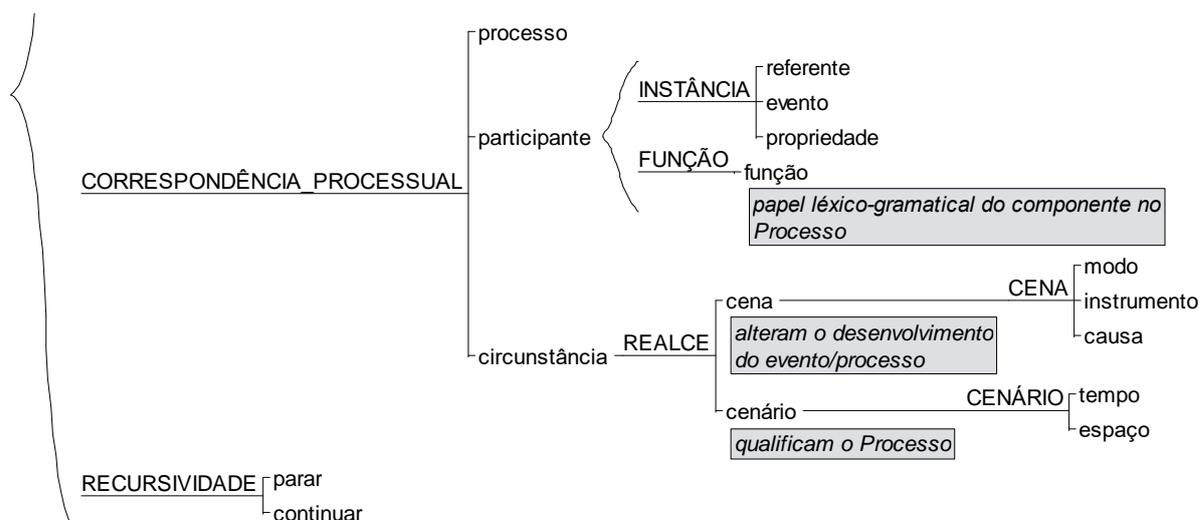
Quadro 2.2-2 – Análise do processo da figura 2.2-4

		<p>Homens se vestindo de dona de casa usando “bela, recatada e do lar”</p>
Ator	Pr. Material	Meta

Fonte: elaboração própria.

Destacamos que a Adição de Participante ocorre por Preenchimento em relação ao Referente. Como apresentamos na figura 2.2-5 a seguir, a opção Participante é especificada pelos subsistemas de INSTÂNCIA e FUNÇÃO.

Figura 2.2-5 – Subsistemas de CORRESPONDÊNCIA PROCESSUAL e RECURSIVIDADE



Fonte: elaboração própria.

O subsistema de INSTÂNCIA prevê três opções: Referente, Evento e Propriedade. A opção Referente justifica-se, na medida em que é típico de participantes processuais serem construídos por meio de entidades; na modalidade verbal, isso é realizado por meio de sintagmas nominais. Já a opção Evento justifica-se pelo fato de que alguns tipos processuais, como Processos Mentais, Verbais e Relacionais, podem prever participantes que comportam, em si, Processos; em outros termos, trata-se do que, na modalidade verbal, se denomina Encaixamento. Por fim, a opção Propriedade é válida, na medida em que Processos Relacionais preveem características, estados e qualificações, positivas ou negativas, instanciáveis por ambas as modalidades; na verbal, isso é tipicamente realizado por sintagmas adjetivais.

O subsistema FUNÇÃO apresenta apenas a opção Função, que diz respeito ao papel léxico-gramatical exercido pelo componente no Processo. Poderíamos ter ramificado tal sistema de forma a comportar todas as variáveis em termos de Processos Materiais, Mentais, Relacionais, Verbais, Comportamentais e Existenciais; optamos, contudo, por não fazê-lo por dois motivos; (i) o sistema de COESÃO VERBO-IMAGÉTICA já é ancorado na TRANSITIVIDADE, o que pressupõe o reconhecimento de suas categorias; (ii) a inclusão de todas as variáveis tornaria artificialmente o sistema extremamente extenso, diminuindo sua acessibilidade.

Os subsistemas de FUNÇÃO e de INSTÂNCIA estão ligados pela relação coordenativa ‘e’, na medida em que toda instância, seja referente, evento ou propriedade, necessariamente exerce uma função em um Processo, seja no âmbito de uma única modalidade, seja na interação entre elas. Destacamos que o sistema de COESÃO VERBO-IMAGÉTICA apresenta uma restrição sob a opção Participante Função, uma vez que os sistemas de REITERAÇÃO e de ADIÇÃO, aplicam-se apenas às opções do subsistema de INSTÂNCIA. A opção Função, por estar relacionada a papéis

léxico-gramaticais do esquema processual, não apresenta especificações quanto a Exposição e Exemplificação ou mesmo a Substituição, Preenchimento ou Complementação.

Um exemplo da articulação entre os subsistemas de FUNÇÃO e de INSTÂNCIA seria as Verbiagens verbal e imagética do quadro 2.2-1 e da figura 2.2-1, que se Reiteram por meio da opção participante função. A especificação de exemplificação é atribuída por meio da Reiteração de participante referente.

Analisamos a construção de componentes em relação aos dois subsistemas, embora as folhas dos subsistemas de REITERAÇÃO e de ADIÇÃO se apliquem somente ao subsistema de INSTÂNCIA. Essa dupla análise possibilitada pelo sistema de RECURSIVIDADE. O sistema de RECURSIVIDADE tem como objetivo permitir a determinação de vários modos de coesão entre os componentes. Uma vez que o sistema de COESÃO VERBO-IMAGÉTICA não se figura como um sistema de INTERAÇÃO – ou seja, não busca classificar a interação –, mas sim como um sistema que permite identificar as várias relações de articulação estabelecidas entre os componentes, um sistema de RECURSIVIDADE é justificado. Embora o sistema de COESÃO VERBO-IMAGÉTICA tenha como objetivo identificar os modos de estabelecimento de coesão entre os componentes e as modalidades, classificações quanto ao tipo de Interação podem resultar da configuração do quadro de coesão em dada interação. É por conta disso que propomos, anteriormente, os tipos de Interação Interprocessual, Intraprocessual por encaixamento e Intraprocessual por sobreposição.

Dentre os casos de Adição, temos como um exemplo de Adição de Circunstância a interação instanciada no trecho (8), em que as modalidades interagem de modo a construir um único Processo de forma conjunta.

Vídeo 2.2-1 – Trecho sobre “*Prints de tweets*”



The image shows a video frame with a man on the left and a QR code on the right. The QR code is labeled "QR code do trecho".

Fonte: Castanhari (2017a). Disponível em: <http://bit.ly/34IEBXq>.

- (8) O que acontece é que as pessoas só atacam quem pensa diferente delas. E esse é o padrão, é o que está acontecendo. **E eu nem estou falando isso por já ter sido xingado pra**

caralho em alguns vídeos polêmicos que eu fiz. Porque, não sei se você percebeu, esse vídeo não é sobre mim, esse vídeo é sobre todos nós. Estamos em um estado de paralisia intelectual (CASTANHARI, 2017, 1'11''-1'28'').

A interação é marcada pela dominância da modalidade verbal sobre a imagética, uma vez que é na verbal que o processo verbal *ter sido xingado* é construído. Esse processo apresenta um esquema processual que comporta os participantes Dizente, Verbiagem e Alvo. Dentre os participantes, os dois primeiros são construídos apenas na modalidade imagética, como apresentamos na figura 2.2-6 a seguir:

Figura 2.2-6 – Análise do Processo imagético

Participant	Text
Pacarotita keller	Gente quanta merda esse Castanhari ta dizendo por ai, que horror, por que não fica na dele de boa sem precisar criticar. Treta News kkk
レチシア	Castanhari sabe ser pau no cu viu puta merda
geo	castanhari é um merda
nat trost	"Felipe Castanhari acabou de publicar uma foto" trouxe mais uma vez
heitor	queria saber que merda foi que eu assisti pro youtube estar me recomendando video de felipe castanhari

Fonte: vídeo: Castanhari (2017a); análise: elaboração própria.

Sobre a Etapa 2 de análise, não ocorre Reiteração de nenhum componente, e é construído apenas um Processo de forma conjunta. Desse modo, estamos diante de uma Interação **Intraprocessual por encaixamento**. Por meio da Etapa 3, analisamos as atividades de Adição de componente. Como apresentado anteriormente, o processo verbal *ter sido xingado* também compreende os participantes Dizente e Verbiagem em seu esquema. Pelo fato de esses participantes serem construídos na modalidade imagética, estabelece-se uma coesão por Adição de Participante por Preenchimento, como analisado no quadro 2.2-3 a seguir:

Quadro 2.2-3 – Análise processual da Interação Intraprocessual por encaixamento¹⁰²

por	(eu)	já	ter sido xingado			pra caralho		em alguns vídeos polêmicos que eu fiz
	Alvo		Processo Verbal	Verbiagem	Dizente	circunstância	circunstância	circunstância

Fonte: elaboração própria.

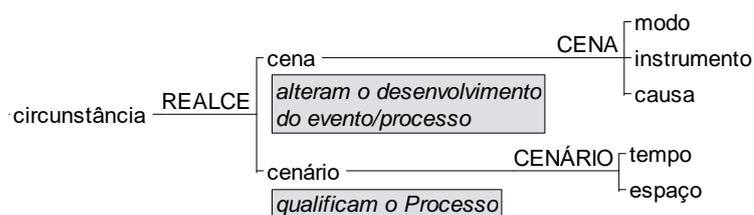
No exemplo, ocorre também Adição de circunstância, que é construída, por sua vez, pelo ícone de *Follow*, que identifica a plataforma do Twitter. A circunstância imagética estabelece uma coesão de Adição por Complementação de Circunstância de Cenário: Espaço, uma vez que qualifica o Processo quanto ao espaço virtual em que o Dizente realiza a ação verbal expressa pelo grupo verbal *ter sido xingado*.

Assim como a opção Participante no sistema de CORRESPONDÊNCIA PROCESSUAL, a opção Circunstância é especificada por um subsistema. O sistema de REALCE especifica a Circunstância quanto a consistir em Cena ou Cenário. A diferença entre as circunstâncias de **Cena** e de **Cenário** – não realizada pelos autores que tratamos no primeiro capítulo – diz respeito ao grau de interferência que realizam na construção da cena, ou seja, na construção dos componentes nucleares. Concebemos que circunstâncias de **Cena** alteram o desenvolvimento do evento instanciado pelo processo, ou seja, alteram o Modo como o evento se desenrola – sendo, portanto, tipicamente construídas com Advérbios de Modo –, ou mesmo alteram a cadeia causal¹⁰³ (CROFT, 2012) do evento, ao introduzir uma Causa ou Instrumentos que intermediam a interação entre o participante e o processo.

¹⁰² Para a representação esquemática do Processo, optou-se pela ordenação típica da voz passiva, em que o conteúdo do xingamento (Verbiagem) e o agente da passiva (Dizente) aparecem após a locução verbal. Entretanto, não se objetiva, por meio dessa forma esquemática de representação, sugerir que o Processo intermodal construído apresente uma construção da voz passiva, ou seja, uma construção típica da modalidade verbal. Trata-se apenas de uma opção metodológica pautada na forma do grupo verbal, que estrutura os demais componentes do Processo.

¹⁰³ A partir de Croft (2012), concebemos que elementos circunstanciais que alteram o modo de desenvolvimento do evento especificado pelo predicador, embora apresentem traços de participantes, consistem em circunstâncias. De modo a diferenciar tais circunstâncias das que qualificam todo o evento construído pelo Processo quanto a lugar e tempo, referimo-nos a essas Circunstâncias como de Cena. Assumimos tal posicionamento pela não previsão pelo esquema causal. Por centrarmos nossa atividade analítica no Processo, seguindo o princípio de que o tipo de Processo prevê determinados participantes, componentes que não são previstos, embora exerçam função no desenvolvimento da ação, são concebidos como circunstâncias de Cena. Trata-se, de todo modo, de casos limítrofes entre as duas categorias.

Figura 2.2-7 – Subsistema de REALCE



Fonte: elaboração própria.

Em oposição, circunstâncias de **Cenário** alteram o evento qualificando o conjunto processo-participante quanto ao Tempo ou ao Espaço em que o evento se desenvolve. Enquanto circunstâncias de Cena apresentam escopo sobretudo sob o processo, circunstâncias de Cenário escopam ambos os componentes nucleares, como é o caso da circunstância construída por meio do ícone do Twitter em (8). Devido a essa distinção sobre o(s) componente(s) escopado(s), vimos como válida a ramificação das circunstâncias, de modo distinto ao realizado pelos autores tratados neste capítulo.

Embora a realização das Etapas 2 e 3 seja suficiente para a apreensão das relações coesivas de grande parte dos textos publicados e distribuídos em plataformas digitais, nossa metodologia de análise comporta uma quarta etapa que, embora seja apresentada sequencialmente após a análise da Reiteração e da Adição, não necessariamente depende da análise prévia dessas correspondências estruturais.

Etapa 4: Análise da Identificação da correspondência processual (processo, participante e circunstância).

Identificação consiste na construção de uma relação de equivalência de um componente da modalidade dominante com um componente da modalidade não dominante, articulados por um Processo Relacional Identificativo intermodal, no qual o participante de uma das modalidades é o Valor e o outro é a Ocorrência¹⁰⁴ (Característica).

Apresentamos no quadro 2.2-4 a seguir exemplos de textos multimodais marcados por relações de Identificação. O texto (I) consiste em um dos exemplos que tratamos na seção 2.1.

¹⁰⁴ Destacamos que utilizamos a tradução de Gonçalves-Segundo (2014) para este componente dos Processos Relacionais Identificativos, que parece ser mais próximo do original *Token*. Usualmente, contudo, usa-se o termo Característica.

Quadro 2.2-4 – Exemplos de Identificação (1)



Fonte: extraído de Gonçalves-Segundo; Isola-Lanzoni; Weiss (2018, p. 48)¹⁰⁵.

Partindo das Etapas analíticas, podemos depreender que a modalidade dominante nos textos (I) e (II) é a imagética pelo fato de construir eventos, enquanto o verbal apenas constrói entidades. Por estarmos diante de uma interação verbo-imagética marcada por rotulações, assumimos tais entidades como participantes pelo fato de haver uma Identificação dessas entidades verbais com as entidades imagéticos que atuam como participantes na construção processual imagética. Assim, assumimos que as relações coesivas possam ser estabelecidas no âmbito desse componente.

Embora a Identificação consista na Etapa 4 da metodologia, para a análise desses textos não é necessário recorrer a uma análise da Reiteração ou da Adição, visto que não ocorrem nos textos. Quanto ao modo de apresentação das relações de Identificação, dispomo-las em quadros como o 2.2-5, em que apresentamos, à esquerda, os elementos da modalidade dominante, ao centro os elementos da modalidade não dominante e à direita a natureza da relação coesiva no que tange à correspondência estrutural¹⁰⁶.

¹⁰⁵ Os exemplos são extraídos de um capítulo de nossa autoria publicado livro organizado por docentes do Programa de Pós-Graduação Profissional em Letras da Universidade Federal de Sergipe. No capítulo – intitulado *"Entendeu ou quer que desenhe?": Metáforas Multimodais aplicadas ao ensino de Língua Portuguesa* –, exploramos o processo de construção de metáforas multimodais em textos publicados e distribuídos em mídias digitais.

¹⁰⁶ Embora não tenhamos adotado essa disposição para as análises da Reiteração e da Adição, concebemos que possa ser produtiva, caso queiramos manter em foco os tipos de relações instanciadas em determinado texto. Para uma investigação quantitativa no âmbito de um gênero, tal disposição pode auxiliar na identificação de padrões. Como nosso objetivo nesta pesquisa se restringiu à proposição do sistema de COESÃO VERBO-IMAGÉTICA, indicamos essa possibilidade, mas deixamos ou para nossas pesquisas futuras ou para demais pesquisadores que se voltem à investigação da coesão verbo-imagética.

Quadro 2.2-5 – Relações de Identificação dos exemplos do quadro 2.2-4

(I)		
Imagético	Verbal	Relação de Coesão
<bota>	<i>Ameaça comunista</i>	Identificação
<criança>	<i>Militares</i>	Identificação
(II)		
Imagético	Verbal	Relação de Coesão
<bota>	<i>Racismo</i>	Identificação
<criança>	<i>Branços</i>	Identificação

Fonte: elaboração própria.

Esses quadros de relações nos auxiliam na apreensão do Processo Relacional Identificativo que parece subjazer tais relações. Poderíamos reconstruir tais Processos como: A <bota> é a *ameaça comunista*; A <criança> são os *militares*; A <bota> é o *racismo*; A <criança> são os *brancos*. Desse modo, o que marca a correspondência estrutural de Identificação é o Processo Relacional Identificativo que subjaz a articulação entre os componentes. A Identificação, assim, apresenta uma natureza diversa à da Reiteração e da Adição, pelo fato de esses últimos não serem marcados por um Processo subjacente.

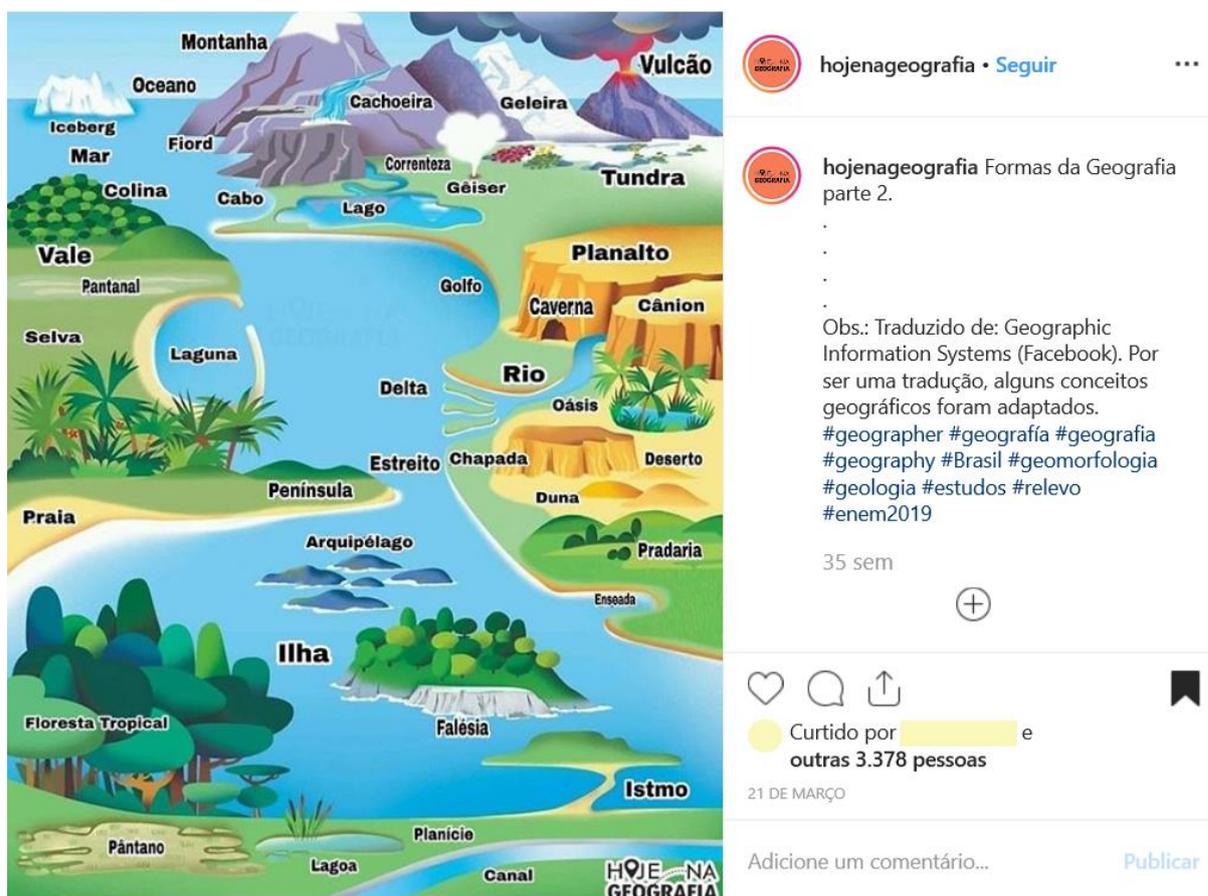
Concebemos que a relação de Identificação apresenta três modos de ocorrência. Pode ser estabelecida uma relação de Identificação:

- i. por meio da apresentação do termo ou da categoria que identifica determinada entidade. Exploramos um exemplo na Figura 2.2-8 a seguir, em que as diferentes configurações geográficas construídas imagetivamente são identificadas por meio de rótulos verbais. Nesse exemplo, os elementos imagéticos consistiriam em Ocorrências, enquanto os respectivos rótulos consistiriam em Valores.

Essa relação de Identificação pode assemelhar-se a uma Reiteração por Exposição, mas distingue-se pelo fato de, na Identificação, subjazer um Processo Relacional Identificativo entre os elementos, no qual se compreende um a partir do outro, de forma que um deles consista em uma Informação potencialmente Nova, para a qual a interação é orientada. No exemplo, pode ser que, para algum leitor/visualizador, o termo *Delta* seja conhecido, mas não a sua caracterização imagética; nesse caso, o Novo consiste na imagem; o oposto também pode ocorrer: o leitor/visualizador pode já conhecer a imagem de uma <laguna>, mas não conhecer o termo. O verbal *Laguna*, nesse caso, configura o Novo. Esse tipo de relação, que se entrelaça com o sistema de ESTRUTURA INFORMACIONAL, da Metafunção Textual (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), não parece ser relevante na atribuição do estatuto de Reiteração por Exposição. Associada à questão do Dado-Novo está o perfil que

publicou a imagem. O perfil, @hojenageografia, apresenta uma proposta educacional de tratar de assuntos que dizem respeito à disciplina de uma forma lúdica, aproximando-se, desse modo, de uma popularização científica. Ao considerarmos o aspecto educacional do texto, a interpretação de um conhecimento consistir no Dado, enquanto outro consiste no Novo é fortalecida.

Figura 2.2-8 – Exemplo de Identificação (2)



Fonte: *post* de @hojenageografia no Instagram. Acesso em: 24 nov. 2019. Disponível em:

<https://www.instagram.com/p/BvRd8JWB-2z/>

- ii. por meio do estabelecimento de equivalência entre elementos de domínios distintos, como ocorre nos exemplos do quadro 2.2-4, nos quais os produtores dos textos identificam <criança> e <bota> a *Militares* e *Ameaça comunista*, por um lado, e a *Branços* e *Racismo*, por outro. Com isso, o leitor é instruído a conceber a relação entre as entidades verbais a partir do conhecimento que constrói da interação entre a <criança> e a <bota>. Por tratar-se de uma articulação entre domínios distintos, a Identificação, nesses textos, articula-se à instauração de uma construção metafórica (LAKOFF; JOHNSON, 1980). Debateremos adiante essa articulação.

Julgamos válido destacar que tanto os exemplos do quadro 2.2-4, quanto o exemplo da figura 2.2-8 são construídos por meio de uma mesma estratégia, que denominamos de **rotulação** – a modalidade verbal constrói rótulos sobre entidades ou eventos imagéticos. Destacamos essa similaridade recuperando a discussão que realizamos no capítulo 1 acerca da Homoespacialidade: os três textos são construídos por meio da rotulação, um único processo que se localiza no âmbito da superfície textual, mas apresentam diferentes implicações na construção do significado. Assim, concebemos que uma dada estruturação dos elementos verbais e imagéticos pode apresentar uma tendência quanto os modos coesivos, mas não é possível associar um mesmo tipo estrutural a apenas um tipo de interação – ou, no caso de Unsworth (2006), a uma relação lógico-semântica;

- iii. por meio do estabelecimento de equivalência entre elementos de um mesmo domínio, como ocorre no exemplo do quadro 2.1-4 da seção anterior – que reproduzimos na figura 2.2-9 a seguir. No *post*, ocorre tanto uma Metáfora Pictórica (FORCEVILLE, 2007), quanto uma Metonímia Multimodal; analisemos a metáfora primeiro.

Figura 2.2-9 – Exemplo de Identificação (3)





 Curtido por wesalencar_ e outras pessoas

 pablovittar uma pintura dessa ✨

Fonte: *post* de @pablovittar no Instagram. Acesso em: 21 set. 2019. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B2eS5URg8kH/>

O elemento imagético do *post* é construído por meio da inserção de um fundo à foto de corpo da artista Pablo Vittar, de modo a atuar como um cenário. O fundo inserido consiste em um recorte do cenário da pintura *O Nascimento de Vênus* de

Sandro Botticelli. Pelo fato de a foto de corpo da artista consistir no foco do elemento imagético, dada a posição centralizada, a presença de maior luminosidade, assim como pelo fato de localizar-se dentro da concha, ou seja, posição de Vênus, o fundo consiste em um elemento contextual para a artista, de modo que ativa a relação metafórica que levaria o leitor do texto a reconstruir a metáfora situada (VEREZA, 2013) de PABLO VITTAR É VÊNUS. A construção metafórica do exemplo seria denominada por Forceville (2007) como Metáfora Contextual, que é compreendida como a metáfora “em que um elemento periférico da imagem é o responsável pela ativação de um mapeamento metafórico relativo ao elemento focal, promovendo uma releitura da imagem” (GONÇALVES-SEGUNDO; ISOLA-LANZONI; WEISS, 2019, p. 42). Assim, é pela inserção do cenário que a metáfora é ativada.

Articulando o elemento imagético ao verbal – *uma pintura dessas* –, podemos identificar uma relação metonímica, uma vez que o substantivo *pintura* é utilizado para se referir não à obra de Botticelli – haja vista que o fundo consiste apenas em um recorte da obra –, mas, sim, à própria Pablló Vittar, por consistir no foco do elemento imagético. Desse modo, *pintura* é utilizado para se referir metonimicamente a uma parte da pintura, estando esta parte, por sua vez, em uma relação metafórica com o fundo. Nesse processo, destaca-se a transferência de uma propriedade da pintura para a cantora: a beleza.

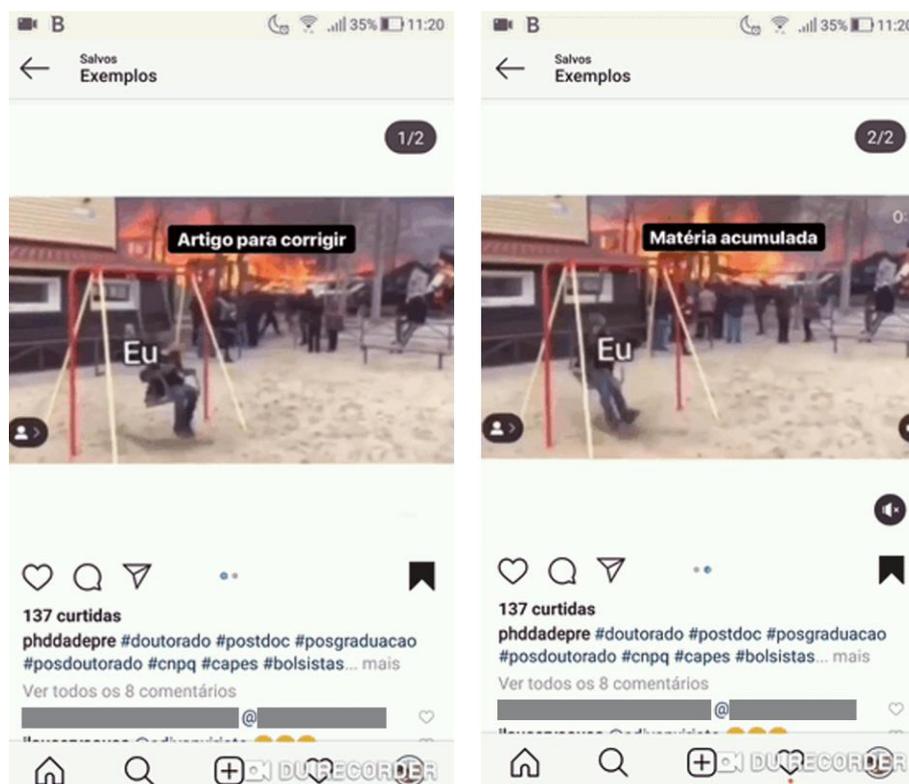
Com esses exemplos, buscamos apresentar de que forma a correspondência estrutural de Identificação se relaciona a outros fenômenos que fogem ao escopo de uma análise da coesão. No terceiro capítulo, na seção 3.3, exploraremos as fronteiras entre a análise da coesão e a análise metafórica em textos marcados por Identificação.

Visando a apresentar o desenvolvimento de uma análise da Identificação, apresentamos no quadro 2.2-6 a seguir outros dois exemplos, a partir dos quais exploramos mais diretamente o funcionamento da análise dessa correspondência estrutural.

Assim como nos textos do quadro 2.2-4, tais enunciados consistem em memes de rotulação. Consistem em memes na medida em que apresentam um potencial de variação, remixagem e difusão (SHIFMAN, 2014; KOBAYASHI, 2018; YUS, 2019), de modo que podem ser replicados e constituírem uma família, uma vez que “a emergência de uma família é condição para que um enunciado multimodal digital [...] seja concebido como meme” (GONÇALVES-SEGUNDO; ISOLA-LANZONI; WEISS, 2019, p. 48). Trata-se, também, de rotulação na medida em que os elementos verbais consistem em rótulos inseridos sobre

entidades ou eventos imagéticos. Estamos, portanto, diante do que denominamos como **memes de rotulação**.

Quadro 2.2-6 – Exemplos de Identificação (2)



Fonte: posts de @phddadepre no Instagram. Acesso em: 11 out. 2019. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/ByIbVvPDWwT/>

Em memes de rotulação, a modalidade dominante da interação tende a ser a imagética, uma vez que é nessa modalidade que são construídos os eventos que são acionados para a interação; o papel do verbal restringe-se a rotular entidades ou eventos imagéticos. Embora esses textos, assim como os do quadro 2.2-4 – sejam todos construídos pela atividade de rotulação, a natureza dessa atividade é distinta. Enquanto nos exemplos anteriores as entidades *Militares* e *Ameaça Comunista* eram identificados também a entidades imagéticas – <criança> e <bota> –, nesses textos, as entidades *Eu* e *Artigo para corrigir*, por um lado, e *Eu* e *Matéria acumulada*, por outro, são identificados a eventos imagéticos: <criança balançando> e <casa pegando fogo>. Essa diferença impacta na depreensão da quantidade de eventos que precisam ser considerados para a realização da análise – e, agora, uma análise não apenas coesiva.

Enquanto nos textos anteriores, pelo fato de o produtor identificar entidades a outras entidades, apenas uma relação requeria ser depreendida: a relação entre a <criança> e a <bota> em ambas as fotos, que apresentam distintos quadros de visualização; na primeira foto, depreendemos uma relação de violência, de subjugação da criança por parte do que inferimos

que seja um adulto, dada a relação metonímica que realizamos entre <bota> e um (possivelmente homem) adulto; na segunda foto, então, depreendemos uma relação de simulação entre a <criança> e a <bota> que passa a ser compreendida como uma ação realizada pela <criança>, o que nos faz voltar à primeira foto e reconceptualizar a relação previamente depreendida.

Já nos textos do quadro 2.2-6, estamos diante de dois eventos que são rotulados e uma relação entre os mesmos. Ao voltarmos-nos à modalidade imagética, podemos identificar dois planos. No primeiro plano, temos uma criança em um balanço de quintal, o que ativa conhecimentos relacionados à diversão, ao relaxamento e à despreocupação. No segundo plano, temos uma casa pegando fogo, com pessoas na calçada se movendo¹⁰⁷, possivelmente acionando bombeiros para tentar conter o incêndio. O fundo, assim, ativa conhecimentos relacionados ao perigo, ao pânico e à necessidade de ação rápida.

Ao contrapormos os dois planos, emerge uma leitura de absurdo da ação realizada pela criança no balanço, que não apenas não age em relação ao incêndio (fugindo ou fazendo algo para conter), como também realiza uma ação totalmente oposta a que a situação exige, ou seja, realiza uma ação típica da diversão e do relaxamento.

É importante que destaquemos que a leitura de absurdo entre os dois planos, ou seja, a relação entre os dois planos, só é assumida como o centro da interpretação do texto pelo fato de serem construídos rótulos sobre esses eventos. Retomando a discussão que realizamos na seção anterior sobre o processo de Ajuste de Focalização: o mesmo ocorre nesses exemplos. Os elementos verbais são construídos em sobreposição a elementos imagéticos, e apresentam duas funções: i. a primeira diz respeito à implicação de que haja uma relação entre *Eu* e *Artigo para corrigir*; e ii. a segunda diz respeito à implicação, conseqüente, de que haja uma relação entre <criança balançando> e <casa pegando fogo>. A segunda função é decorrente do estabelecimento das relações coesivas de Identificação entre as entidades e os eventos. Em outros termos, é pelo fato de o verbal rotular esses eventos e construir-se localmente como um foco de leitura que a relação entre os dois planos do imagético é mais fortemente focalizada pelo leitor do texto, que passa, então, a realizar inferências entre os eventos. A relação entre os eventos que poderia apresentar menor saliência é focalizada pelo fato de serem construídos

¹⁰⁷ Indicamos movimentação nos exemplos pelo fato de os *posts* consistirem em *gifs*. Não inserimos as imagens dinâmicas na dissertação dadas as coerções materiais do suporte sobre o qual trabalhos científicos são distribuídos (textos impressos e suportes com pouca inserção de produções audiovisuais). Assim, limitamo-nos a apresentar as capturas de tela dos exemplos e indicamos o *link*, para que o consumo dos textos possa ser realizado considerando sua dimensão dinâmica.

elementos verbais como foco local e serem estabelecidas relações de Identificação entre as entidades e os eventos.

Contudo, embora o verbal instrua o leitor a focalizar a relação entre os eventos imagéticos – reatribuindo o foco ao imagético–, o verbal consiste no domínio sobre o qual o produtor visa construir uma significação. Assim, após a apreensão da relação entre os dois planos do imagético, que identificamos acima como de absurdo, o leitor retoma o verbal, realizando uma projeção da leitura de absurdo entre <criança balançando> e <casa pegando fogo> para o *Eu* e *Artigo para corrigir*.

Nesse processo, emerge uma interpretação de negligência deliberada em relação à urgência de uma ação. Assim, o não encaminhamento das obrigações – no caso, a substituição da correção do artigo pela realização de atividades de lazer – pode gerar consequências negativas – como cobrança do orientador, perda de financiamento, queda na avaliação do programa, dentre outras possibilidades relevantes no âmbito do domínio-alvo –, de modo análogo ao que ocorre quando um incêndio é ignorado – com comprometimento da estrutura da construção e provável destruição de itens pessoais variados. Desse modo, estabelece-se uma representação humorística da procrastinação, com possível efeito persuasivo, na medida em que pode levar os consumidores do texto a revisar suas ações e agir de outro modo. Tal efeito decorreria tanto da imagética da fonte, quanto da projeção do consumidor pós-graduando com o rótulo verbal *Eu* e as implicações decorrentes na cena.

Embora essa atividade tenha sido instruída pela Identificação, analisada no âmbito da coesão, o processo inferencial se encontra no nível da análise metafórica. O limite entre a análise coesiva e a metafórica parece consistir no fato de a coesão se voltar à investigação dos modos de articulação dos elementos imagéticos e verbais no âmbito da superfície textual, ou seja, em termos, por um lado, de construção de eventos, e, por ou lado, de construção da expressão metafórica – do veículo e do tópico metafórico¹⁰⁸. Competiria, portanto, à análise metafórica a investigação das inferências entre as entidades e os eventos que são focalizados na superfície textual. A coesão auxiliaria no processo de identificação dos constrangimentos presentes nos textos; em outros termos, é ao Identificar <criança balançando> com um *Eu* e <casa pegando fogo> com *Artigo para corrigir* que a relação entre os dois eventos é focalizada.

¹⁰⁸ Exploraremos essas especificidades na seção 2.3 do terceiro capítulo.

Por meio desses exemplos, buscamos apresentar o funcionamento do sistema de COESÃO VERBO-IMAGÉTICA e a metodologia que desenvolvemos para sua aplicação. Visando sistematizar as etapas, apresentamo-las a seguir.

Etapas metodológicas para a aplicação do sistema de COESÃO VERBO-IMAGÉTICA:

Etapa 1: Análise do Processo/componente construído por cada modalidade.

- a. **identificação dos componentes de cada modalidade**
- b. **determinação da modalidade dominante** – segue um fuso de critérios:
 - i. a modalidade dominante tende a consistir naquela assumida como central pela plataforma ou pelo gênero discursivo;
 - ii. a modalidade dominante tende a ser aquela que constrói um processo;
 - iii. a modalidade dominante tende a ser aquela cujo processo construído apresenta maior dinamicidade.

[As etapas seguintes seguem dois princípios: i. a análise é direcional – parte-se da modalidade dominante; ii. ordem de análise segue a nuclearidade dos componentes – parte-se do processo, passa-se ao participante e termina na circunstância].

Etapa 2: Análise da Reiteração da correspondência processual (processo, participante e circunstância).

Etapa 3: Análise da Adição da correspondência processual (processo, participante e circunstância).

Etapa 4: Análise da Identificação da correspondência processual (processo, participante e circunstância).

Passaremos então, para o capítulo 3, no qual realizamos algumas análises que buscam articular a coesão à geração de efeitos semântico-discursivos diversos. O capítulo é estruturado a partir das três correspondências estruturais – Reiteração, Adição e Identificação –, que são abordadas em seções específicas de modo que possamos explorar suas especificidades. O capítulo é composto, também, por uma seção sobre Ciclos Intermodais de Leitura que, embora perpassem algumas análises que apresentamos nas seções iniciais do capítulo 3, exige que foquemos algumas reflexões sobre essa atividade, haja vista nosso reenquadramento da noção, proposta inicialmente por Unsworth (2006).

Capítulo 3 Explorando efeitos semântico-discursivos de padrões coesivos

Seguindo a apresentação que realizamos no capítulo anterior sobre o sistema de COESÃO VERBO-IMAGÉTICA, desenvolveremos neste capítulo análises e discussões acerca do sistema, suas potencialidades, validades e limitações. Sistematizaremos as análises em termo das três opções de correspondência estrutural – Reiteração, Adição e Identificação – de modo a explorarmos especificidades de cada opção. Realizamos as análises seguindo a metodologia que desenvolvemos, ora de forma mais metadiscursiva, ora de forma mais fluida, tanto no âmbito da aplicação do sistema, quanto no âmbito dos aspectos de *layout*.

Ao longo das seções, procedemos a análises coesivas, buscando identificar efeitos decorrentes de determinadas articulações coesivas. Por voltarmos-nos a uma análise dos elementos na superfície textual, concebemos que uma análise da coesão verbo-imagética auxilia investigadores a ancorar de forma mais consistente determinadas interpretações que extrapolam o nível da coesão. Assim, buscamos articular a análise coesiva a efeitos semântico-discursivos como: (i) Ajuste de Focalização (de Restrição Referencial e de Ajuste de Saliência) que desenvolvemos no capítulo anterior; (ii) redução de ceticismos; (iii) orientação de raciocínios inferenciais (com destaque para a articulação com a teorização de Metáforas Multimodais). Além disso, hipotetizamos que padrões coesivos podem constituir elementos de caracterização e de identificação de gêneros discursivos em mídias digitais.

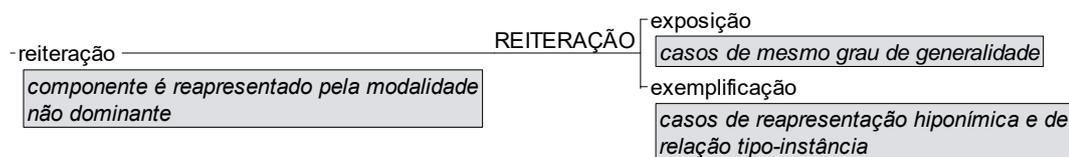
Por fim, encerramos o capítulo desenvolvendo reflexões acerca da noção de Ciclos Intermodais de leitura, proposta por Unsworth (2006), buscando evidenciar de que modo a noção articula-se a uma análise coesiva multimodal.

Passaremos agora para as seções de cada opção de correspondência estrutural.

3.1 Relação coesiva de Reiteração

Iniciamos este capítulo com a seção sobre a correspondência estrutural de Reiteração. Retomando o capítulo anterior, concebemos Reiteração como a atividade de reapresentar, na modalidade não dominante, um componente já construído na modalidade dominante, seja em termos do seu papel léxico-gramatical, seja em termos do seu estatuto instancial como referente ou predicador. Consistem em opções do subsistema de ELABORAÇÃO a Exposição e a Exemplificação, conforme podemos observar na Figura seguinte:

Figura 3.1-1 – Correspondência estrutural de Reiteração e subsistema de ELABORAÇÃO



Fonte: elaboração própria.

Conforme a figura 3.1-1, compreendemos que a Reiteração por Exposição abrange combinações em que os componentes verbal e imagético apresentam o mesmo grau de generalidade, ao passo que a Reiteração por Exemplificação abarca os casos em que os componentes verbal e imagético apresentam graus distintos de generalidade, que podem ser especificados em termos de uma reapresentação hiponímica ou de uma relação tipo-instância.

Visando a explorar algumas características típicas da Reiteração, procederemos à análise de quatro exemplos. Antes, contudo, reforçamos duas premissas do procedimento: i. a análise é direcional; e ii. a ordem de análise segue a nuclearidade dos componentes. Concebemos que tais restrições auxiliam tanto no desenvolvimento da análise da coesão verbo-imagética em si, quanto no modo de exposição da análise.

A seleção dos exemplos para a análise da Reiteração parte das investigações da pesquisa, a partir das quais depreendemos que a Reiteração parece consistir na relação coesiva mais esperada em determinados gêneros, como ocorre nas esferas jornalística e educacional. É possível hipotetizar, embora não investiguemos a fundo nesta pesquisa, que um dos efeitos de um produtor de um texto multimodal recorrer a uma relação de Reiteração entre o verbal e o imagético consista na redução de ceticismos em relação ao verbal – em um contexto em que esta é a modalidade dominante –, uma vez que a apresentação de um elemento imagético em total Reiteração com o verbal poderia atuar como um mecanismo orientado à redução da vigilância epistêmica (SPERBER *et al*, 2010; MAZZARELLA, 2013), concebida no âmbito da Teoria da Relevância (SPERBER; WILSON, 1995[1986]). Mazzarella (2013) compreende vigilância epistêmica como “uma habilidade à qual subjaz um conjunto de mecanismos cognitivos orientados para determinar o risco de desinformação na comunicação” (GONÇALVES-SEGUNDO, 2015, p. 105). Os autores concebem que a vigilância epistêmica consiste em um mecanismo necessário ao ser humano para que possa “mensurar a confiança epistêmica, checando a credibilidade da fonte da informação e do próprio conteúdo informacional” (GONÇALVES-SEGUNDO, 2015, p. 105). Assim, a construção imagética de um evento construído verbalmente poderia atuar como um mecanismo de redução de ceticismo por parte do leitor, que poderia atestar, por si mesmo, a veracidade do evento verbal, atribuindo

credibilidade tanto ao produtor do texto, quanto ao conteúdo do texto. Destacamos que tal credibilidade seria baseada em uma concepção de que atestar um evento visualmente corresponderia a atestar a realidade. Essa concepção encontra eco em investigações de recursos de evidencialidade (BEDNAREK, 2006; MARÍN-ARRESE, 2013; CARIOCA, 2011), que chegam a conclusões que informações cujas fontes são baseadas em percepções visuais tendem a apresentar maior confiabilidade por parte de leitores e ouvintes.

Desse modo, embora a Reiteração possa ser interpretada como uma redundância informacional – por consistir em uma reapresentação do mesmo evento –, a relação apresenta grande potencial de ancoragem das fontes de informação das quais partem produtores de textos multimodais. Podemos articular tal relação a uma dimensão argumentativa, por exemplo, na qual poderia apresentar articulações com estratégias de construção de Bases (TOULMIN, 1950; TOULMIN; RIEKE; JANIK, 1984; GONÇALVES-SEGUNDO, 2016; *no prelo*) e de construção de antecipações refutativas (ISOLA-LANZONI, 2019).

Visando a explorar algumas dessas reflexões, analisaremos a seguir uma chamada de notícia do jornal O Estado de São Paulo sobre o fato de o jogador de futebol da seleção brasileira Daniel Alves ter se machucado e, em decorrência disso, ter ficado de fora da Copa do Mundo de Futebol de 2018. Vejamos a figura 3.1-2:

Figura 3.1-2 – Exemplo de Reiteração em manchete do jornal O Estado de São Paulo



Fonte: Página inicial de O Estado de São Paulo. Acesso em 11 mai. 2018. Disponível em: <https://www.estadao.com.br>¹⁰⁹.

¹⁰⁹ Por consistir em uma chamada de notícia, que é divulgada na página inicial do jornal, não é possível dispor de um link que remeta ao texto original. A isso se soma o fato de, ao acessar a notícia, por vezes o título da notícia ser distinto do apresentado na chamada.

A chamada é composta por dois elementos verbais – *Baixa na seleção* e *Lesão no joelho tira Daniel Alves da Copa na Rússia* –, elementos indicadores de redes sociais – f t + – e um elemento imagético – foto do jogador Daniel Alves. Para a análise, não consideraremos os elementos de redes sociais por consistirem em ícones que indicam possíveis atitudes responsivas dos leitores: compartilhar a chamada nas redes sociais. No que diz respeito aos elementos verbais, o primeiro elemento – *Baixa na seleção* – exerce uma função de apresentação de tópico da notícia. Embora o elemento apresente uma consequência do conteúdo noticiado, a interação que instancia com os demais elementos é do tipo todo-todo, ou seja, o sintagma nominal *Baixa na seleção*, que configura o tópico, interage com o conjunto formado pela foto de Daniel Alves e a chamada da notícia.

Assim, voltaremos nossa análise para a interação instanciada entre o segundo elemento verbal – *Lesão no joelho tira Daniel Alves da Copa na Rússia* – e o elemento imagético <foto de Daniel Alves>. Apresentamos no quadro 3.1-1 a seguir a análise processual do elemento verbal.

Quadro 3.1-1 – Análise processual do elemento verbal da figura 3.1-2

Lesão no joelho	tira	Daniel Alves	da Copa na Rússia
participante	processo	participante	participante
Ator	Pr. Material	Meta	Fonte

Fonte: elaboração própria.

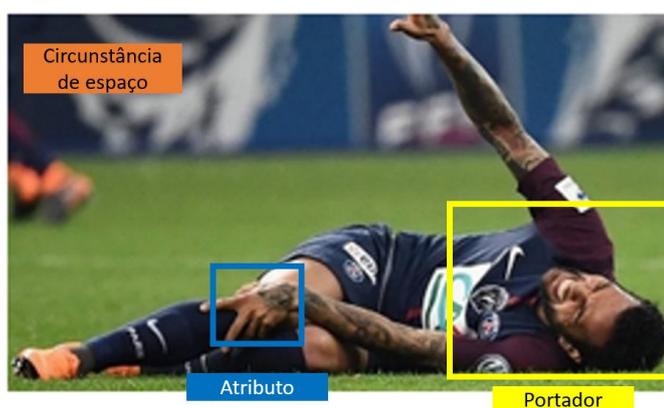
A partir do quadro, podemos identificar que *Lesão no joelho* é construído como o Ator do Processo Material *tira*, cuja Meta é instanciada por *Daniel Alves*. O Processo comporta também o participante Fonte – *da Copa na Rússia* –, uma vez que a semântica do verbo *tirar* especifica uma relação de movimento causado, em que um Ator atua sobre uma Meta de modo a causar no último uma movimentação. Tal movimentação pode ser construída com vistas a um Destino, por meio de um Percurso, com origem em uma Fonte, todos esses participantes. O verbo *tirar*, contudo, especifica apenas a Fonte¹¹⁰ da qual a Meta é tirada.

Voltando-nos ao elemento imagético, depreendemos dois planos: um focal, que consiste no jogador Daniel Alves deitado, com a mão no joelho, e um desfocado, que consiste no fundo, um campo de futebol. Focaremos, primeiro, no primeiro plano. A representação de Daniel Alves deitado constrói um Processo Conceitual. Nascimento; Bezerra; Heberle (2011, p. 537)

¹¹⁰ Analisamos o participante *da Copa na Rússia* enquanto Fonte por concebermos que se trata de uma extensão metafórica do uso típico de Fonte, como no caso: *Ele tirou a faca da gaveta*. No exemplo, *da gaveta* consiste em uma Fonte típica, por consistir tanto em um local, quanto onde *a faca* localizava-se. Já no exemplo analisado, *da Copa na Rússia* não consiste em um local, mas, sim, em um evento a ocorrer no futuro – em relação ao momento de publicação do texto, em maio de 2018. Assim, classificamos tal participante enquanto Fonte por consistir no evento do qual a Meta é (re)tirada.

apresentam que uma das características de Processos Conceituais consiste na “ausência ou menor detalhamento do pano de fundo, o que direciona o foco para os participantes e seus atributos”. No exemplo, <Daniel Alves> atua como um Portador/Possuidor do Atributo/Possuído <Lesão no Joelho>. O segundo plano, por sua vez, consiste no pano de fundo, que apresenta menor detalhamento, e especifica o Processo quanto ao espaço. Apresentamos na figura 3.1-3 a seguir a análise do Processo Conceitual Analítico¹¹¹ do elemento imagético.

Figura 3.1-3 – Análise processual do elemento imagético da figura 3.1-2



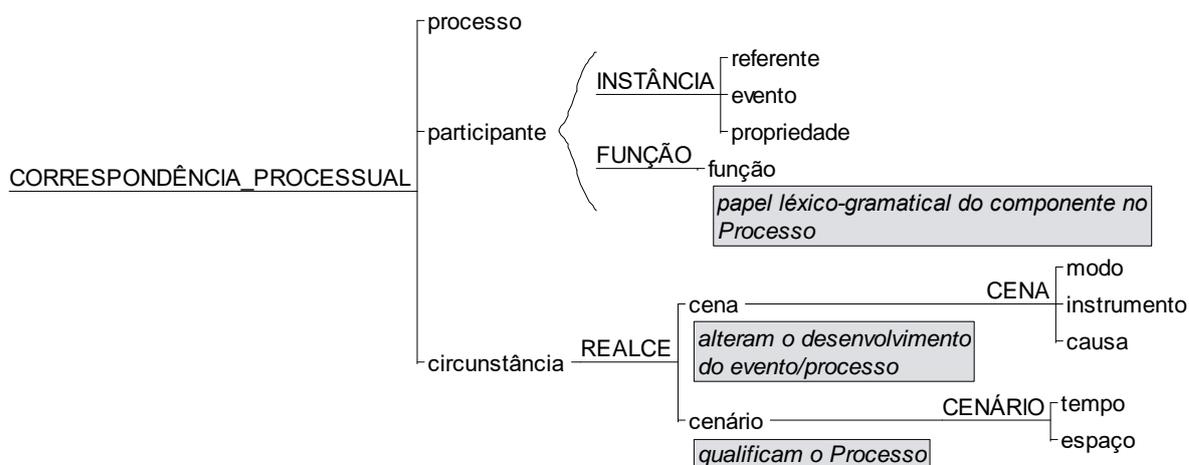
Fonte: exemplo: chamada do O Estado de São Paulo; análise: elaboração própria.

Procedendo à Etapa 2 de análise, depreendemos que: (i) não ocorre Reiteração entre os processos, haja vista que no verbal o processo construído é Material, enquanto no imagético é Conceitual Analítico¹¹². ; (ii) entre o participante Meta *Daniel Alves* e o participante Portador/Possuidor <Daniel Alves>, não ocorre Reiteração em relação ao Participante: Função, mas ocorre em relação ao Participante: Referente. Reapresentamos na figura 3.1-4 a seguir o subsistema de CORRESPONDÊNCIA PROCESSUAL. Ocorre, desse modo, Reiteração de participante referente por Exposição tanto em relação ao participante referente *Daniel Alves*/*<Daniel Alves>*, quanto em relação ao participante propriedade *Lesão no joelho*/*<Lesão no joelho>*. Como apresentamos no capítulo anterior, os subsistemas que especificam as opções de CORRESPONDÊNCIA ESTRUTURAL se aplicam somente à folha Referente, Evento ou Propriedade da opção Participante, uma vez que, no que tange à Função, por se tratar de um papel léxico-gramatical, não há subtipos em relação a Exposição ou Exemplificação.

¹¹¹ Processos Conceituais Analíticos são concebidos como processos em que se “representam os elementos na imagem em uma relação parte/todo” (NASCIMENTO, BEZERRA; HEBERLE, 2011, p. 538). Em Processos Analíticos, o produtor opta por representar “determinados elementos da imagem com foco em suas partes ou em seu todo” (NASCIMENTO, BEZERRA; HEBERLE, 2011, p. 538).

¹¹² Ressaltamos que estamos compreendendo Processo Conceituais Analíticos tanto para casos de relações meronímicas, quanto para casos de relações de posse ou análogas a posse, como no exemplo em questão.

Figura 3.1-4 – Subsistema de CORRESPONDÊNCIA PROCESSUAL



Fonte: elaboração própria.

Na interação, são construídos também os componentes *Fonte da Copa na Rússia* (verbal) e *Circunstância de Espaço <campo de futebol>*, que consiste no fundo do elemento imagético. Tais componentes não estabelecem coesão por Reiteração, uma vez que não são representados nas duas modalidades. Considerando que o texto está envolvido em uma prática jornalística, na qual o fluxo informacional tende a ser desenvolvido por meio da modalidade verbal, assumimos o verbal como a modalidade dominante. A isso, acrescentamos que é na modalidade verbal que o processo com maior dinamicidade é construído. Assim, embora fuja do escopo desta seção, podemos analisar a construção da circunstância de espaço imagético como uma Adição de circunstância de espaço por Complementação¹¹³. Exploraremos essa relação coesiva na seção 3.2 a seguir. Por assumirmos a modalidade verbal como a dominante, o participante *Fonte* não é analisado como um componente Adicionado.

Retornando à discussão sobre a Reiteração, o fato de o produtor do texto proceder a uma Reiteração, na modalidade imagética, dos participantes mais centrais do Processo verbal acaba por atribuir ao verbal uma maior credibilidade por oferecer ao leitor a possibilidade de atestar a veracidade do que é alegado verbalmente. A isso, soma-se o fato de o evento imagético ser ancorado quanto ao espaço de ocorrência. A Adição de circunstância de espaço atua como um elemento contextualizador do Processo Conceitual Analítico imagético que poderia ser reconstruído como “Daniel Alves obteve uma lesão no joelho em campo”¹¹⁴.

¹¹³ A circunstância imagética <campo de futebol> é analisado como uma Adição por Complementação por consistir em um componente que não é previsto pelo esquema processual. Assim, a sua construção em relação à modalidade dominante – a verbal – se dá por Complementação. Exploraremos os modos de Adição de componentes na próxima seção.

¹¹⁴ Embora tenhamos analisado o elemento imagético como construtor de um Processo Conceitual Analítico – concebendo uma relação de posse –, devemos destacar que é possível que se faça uma leitura de Processo

Diante dessa representação, calcada pela Reiteração de dois participantes e complementada pela adição de uma circunstância, o elemento verbal, no que tange à ocorrência da *lesão no joelho*, tende a ser mais facilmente aceito pelos leitores do texto. O que pode configurar-se, no entanto, como um ponto de tensão, é o participante *Fonte da Copa na Rússia*, visto que não é reiterado. A atividade de construir a informação que não é reiterada – sendo tal informação Nova – pode consistir em uma estratégia de captação de atenção do leitor, de modo a levá-lo a acessar o *link* e consumir a notícia como um todo.

Esse exemplo mostra, desse modo, a relevância da Reiteração tanto em relação aos efeitos da instanciação dessa correspondência estrutural – como a redução de ceticismos –, quanto em relação aos elementos que, justamente por não serem reiterados, podem consistir em estratégias de captação de atenção, por exemplo.

Em relação a essa estratégia de atenção, ela parece ser produtiva na esfera jornalística no que tange a chamadas de notícias. Em legendas de fotos de eventos sociais noticiados, por exemplos, tal estratégia parece ser dispensada, como podemos observar na figura 3.1-5.

Figura 3.1-5 – Exemplo de Reiteração em galeria de imagens do jornal Folha de São Paulo

4 / 7 Consumidores lotam lojas em busca de descontos na Black Friday



Consumidores disputam aparelhos de televisão em loja de São Paulo Miguel Schincariol/AFP

Narrativo, cuja reconstrução verbal poderia ser “Daniel Alves lesionou o joelho”. Nessa leitura, o Atributo estaria implicado na semântica do processo *lesionar*. Esse exemplo explora uma questão particular a elementos imagéticos, que é a apreensão do Processo construído. Em alguns casos, é típico que seja possível distintas leituras de Processos, que tanto se baseiam na saliência de determinados aspectos do imagético sobre outro, quanto na possibilidade apresentar distintas implicações para uma análise. Neste exemplo, optamos por analisar o elemento imagético enquanto um Processo Conceitual Analítico, expandindo a sua aplicação para casos de relações de posse (ou análogas) por apreendermos uma baixa dinamicidade entre os elementos envolvidos; por lesão em campo consistir em um evento que ocorre a despeito da agência da entidade envolvida – sem que esteja implicado um desejo ou controle –, compreendemos que a função do imagético consista em atestar em estado de mundo sem que se explore a dinâmica necessária para tal estado.

Fonte: galeria de imagens da notícia “Consumidores lotam lojas em busca de descontos na Black Friday”. Acesso em: 30 nov. 2019. Disponível em: <http://bit.ly/2YJhtRd>.

O exemplo da figura 3.1-5 consiste em um exemplar da galeria de fotos da notícia “Consumidores lotam lojas em busca de descontos na Black Friday” do jornal Folha de São Paulo, de 29 nov. 2019. A apresentação da foto segue o elemento verbal *Consumidores disputam aparelhos de televisão em loja de São Paulo Miguel Schincariol/AFP*, localizado no canto inferior esquerdo da tela. Consta no elemento verbal a identificação do fotógrafo autor da foto, *Miguel Schincariol/AFP*; não consideraremos tal trecho para a análise da interação, visto que a relação que estabelece é de indicação de autoria da foto.

Apresentamos no quadro 3.1-2 a seguir a análise do Processo Material construído na modalidade verbal. De modo análogo, o produtor da foto representa um Processo Material imagético – ou Processo Narrativo de Ação Transacional –, em que, assim como no verbal, os <consumidores> consistem em Ator, enquanto as <televisões em caixas> consistem em Meta. Desse modo, processo e participantes são reiterados entre as modalidades, de modo que apresentam um alto grau de equivalência na construção do evento. A diferença entre os eventos construídos por cada modalidade reside na circunstância de espaço construída na modalidade verbal. Tal circunstância ancora o Processo, uma vez que indica a cidade da loja em que o evento representado ocorreu, informação essa que não poderia ser depreendida a partir do imagético.

Quadro 3.1-2 – Análise processual do elemento verbal da figura 3.1-5

Consumidores	disputam	aparelhos de televisão	em loja de São Paulo
participante	processo	participante	circunstância
Ator	Pr. Material	Meta	Circunstância de espaço

Fonte: elaboração própria.

Esse exemplo apresenta uma problemática em relação ao anterior. O exemplo é retirado de uma seção de galeria de fotos da notícia, de modo que se configura como um texto separado da notícia, embora a ela ligado. Por tratar-se de uma galeria de fotos, a modalidade que parece consistir na dominante é a imagética. Assim, os elementos verbais, que consistem na legenda da foto, são relacionados ao imagético por meio de Reiteração de processo e de participantes por Exposição.

Podemos explorar com esse exemplo o fato de parecer esperado na prática jornalística uma equivalência entre os eventos construídos em cada modalidade. Contrapondo, contudo, este exemplo ao anterior, podemos hipotetizar que chamadas de notícias podem consistir em um contexto propício para a instanciação de estratégias de captação de atenção, dado o objetivo

visado pelos produtores, de leitores abrirem a notícia. Já em galeria de fotos de uma dada notícia, a estratégia de captação de atenção tende a não ocorrer, dado que a galeria costuma ser apresentada ao final de notícias. Nesse contexto, o verbal tende a apresentar alto grau de equivalência – por meio de Reiteraões – entre os eventos apresentados no imagético.

Tal processo de construção de um mesmo evento, com certas especificidades, parece estar relacionado, também, à prática educacional. Por nos voltarmos nesta pesquisa a textos produzidos e distribuídos para/por mídias digitais, não procederemos a análises de textos multimodais de conteúdo educacional impresso, como livros didáticos e apostilas, por exemplo; contudo, apontamos que tais estudos podem consistir em objeto de futuras investigações, tanto nossas, quanto de demais pesquisadores que se voltem à multimodalidade no ensino. Para as reflexões sobre a ocorrência de Reiteração em práticas educacionais em meio digital, recorreremos à análise de dois trechos do vídeo “Você está em uma BOLHA SOCIAL? Descubra”, de Felipe Castanhari, autor do Canal Nostalgia. Felipe Castanhari é reconhecido como um *edutuber*, termo cunhado pela plataforma do YouTube para se referir a produtores de conteúdo educacional que atuam na rede social. Suas produções educacionais são agrupadas em *playlists* do Canal, como Nostalgia História e Nostalgia Ciência, contextos em que o *edutuber* recorre a um processo de popularização do conhecimento científico (ISOLANZONI; GONÇALVES-SEGUNDO, 2019). Passaremos agora à análise dos exemplos.

Exploramos de forma inicial o primeiro exemplo no primeiro capítulo, ao tratarmos da interação verbo-visual a partir das categorias de Martinec; Salway (2005). Reapresentamos o exemplo, de modo a explorarmos o método que desenvolvemos para a análise da coesão verbo-imagética. Apresentamos no vídeo 3.1-1 a seguir o trecho do vídeo. O excerto conta com dois elementos imagéticos e analisaremos cada um por vez.

Vídeo 3.1-1 – Trecho de “conversar em roda de amigos”



Fonte: Castanhari (2017a). Disponível em: <http://bit.ly/35gqjsf>.

Apresentamos em 9 a transcrição ortográfica do primeiro trecho.

- (9) E eu também aposto que muitos de vocês eventualmente **conversam sobre esse assunto. E mesmo porque é um negócio que eventualmente surge lá na roda de amiguinhos, surge.** Não tem como fugir completamente disso. (CASTANHARI, 2017a, 0'28''-0'36'').

Seguem, no quadro 3.1-3, as duas orações com as quais o elemento imagético interage – destacadas em negrito em 9. A primeira oração – *conversam sobre esse assunto* – é construída por meio de um Processo Verbal, com os participantes Dizente – *vocês*, que não é enunciado conjuntamente aos elementos imagéticos – e Verbiagem – *sobre esse assunto* – preenchendo o esquema processual. A segunda oração – *E mesmo porque [conversar sobre esse assunto] é um negócio que eventualmente surge lá na roda de amiguinhos* – é construída por meio de um Processo Relacional Identificativo, no qual o participante Ocorrência – *conversar sobre esse assunto*, que é associado à oração anterior – é identificado ao participante Valor – *um negócio que eventualmente surge lá na roda de amiguinhos*.

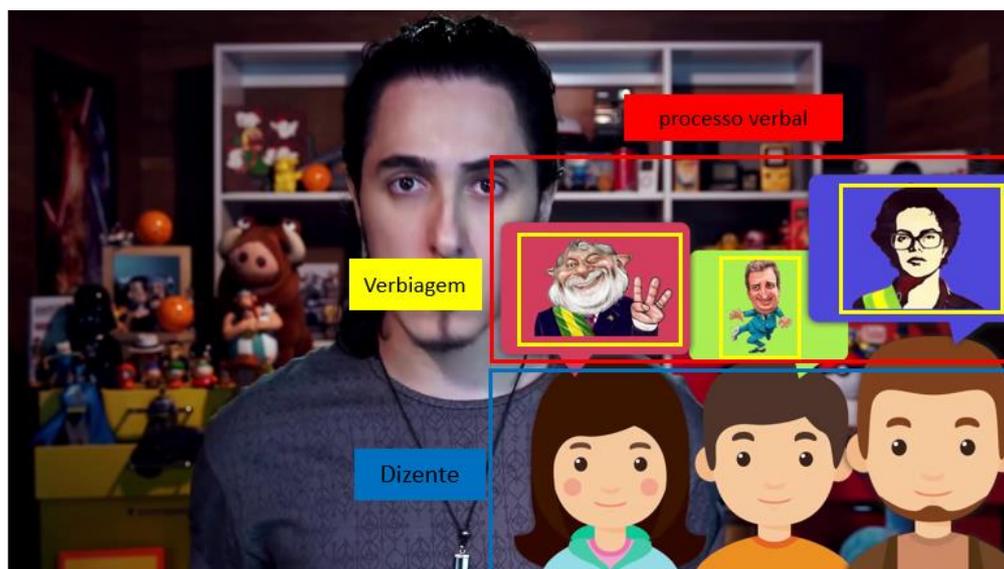
Quadro 3.1-3 – Análise processual do elemento verbal do exemplo (9)

(vocês)	(eventualmente)	conversam	sobre esse assunto
participante	circunstância	processo	participante
Dizente		Pr. Verbal	Verbiagem
(conversar sobre esse assunto)	é	um negócio que eventualmente surge lá na roda de amiguinhos, surge.	
Participante	processo	participante	
Ocorrência	Pr. Relacional Identificativo	Valor	

Fonte: elaboração própria.

De modo análogo, o produtor constrói na modalidade imagética um Processo Verbal, com os componentes identificados na figura 3.1-6 a seguir. Pelo fato, neste vídeo, de o fluxo informacional desenvolver-se, majoritariamente, por meio da modalidade verbal, podemos considerá-la como a dominante.

Figura 3.1-6 – Análise processual do elemento imagético do vídeo 3.1-1



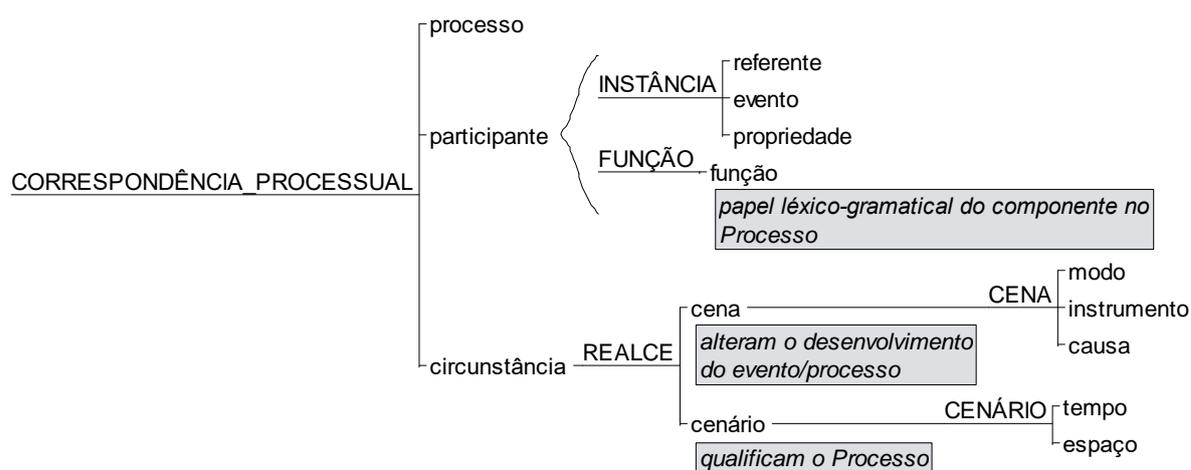
Fonte: vídeo: Castanhari (2017a); análise: elaboração própria.

A enunciação do elemento imagético é articulada às duas orações que analisamos no quadro 3.1-3. Assim, a análise coesiva se volta à interação entre o evento construído na modalidade imagética em relação aos dois eventos verbais. Em relação ao primeiro Processo Verbal, ocorre Reiteração de processo por Exposição entre *conversam* e os <balões de fala>, que representam o processo verbal imagético; do mesmo modo, os participantes Dizentes (*você*) e <personagens> estabelecem uma relação de coesão por Reiteração por Exposição; entre os participantes Verbiagens *sobre esse assunto* e <caricaturas do presidente Lula, senador Aécio Neves e presidenta Dilma Rousseff> é estabelecida uma relação de coesão de Reiteração por Exemplificação, uma vez que os elementos imagéticos consistem em instâncias possíveis do assunto de política (tópico retomado pelo pronome demonstrativo *esse*).

A interação com o Processo Relacional Identificativo verbal requer um maior detalhamento. Enquanto, em relação ao Processo Verbal, os componentes dos Processos foram analisados quanto à sua Reiteração, em relação ao Processo Identificativo, não são os componentes que estabelecem uma relação de coesão, mas sim o Processo imagético como um todo. Como é possível observar no quadro 3.1-3 – anteriormente apresentado – o participante Ocorrência do Processo Identificativo corresponde a uma oração encaixada, ou seja, a oração *conversam sobre esse assunto* exerce a função léxico-gramatical de participante Ocorrência da oração seguinte.

O fato de um participante ser instanciado por meio de uma oração encaixada implícita – depreendida a partir da oração imediatamente anterior – evidencia que estamos diante de duas problemáticas. A primeira diz respeito à possibilidade de um participante ser construído por meio de um evento, o que nos motivou a assumir Evento como uma opção do subsistema de INSTÂNCIA, que especifica a opção Instância. Reapresentamos a seguir a figura 3.1-4, que apresenta o subsistema de CORRESPONDÊNCIA PROCESSUAL.

Figura 3.1-4 – Subsistema de correspondência processual



Fonte: elaboração própria.

A outra problemática diz respeito ao modo de se estabelecer a coesão no que tange a esse participante. Por consistir em um encaixamento da oração anterior, que estabeleceu com o imagético uma coesão de Reiteração por Exposição e por Exemplificação, a coesão entre o participante Ocorrência e o evento imagético é marcado por uma Reiteração de participante por Exemplificação, uma vez que o todo imagético consistiria em um exemplo possível de *conversa sobre esse assunto*.

Apresentamos em 10 a seguir a continuação do trecho do vídeo 3.1-1, para que possamos proceder à análise do segundo elemento imagético.

- (10) Agora deixa eu te fazer outra pergunta: de **todas essas pessoas que você troca ideia sobre política, ou sobre assuntos complicados que é possível haver discordância**, alguma dessas pessoas pensa de um jeito completamente diferente de você? (CASTANHARI, 2017, 0'36''-0'50'').

Apresentamos no quadro 3.1-4 a seguir a análise processual do modificador do sintagma nominal *todas essas pessoas que você troca ideia sobre política, ou sobre assuntos complicados que é possível haver discordância*. O produtor constrói na modalidade verbal um Processo de maneira integralizada por meio do processo verbal *trocar ideia* e pelos participantes Dizente *você*, Verbiagem *sobre política ou assuntos mais complicados que é possível haver*

discordância e Receptor que [pronome relativo que retoma os determinantes e o núcleo do sintagma nominal: todas essas pessoas].

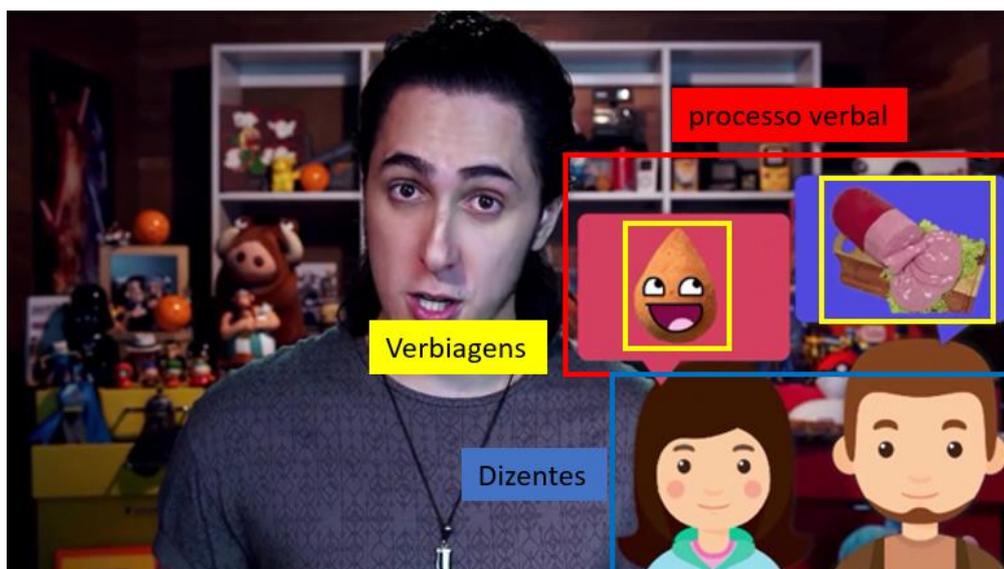
Quadro 3.1-4 – Análise processual do elemento verbal do exemplo (10)

que	você	troca ideia	sobre política ou sobre assuntos mais complicados que é possível haver discordância
participante	participante	processo	participante
Receptor [pronome relativo que retoma ‘todas essas pessoas’]	Dizente	Pr. Verbal	Verbiagem

Fonte: elaboração própria.

Assim como no exemplo anterior, o produtor constrói na modalidade imagética Processo Verbal imagético – apresentado na figura 3.1-7 a seguir –, o que caracteriza a interação a ser do tipo Interprocessual, com a modalidade verbal sendo a dominante.

Figura 3.1-7 – Análise processual do elemento imagético do vídeo 3.1-1



Fonte: vídeo: Castanhari (2017a); análise: elaboração própria.

Assim como no exemplo anterior, estabelece-se uma Reiteração de processo por Exposição. Interpretamos ambos os casos – anterior e este – como Exposição pelo fato *conversar e trocar ideia* serem muitos próximos semanticamente; o que os parece distinguir é o contexto de uso, visto que a locução verbal *trocar ideia* consiste em uma variante mais informal. Os participantes Dizente e Receptor apresentam uma peculiaridade, pelo fato de ambos articularem-se a um mesmo participante do evento imagético, o Dizente. O Dizente imagético é construído pelas duas personagens, de modo que o Dizente verbal *você* pode ser identificado a uma das personagens, enquanto o Receptor verbal *que* identifica-se à outra. Por consistirem em personagens-tipo, compreendemos que a Reiteração de participante se dá por

Exposição. Já em relação às Verbiagens verbal e imagética, assim como no exemplo anterior, a relação é de Reiteração por Exemplificação, uma vez que a Verbiagem do evento imagético, por meio dos elementos <coxinha, mortadela, pão com mortadela, tucano e estrela vermelha>, representa instâncias possíveis de *política* e de *assuntos mais complicados que é possível haver discordâncias*.

Embora em ambos os exemplos as Verbiagens estabeleçam relações de coesão de Reiteração por Exemplificação, a natureza da exemplificação é distinta. Enquanto no exemplo anterior falar sobre <o presidente Lula, o senador Aécio Neves e a presidenta Dilma Rouseff> consistem em potenciais tópicos do tipo *assunto de política*, neste exemplo, os elementos <coxinha, mortadela, pão com mortadela, tucano e estrela vermelha> não se configuram exatamente como potenciais tópicos, mas, sim, sinalizam as filiações partidárias dos atores sociais engajados na interação. Desse modo, embora os exemplos possam apresentar um mesmo tipo de relação coesiva, torna-se necessário ao investigador identificar especificidades que extrapolem o nível da superfície textual – escopo de atuação de um estudo da coesão –, de modo a alcançar as diversas dimensões envolvidas na análise da produção de sentido em textos multimodais.

Esses dois exemplos nos permitem identificar um intenso uso do recurso da Reiteração para a construção de eventos verbais e imagéticos. Podemos depreender algumas conclusões no que tange às Reiteraões por Exposição e por Exemplificação. Nos exemplos, enquanto a Reiteração por Exposição auxilia o leitor a estabelecer as ligações mínimas entre as modalidades, de modo a passar a interpretá-las como discorrendo sobre os mesmos referentes e eventos, a Reiteração por Exemplificação pode consistir em uma estratégia de avançar o tópico ao promover um contexto propício para a identificação das experiências empíricas dos leitores com o exemplo representado. Em outros termos, ao construir as <caricaturas do presidente Lula, do senador Aécio Neves e da presidenta Dilma Rouseff> como possíveis tópicos de política e <coxinha, mortadela, pão com mortadela, tucano e estrela vermelha> como posições partidárias possíveis, o produtor convida o leitor/visualizador do vídeo a buscar em seu conhecimento enciclopédico determinadas experiências que ressoem os exemplos representados. Assim, estabelecendo uma conexão entre o representado e a experiência do leitor/visualizador, o produtor pode ter como efeito uma maior aceitação de suas propostas, por parte do leitor, podendo chegar até mesmo à redução de ceticismos. Ao considerarmos que o trecho que analisamos compreende o primeiro enquadramento do vídeo (0’28’’ a 0’50’’) – em termos argumentativos, corresponderia ao exórdio –, a estratégia de projeção de experiências por meio da Reiteração por Exemplificação pode consistir em um recurso produtivo para a

manutenção do leitor/visualizador ao longo do vídeo. Tal assunção consiste em uma hipótese que não exploraremos nesta pesquisa. Deixamos como um caminho possível para investigações futuras.

Passamos agora ao último exemplo desta seção. A partir desse exemplo, poderemos explorar algumas especificidades quanto à possibilidade de uma dupla leitura do elemento imagético, que pode apresentar distintos efeitos em relação à análise da coesão.

O exemplo também é extraído do vídeo “Você está em uma BOLHA SOCIAL? Descubra!” e instancia uma interação verbo-imagética entre o elemento verbal em **negrito** em 11 – *A verdade é que estamos presos e confortáveis demais em nossas bolhas para enxergar qualquer outra coisa* – e os elementos imagéticos <bolha> e <ícones de redes sociais>.

Vídeo 3.1-2 – Trecho sobre “Bolhas/Redes Sociais”



Fonte: Castanhari (2017a). Disponível em: <http://bit.ly/35r7pz7>.

- (11) Estamos em um estado de paralisia intelectual. Não conseguimos mais trocar ideia sobre políticas ou assuntos mais deliciados. **A verdade é que estamos presos e confortáveis demais em nossas bolhas para enxergar qualquer outra coisa** (CASTANHARI, 2017, 1'25''-1'37'').

Para a identificação dos componentes, analisamos no quadro 3.1-5 a seguir a construção do Processo na modalidade verbal. É construído na modalidade verbal um Processo Relacional Identificativo, no qual uma oração exerce a função de Ocorrência. Analisamos, no quadro 3.1-6, o Processo construído na oração que exerce a função de Ocorrência.

Quadro 3.1-5 – Análise processual do elemento verbal do vídeo 3.1-2

A verdade	é	que estamos presos e confortáveis demais em nossas bolhas para enxergar qualquer outra coisa
participante	processo	participante
Valor	Pr. Relacional Identificativo	Ocorrência

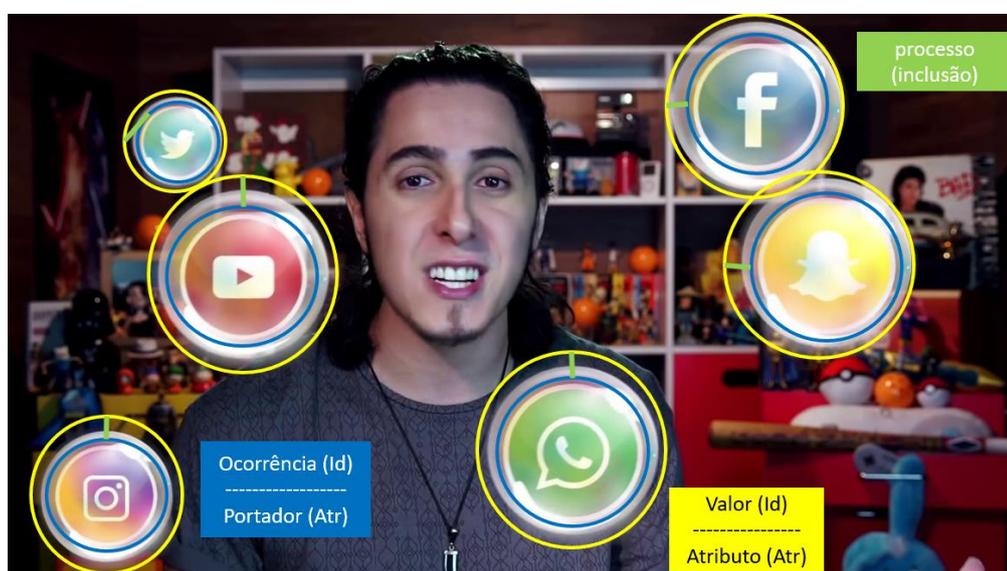
Fonte: elaboração própria.

Quadro 3.1-6 – Análise processual do participante Ocorrência do quadro 3.1-5

que	(nós)	estamos	presos e confortáveis demais	em nossas bolhas	para enxergar qualquer outra coisa
[conj. Integrante]	participante	processo:	participante	circunstância	circunstância
	Portador	Pr. Relacional Atributivo	Atributo		

Fonte: elaboração própria.

Na modalidade imagética, também é construído um Processo, no qual <bolhas> e <ícones de redes sociais> exercem a função de participantes, e o processo é construído pela inclusão dos <ícones de redes sociais> nas <bolhas>, como mostramos na figura 2.4-8 a seguir:

Figura 3.1-8 – Análise processual do elemento imagético do vídeo 3.1-2

Fonte: vídeo: Castanhari (2017a); análise: elaboração própria.

Como apresentamos na figura 3.1-8, os participantes <bolha> e <ícones de redes sociais> exercem dois papéis léxico-gramaticais. Isso se deve ao fato da possibilidade de duas leituras do Processo construído. Ambas as leituras dizem respeito a um Processo Relacional, porém uma leitura Identificativa e outra Atributiva, devido ao modo de se conceber o participante <ícones de redes sociais>. Na leitura de Processo Relacional Identificativo, compreende-se o participante <ícones de redes sociais> como um conjunto, ou seja, corresponde ao grupo redes sociais. Na leitura de Processo Relacional Atributivo, compreende-se o participante <ícones de redes sociais> como instâncias individualizadas, ou seja, corresponde a Facebook, Snapchat, Whatsapp, Instagram, YouTube e Twitter. O modo de conceber esse participante altera o tipo de relação estabelecida, o que acarreta distintos papéis léxico-gramaticais.

Na leitura de Processo Relacional Identificativo, o participante <ícones de redes sociais> consistiria em uma Ocorrência do Valor <bolha>, ou seja, há uma relação de igualdade entre os participantes, no sentido de identificar as bolhas como sendo as redes sociais. Já na leitura de Processo Relacional Atributivo, o participante <ícones de redes sociais> consistiria em um Portador do Atributo <bolha>, ou seja, as distintas redes sociais compartilhariam a propriedade de serem bolhas/instâncias possíveis de bolhas.

Como analisado, ambas as modalidades constroem integralmente Processos – identificação de componentes –, o que figura a interação como Interprocessual, e a modalidade verbal como a dominante.

A interação é marcada por uma problemática, uma vez que é instanciada de forma mais direta entre o(s) Processo(s) imagético(s) e a circunstância no Processo construído na Ocorrência – *em nossas bolhas* – analisada no quadro 3.1-6. Esse aspecto acaba por determinar que é com esse componente verbal que a interação é de fato realizada, embora o Processo imagético tenha começado a ser enunciado¹¹⁵ no início do trecho em negrito.

Partindo, então, para a Etapa 2 de análise, não é estabelecida Reiteração de processo, uma vez que na modalidade verbal há apenas a circunstância *em nossas bolhas*. Em relação a participante, ocorre Reiteração entre <bolha> e a circunstância verbal. Uma vez que <bolha> – participante imagético – pode ser lido ou como Valor (Pr. R. Identificativo) ou como Atributo (Pr. R. Atributivo), a Reiteração de participante estabelecida com a circunstância verbal é de Referente, e não de Função¹¹⁶. O participante <bolha>, seja na leitura de Valor (Pr. R. Identificativo) ou de Atributo (Pr. R. Atributivo), estabelece com a circunstância verbal, desse modo, uma relação coesiva de Reiteração de participante por Exposição. Atribuímos, no sistema de CORRESPONDÊNCIA PROCESSUAL, a categoria de Participante para estabelecer a coesão com a circunstância verbal por ser o componente que o elemento <bolha> exerce no Processo imagético.

Devido à natureza relacional dos Processos imagéticos, a circunstância verbal estabelece também uma relação coesiva com os participantes <ícones de redes sociais>, seja na leitura Identificativa, seja na Atributiva. Na leitura Identificativa, o participante Ocorrência <ícones de

¹¹⁵ O fato de o Processo imagético ter sido iniciado em um momento, mas apenas articular-se diretamente com um componente mais adiante marca outra característica particular dessa interação, relacionada à construção dinâmica do Processo. Essa interação é dinâmica, na medida em que o Processo imagético é construído por meio de uma animação, em que primeiro se constrói o participante <bolha> e depois os <ícones redes sociais>, o que aponta, também, para os Processos Relacionais instanciados.

¹¹⁶ Este exemplo aponta para o que poderia ser concebido como a relação coesiva mínima para a determinação de uma interação verbo-imagética Intraprocessual: a Reiteração de Referente ou de Evento. Hipotetizamos isso pelo fato de ser estabelecido apenas um tipo de Reiteração, que valida a interação entre as modalidades como possível.

redes sociais> estabelece com a circunstância verbal uma Identificação de participante, uma vez que é construída uma relação de equivalência metafórica entre <ícones de redes sociais> e *bolhas*; tal relação poder ser reconstruída como: “as bolhas são as redes sociais”. Nessa leitura, ao ser enunciado *estamos presos e confortáveis demais em nossas bolhas* junto da construção imagética, o *youtuber* suscita a leitura de que *estamos presos e confortáveis demais em nossas <redes sociais>*. Na leitura Atributiva, o participante Atributo <ícones de redes sociais> estabelece com a circunstância verbal também uma Reiteração de participante por Exemplificação, uma vez que nessa leitura as redes sociais são interpretadas de forma individualizadas, ou seja, cada rede social seria uma instância possível de *bolha*, em uma relação Tipo-Instância.

Para a seleção da opção no sistema de CORRESPONDÊNCIA PROCESSUAL, relacionamos o elemento verbal *bolhas* e os elementos imagéticos <ícones de redes sociais> de modos distintos. Em relação ao Processo Relacional Identificativo, articulamos os participantes em termos de Referente, uma vez que são articulados por uma equivalência metafórica. Em relação ao Processo Relacional Atributivo, articulamos os participantes em termos de Atributo, uma vez que se estabelece uma articulação de constituência, de ter a propriedade de algo, o que permite conceber que, entre o verbal *bolhas* e o elemento imagético <ícones de redes sociais>, está-se realizando uma relação de inserção de um elemento em um conjunto.

Com esses exemplos do vídeo do *edutuber* Felipe Castanhari, buscamos explorar a instanciação de relações coesivas de Reiteração em uma prática ligada à esfera educacional. Podemos observar que a Reiteração tem efeitos distintos a depender do tipo instanciado. Em relação a Exposição, um efeito pode consistir no estabelecimento de uma articulação mínima entre os elementos de cada modalidade, de modo que os eventos passam a ser concebidos como articulados para a construção do texto. Em relação à Exemplificação, um dos efeitos pode consistir na ressonância da experiência empírica do leitor/visualizador, como no primeiro exemplo; um segundo efeito pode consistir na apresentação de relações de constituência, como no segundo exemplo.

Consideramos válido destacar que, embora tenhamos focado na relação de Reiteração nesta seção, selecionando exemplos que evidenciem tal correspondência estrutural, é típica a ocorrência de mais de um tipo de correspondência em textos multimodais. Desse modo, uma análise da Reiteração deve ser realizada em relação, também, às demais correspondências estruturais. Seria na articulação das distintas correspondências que poderíamos depreender, por exemplo, padrões de relações coesivas em determinados gêneros discursivos. Por assumirmos como objetivo nesta pesquisa o desenvolvimento de uma categoria de análise, com a proposta

tanto do sistema de COESÃO VERBO-IMAGÉTICA, quanto da metodologia de análise, não investigamos padrões de instanciação de relações coesivas em distintos gêneros. Limitamo-nos a apontar determinadas hipóteses aventadas ao decorrer da elaboração do sistema e da metodologia e do contato com distintos exemplares de textos multimodais de mídias digitais. Contudo, indicamos a investigação de padrões de relações coesivas em diversos gêneros discursivos como uma pesquisa necessária, para que pesquisas futuras sobre multimodalidade possam ancorar as considerações no âmbito dos gêneros investigados. Articulando essa possibilidade à esfera educacional, tais investigações podem servir, inclusive, como referencial para proposição de transposições didáticas do conhecimento científico para o ensino básico, considerando a inclusão da multimodalidade e dos gêneros digitais na área de Linguagens da Base Nacional Comum Curricular.

Com isso em mente, passaremos agora à seção da correspondência estrutural de Adição.

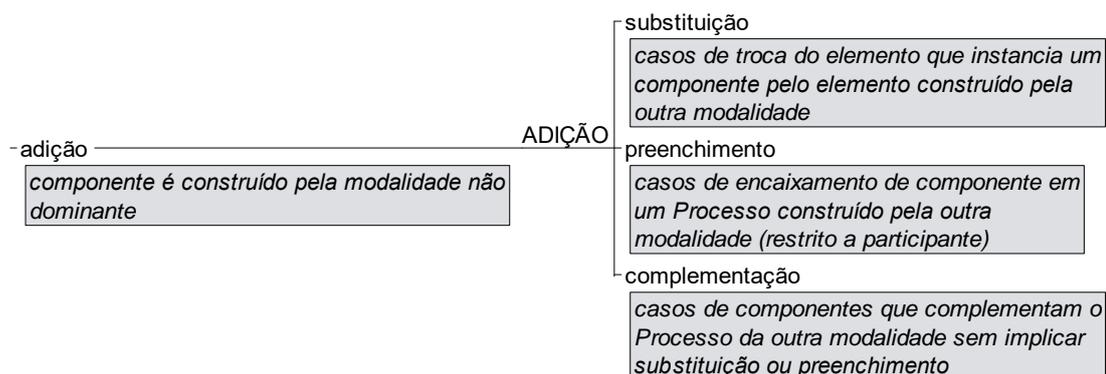
3.2 Relação coesiva de Adição

Nesta seção, apresentamos algumas especificidades da correspondência estrutural de Adição. Como apresentado no capítulo anterior, Adição envolve tanto a construção, na modalidade não dominante, de um componente que não havia sido construído pela modalidade dominante, quanto a construção, na modalidade não dominante, de um componente que compartilha funções léxico-gramaticais com um componente da modalidade dominante, mas não a mesma rede de instâncias (referentes ou eventos). Referimo-nos ao primeiro tipo de construção como casos de Encaixamento; enquanto ao segundo tipo de construção referimo-nos como casos de Sobreposição.

A análise da Adição segue a mesma direcionalidade e ordenação que adotamos para a Reiteração. Assim, partimos da nuclearidade dos componentes (processo, depois participante e, por fim, circunstância) e buscamos identificar quais componentes são adicionados. Dado que relações coesivas distintas podem ocorrer simultaneamente em um único texto, seguimos as etapas de análise apresentadas no capítulo dois; contudo, casos de Reiteração serão indicados brevemente, tanto por termos tratado dessa correspondência na seção anterior, quanto por focarmos a Adição nesta seção.

Como apresentamos na figura 3.2-1 a seguir, a Adição de um componente é especificada pelo subsistema de ADIÇÃO, que apresenta as opções de Substituição, Preenchimento e Complementação.

Figura 3.2-1 – Correspondência estrutural de Adição e subsistema de ADIÇÃO



Fonte: elaboração própria.

Visando a explorar o funcionamento das opções do sistema de ADIÇÃO, procederemos a apresentação das definições das opções, articuladas a exemplos, a partir dos quais buscaremos apontar para distintos efeitos semântico-discursivos.

Substituição

Como discutido no capítulo anterior, **Substituição** diz respeito a casos de Adição em que a modalidade dominante e a não dominante constroem elementos que compartilham funções léxico-gramaticais, mas que se articulam por meio de uma troca orientada a uma redefinição instancial. Subjaz a essa relação uma ideia de “X, na verdade, significa Y”.

Desse modo, uma Adição de um componente por Substituição de um outro construído pela modalidade dominante pode consistir em um modo estrutural de realização de uma crítica em relação a um determinado discurso. Por meio dessa Adição, o produtor pode implicar que a significação de determinado elemento, naquele contexto de uso, difere-se do esperado; a significação seria proposta, então, pelo elemento construído pela outra modalidade com o qual estabelece uma relação de substituição. Muito do efeito crítico deriva, portanto, da tensão entre os elementos contrastantes. Vejamos como isso ocorre no exemplo a seguir.

Apresentamos na figura 3.2-2 uma charge distribuída em mídias digitais durante o mês de janeiro de 2019. Devido à grande circulação, não foi possível estabelecer a fonte.

Figura 3.2-2 – Exemplo de Adição por Substituição



Fonte: não identificada.

A interação da figura 3.2-2 é construída pelo elemento verbal *Brasil acima de tudo*, *Deus acima de todos*, e com a sobreposição, por um lado, da <bandeira dos Estados Unidos> sobre a palavra *Brasil*, e, por outro, de <notas de dólar> sobre a palavra *Deus*. Diferente das interações analisadas até o momento, essa interação apresenta quatro estágios de interação:

- i. um estágio abrange apenas a modalidade verbal;
- ii. outro estágio diz respeito à relação dos elementos imagéticos <bandeira dos Estados Unidos > e <notas de dólar> com os elementos verbais *Brasil* e *Deus*;
- iii. um novo estágio envolve um Processo projetado pela substituição do participante imagético em relação ao verbal;
- iv. um último estágio abarca a interação entre Processo verbal e Processo projetado.

Vejamos como isso ocorre:

Para a identificação dos componentes de cada modalidade, apresentamos no quadro 3.2-1 a seguir a análise processual da modalidade verbal, e, na figura 3.2-3 a seguir, a identificação dos componentes da modalidade imagética. Na modalidade verbal, é construído um Processo Relacional Atributivo Circunstancial – nas duas orações –, uma vez que o verbo implícito [*está*] relaciona os participantes quanto a um local. Lima-Lopes; Ventura (2008, p. 11, colchete nosso) apresentam que “nesses processos [Relacionais Circunstanciais], um dos participantes é substituído por um elemento circunstancial [...] [que] ocorre na posição de Atributo”. Desse modo, o Portador Circunstancial *Brasil* e *Deus* são especificados pelo Atributo Circunstancial *acima de tudo* e *acima de todos*, respectivamente.

Quadro 3.2-1 – Análise processual da figura 3.2-2

Brasil	(está)	acima de tudo	Deus	(está)	acima de todos
participante	processo	participante	participante	processo	participante
Portador circunstancial	Pr. Relacional Atributivo Circunstancial	Atributo circunstancial	Portador circunstancial	Pr. Relacional Atributivo Circunstancial	Atributo circunstancial

Fonte: elaboração própria.

Figura 3.2-3 – Análise dos componentes da modalidade imagética

Fonte: elaboração própria.

Na modalidade imagética, como se observa na figura 3.2-3 acima, são construídos apenas participantes, <bandeira dos Estados Unidos> e <notas de dólar>, que são sobrepostos aos Participantes Circunstanciais *Brasil* e *Deus*. Apresentamos um exemplo dos elementos imagéticos à direita da charge para especificar que são esses os elementos da modalidade imagética que estabelecem uma interação, e não, como está à esquerda, as palavras *Brasil* e *Deus*, uma vez que constituem o elemento verbal. Conceber que são a <bandeira dos Estados Unidos> e as <notas de dólar>, à direita, os elementos imagéticos é relevante para a distinção dos estágios de interação, que discutiremos adiante.

O texto apresenta uma problemática para a determinação da modalidade dominante, uma vez que foi distribuído em distintas plataformas digitais, impossibilitando rastrear a publicação original. Assim, assumiremos como critérios para a determinação da relação de dominância o critério de construção ou não de Processo. Considerando isso, a modalidade dominante é a verbal, na medida em que é nela que são construídos os Processos Relacionais Circunstanciais; na modalidade imagética são construídos apenas participantes. A interação, desse modo, é do tipo Intraprocessual por sobreposição.

Neste exemplo, não ocorre Reiteração de elementos; os participantes imagéticos estabelecem uma coesão apenas de Adição em relação aos participantes do Processo da

modalidade verbal. Tal Adição é depreendida pela sobreposição realizada pelo produtor entre os elementos <bandeira dos Estados Unidos> e *Brasil*, por um lado, e <notas de dólar> e *Deus*. Essa sobreposição acaba por suscitar uma tensão entre os significados dos elementos. Esses aspectos apontam para o terceiro estágio de interação.

A sobreposição dos participantes <bandeira dos Estados Unidos> e *Brasil*, por um lado, e <notas de dólar> e *Deus*, por outro, projeta um novo Processo, que pode ser expresso como: <*Estados Unidos*> *acima de tudo*, <*Dólar*> *acima de todos*. Nesse novo estágio, a interação passa a não mais ser identificada como Intraprocessual por sobreposição – Processo verbal e participantes imagéticos –, mas sim por uma Interprocessualidade entre um Processo estritamente verbal – *Brasil acima de tudo*, *Deus acima de todos* – e um Processo multimodal – <*Estados Unidos*> *acima de tudo*, <*Dólar*> *acima de todos* –, que, por sua vez, é construído por meio de uma interação Intraprocessual por sobreposição, resultado da integração espacial entre os participantes.

Neste novo estágio de interação, que contrasta o Processo exclusivamente verbal ao Processo multimodal, os participantes <bandeira dos Estados Unidos> e *Brasil*, e <notas de dólar> e *Deus* passam a constituírem-se em elementos intercambiáveis, estabelecendo uma equivalência entre os participantes. Nesse sentido, o produtor suscita uma leitura de Estados Unidos representar uma redefinição de Brasil, por um lado, e Dólar, de Deus, por outro. Seria, portanto, nesse quarto estágio de leitura que a crítica que a charge constrói fica explicitada: o Brasil, na verdade, é subserviente aos Estados Unidos e são os interesses estadunidenses que serão, de fato, considerados na plataforma política em questão; no caso, os econômicos, representados pelo dólar, que substitui Deus, que passa a ser visto como um elemento apenas invocado para a captação eleitoral de grupos conservadores religiosos. Apresentamos, na figura 3.2-4 a seguir, o processo dos quatro estágios da charge.

Figura 3.2-4 – Estágio de interação da figura 3.2-2



Fonte: elaboração própria.

Sistematizando os estágios, o primeiro consiste em uma leitura puramente do verbal, por meio do qual são construídos os Processos Relacionais Circunstanciais que analisamos no quadro 3.2-1. O segundo ciclo consiste na identificação da sobreposição dos participantes *Brasil* e *Deus* com os também participantes <bandeira dos Estados Unidos> e <notas de dólar>. O terceiro ciclo representa o Processo multimodal que é projetado pela articulação dos participantes; assim, constrói o Processo <Estados Unidos> acima de tudo, <Dólar> acima de todos. O contraste entre esse Processo multimodal e o Processo verbal leva, então, o leitor a depreender a Adição por Sobreposição entre os participantes, visto que, no quarto estágio, Estados Unidos e Dólares passam a redefinir os participantes verbais.

A análise em estágios de interação apresenta dois efeitos com resultados. O primeiro diz respeito à maior ancoragem das atividades que estão implicadas no estabelecimento da crítica visada pelo produtor, uma vez que é ao chegarmos ao quarto estágio que depreendemos o

processo de construção do convite à redefinição do termo Brasil e Deus neste enunciado. O segundo efeito está ligado à possibilidade de sustentar de forma mais consistente o fato de a Adição dos participantes neste enunciado multimodal se dar por Substituição. Ao chegarmos ao quarto estágio e deprendermos o objetivo potencialmente visado pelo produtor, podemos sustentar que os elementos estão em uma relação de troca, na qual – retomando a definição da Substituição – “Brasil, na verdade, significa Estados Unidos” e “Deus, na verdade, significa Dólar” nesta construção.

Ainda sobre essa interação, merece maior discussão a questão da integração espacial de participantes. Como discutimos na seção 1.2, sobre o sistema de CONSTRUÇÃO INTERMODAL, a Homoespacialidade, como proposta por Unsworth (2006, p. 1175-1176), diz respeito a casos em que as duas modalidades se articulam de modo a coocorrerem “em uma entidade homogênea espacialmente ligada”¹¹⁷. Por se tratar de um critério de *layout*, inserimos a Homoespacialidade como entrada inicial do sistema de COESÃO VERBO-IMAGÉTICA. Entretanto, na interação analisada, os elementos *Brasil* e <bandeira dos Estados Unidos> e *Deus* e <notas de dólar> compõem uma mesma entidade homogênea espacialmente ligada, aspecto típico da Homoespacialidade, ao passo que os elementos também exercem papéis léxico-gramaticais na construção do Processo, aspecto que identificamos como ligado à Heteroespacialidade. Desse modo, a interação é caracterizada como um caso híbrido entre a Homo e a Heteroespacialidade. É por tal característica que a superposição de elementos se figurou como uma questão central, que motivou a identificação de estágios de interação¹¹⁸.

Passaremos agora para a discussão sobre a opção de Preenchimento.

Preenchimento

Como discutimos anteriormente, **Preenchimento** diz respeito a casos de Adição em que a modalidade dominante e a não dominante constroem elementos que não compartilham funções léxico-gramaticais; a modalidade dominante construiria o processo e determinados componentes (participantes ou circunstâncias), enquanto a modalidade não dominante construiria outro(s) componente(s) que é(são) encaixado(s) ao processo por serem previstos pelo esquema processual.

¹¹⁷ Tradução livre de: “refers to texts where two different semiotic modes cooccur in one spatially bonded homogenous entity” (UNSWORTH, 2006, p. 1175-1176).

¹¹⁸ Compreendemos que a reflexão realizada corresponde a proposição de uma hipótese de pesquisa. Como não temos o objetivo, nesta pesquisa, de propor um sistema de COESÃO VERBO-IMAGÉTICA para interações Homoespaciais, deixamos apenas apontada para futuras pesquisas um aspecto que parece ser relevante para a coesão desse tipo de disposição das modalidades: a superposição.

O Preenchimento, assim, consiste em uma Adição por meio da qual as modalidades interagem para a coconstrução de um único Processo, implicando, desse modo, que a interação será do tipo Intraprocessual por encaixamento.

Visando a explorar algumas particularidades desse tipo de Adição, procederemos a análise de três exemplos, dois já discutidos durante a apresentação do sistema de COESÃO VERBO-IMAGÉTICA, e outro analisado na seção 2.1 em relação aos níveis de visualidade. Começamos pelo *tweet* analisado na seção 2.2 e que rerepresentamos a seguir na figura 3.2-5.

Figura 3.2-5 – Exemplo de *Tweet*



Fonte: extraído de Kobayashi (2019, p. 111). Disponível em: <http://bit.ly/2qVfOM9>

O texto é marcado pela dominância da modalidade imagética sobre a verbal, pelo fato de a modalidade imagética construir um evento – Processo Material de acionar um spray –, enquanto o elemento verbal consiste em apenas um sintagma nominal cujo núcleo – *Homens* – é especificado pelo modificador oracional *se vestindo de dona de casa usando “bela, recatada e do lar”*. Analisamos no quadro 3.2-2 a seguir o Processo multimodal coconstruído pelos elementos das duas modalidades.

Quadro 3.2-2 – Análise do processo da figura 3.2-5

		<p>Homens se vestindo de dona de casa usando “bela, recatada e do lar”</p>
Ator	Pr. Material	Meta

Fonte: elaboração própria.

Como apresentamos na figura anterior, o elemento verbal exerce a função léxico-gramatical de Meta do Processo Material construído imageticamente – ou, seguindo Kress; van Leeuwen (2006), um Processo Narrativo Transicional. O Ator do Processo é construído também pela modalidade imagética, e consiste na personagem Sheldon.

Pelo fato de ser construído na modalidade verbal um componente que exerce uma função léxico-gramatical distinta das demais construídas pela modalidade dominante e esse componente ser encaixado em uma função sintática – objeto do predicador –, assim como em um componente previsto pelo esquema processual de acionar um *spray*, ocorre Adição de participante por Preenchimento. Desse modo, temos uma interação Intraprocessual por encaixamento, marcada por uma Adição de participante por Preenchimento, formando um Processo intermodal.

Algo análogo ocorre no exemplo a seguir que exploramos no capítulo anterior e que apresentamos aqui brevemente.

Vídeo 3.2-1 – Trecho sobre “*Prints de tweets*”



Fonte: Castanhari (2017a).

- (12) O que acontece é que as pessoas só atacam quem pensa diferente delas. E esse é o padrão, é o que está acontecendo. **E eu nem estou falando isso por já ter sido xingado pra caralho em alguns vídeos polêmicos que eu fiz.** Porque, não sei se você percebeu, esse vídeo não é sobre mim, esse vídeo é sobre todos nós. Estamos em um estado de paralisia intelectual (CASTANHARI, 2017, 1’11’’-1’28’’).

O exemplo é retirado do YouTube, que, como discutimos na seção 2.1 do capítulo anterior, assume como Estratégia a centralidade da modalidade verbal, embora a imagética esteja intrinsecamente ligada aos textos produzidos para a plataforma. Associado a isso, temos no exemplo que a modalidade verbal constrói o processo da interação – por meio do grupo verbal *ter sido xingado* –, que consiste em um Processo Verbal, com os participantes Dizente, Verbiagem e Alvo previstos pelo esquema processual. Desses participantes, apenas o Alvo é construído pela modalidade verbal, pelo sujeito elíptico *eu*, em [...] *por (eu) já ter sido xingado*

[...]. Tanto Dizente, quanto Verbiagem são construídos pela modalidade imagética, como apresentamos na figura 3.2-6 a seguir.

Figura 3.2-6 – Análise do Processo imagético



Fonte: vídeo: Castanhari (2017a); análise: elaboração própria.

Assim como no exemplo anterior, os elementos instanciam os participantes Dizente e Verbiagem, que não são construídos pela modalidade dominante. Estamos, portanto, diante de um caso de Adição de participantes por Preenchimento, como apresentamos no quadro 3.2-3 a seguir.

Quadro 3.2-3 – Análise processual da Interação Intraprocessual por encaixamento¹¹⁹

por	(eu)	já	ter sido xingado	Gente quanta merda esse Castanhari ta dizendo por aí, que horror, por que não fica na dele de boa sem precisar criticar. Treta News kkk Castanhari sabe ser pau no cu viu puta merda castanhari é um merda "Felipe Castanhari acabou de publicar uma foto" trouxa mais uma vez queria saber que merda foi que eu assisti pro youtube estar me recomendando video de felipe castanhari	Pacarotita keller (@_criticista_) レチシア (@whylets) geo (@gotatazoana) heitor (@roscorff) nat trost (@worldportuga)	pra caralho		em alguns vídeos polêmicos que eu fiz
	Alvo		Processo Verbal	Verbiagem	Dizente	circunstância	circunstância	circunstância

Fonte: elaboração própria.

A partir da reconstrução do Processo intermodal, podemos identificar que além dos participantes, também é adicionada uma circunstância por meio do ícone de *Follow* do *Twitter*. Embora a circunstância também consista em um componente que não havia sido construído

¹¹⁹ Como apresentamos anteriormente, para a apresentação do Processo multimodal optamos pela ordenação típica da voz passiva, uma vez que o grupo verbal que constrói o Processo em análise consiste em uma construção da voz passiva, com verbo auxiliar (*ter*) e verbos no particípio (*sido xingado*).

pela modalidade dominante, sua Adição não se dá por Preenchimento, mas sim por Complementação, uma vez que consiste em um componente que não é previsto pelo esquema do Processo. Exploraremos a análise da Adição da circunstância ao discutirmos a opção de Complementação adiante.

Apresentamos na figura 3.2-7 a seguir outro exemplo de Adição por Preenchimento. O exemplo foi discutido na seção 2.1 em relação aos níveis de visualidade no tipo de publicação em *Story*, assim como em relação ao efeito de Ajuste de Focalização. Agora, procederemos a uma análise da coesão entre o elemento imagético e o verbal.

Figura 3.2-7 – Exemplo de Adição por Preenchimento



Fonte: story distribuído no Instagram. Acesso em: 17 fev. 2019. Disponível em: *não recuperável*.

Por consistir em um *Story*, publicado no Instagram, que assume uma centralidade do imagético sobre o verbal, a modalidade dominante na interação é a imagética. Apesar disso, é por meio da modalidade verbal que se constrói o processo – *ta* –, cujos participantes consistem em *rosa* e <foto do céu>. É estabelecida entre os componentes um Processo Relacional Atributivo intermodal, no qual o elemento imagético < foto do céu> atua como o participante Portador e o elemento verbal *rosa* atua como o participante Atributo. Apresentamos no quadro 3.2-4 a seguir a reconstrução do Processo Multimodal.

Quadro 3.2-4 – Análise do Processo Relacional Atributivo multimodal¹²⁰

			
	na real	ta	rosa
Portador	Circunstância	Pr. Rel. Atributivo	Atributo

Fonte: elaboração própria.

Embora nesse texto o processo tenha sido construído por meio da modalidade verbal, e a modalidade imagética tenha construído apenas um participante, concebemos que a modalidade dominante ainda seja a imagética, assim como no exemplo anterior. No *tweet*, a plataforma não apresenta tendências sobre a centralidade de uma das modalidades, de modo que os critérios de construção de evento e dinamicidade processual ganham relevância. Já no Instagram, considerando tanto a centralidade do imagético sobre o verbal, quanto as condições de layout do *story* – imagético preenchendo a tela, enquanto o verbal é disposto em tamanho reduzido, em uma região que tende à margem –, fazem com que o imagético consista no centro da construção do significado; a isso podemos somar o potencial de imagético exercer uma função tópica, o que pode condizer com o fato de atuar como sujeito da oração construída verbalmente.

Com isso não queremos implicar a não relevância do verbal. Assim como discutimos na seção 2.1, a construção do elemento verbal tem como efeito o processo de Ajuste de Focalização, que instrui o leitor a retornar ao imagético, alterando a forma de se conceptualizar o elemento. Essa instrução é justificada pela análise processual que, como vimos no quadro anterior, é marcada pela atribuição de uma propriedade. Assim, ao ler o elemento verbal, o leitor é convidado a voltar ao imagético, ajustando a característica da cor que foi colocada em saliência pelo verbal. A isso podemos associar, também, a formulação de Kress; van Leeuwen (2006) sobre o Dado e o Novo enquanto regiões do texto. O verbal é inserido em uma região típica de informação Nova (à direita) em textos ocidentais, enquanto o imagético – embora

¹²⁰ Classificamos o sintagma preposicionado *na real* como circunstância por não fazer parte do esquema do Processo Relacional Atributivo. Tal construção apresenta maior efeito no que tange a Metafunção Interpessoal por consistir em um marcador de engajamento (MARTIN; WHITE, 2005; GONÇALVES-SEGUNDO, 2011; NININ; BARBARA, 2013), por meio do qual o produtor contrasta a proposição a qual se alia a uma outra, com a qual ele não se identifica.

preencha toda a área da tela –, por oposição ao verbal, está mais fortemente localizado em uma região típica de informação Dada (à esquerda). Assim, a <foto do céu>, enquanto informação construída como Dada e foco primário da leitura do leitor, é reconceptualizada pelo leitor a partir do verbal *na real ta rosa*, enquanto uma informação construída como Nova e foco secundário da leitura do leitor. Desse modo, a modalidade dominante na interação é a imagética.

A interação apresenta, assim, uma grande diferença em relação aos demais exemplos analisados na seção. A interação é marcada por uma Adição de processo e de participante por Preenchimento e de Adição de circunstância por Complementação. Destacamos também o fato de termos identificado a ocorrência de um Ajuste de Focalização em uma interação Intraprocessual por encaixamento. Como exploraremos adiante, o Ajuste de Focalização apresenta outro efeito ao estarmos em um contexto de Adição de processo por Complementação¹²¹.

Ainda sobre este exemplo, destacamos a dimensão explicativo-argumentativa presente no texto, visto que a atividade de atribuição de uma propriedade ao elemento imagético – que pode reconstruir uma Alegação¹²² de que “O céu, na real, ta rosa” – é sustentada pelo Dado de que “meu cel(ular) é samsung”. A partir dessa Alegação e desse Dado, podemos depreender que a Garantia – o processo inferencial que relaciona Dados a Alegações – que subjaz a esse raciocínio pode ser reconstruída como “Celulares samsungs alteram a coloração de fotos”. Desse modo, estaríamos diante de uma argumentação multimodal, com uma Alegação construída ao mesmo tempo por uma parte verbal e uma parte imagética.

¹²¹ Embora concebamos que tal leitura se aproxime mais do efeito potencialmente visado pelo produtor, a interação verbo-imagética pode apresentar uma leitura que parta da concepção que o elemento imagético comporta um Processo Conceitual (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006; NASCIMENTO; BEZERRA; HEBERLE, 2011). Nessa leitura, o elemento imagético seria dividido em céu e cor do céu, sendo o primeiro o Portador e o segundo o Atributo nesse Processo Conceitual. A interação com o verbal seria do tipo Interprocessual, uma vez que poderíamos conceber um sujeito elíptico em *na real ta rosa*, que seria preenchido pela foto dada a uma função típica que a foto exerce por ocupar toda a área da tela. Assim, estaríamos diante de uma interação entre Processos. Nessa leitura, não estaríamos diante de um caso de Adição por Preenchimento, mas, de um conjunto de correspondências estruturais: em relação aos processos, teríamos Reiteração, uma vez que ambos consistem em Processos Relacionais Atributivos (Pr. Conceitual); em relação ao participante Portador, poderíamos estar diante de uma Reiteração por Exposição, contudo, o participante do Processo construído por meio da modalidade verbal não foi construído, de modo que temos apenas um Portador construído na superfície textual (imagética); em relação ao participante Atributo, estaríamos diante de uma Adição por Substituição; essa interpretação decorreria fortemente da circunstância *na real*, que consiste em um marcador de engajamento de contraste entre dois posicionamentos.

¹²² Utilizamos os termos Alegação, Dado e Garantia por filiarmo-nos ao modelo de análise argumentativa de Stephen Toulmin (TOULMIN, 1950; TOULMIN; REIKE; JANIK, 1984) e sua tradição crítica (SLOB, 2006; VERHEIJ, 2006; GRÁCIO, 2010; FREEMAN, 2011; LANGSDORF, 2011; GONÇALVES-SEGUNDO, 2016; 2018; *no prelo*).

Complementação

Por fim, **Complementação** diz respeito a casos de Adição em que a modalidade não dominante constrói componentes que não são previstos pelo esquema do Processo construído pela modalidade dominante, mas que não estabelecem relações de substituição. Complementação envolve tanto casos de construção de circunstâncias – componente não previstos pelo Processo –, quanto casos de construções de outros Processos pela modalidade não dominante.

A Complementação, assim, envolve tanto interações potencialmente marcadas por Intraprocessualidade – se apenas a circunstância é adicionada –, quanto interações Interprocessual – se um Processo é adicionado. Começaremos pelos casos de Adição de circunstâncias.

Como discutimos anteriormente, um exemplo de Adição de circunstância por Complementação seria o trecho que analisamos do vídeo “Você está em uma BOLHA SOCIAL? Descubra!”, de Felipe Castanhari. Nesse texto, o ícone de *Follow* do Twitter qualifica o Processo quanto ao seu espaço de ocorrência. Assim, estamos diante de um caso de Adição de circunstância de espaço por Complementação, conforme podemos observar na reconstrução abaixo:

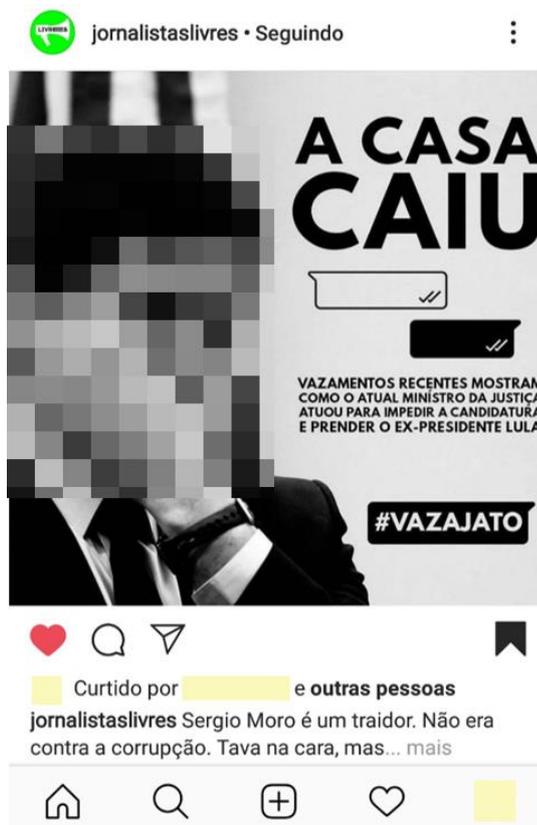
Quadro 3.2-3 – Análise processual da Interação Intraprocessual por encaixamento

por	(eu)	já	ter sido xingado			pra caralho		em alguns vídeos polêmicos que eu fiz
	Alvo		Processo Verbal	Verbiagem	Dizente	circunstância	circunstância	circunstância

Fonte: elaboração própria.

No exemplo a seguir, retirado de um *post* do perfil @jornalistaslivres do Instagram, também ocorre uma Adição de circunstância de espaço por Complementação.

Figura 3.2-8 – Exemplo de Adição de circunstância por Complementação¹²³



Fonte: *post* de @jornalistaslivres no Instagram. Acesso em: 10 jun. 2019. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Bygxj-yh63m/>.

Assim como os demais *posts* de Instagram, o texto apresentado na figura 3.2-8 compreende uma região especializada para a foto e uma para a legenda. A foto, contudo, pode consistir, em si, em um texto multimodal, como é o caso do exemplo. Focaremos nesse texto multimodal. O elemento verbal é composto por duas partes que se assemelham a constituintes de um texto típico da esfera jornalística. O elemento *A casa caiu* assemelha-se a uma manchete, enquanto o elemento *Vazamentos recentes mostram como o atual ministro da justiça atuou para impedir a candidatura e prender o ex-presidente Lula* assemelha-se a uma lide. Essa semelhança parece ser justificada por se tratar de um perfil de um grupo jornalístico alternativo, que provavelmente procedeu a uma adaptação – de uma parte – do gênero notícia para a sua inserção em uma plataforma que abarca diversas Práticas Discursivas.

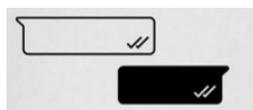
Cada elemento verbal – manchete e lide – articula-se mais diretamente a um elemento imagético: a manchete articula-se ao <atual ministro da justiça> cuja foto consta na região esquerda do *post*, e a lide articula-se ao <layout de mensagens do WhatsApp>. Não

¹²³ Anonimizamos o rosto da personalidade pública. No original, é possível identificar a personalidade. Optamos por fazer essa edição pelo fato de voltarmos a nossa análise para os elementos à direita da foto. Assim, a omissão dessa parte não compromete o desenvolvimento da análise.

procederemos a uma análise detida da interação entre a manchete e a foto do <atual ministro da justiça>, contudo indicamos que é estabelecida uma relação de causa e consequência, uma vez que a expressão metafórica *A casa caiu* consistiria na consequência da expressão facial do <atual ministro da justiça> que, em termos gerais, apresenta uma feição de preocupação, com a mão levada à boca. A análise da articulação entre esses elementos requisitaria reflexões sobre expressões visuais, o que foge ao escopo de nossa pesquisa.

Em relação ao segundo elemento imagético – que rerepresentamos a seguir na figura 3.2-9, o elemento consiste em uma representação do *layout* típico de mensagem da rede WhatsApp. Essa apreensão é possibilitada pelas marcas de confirmação¹²⁴ que se localizam à margem inferior direita das caixas de mensagem.

Figura 3.2-9 – Elemento imagético da figura 3.2-8



Fonte: trecho da figura 3.2-8.

Esse elemento articula-se mais diretamente à lide da notícia, que analisamos em termos de transitividade no quadro 3.2-5 a seguir. No primeiro quadro, analisamos o Processo principal, e no segundo, o Processo presente na Verbiagem do Processo principal.

Quadro 3.2-5 – Análise processual da figura 3.2-8

Vazamentos recentes	mostram	como o atual ministro da justiça atuou para impedir a candidatura e prender o ex-presidente Lula
participante	processo	participante
Dizente	Pr. verbal	Verbiagem

como	o atual ministro da justiça	atuou	para impedir a candidatura e prender o ex-presidente Lula
conjunção integrante	participante	processo	circunstância
	Ator	Pr. Material	Circunstância de finalidade

Fonte: elaboração própria.

A partir da análise processual, identificamos que o(s) produtor(es) do *post* não indicam verbalmente a origem dos dados por meio dos quais afirmam que o <atual ministro da justiça> atuou com vistas a atingir o ex-presidente Lula. Tal indicação é realizada por meio do elemento imagético de <*layout* de mensagens do WhatsApp>. Assim, a coesão que é estabelecida entre esses elementos é uma Adição de circunstância de espaço por Complementação, dado o fato de

¹²⁴ O termo “marcas de confirmação” consiste no utilizado pela rede WhatsApp para se referir aos sinais gráficos. Informação retirada de “Como verificar Confirmações de Leitura”, disponível em: https://faq.whatsapp.com/en/android/28000015/?lang=pt_pt. Acesso em: 26 nov. 2019.

o elemento imagético qualificar o Processo Material quanto ao espaço em que ele se desenvolveu. Assim, o WhatsApp consistiria na fonte de onde saíram os vazamentos.

Além da leitura de circunstância de espaço, podemos hipotetizar que o elemento imagético possa atuar enquanto uma circunstância de instrumento, uma vez que, ao Adicionar o <layout de mensagens do WhatsApp>, o leitor poderia abduzir que teria sido por meio deste instrumento que o <atual ministro da justiça> teria atuado de modo a alcançar o que seria o seu objetivo.

Embora esse exemplo e o anterior sejam ambos marcados por uma Adição de circunstância de espaço por Complementação, há distintas implicações quanto à significação produzida e interpretada. Enquanto, no exemplo do vídeo de Castanhari, a Adição da circunstância parece consistir em uma informação secundária, visto a baixa relevância para o evento construído, a Adição da circunstância neste segundo exemplo é central, na medida em que serve de sinal para uma abdução por parte dos leitores sobre a conduta do referido ministro e sobre a fonte de onde os @jornalistaslivres extraíram a informação, o que pode estar associado a uma tentativa de legitimar o que é enunciado. Essa maior relevância pode apresentar uma contraparte textual, pelo fato de o elemento ocupar uma área similar à da manchete da notícia e mesmo por localizar-se entre a manchete e a lide, atribuindo saliência ao elemento e aumentando seu potencial de consistir em foco de atenção.

Como apresentamos anteriormente, a Adição por Complementação também pode ocorrer em casos de construção de outro(s) Processo(s) pela modalidade não dominante. Analisaremos dois exemplos, a partir dos quais buscaremos focalizar distintos aspectos da Adição por Complementação.

No primeiro, que consiste em uma propaganda de combate à dengue, buscaremos explorar a articulação entre a Adição de processo e a atividade de Ajuste de Focalização orientada à restrição referencial. No segundo, que consiste em um *tweet* do *instagrammer* Lucas Paiva, exploraremos de que forma a Adição por Completação está envolvida no estabelecimento de um Processo Relacional Identificativo Intermodal – ou seja, estabelecido pela articulação dos elementos das duas modalidades –, e de que forma os elementos de pistas sociais – primeiro nível de visualidade de *tweets* – entram em foco.

Apresentamos na figura 3.2-10 a seguir uma das propagandas ligadas à campanha “Dengue pode matar”, produzida pela agência Crie Comunicação e encomendada pela TV Fronteira, do Oeste Paulista em 2015. A propaganda é composta por elementos verbais inseridos sobre um elemento imagético que preenche toda a área da propaganda. Apesar de ocupar toda a área da propaganda, o foco do elemento imagético localiza-se na região direita

da tela, e consiste em uma pelúcia de elefante. Em oposição, o elemento verbal localiza-se à esquerda, na parte superior. Assim como no exemplo do *Story* do Instagram, podemos associar tais regiões às noções de Dado e Novo (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006). Diferentemente do exemplo anterior, o elemento verbal localiza-se em uma região típica da informação Dada. Tal região pode ser associada, também, à primeira região de leitura, caso consideremos um leitor imerso na cultura ocidental. O elemento imagético, por sua vez, localiza-se em uma região típica da informação Nova (direita), configurando-se no foco secundário de leitura. Outro aspecto que atribui ao verbal maior saliência é a coloração avermelhada que preenche as palavras, assim como o tamanho da fonte para o trecho *Dengue pode matar*. O trecho consiste em uma estratégia de captação de atenção por colocar em foco uma consequência negativa de se contaminar com o vírus da dengue: a morte. Tal captação, contudo, é atenuada, em certa medida, pelo modal epistêmico *pode*, uma vez que, ao inserir a consequência no campo da possibilidade, estabelece-se uma zona de atuação dos indivíduos para evitar a consequência. Essa zona de atenuação, contudo, não é explorada, na medida em que o trecho seguinte – *não espere a vítima ser de sua família para este alerta fazer sentido* – não apresenta elementos instrutivos sobre modos de se evitar a proliferação do vetor do vírus da dengue – o mosquito. O produtor do texto explora uma consequência negativa justamente da não atuação dos indivíduos, que podem ter familiares – *vítima ser de sua família* – que sofram a consequência negativa.

Figura 3.2-10 – Exemplo de Adição por Complementação em campanha contra a dengue



Fonte: propaganda da Campanha *Dengue pode matar*, da agência Crie Comunicação, de 2015. Disponível em: encurtador.com.br/moOR9

Embora o elemento verbal explore a possibilidade de a vítima da dengue ser uma pessoa da família do leitor, o verbal não especifica quais referentes poderiam atuar como possíveis candidatos. Tal especificação é realizada pelo elemento imagético.

O elemento imagético é composto por um Processo Conceitual Analítico (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006), uma vez que representa os elementos em uma relação parte-todo. O elemento imagético consiste em uma foto de um quarto de uma criança. Essa apreensão deve-se ao fato de estarem representados um travesseiro e, mais focadamente, uma pelúcia de elefante. Ao tratar de Processos Conceituais Analíticos, Nascimento; Bezerra; Heberle (2011, p. 538) indicam que “a escolha em representar determinados elementos na imagem com foco em suas partes ou em seu todo geralmente reflete os objetivos de quem constrói o texto e produz determinados efeitos naqueles que consomem esse texto”. Em outros termos, ao representar uma pelúcia de elefante triste – dado o sorriso estar voltado para baixo – em um quarto, do qual apenas se mostra uma parte do travesseiro e da cama, e os elementos apresentarem tons de sépia e com a saturação reduzida – o que pode implicar uma ausência de vida nas cores –, podemos apreender um efeito de que se trata de uma situação de falecimento, cuja vítima seria uma criança. O elemento imagético, assim, comporta dois Processos: i. um Processo Conceitual Analítico, no que se refere ao elemento imagético como um todo; e ii. um Processo Relacional Atributivo, no que se refere à pelúcia de elefante, uma vez que o <elefante> consistiria em um Portador e o <sorriso para baixo> consistiria em um Atributo, e a articulação dos participantes denotariam que o <elefante> está triste¹²⁵.

A interação, então, é marcada por uma Interprocessualidade entre as modalidades. Podemos assumir que a modalidade dominante na propaganda em questão consiste na verbal, pelo fato de ser por meio do verbal que o fluxo informacional é majoritariamente desenvolvido. O elemento imagético, ao construir Processos que não são inseridos no âmbito dos Processos verbais, são Adicionados por Complementação.

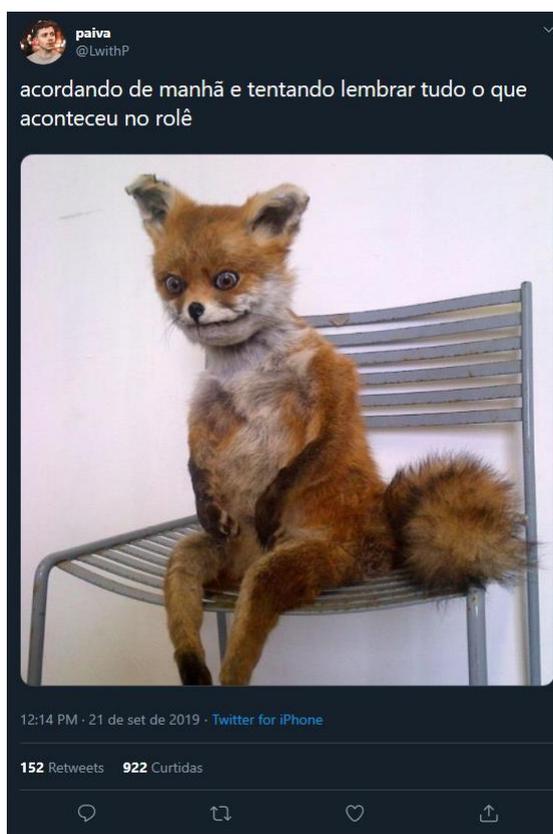
Tal complementação parece convidar o leitor a inferir que a vítima da família é uma criança, possivelmente um filho, um sobrinho ou um neto. Retomando a reflexão que desenvolvemos no capítulo anterior sobre o processo de Ajuste de Focalização, apreendemos neste exemplo outra modalidade de atuação do Ajuste. Enquanto nos exemplos dos *Stories* que analisamos na seção 2.1, o Ajuste de Focalização voltava-se a instruir o leitor a direcionar seu foco de atenção a um elemento de menor saliência no imagético, neste exemplo, o Ajuste de

¹²⁵ Compreendemos que tal análise se aproxime de uma investigação sobre expressão facial, aspecto que não desenvolvemos nesta pesquisa. Realizamos tal análise, contudo, pela oposição que é estabelecida entre a expressão do <elefante> – sorriso para baixo – e o típico de pelúcias – sorrisos para cima.

Focalização volta-se a um processo de Restrição Referencial, uma vez que especifica que familiar pode ser assumido, no texto em questão, como um referente possível para o trecho *a vítima ser de sua família*. Considerando a dimensão argumentativa da propaganda, seria por meio desse processo que o produtor pode alcançar a persuasão do leitor, levando-o a agir de modo a evitar a consequência negativa que é especificada pelas duas modalidades.

Passamos agora ao segundo exemplo, que apresentamos na figura 3.2-11 a seguir. O exemplo consiste em um *tweet* composto por um elemento verbal disposto espacialmente acima do elemento imagético. O elemento verbal consiste em um complexo oracional formado por uma coordenação de duas orações com verbos no gerúndio. Esse complexo oracional é articulado a um (eu) implícito, que, por sua vez, é associado ao autor do *tweet*. Tal identificação também ocorre em relação ao elemento imagético, como vemos na sequência:

Figura 3.2-11 – Exemplo de Adição por Complementação em *Tweet*



**Fonte: post da plataforma Twitter. Acesso em: 22 set. 2019. Disponível em:
<http://bit.ly/34IVuw2>**

Podemos identificar a existência de três Processos no elemento imagético. Em uma primeira leitura, podemos ter um Processo Relacional Circunstancial, em que a <raposa> consistiria no Portador circunstancial, enquanto a <cadeira> consistiria no Atributo circunstancial, ou seja, o local em que a <raposa> se encontra. O Processo poderia ser

reconstruído verbalmente como: <A raposa está sentada na cadeira>. Em uma segunda leitura, podemos ter um Processo Relacional Atributivo, em que a <raposa> consistiria em um Portador e suas características (pelos bagunçados, orelhas em posições distintas, bem como aparência desleixada) consistiriam em um Atributo. O Processo poderia ser reconstruído verbalmente como: <A raposa está com aparência desleixada>. Por fim, em uma terceira leitura, podemos ter um outro Processo Relacional Atributivo, em que a <raposa> consistiria no Portador e sua expressão de reflexão (olhos voltados para “o nada”) consistiria no Atributo. Assim, o Processo poderia ser reconstruído verbalmente como: <A raposa está reflexiva>.

Diferentemente dos demais casos de Adição que analisamos até o momento, parece estar implicado entre os elementos verbais e imagéticos um Processo Relacional Identificativo que poderia ser reconstruído como “(Esse sou eu) acordando de manhã e tentando lembrar tudo o que aconteceu no rolê” ou mesmo “(Este é o estado que eu fico) acordando de manhã e tentando lembrar tudo o que aconteceu no rolê”, em que se estabeleceria uma relação próxima à demonstração, em que o imagético teria a função de apresentar um Valor do (eu) autor do *tweet*. Assim, mais do que articularem-se em termos de dois (ou mais) Processos, os componentes de ambas as modalidades articulam-se de modo a instanciar um Processo Relacional Identificativo Intermodal, em que: <raposa desleixada e reflexiva, sentada em uma cadeira > [sou] (eu) *acordando de manhã e tentando lembrar tudo o que aconteceu no rolê*. Apresentamos o Processo Intermodal no quadro 3.2-6 a seguir. No quadro, indicamos entre os sinais de menor (<) e maior (>) uma reconstrução verbal do elemento imagético; entre colchetes ([]) indicamos o elemento que não é construído mas depreendido pela disposição dos elementos e das inferências de identificações entre entidades; entre parênteses indicamos trecho que não foram construídos enquanto enunciados, mas que se encontram implícitos; por fim, indicamos com itálico elementos verbais que foram efetivamente construídos. Estamos, desse modo, diante de um caso de coconstrução de Processo que envolve tanto elementos verbais e imagéticos, quanto aspectos do *layout*.

Quadro 3.2-6 – Análise processual da figura 3.2-11

	[sou]	(eu) <i>acordando de manhã e tentando lembrar tudo o que aconteceu no rolê</i>
<raposa desleixada e reflexiva, sentada uma cadeira>		
Valor	Pr. Rel. Identificativo	Ocorrência

Fonte: elaboração própria.

Na análise processual do exemplo, o participante Valor seria construído pela modalidade imagética. O Processo Relacional Identificativo seria construído pelas relações de identificação que ocorrem – de forma metafórica e não metafórica – entre a <raposa>, o (eu) implícito no elemento verbal e os elementos de pistas sociais que identificam o autor do *tweet*. O participante Valor consistiria no sintagma nominal ‘(eu) *acordando de manhã e tentando lembrar tudo o que aconteceu no rolê*’¹²⁶.

¹²⁶ Concebemos que o elemento verbal efetivamente construído consiste em um modificador do (eu) implícito, uma vez que atua de forma a especificar algo da entidade (eu). Para alcançarmos essa justificativa, precisamos recorrer a uma breve discussão sobre a construção do sintagma nominal, a partir do processo de Ancoragem Nominal (LANGACKER, 2008), concebido no âmbito da Linguística Cognitiva. Langacker (2008) compreende a Ancoragem Nominal “como um processo semântico-conceptual, um aspecto da organização conceptual na qual uma expressão é qualificada como um referente, linguisticamente realizado por um sintagma nominal” (ISOLA-LANZONI, 2017, p. 181). Esse processo de qualificação ocorreria na relação que é estabelecida entre a definição do referente e a conceptualização da situação enunciativa, em outros termos, o *ground*, concebido como “o evento de fala, seus participantes (falante e ouvinte), sua interação e as circunstâncias imediatas (notavelmente, o tempo e o espaço da fala)” (LANGACKER, 2008, p. 259). Assim, a construção de um referente é constrangida pela sua ancoragem em uma situação real de uso da língua, que acaba se valendo de recursos linguísticos orientados a guiar a atenção do ouvinte para a identificação desse referente.

Dentre as quatro etapas concebidas por Langacker (2008) para o processo de Ancoragem Nominal, destacamos a Especificação de tipo, realizada pela estratégia descritiva, que, por sua vez, é orientada à redução do conjunto de candidatos elegíveis de um tipo a ser instanciado. Um exemplo desse processo poderia ser: ‘o carro amarelo’. No exemplo, o substantivo “carro” consiste em um tipo, uma categoria esquemática que apresenta pouca especificidade quanto ao carro que efetivamente é instanciado na construção do referente. O adjetivo “amarelo” teria a função de delimitar um subconjunto dentro do conjunto do tipo; assim, “carro amarelo” consistiria em uma estratégia descritiva de construção de um subconjunto de carros – que são agrupados por serem amarelos –, de forma a facilitar a reconstrução do referente. Fugiria ao escopo da discussão, mas não podemos deixar de assinalar que a identificação do “carro amarelo” é realizada pela construção do artigo definido “o” que indica que o falante concebe que seu ouvinte seja capaz de recuperar qual seria o “carro amarelo”; o artigo teria a função de orientar o ouvinte a buscar em seu conhecimento enciclopédico o referente que seria partilhado entre si e o falante. Tal processo é explorada pela etapa de ancoragem propriamente dita da Ancoragem Nominal (LANGACKER, 2008; ISOLA-LANZONI, 2017).

De modo análogo, o complexo oracional *acordando de manhã e tentando lembrar tudo o que aconteceu no rolê* consistiria em uma estratégia descritiva que auxiliaria o leitor a especificar algum conhecimento acerca do (eu) implícito. A diferença entre os modificadores – “amarelo” e *acordando de manhã e [...]* –, contudo, seria que o primeiro especifica o núcleo do sintagma nominal delimitando um subconjunto do tipo, enquanto o segundo

Esse exemplo apresenta uma peculiaridade em relação aos demais pelo fato de a Adição de componentes ocorrer não em relação a um processo construído por uma das modalidades, mas, sim, em relação a um Processo que é estabelecido pela forma como os elementos são dispostos, o que sugere uma relação de Identificação entre autor do *tweet*, <raposa> e um (eu) implícito, instaurando uma relação de correferencialidade entre os elementos. Por meio dessas Identificações, instaura-se uma metáfora, na qual o produtor do *tweet* convida os leitores a conceptualizá-lo em um contexto de despertar após “rolê” a partir dos conhecimentos que podem ser depreendidos da <raposa desleixada e reflexiva, sentada em uma cadeira>. Ao considerarmos que o “rolê” de que o produtor fala consiste em um evento realizado na noite anterior – pelo fato de contextualizar tal representação após acordar –, podemos depreender que, em analogia à raposa, o produtor se encontra em uma situação de ressaca, em condições de desleixo, alheio ao que ocorre em volta por estar em uma postura reflexiva, processando o seu próprio comportamento, possível motor de arrependimento.

Concebemos que esse exemplo consiste em uma Adição por Complementação pelo fato de os componentes passarem a atuar de acordo com uma função léxico-gramatical sem que houvesse uma previsão desses papéis em relação a um Processo construído enunciativamente. A isso somamos o fato de o elemento verbal não consistir, em si, em um componente, mas, sim, como um modificador em um sintagma nominal.

Além dessa peculiaridade, o exemplo aponta para o assunto da próxima seção, uma vez que as relações de identificação entre autor (Lucas Paiva), <raposa> e (eu) aproxima-se à correspondência estrutural de Identificação, de que trataremos em seguida.

especifica o núcleo do sintagma nominal quanto a um trecho da trajetória de vida do elemento que é construído como núcleo. Em outros termos, a modificação em nosso exemplo não estabelece um subconjunto de (eu)/produtor/autor do *tweet*, mas, sim, delimita um estado do (eu); o (eu) disporia de uma trajetória de vida e o que o modificador faz é identificar um momento dessa trajetória. Assim, é este momento da trajetória – ou seja, quando o eu acorda de manhã e tenta lembrar o que aconteceu no rolê – que é concebido como a Ocorrência do Valor especificado pela foto da raposa desleixada e reflexiva, sentada em uma cadeira. Por consistir em um modificador que especifica um momento da trajetória do (eu) implícito, o elemento verbal apresenta traços de temporalidade. Caso recorrêssemos à utilização de uma conjunção para explicitar a relação de circunstância temporal, poderíamos inserir a conjunção “quando”. A reconstrução, com as devidas adaptações, seria: “A raposa desleixada e reflexiva, sentada em uma cadeira, sou eu quando acordo e tento lembrar tudo o que aconteceu no rolê”. Esse caráter temporal é justificado, também, pela utilização de gerúndio nos verbos do complexo oracional. Embora o elemento verbal apresente traços de circunstância temporal, não podemos assumir que consista em uma circunstância pela impossibilidade de modificação da ordem da oração sem alteração de sentido. Em “João foi à casa da Maria no domingo”, o sintagma preposicional que qualifica o Processo temporalmente pode ser inserido no início da oração sem alteração de sentido: “No domingo, João foi à casa da Maria”. Caso fizéssemos tal alteração no exemplo, o significado construído seria outro: “Quando acordo e tento lembrar tudo o que aconteceu no rolê, a raposa desleixada e reflexiva, sentada em uma cadeira sou eu”. Desse modo, o elemento verbal consiste em um modificador do (eu), que, em conjunto, é concebido como a Ocorrência do Valor instanciado pela foto da raposa.

3.3 Relação coesiva de Identificação

Nesta seção, apresentamos algumas especificidades que envolve a correspondência estrutural de Identificação. Retomando o capítulo anterior, compreendemos que **Identificação** consiste na construção de uma relação de equivalência de um componente da modalidade dominante com um componente da modalidade não dominante, articulado por um Processo Relacional Identificativo Intermodal, no qual o participante de uma das modalidades é o Valor e o outro é a Ocorrência (Característica).

Um exemplo dessa correspondência estrutural poderia ser o *post* do perfil @memeriagourmet no Instagram, que apresentamos na figura 3.3-1 a seguir. Em uma leitura alinhada a um discurso contrário à Reforma Trabalhista, o participante *O trabalhador* é Identificado ao <garoto>, o participante *o patrão* é Identificado ao <responsável> e o processo *negociar* é identificado ao <chinelos> (ou à <ameaça de violência>); tais relações poderiam ser reconstruídas, em termos Processuais, como: “O trabalhador é o garoto”, “O patrão é o responsável” e “Negociar é ameaçar”.

Figura 3.3-1 – Post de @memeriagourmet



Fonte: *post* do perfil @memeriagourmet do Instagram. Disponível em:

<https://www.instagram.com/p/B0uMjEPHqW1/>

O que marca a correspondência estrutural de Identificação é o Processo Relacional Identificativo que subjaz a articulação entre os componentes. Como desenvolvemos nas seções anteriores, as correspondências de Reiteração e Adição não apresentam relações processuais que subjazem a relação estabelecida entre os componentes verbais e imagéticos, o que aponta

para as naturezas distintas de cada opção de correspondência estrutural. Identificação apresentaria características das duas opções anteriores, embora as extrapole: na Identificação, adicionar-se-iam componentes, na medida em que são construídos elementos distintos aos apresentados na outra modalidade, e reiterar-se-iam componentes, na medida em que se constroem equivalências entre elementos construídos em ambas as modalidades. Contudo, a Identificação avança em relação à Reiteração e à Adição pelo fato de estabelecer uma proposta de significação de alguns elementos a partir do que se conhece sobre outros. Tal proposta de significação pode apresentar caráter metafórico – como no exemplo acima – ou não metafórico. No exemplo, a relação de Identificação indica que o produtor do texto propõe que o leitor conceptualize o participante *o trabalhador* a partir do participante <garoto> no evento construído imageticamente. Tal articulação de significação não é identificada nas relações de reiteração que analisamos na seção 3.1 deste capítulo, o que marca um distanciamento e uma validade da opção de Identificação.

Embora seja intrínseco à Identificação a atividade de conceptualizar um dado componente em relação a um outro, determinadas relações inferenciais não são compreendidas no nível da análise coesiva. Apresentamos no quadro 3.3-1 a seguir as relações de Identificação do exemplo e elaboraremos, em seguida, as inferenciais que são depreendidas após a Identificação dos componentes.

Quadro 3.3-1 – Relações de Identificação da figura 3.3-1

Imagético	Verbal	Relação de Coesão
<garoto>	<i>o trabalhador</i>	Identificação
<chinelo>/< ameaça de violência>	<i>negociar</i>	Identificação
<responsável>	<i>o patrão</i>	Identificação

Fonte: elaboração própria.

No quadro, apresentamos os participantes e os processos verbais e imagéticos que são relacionados por Identificação. Além do Processo Verbal de *negociar*, no elemento verbal também é construído o verbo modal *poderá*, que não estabelece uma relação de Identificação – nem outro padrão coesivo – com algum elemento imagético. Contudo, seu papel para o estabelecimento da crítica visada pelo produtor é essencial, na medida em que, por construir a negociação entre trabalhador e patrão no campo da possibilidade, parece consistir em uma tentativa de amenizar a assimetria entre as entidades envolvidas na negociação, o que parece ser típico de um discurso favorável à Reforma Trabalhista. Essa relação próxima à simetria que o modal busca construir é contraposta à ameaça representada pelo <chinelo> que, partindo das relações de Identificação do quadro, implica uma alteração na forma de se conceptualizar a relação entre as entidades: uma relação assimétrica, em que a entidade mais forte ameaça a mais

fraca. Essa contraposição é marcada também pelo uso das aspas no elemento verbal, que sinaliza que o conteúdo do verbal consiste em um enunciado de outro ator social (não identificado no texto), que se encontra sob outra discursividade, com o qual o produtor do texto se contrapõe, uma vez que faz uso do elemento imagético como um recurso de indicar a forma que concebe como a correta para interpretar a relação entre *trabalhador* e *patrão*. Assim, ao Identificar os participantes e os processos, o produtor não apenas propõe que se conceba os componentes verbais a partir dos imagéticos, mas que se altere o estatuto de realidade da possibilidade de negociação, passando a ser concebida, então, como a não possibilidade de negociação. Essas últimas reflexões extrapolam o nível da análise coesiva, que tem como escopo a verificação dos modos como as modalidades articulam-se no nível da superfície textual, em termos de construção de evento e de constrangimento/direcionamento de conceptualização das entidades e relações. A apreensão, portanto, da alteração do estatuto de realidade do modal *poderá* é compreendida em um nível de interpretação do texto, enquanto as relações coesivas de Identificação são compreendidas em um nível de descrição linguística¹²⁷.

Embora essas leituras condizam com o provável significado visado pelo produtor do texto, parece razoável conceber que as relações de Identificação no texto poderiam ser outras. Um leitor constrangido por um discurso que concebe que a relação de assimetria entre trabalhador e patrão permanecesse, mas com a inversão da entidade mais forte e a mais fraca, poderia estabelecer Identificação entre *o trabalhador* e o <responsável> e entre *o patrão* e o <garoto>. A partir dessas Identificações, a relação de poder é alterada e, com isso, o modal *poderá* também apresentaria outra leitura, uma vez que o imagético não alteraria o estatuto de realidade da possibilidade, mas, sim, apresentaria uma das formas que essa possibilidade negociação poderia assumir, a de ameaça, que partiria do trabalhador para com o patrão. Nessa leitura, o leitor estaria concebendo que a implementação da Reforma Trabalhista estaria

¹²⁷ Fazemos uso dos termos Descrição, Interpretação (e Explicação) no sentido da Análise Crítica do Discurso de base faircloughiana (FAIRCLOUGH, 2003; 2010[1995]; CHOULIARAKI. FAIRCLOUGH, 1999; GONÇALVES-SEGUNDO, 2018), que compreende as três etapas no âmbito de uma metodologia de uma análise discursiva. De acordo com Gonçalves-Segundo (2018, p. 80, itálico do autor), “cabe ao analista de discurso crítico *descrever* a dimensão textual em termos de todas as variáveis multimodais pertinentes”. A Interpretação diz respeito ao processamento do texto, que abrange a atividade dinâmica envolvida na textualização; assim, uma descrição deve ser ancorada em termos da prática discursiva envolvida, considerando “sua distribuição entre os atores nelas envolvidos – nem todos eles podem assumir os mesmos papéis e praticar qualquer gênero” (GONÇALVES-SEGUNDO, 2018, p. 81). Na etapa da Interpretação, o analista deve procurar apreender as representações vigentes, “quais modelos são hegemônicos (dominantes) e quais são alternativos, que estilos prevalecem” (GONÇALVES-SEGUNDO, 2018, p. 83), bem como o tipo de identidade dos atores sociais envolvidos está sendo inculcado. Nesta etapa, questões de ideologia e de ordens do discurso são centrais. Por fim, “cabe ao analista *explicar* o discurso, buscando relacionar a materialização textual com as práticas de produção, distribuição, consumo e interpretação, considerando sua ancoragem social, o que requisita uma abordagem sociológica, antropológica, econômica, e/ou histórica, a depender do objeto de estudo” (GONÇALVES-SEGUNDO, 2018, p. 81).

atribuindo mais poder ao trabalhador, que passaria a consistir no elo mais forte dessa relação. As duas leituras poderiam levar diferentes leitores a assumir distintas posturas em relação ao texto, seja de rechaço, seja de concordância.

Embora pareça não ser a mais típica, a possibilidade de realização da segunda leitura acaba por envolver duas problemáticas: i. a definição de unidades informacionais multimodais; e ii. a aptidão metafórica (MOURA, 2007; MOURA, 2009). Trataremos, primeiramente, da segunda.

Como exploramos brevemente no capítulo anterior, a correspondência estrutural de Identificação apresenta três possibilidades de ocorrência: i. por meio da apresentação do termo ou da categoria que identifica determinada entidade; ii. por meio do estabelecimento de equivalência entre elementos de domínios distintos; e iii. por meio do estabelecimento de equivalência entre elementos de um mesmo domínio.

Exploramos brevemente na seção 2.2 do capítulo anterior que a segunda possibilidade de ocorrência de Identificação relaciona-se diretamente ao estabelecimento de uma metáfora. Essa relação se dá pelo fato de, na Identificação, concebermos que o produtor do texto propõe que conceptualizemos um dos elementos em função do outro. Tal processo consiste na base da construção metafórica, partindo da perspectiva da Linguística Cognitiva. Conforme Vereza (2010, p. 205), a metáfora está em uma dimensão cognitiva/conceptual, consistindo em “um processo por meio do qual experiências são elaboradas cognitivamente a partir de outras experiências já existente no nível conceptual”. Assim, em relação ao exemplo, o produtor do texto propõe que o leitor compreenda a relação de negociação entre trabalhador e patrão – circunscrita a um domínio conceptual de trabalho – a partir da relação de ameaça de violência entre responsável e filho – circunscrita a um domínio conceptual de família ou de modos de educação. Uma vez que o produtor parte dos conhecimentos do domínio de família/modos de educação (construído apenas imageticamente), esse domínio consiste no domínio-fonte de metáfora. O domínio-fonte seria o domínio “mais concreto e representaria um conjunto de conceitos e de relações que utilizamos para guiar o entendimento de outro domínio, o alvo” – no caso do nosso exemplo, o domínio de trabalho (construído apenas verbalmente) – “que seria perspectivado a partir desse mapeamento” (GONÇALVES-SEGUNDO, ISOLA-LANZONI e WEISS, 2019, p. 34). Assim, no exemplo, cada modalidade constrói um dos domínios, o que caracteriza esse texto como um exemplar de metáfora multimodal (FORCEVILLE, 2007; 2009; 2019; KÖVECSES, 2019; GONÇALVES-SEGUNDO, ISOLA-LANZONI e WEISS, 2019).

É relevante salientar que os domínios se apresentam em um nível conceptual, ao qual apenas temos acesso por meio da materialização linguística, que atua como pistas para esse

conhecimento enciclopédico. Ao nível da materialização linguística, os autores da área utilizam os termos veículo e tópico metafórico - “o tópico é a entidade da qual se fala na metáfora, e o veículo é a expressão linguística que predica sobre o tópico” (PEREIRA e MOURA, 2008, p. 84). Assim, fonte e alvo são referidos no nível da expressão linguística como veículo e tópico, respectivamente. A distinção entre esses dois níveis torna-se válida sobretudo em casos de expressões idiomáticas que apresentam uma metáfora esquemática de base, como por exemplo “água mole em pedra dura tanto bate até que fura”. Nesse exemplo, constrói-se apenas o veículo metafórico, ou seja, a expressão do domínio-fonte; o tópico não é construído, mas é possível inferir o domínio-alvo a depender do contexto de uso da expressão. A expressão apresenta uma metáfora esquemática, uma vez que o domínio-alvo não é pré-determinado; os domínios que podem atuar como alvo nessa metáfora podem variar, embora devam apresentar uma noção de perseverança, que irá ser mapeada da fonte para o alvo.

Está relacionada, também, à construção metafórica a noção de aptidão metafórica, desenvolvida por Moura (2007, p. 422), que compreende que “aptidão metafórica pode ser traduzida em termos de dimensões relevantes”; em outros termos, “se não há uma dimensão relevante comum ao tópico e ao veículo, a metáfora resulta menos apta” (MOURA, 2007, p. 422). O autor parte de exemplos em que o domínio fonte e alvo guardam semelhança por poderem ser reduzidos hiperonimicamente como “atividade profissional”; assim, argumenta que a metáfora ‘o genoma é um psicólogo’ é menos apta do que ‘cirurgião plástico é açougueiro’, pelo fato de, no primeiro, genoma e psicólogo não partilharem uma “dimensão relevante” que as relacione, o que ocorre no segundo caso, uma vez que cirurgião plástico e açougueiro consistem em profissões.

A discussão sobre aptidão metafórica se associa ao exemplo em questão pelo fato de, embora possível que algum leitor realize a segunda leitura que apresentamos – que identificaria *o trabalhador* ao <responsável> e *o patrão* ao <garoto> –, parece razoável conceber que o conhecimento acerca das relações de assimetria entre as entidades no contexto de negociação de trabalho, assim como qual entidade figura-se como a de maior poder, é relevante o suficiente para constranger a leitura do texto de modo a favorecer a primeira leitura de Identificação que apresentamos. Ou seja, a interpretação metafórica depreendida pela primeira leitura de Identificação é mais apta, por condizer com o conhecimento envolvido, do que a segunda.

A questão da aptidão ou inaptidão de uma leitura metafórica ganha relevância no caso desse texto pelo fato de a unidade informacional multimodal global do texto ser composta por um elemento verbal e um elemento imagético, que delimitam uma única unidade informacional local. Nesse texto, o leitor não dispõe de instruções sobre as relações de Identificação que

precisa realizar para alcançar a significação possivelmente visada pelo produtor. Uma motivação para essa ausência de instrução poderia ser, justamente, o constrangimento que o conhecimento das assimetrias em negociações de trabalho impõe. Contudo, torna-se necessária uma discussão acerca das unidades informacionais global e local em textos com interações marcadas por relações coesivas de Identificação, a fim de que possamos esclarecer esse processo de instrução. Para essa reflexão, partiremos dos três exemplos apresentados no quadro 3.3-2 a seguir, sendo o primeiro texto o que discutimos até o momento.

Quadro 3.3-2 – Exemplos de Identificação e unidades informacionais

Texto 1

memeriagourmet • Seguindo

"O trabalhador poderá negociar com o patrão"



Curtido por [redacted] e outras pessoas
Ver todos os 27 comentários

Post do perfil @memeriagourmet do Instagram.
Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B0uMjEPHqW1/>

Texto 2

QUANDO VOCÊ DEFENDE O CAPITALISMO



MAS NÃO TEM CAPITAL

Post do perfil @movimentopoema do Instagram.
Disponível em: https://www.instagram.com/p/Bu_KCNJgggJ/

Texto 3



Extraído de Gonçalves-Segundo; Isola-Lanzoni; Weiss (2018, p. 48).
Disponível em: <https://twitter.com/DicasEstalinho/status/1117516728018329602>

Fonte: elaboração própria.

Como discutimos brevemente na seção 2.1 do capítulo anterior, concebemos uma unidade informacional como a unidade mínima de construção de significado. A unidade informacional ganha relevância na medida em que, ao discutirmos coesão verbo-imagética, é necessário que haja uma unidade informacional que englobe elementos verbais e imagéticos. A essa unidade formada pelos elementos de cada modalidade, que atuam conjuntamente para a construção de sentido no texto, denominamos **unidade informacional multimodal global**. Essa categoria coincide com a unidade do texto multimodal. Os três exemplos apresentados no quadro 3.3-1 apresentam unidades informacionais multimodais globais compostas por distintos graus de unidades informacionais locais.

O texto 1, por apresentar apenas um elemento verbal e um elemento imagético, define apenas uma unidade informacional local, que coincide com a unidade informacional global. O texto 2, por sua vez, apresenta dois elementos verbais e dois elementos imagéticos; cada elemento de cada modalidade interage localmente com apenas um elemento da outra modalidade. Assim, são definidas duas unidades informacionais locais – como apresentamos na figura 3.3-2 a seguir –, que, juntas, a partir de uma sequencialidade, compõem a unidade informacional global do texto.

Figura 3.3-2 – Unidades informacionais locais do Texto 2 do quadro 3.3-2



Fonte: elaboração própria.

O texto 3, a seguir, apresenta uma problemática ulterior, uma vez que são definidas unidades informacionais locais entre entidades e eventos verbais e imagéticos. No processo de **rotulação**, tipicamente o elemento verbal atua como um rótulo do imagético, identificando-o ou a outro domínio, ou apresentando sua categoria¹²⁸. A cada rotulação é definida uma unidade

¹²⁸ Embora a relação coesiva de Identificação apresente íntima relação com o processo de rotulação, apontamos a possibilidade de um rótulo apenas apresentar o termo identificador ou a categoria do evento ou da entidade

informativa local, como apresentamos na figura 3.3-3 a seguir. Assim como no texto 2, o texto 3 apresenta uma sequencialidade entre as duas fotos. Desse modo, na primeira foto, são definidas duas unidades informacionais locais pela rotulação e uma unidade informativa local da foto; na segunda foto, é definida uma unidade informativa local pela rotulação e uma unidade da foto.

Figura 3.3-3 – Unidades informacionais locais do Texto 3 do quadro 3.3-2



Fonte: elaboração própria.

A partir dessas análises, podemos compreender que a **unidade informativa global** diz respeito à coesão estabelecida entre os elementos para a composição de um texto, o que torna relevante questões de ordem composicional (Metafunção Textual). Já a **unidade informativa local** diz respeito à coesão estabelecida entre elementos verbais e imagéticos em termos de correspondência estrutural para a construção conjunta de eventos, ou seja, uma coesão de nível micro, para a qual o sistema de COESÃO VERBO-IMAGÉTICA é proposto.

A análise das unidades informacionais relaciona-se aos graus de instrução de identificação entre entidades e eventos verbais e imagéticos, uma vez que, quanto maior a especificidade das unidades informacionais locais, maior o grau de instrução que o produtor apresenta ao leitor sobre quais eventos ou entidades de uma modalidade devem ser identificados aos eventos ou às entidades da outra modalidade.

imagético/a representado/a, ou seja, apresentando, em outra modalidade, o significado do evento ou da entidade. Tal opção corresponde à instanciada no exemplo da figura 2.2-8 do segundo capítulo.

Assim, o texto 1 apresenta pouca instrução de quais entidades verbais devem ser identificadas a quais entidades imagéticas pelo fato de definir apenas uma unidade informacional local que engloba entidades e eventos. Como discutimos anteriormente, esse grau reduzido de instrução pode ser motivado pelos conhecimentos acerca das relações de assimetria entre trabalhador e patrão, por um lado, e filho e responsável, por outro, que acabam por constranger a leitura mais típica.

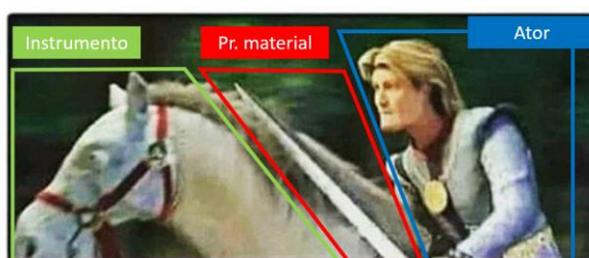
O texto 2 apresenta-se como um grau intermediário de instrução de identificações, uma vez que, ao serem definidas duas unidades informacionais, o produtor instrui o leitor a estabelecer uma significação, primeiro, entre o verbal e o imagético de cada unidade informacional local, e, segundo, entre as duas unidades informacionais locais. Desse modo, estabelece-se relações coesivas entre *Quando você defende o capitalismo* e a primeira imagem, e entre *mas não tem capital* e a segunda imagem. Apresentamos, a seguir, a análise processual dos elementos verbais e imagéticos da unidade informacional 1.

Quadro 3.3-3 – Análise processual do elemento verbal da unidade informacional 1 do texto 2

quando	você	defende	o capitalismo
[conj. temporal]	participante	processo	participante
	Ator	Pr. material	Meta

Fonte: elaboração própria.

Figura 3.3-4 – Análise processual do elemento imagético da unidade informacional 1 do texto 2



Fonte: elaboração própria.

No que diz respeito à unidade informacional 1, ocorre Identificação entre o Processo Material *defender*, construído verbalmente, e <guerrear>, construído imageticamente pela espada (por meio de uma metonímia). Identifica-se, também, o participante Ator *você* ao Ator <cavaleiro>. Cada modalidade constrói também componentes que não são Identificados pela outra modalidade, como por exemplo a Meta do Processo Material verbal – *o capitalismo* –, que, pelas relações de Identificação anteriores, é inferido como a entidade que o <cavaleiro> está protegendo; e o Instrumento do Processo Material imagético – <cavalo>. A conjunção

temporal *quando* não participa da construção processual, contudo, é imprescindível para o estabelecimento da sequencialidade entre as imagens, uma vez que, juntamente à conjunção adversativa *mas* da unidade informacional 2, aponta para a relação de contradição entre a ação representada verbal e imageticamente na unidade informacional 1 e a constatação representada verbal e imageticamente na unidade informacional 2. Apresentamos, a seguir, a análise processual dos elementos verbais e imagéticos da unidade informacional 2.

Quadro 3.3-4 – Análise processual do elemento verbal da unidade informacional 2 do texto 2

mas	(você)	não	tem	capital
[conj. adversativa]	participante	[adjunto polar]	processo	participante
	Possuidor		Pr. Relacional Possessivo	Possuído

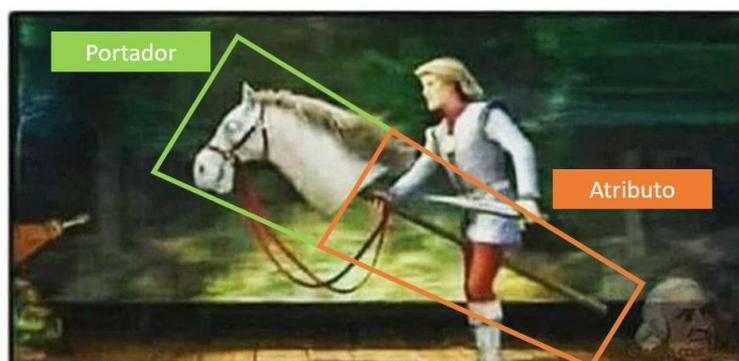
Fonte: elaboração própria.

Na unidade informacional 2, o elemento verbal constrói um Processo Relacional Possessivo por meio do verbo *tem*, na medida em que o Possuidor implícito *você*, identificado ao mesmo <guerreiro>, é construído como não dispondo do Possuído, o *capital*. Enquanto, no verbal, a relação possessiva é escopada pelo adjunto polar negativo *não*, que marca a não propriedade, no imagético a relação possessiva é marcada pela posse de algo que poderia ser considerado fajuto, de imitação, ou seja, um <cavalo de pau>. Essa depreensão decorre da alteração do quadro de visualização (HART, 2014) da cena. Quadro de visualização diz respeito à “operação por meio da qual a voz autoral direciona a atenção do ouvinte/leitor para determinadas partes da cena e da experiência conceptualizadas” (GONÇALVES-SEGUNDO, 2017, p. 88). Assim, enquanto a primeira imagem apresenta um nível elevado de *zoom*, a segunda imagem apresenta um nível mais reduzido, colocando determinadas características da cena em saliência, como a composição do <cavalo>. Essa diferença poderia, também, ser pensada em termos de *close shot* e *long shot* (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006). A existência dessa diferença no quadro de visualização acaba por colocar o <cavalo de pau> em saliência, pelo fato tanto de localizar-se na região central da imagem, quanto de apresentar uma quebra de expectativa que o *close shot* poderia ter implicado, ou seja, que o <cavalo>, na primeira imagem, seria real, e não uma simulação, um <cavalo de pau>. Assim, o <cavalo> pode ser interpretado como um participante Portador – em um Processo Conceitual Analítico (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006) – do Atributo construído pelo seu corpo, como apresentamos na parte superior da figura 3.3-5 a seguir. Assim, a contraposição entre o *close shot* e o *long shot*, que é

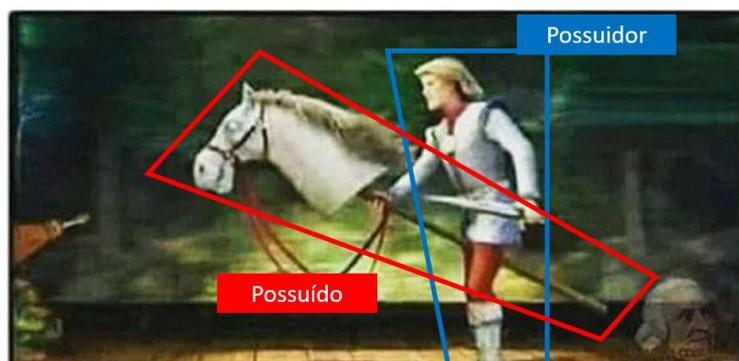
marcada por uma quebra de expectativa em relação à natureza do cavalo, atende aos possíveis objetivos do produtor ao apresentar como efeito o foco dado a uma parte do <cavalo>.

Figura 3.3-5 – Análise processual do elemento imagético da unidade informacional 2 do texto 2

Processo imagético 1: Processo Relacional Atributivo



Processo imagético 2: Processo Relacional Possessivo



Fonte: elaboração própria.

O Processo Relacional Atributivo constitui o foco primário de atenção do elemento imagético da unidade informacional 2 por duas razões: i. o <cavalo de pau>, envolvido no Processo, encontra-se na região central da tela, apresentando, assim, maior saliência; e ii. estabelece uma quebra de expectativa, resultante tanto da mudança no quadro de visualização, quanto do uso da conjunção adversativa *mas* no elemento verbal.

Embora constitua o foco primário, o elemento imagético também constrói um Processo Relacional Possessivo, no qual o <cavaleiro> consiste no Possuidor e o <cavalo de pau> no Possuído. Instaura-se, assim, uma interação entre o elemento verbal (*você*) *não tem capital* e o Processo Possessivo imagético. Os processos são articulados em termos de Reiteração, na medida em que ambos consistem em Processos Possessivos. A diferença entre os processos verbal e imagético se manifesta, então, pela polaridade dessa posse: enquanto o Possuidor (*você*) do Processo verbal não dispõe do Possuído *capital*, o Possuidor <cavaleiro> do Processo imagético dispõe do Possuído <cavalo de pau>. A interação entre esses Processos é

contaminada pelo Processo Atributivo imagético, uma vez que, embora o <cavaleiro> possua o <cavalo>, tal Possuído não apresenta propriedades que o levem a ser categorizado como um cavalo de verdade, genuíno¹²⁹. Assim, instaura-se uma interação marcada por uma Identificação não de componentes, mas, sim, dos Processos como um todo: a não posse de algo (verbal) é identificada, como um todo, à posse de algo fajuto¹³⁰.

Nesse processo, que acaba por extrapolar o nível da análise coesiva, podemos passar para um nível de análise metafórica. Pelo fato de o produtor propor uma relação entre “um <cavaleiro> que <guerreia> em defesa de algo sem ter os recursos necessários para se definir como um <cavaleiro> – ou seja, o cavalo –” e “uma pessoa que defende um sistema econômico sem dispor dos recursos que são centrais e valorados por esse sistema”, emerge uma questão de classe. A partir dessa tensão, o produtor propõe ao leitor que se identifique ao Ator *você* e, em consequência, ao <cavaleiro>, de modo que possa se encontrar diretamente envolvido na relação construída. Assim, o produtor convida o leitor a projetar-se como um operário, um trabalhador que defende um sistema que o explora e o oprime em analogia a um <cavaleiro> que, apesar de não dispor do instrumento que o define enquanto tal, o cavalo, e necessário para ser bem-sucedido no conflito, parte em defesa de algo. Nesse processo, é possível depreender uma Alegação implícita de que o <cavaleiro> não é exatamente um <cavaleiro>. Tal Alegação, que estaria no âmbito do domínio-fonte, que é construído pelo elemento imagético, seria projetada para o domínio-alvo, gerando um possível efeito crítico que denuncia de que não há razões legítimas para que alguém que não é detentor do capital atuar energeticamente em sua defesa. Gera-se um raciocínio inferencial de que só há legitimidade na defesa de algo (sistema capitalista, por exemplo) se se beneficia desse algo.

Desse modo, por meio das relações de Identificação e de Adição por Complementação, o produtor procede à construção metafórica multimodal que instaura tanto uma crítica de incongruência entre defender um sistema econômico exploratório e ser explorado por esse

¹²⁹ É oportuno destacarmos o papel do conhecimento enciclopédico no processo de interpretação do texto. O cavaleiro do exemplo consiste no Príncipe Encantado (*Prince Charming*) da franquia Shrek, conhecido pelos seus consumidores como uma personagem com práticas manipuladoras. Desse modo, o efeito de contra-expectativa entre os quadros pode já ser prevista por alguns consumidores do texto, dado o conhecimento prévio sobre a personagem.

¹³⁰ Essa interação marca uma nova modalidade de articulação entre elementos verbais e imagéticos. Como exploramos nos capítulos anteriores, identificamos que interações poderiam ser de parte-parte, parte-todo, todo-todo. No caso de parte-parte, sempre discutimos situações em que processos, participantes ou circunstâncias estavam envolvidas em laços coesivos um a um; nesse exemplo, contudo estamos diante de uma interação parte-parte que engloba processo + complemento; no verbal, o processo possessivo polarizado negativamente *não ter* + Possuído *capital* encontra-se em um laço coesivo com o processo possessivo <ter> + Possuído <cavalo de pau> no imagético.

sistema, quanto um convite para o leitor a uma reflexão identitária, sobre dispor dos recursos que caracterizam quem é.

Outro aspecto de dificuldade neste exemplo é a determinação da modalidade dominante, uma vez que o texto comporta uma metáfora multimodal, em que os elementos de cada modalidade constroem em si um domínio¹³¹, e ambas as modalidades constroem Processos. Diante disso, assumimos a modalidade verbal como a dominante pelo fato de consistir naquela que constringe a outra em termos do que é colocado em saliência. Justificamos isso pelo fato de o elemento imagético da unidade informacional local 2 dispor de um fundo que consiste em um tipo de cenário para uma gravação de filme. É possível identificar este fundo ao verificar a parte inferior do elemento imagético, que indica que o fundo de floresta consiste em uma pintura. Apresentamos o elemento imagético na figura 3.3-6 a seguir.

Figura 3.3-6 – Elemento imagético da unidade informacional 2 do texto 2



Fonte: recorte de *post* do perfil @movimentopoema do Instagram.

Assumimos o verbal como a modalidade dominante, pelo fato de a contra expectativa construída no elemento verbal instruir o leitor a colocar em saliência a quebra de expectativa do imagético, não identificando, por exemplo, que a imagem pode consistir em cena de gravação, na qual poderia ser esperado que não tivesse um cavalo de verdade, mas de mentira. Assim, assumimos o verbal como a modalidade dominante.

Partindo para o texto 3, é possível detectarmos um grau elevado de instrução de identificações, uma vez que o processo de rotular entidades ou eventos imagéticos com distintos elementos verbais constringe o leitor a realizar as identificações entre aqueles elementos que estão conectados. Reapresentamos, a seguir, o texto:

¹³¹ Para maior aprofundamento sobre metáforas multimodais e construção dos domínios, indicamos Gonçalves-Segundo (2020).

Figura 3.3-7 – Texto 3



Fonte: extraído de Gonçalves-Segundo; Isola-Lanzoni; Weiss (2019, p. 48). Disponível em: <https://twitter.com/DicasEstalinho/status/1117516728018329602>

Diferentemente do texto 2, no texto 3 apenas a modalidade imagética constrói Processos, pelo fato de a modalidade verbal apenas rotular entidades – *Militares* e *Ameaça Comunista*. Assim, assumimos a modalidade imagética como a dominante.

Como analisamos anteriormente, esse texto apresenta um número maior de unidades informacionais locais, na medida em que cada rotulação definiu uma unidade local, que acaba por indicar uma relação de Identificação. Assim, *Militares* é identificado à <criança>, enquanto *Ameaça Comunista* é identificado à <bota>. Assim como no texto 2, o texto 3 é marcado por uma sequencialidade entre as imagens que recorre, também, à alteração no quadro de visualização. Entre as imagens, instaura-se uma leitura de simulação de ameaça, uma vez que, ao focar na primeira imagem – à esquerda –, o leitor é levado a construir um evento que apresenta duas entidades, uma criança e possivelmente um (homem) adulto, que é depreendido metonimicamente pela bota. Ao focar na segunda imagem, o leitor então depreende que as duas entidades da primeira imagem consistem no mesmo ator, a <criança> que simula em si a ação de um agente externo. Essa depreensão leva, então, o leitor a retornar à primeira imagem e estabelecer uma leitura de simulação, de enganação.

Essa interpretação de simulação é, então, projetada para o domínio-alvo da metáfora, que é instanciado em termos dos elementos verbais *Militares* e *Ameaça comunista*. Assim, o produtor constrói um significado de que a *Ameaça comunista* de que tratam *Militares* consiste em uma simulação, uma construção discursiva dos próprios *Militares*, orientada à criação de uma ameaça externa mais forte, capaz de subjugar-los por consistirem na entidade mais fraca. O produtor do texto, por meio da construção metafórica, parece visar estabelecer uma denúncia do que, em seu modo de representação das relações, consistiria na realidade entre tais entidades: a de que não existe, de fato, tal ameaça. A denúncia se mostra válida, uma vez que uma construção forjada de subjugação do grupo de militares poderia ter como efeito a legitimação

de determinadas ações repressoras deste grupo em relação tanto à suposta ameaça em si, quanto aos supostos apoiadores.

É relevante destacarmos a relação entre as imagens e discursos. A primeira imagem, ao instanciar as duas entidades do domínio-alvo, pode atuar como representadora de um discurso que assume a existência de uma *Ameaça comunista* capaz de subjugar *Militares*. Já a segunda imagem parece atuar como a representação de um contradiscurso, que busca retificar tal representação, ao construir o que seria a realidade: um grupo de maior poder simulando a ameaça de um grupo de menor poder para legitimar ações de repressão ou de limitação de seus direitos.

Antes de finalizarmos as discussões desta seção, ressaltamos a relevância da articulação entre modos de disposição dos elementos nos textos, a definição de unidades informacionais e as possibilidades de relações de Identificação. Esse exemplo permite-nos defender a tese de que uma maior integração entre os elementos de cada modalidade é diretamente proporcional à quantidade de unidades informacionais locais delimitadas e à redução de possibilidades de Identificação. Ao contrapormos o texto 3 ao texto 1, depreendemos que tal tese se sustenta, na medida em que no texto 1 havia pouca instrução de quais entidades seria Identificadas, de modo que requer do leitor a determinação da leitura a partir de suas filiações discursivas, enquanto, no texto 3, o grau de instrução de Identificação é elevado, reduzindo a necessidade de recorrer a outras estratégias de inferenciação para conseguir estabelecer as identificações.

Achamos oportuno destacar, por fim, que compreendemos que a análise da coesão, em termos de Identificação por exemplo, não consiste na estratégia responsável pelas inferências necessárias para reconstrução do significado visado pelo produtor do texto. Compreendemos que a relevância de uma análise da coesão verbo-imagética reside no fato de, ao se voltar a um processo de descrição dos elementos verbais e imagéticos no âmbito da superfície textual, as relações coesivas podem consistir em aspectos que sinalizam determinados modos de construção do significado, na medida em que podem atuar como elementos coercitivos em termos de colocar determinados elementos em saliência, em detrimento de outros. Assim, uma análise de texto multimodal não pode restringir-se a uma análise da coesão; tal análise consiste em uma etapa inicial, mas fundamental, na investigação dos modos de construção intermodal de significado.

Um recurso que extrapola o nível da análise da coesão, mas está diretamente relacionado a ela, são os Ciclos Intermodais de leitura, propostos por Unsworth (2006), que discutimos brevemente na seção 1.2 do capítulo 1. Passaremos, na seção seguinte, a tratar da relação desse recurso com a coesão.

3.4 Ciclos Intermodais de Leitura

Nesta seção, buscamos explorar a noção de Ciclos Intermodais de leitura, proposta inicialmente por Unsworth (2006) ao tratar dos modos de construção do significado ideacional intermodal. Unsworth (2006) inaugura ao conceito por se voltar a uma discussão local sobre o plano do conteúdo, assumindo como uma preocupação a constituição de uma unidade intermodal de análise.

O autor compreende que “uma unidade compreende uma imagem e todo o palavreado [*verbiage*] relacionado por conteúdo ideacional”¹³² (UNSWORTH, 2006, p. 1174). Por assumir como objeto um texto multimodal, Unsworth (2006) compreende que tais unidades não são lineares, como no texto monomodal verbal, que disporia de um padrão e de um ordenamento típico de leitura. No caso de textos multimodais, a sequência de leitura visada pelo produtor para a reconstrução do significado pode não consistir na sequência adotada pelo leitor, uma vez que ela depende de fatores diversos, como saliência dos elementos, suporte de distribuição do texto, tecnologia utilizada para acessar o texto, dentre outros. Por considerar, então, que “a multidimensionalidade de duas modalidades – palavreado como 1-D[imensão] em uma página 2-D, imagem como 2-D ou mais em uma página 2-D – permite ao leitor fazer várias passagens entre a imagem e o palavreado relacionado”¹³³ (UNSWORTH, 2006, p. 1174, colchete nosso), a sequência de leitura adotada pelo leitor estaria apenas probabilisticamente relacionada à sequência visada pelo produtor.

Diante disso, Unsworth (2006, p. 1174) concebe que uma unidade intermodal de análise “consiste em todos os ciclos intermodais que um leitor pode realizar entre uma imagem e seu texto [verbal] relacionado”¹³⁴. Desse modo, o autor concebe a noção de Ciclos Intermodais de leitura como “‘passagens intermodais’ recursivas realizadas entre o palavreado e a imagem para uma determinada unidade de análise”¹³⁵ (UNSWORTH, 2006, p. 1174). Assim, a noção é

¹³² Tradução livre de: “In the case of ideational meaning, a unit comprises an image and all the verbiage related to it by ideational content” (UNSWORTH, 2006, p. 1174).

¹³³ Tradução livre de: “the multidimensionality of the two modalities — verbiage as 1-D on a 2-D page, image as 2-D or more on a 2-D page — allows the reader to make multiple passes between the image and its related verbiage, in a way that is probabilistically related to the sequencing of meaning by the producer” (UNSWORTH, 2006, p. 1174).

¹³⁴ Tradução livre de: “Thus, an intermodal unit of analysis consists of all the intermodal cycles that a reader can make between an image and its related text” (UNSWORTH, 2006, p. 1174).

¹³⁵ Tradução livre de: “There may be multiple recursive ‘intermodal passes’ made between verbiage and image for a given unit of analysis” (UNSWORTH, 2006, p. 1174).

concebida como uma etapa constitutiva do processo de definição de uma unidade intermodal de análise.

Embora inaugure a noção, o autor não procede a uma investigação sobre o funcionamento local dos Ciclos Intermodais, ou como se articulam ao processo de instanciação de relações lógico-semânticas em textos multimodais. Nesse sentido, buscamos nesta seção explorar de que forma os Ciclos Intermodais de leitura articulam-se ao estabelecimento de relações coesivas no âmbito de um texto multimodal, de uma unidade intermodal de análise, nos termos de Unsworth (2006), de uma unidade informacional global, em nossos termos.

Desse modo, expandindo Unsworth (2006), concebemos **Ciclos Intermodais de leitura** como o processo de conceptualização e reconceptualização do texto multimodal por meio de leituras e releituras (retomadas) de elementos das modalidades envolvidas na interação. Em outros termos, Ciclos Intermodais se referem à construção e à reconstrução de significados pelo foco atribuído às relações entre determinados elementos de cada uma das modalidades. Concebemos que, a cada ciclo de leitura, o leitor estabelece uma significação, que é reconceptualizada a depender da emergência de novo(s) ciclo(s) de leitura(s).

Ao longo da dissertação, tratamos de alguns exemplos nos quais podemos explorar a questão dos Ciclos Intermodais de leitura. O texto 1 da seção 3.3, sobre Identificação – que reapresentamos a seguir na figura 3.4-1 –, apresenta um potencial de ocorrência de alguns ciclos de leitura.

Figura 3.4-1 – Post de @memeriagourmet



Fonte: *post* do perfil @memeriagourmet do Instagram. Disponível em:

<https://www.instagram.com/p/B0uMjEPHqW1/>

Como discutimos na seção de Identificação, o exemplo apresenta uma dupla possibilidade de leitura, decorrente tanto de filiações discursivas distintas, quanto de pouca instrução quanto às identificações. Podemos afirmar que o exemplo apresenta mais de um Ciclo Intermodal de leitura pelo fato de ser necessário ao leitor o estabelecimento de Identificações entre participantes e eventos. Considerando que a ordem de leitura mais provável consista em o leitor iniciar a leitura pelo elemento verbal e, então, seguir para o imagético¹³⁶, ao se deparar com uma não representação em termos de Reiteração, o leitor é convidado a assumir o imagético como real e então voltar ao verbal, em busca de elementos que possam indiciar um modo de se reconstruir o significado visado pelo produtor. Nesse retorno ao verbal, o leitor, então, estabelece as relações de Identificação entre as entidades e os eventos, condição primeira para a instauração, via inferência, de uma metáfora situada (VEREZA, 2007; 2013).

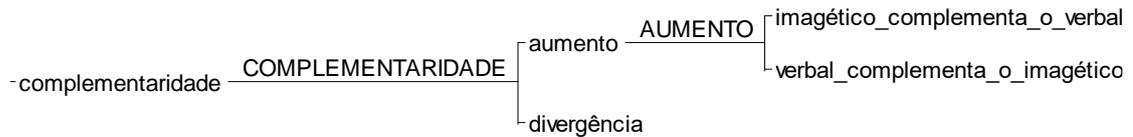
A partir desse exemplo, podemos hipotetizar que haja uma correlação entre a não consonância inicial entre o verbal e o imagético – em termos de parecerem, a princípio, eventos distintos – e a emergência de ciclos de leitura, visto que, por ser delimitado um texto multimodal, espera-se que os elementos entrem em consonância para a (re)criação do significado. A esse processo de não compatibilidade entre eventos representados por cada modalidade, denominamos Divergência.

O termo Divergência decorre da proposta de Unsworth (2006), que compreende Divergência como caso em que “o conteúdo ideacional do texto [verbal] e da imagem estão em variância”¹³⁷ (UNSWORTH, 2006, p. 1176, colchete nosso). Expandimos a noção ao compreendermos a Divergência não como uma opção de um sistema de relações lógico-semânticas – figura 3.4-2 –, mas, sim, como um efeito de uma interpretação inicial de não compatibilidade entre os eventos representados em cada modalidade, decorrente da ausência ou da presença apenas mínima de laços coesivos entre as modalidades. Compreendemos que a emergência de um efeito de Divergência em uma dada interação consista em um motivador para à necessidade de Ciclos Intermodais de leitura.

¹³⁶ Consideramos tal ordem de leitura a mais provável pelo fato de o elemento verbal ocupar a região superior da tela, região a partir da qual tendemos a iniciar leituras. Concebemos, contudo, que uma leitura que se iniciasse pelo imagético também seja possível, caso consideremos aspectos de saliência e tamanho dos elementos na distribuição da página.

¹³⁷ Tradução livre de: “*Divergence* is where the ideational content of text and image are at variance” (UNSWORTH, 2006, p. 1176, itálico do autor).

Figura 3.4-2 – Opção de Complementaridade do Sistema de CONSTRUÇÃO INTERMODAL



Fonte: traduzido de Unsworth (2006, p. 1175).

Assim, aplicando a reflexão ao exemplo, decorre do fato de o leitor não identificar inicialmente uma correspondência entre os eventos representados, a emergência de um efeito de Divergência, que o leva a retornar ao verbal, com o sistema de atenção (OAKLEY, 2008) ativado mais fortemente com vistas a elementos que indiquem a rota de conceptualização visada pelo produtor.

Para finalizar o capítulo de análise, procederemos a uma análise de um *tweet*, no qual podemos explorar a relação entre uma geração de expectativa e sua quebra, o que leva a um efeito de Divergência e uma consequente motivação para um novo ciclo de leitura.

O *tweet* é construído por um elemento verbal e um elemento imagético, delimitando, assim, uma unidade informacional local que corresponde à global. O elemento imagético representa um <braço de um homem>, o que, de acordo com Kress; van Leeuwen (2006) instanciará um Processo Conceitual Analítico, uma vez que se representa uma parte pelo todo, evidenciando determinadas características da parte.

Figura 3.4-3 – *Tweet* e Ciclos Intermodais de leitura



Fonte: post da plataforma Twitter. Disponível em: <http://bit.ly/37VAuEi>

O elemento verbal constrói um Processo Material, instanciado pelo verbo *tatuou*, que tem como Ator *Homem* e Meta o sintagma nominal *todos os projetos de Lei aprovados por Bolsonaro durante os 28 anos como deputado*. O elemento verbal inicial – *Sem limites para o fanatismo* – consiste em avaliação de julgamento negativo (MARTIN; WHITE, 2005; GONÇALVES-SEGUNDO, 2011; NININ; BARBARA, 2013) do comportamento do Ator do Processo seguinte – *Homem*.

Podemos observar que o Processo Material é construído de forma assertiva pelo produtor do texto. Recorrendo a uma modalidade categórica, o produtor do texto constrói a proposição da oração no polo do *realis* (CHILTON, 2004; HART, 2014), induzindo o leitor a compartilhar tal modalização, assumindo, portanto, a proposição como verdadeira. A isso se soma o julgamento realizado, que, por ter sido instanciado, imprime à oração seguinte um efeito de veracidade. Desse modo, o leitor é convidado a assumir tal informação como verdadeira.

Em consequência disso, o produtor do texto gera no leitor uma expectativa de apresentação, por meio do elemento imagético, do fato que motivou tal julgamento. Assim, o leitor consome o elemento imagético na expectativa de que haja uma equivalência; em outros termos, que haja uma Reiteração por Exposição.

Contudo, em uma primeira leitura, tal equivalência não parece ser encontrada, uma vez que o elemento imagético representa um <braço de um homem> sem tatuagens. Tal atributo é colocado em saliência a partir do verbal, uma vez que tatuagens seriam esperadas pelo fato de o Processo Material ser construído pelo verbo “tatuar”.

Na contraposição entre os eventos construídos e com a quebra de expectativa de equivalência, emerge um efeito de Divergência. Ao partir para o elemento imagético e não encontrar marcas de tatuagens no <braço de um homem>, o leitor, então, passa a gerar uma desconfiança no que tange à modalidade categórica instanciada no elemento verbal, uma vez que, ao atestar, por si, o <braço> e verificar a inexistência de tatuagens, assume essa informação como verdadeira, passando a contrapô-la ao verbal. Nesse retorno ao verbal, instaura-se um novo Ciclo Intermodal de leitura, no qual o leitor parte em busca de indícios que sinalizem alguma rota de reconceptualização do verbal, em face do imagético.

A reconceptualização acaba por incidir sobre o quantificador relativo que encabeça o sintagma nominal que constrói a Meta *todos*. O quantificador configura-se como o elemento que inicia a emergência de uma Divergência, uma vez que consiste em um quantificador relativo que perfila (LANGACKER, 2008) um conjunto de instâncias como um todo. Em outros termos, ao colocar o foco de atenção no conjunto como um todo, instanciar o grupo de tatuagens dos projetos de Lei com o quantificador *todos* gera no leitor a expectativa de que se trata de um

número considerável de instâncias. Por assumir, neste novo ciclo de leitura, o imagético como a informação verdadeira, o leitor é, então, convidado a reconceptualizar o quantificador relativo *todos*, alterando a interpretação de que perfilaria um conjunto com um número considerável de instâncias para a interpretação de que perfila um conjunto vazio. O quantificador mantém sua especificidade de perfilar um conjunto, mas o que é alterado, é a composição desse conjunto, que passa a ser vazio.

Ao estabelecer o novo ciclo de leitura e proceder à reconceptualização do conjunto perfilado pelo quantificador relativo, o leitor, então, alcança o significado visado pelo produtor do texto, ou seja, que ocorre uma Reiteração por Exposição, estabelecendo-se, assim, uma equivalência entre os elementos verbal e imagético.

Com esse exemplo podemos explorar duas questões. A primeira diz respeito à articulação entre Divergência e Ciclos Intermodais de leitura, uma vez que a quebra de expectativa de equivalência gera um efeito de Divergência, possibilitando a emergência de um novo ciclo de leitura, que visa, por sua vez, a reconceptualizar determinados elementos, com vistas ao estabelecimento de uma correspondência entre o verbal e o imagético. A segunda questão diz respeito à validade da articulação entre uma análise da coesão verbo-imagética e de Ciclos Intermodais de leitura, na medida em que a análise coesiva, por consistir em uma investigação de nível micro, pode ser desenvolvida no âmbito de cada ciclo de leitura necessário para a definição tanto da unidade intermodal de análise, nos termos de Unsworth (2006), quanto para a reconstrução do significado potencialmente visado pelo produtor do texto.

Por meio dos exemplos deste capítulo, procuramos apresentar os modos de operacionalização do sistema de COESÃO VERBO-IMAGÉTICA, assim como seus limites, suas potencialidades e, sobretudo, as combinações com outros procedimentos analíticos, uma vez que compreendemos que a articulação de categorias de análise, bem como de perspectivas teóricas distintas, permite ao analista desenvolver um olhar mais refinado para o objeto em estudo, podendo ancorar de forma mais consistente suas asserções acerca tanto do *corpus* a que se volta, quanto da teoria de que parte e que almeja avançar.

Conclusão

Nesta pesquisa, empreendemos uma discussão teórica e metodológica, além de análises que permitissem desenvolver uma maior sistematicidade na compreensão da construção do significado em interações verbo-visuais. Essa investigação consiste em uma empreitada complexa, como buscamos evidenciar ao longo desta dissertação, e que requer muitas investigações, a despeito das inúmeras pesquisas que têm se voltado ao tema. Assim, procuramos desenvolver alguns avanços a partir das possibilidades de nossas bases teóricas.

Gostaríamos de ressaltar, inicialmente, a motivação para a investigação que empreendemos, assim como o estatuto da multimodalidade em mídias digitais. O interesse em estudar multimodalidade em mídias digitais decorreu da identificação de uma alta produção e circulação de textos multimodais nos últimos anos, acompanhada de uma crescente diversidade genérica e representacional, devido tanto à expansão do número de plataformas digitais e de usuários, quanto à popularização de *softwares* e de aplicativos de edição de imagem e de vídeo (MANOVICH, 2009).

Essa liberdade na criação de textos multimodais está associada ao que Manovich (2009) denomina de *prosumers*, ou seja, usuários de redes sociais que seriam, ao mesmo tempo, consumidores e produtores de textos produzidos para mídias digitais e distribuídos por elas. Esse processo seria marcado por uma constante emergência, transformação e renovação de possibilidades de composição sociosemiótica, em uma dinâmica descentralizada de grandes corporações midiáticas, o que impõe desafios para as pesquisas sobre multimodalidade: a **volatilidade** do próprio objeto de estudo.

Essa volatilidade se manifesta também na dinâmica das práticas, que podem apresentar duração breve: (i) no momento em que são identificadas por investigadores, podem não ser mais tão produtivas quanto em um momento anterior; (ii) podem ter sido substituídas por outras; (iii) podem ter sido extintas ou ainda migrado de uma mídia digital para outra, adquirindo outras configurações a depender das Estratégias (MANOVICH, 2009) impostas pela nova plataforma; entre outras possibilidades. Nesse processo, algumas conclusões proporcionadas por determinados estudos podem se apresentar como não mais pertinentes em práticas verificadas, por exemplo, anos depois. Desse modo, há uma constante necessidade de revisitar teorizações, metodologias e categorias de análise para que se possa dar conta dos processos de coconstrução entre as modalidades nas distintas práticas e suportes.

Na esteira dessa reflexão, chegamos à pergunta que guia os primeiros passos da pesquisa: de que forma as categorias e as tipologias de interação verbo-visual já existentes

forneçam meios consistentes de proceder a uma análise de textos multimodais que consideram as especificidades das mídias digitais?

Tendo isso como pano de fundo, partimos, no primeiro capítulo – *Interação verbo-imagética: distintas visões* – de quatro propostas de interação verbo-visual que se baseiam na Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 2004[1985]), a partir das quais buscamos verificar de que forma ofereceriam suporte metodológico, de caráter descritivo e interpretativo, para a análise de textos extraídos das plataformas do YouTube, do Twitter e do Instagram.

Analisamos o Sistema de relações verbo-visuais, de Martinec; Salway (2005), o Sistema de construção intermodal, de Unsworth (2006), o Esquema de combinações de relações verbo-visuais, de Kong (2006), e a Complementaridade Intersemiótica, de Royce (2007).

Para a nossa leitura das propostas determinamos como critérios: (i) as unidades mínimas de análise que cada proposta assume (ou não), verificando as implicações teóricas e metodológicas dessas escolhas; (ii) as unidades informacionais recortadas para a análise, ou seja, a delimitação dos elementos de cada modalidade; (iii) os planos esquemático e funcional-instancial relativos aos elementos imagéticos em análise.

A partir da contraposição das distintas propostas e da verificação de suas aplicações sobre um *corpus* de textos de mídias digitais, identificamos a necessidade de um aparato descritivo, orientado ao nível da superfície textual, que estabelecesse critérios e unidades mínimas de análise, de forma que investigações acerca de interações verbo-visuais apresentassem maior consistência para a sustentação das interpretações realizadas.

Assim, partimos da hipótese de que a configuração de uma interação entre o verbal e o imagético decorre das restrições operacionalizadas por um sistema de coesão verbo-imagética estruturado a partir do sistema de transitividade, ligado à Metafunção Ideacional da Linguística Sistêmico-Funcional. Defendemos que tal sistema permite consolidar unidades de análise; mapear relações estruturais, processuais e instancias entre as modalidades; e estabelecer direcionalidade de modificação a partir da determinação da modalidade dominante.

Como propomos um sistema de COESÃO VERBO-IMAGÉTICA que se volta a uma análise micro, em termos de construção de eventos (sistema de TRANSITIVIDADE), compreendemos que seria necessária a realização de debates acerca de níveis de visualidade envolvidos em textos multimodais de mídias digitais.

Desse modo, partimos de uma hipótese subsidiária de que a articulação entre as noções de Figura e Fundo – discutidas no âmbito da Linguística Cognitiva e da Gestalt – e o sistema de VALOR INFORMACIONAL – discutido na Linguística Sistêmico-Funcional – permite que identifiquemos Níveis de Visualidade envolvidos no consumo de textos multimodais.

Compreendemos que, ao delimitar os níveis de visualidade desses textos, poderíamos identificar as unidades informacional que seriam selecionadas para análises baseadas no sistema de coesão verbo-imagética.

Assim, estruturamos o segundo capítulo em duas seções. Na primeira, - *Discutindo aspectos de layout: os Níveis de Visualidade* –, procedemos a uma teorização sobre Níveis de Visualidade por concebermos que essa categoria auxilia na (i) delimitação de unidades informacional locais e globais e na (ii) identificação das coerções das plataformas por meio das quais os textos são distribuídos e consumidos, oferecendo suporte para a delimitação do escopo de atuação do sistema de coesão verbo-imagética.

Para essa teorização, propomos também as noções de plano esquemático e plano funcional-instancial, assim como de unidades informacionais locais e globais.

Na segunda seção – *Sistema de coesão verbo-imagética* –, apresentamos o sistema, que é estruturado a partir dos subsistemas de CORRESPONDÊNCIA ESTRUTURAL, de CORRESPONDÊNCIA PROCESSUAL e de RECURSIVIDADE. A proposta consiste em um sistema de coesão – e não de interação – pelo fato de coesão, em termos estritamente verbais, referir-se às “formas como os elementos linguísticos presentes na superfície textual se interligam, se interconectam, por meio de recursos também linguísticos” (KOCH, 2004, p. 35). Assim, a análise da coesão verbo-imagética consiste na investigação dos modos pelos quais os elementos verbais e imagéticos articulam-se e interconectam-se, denotando estarem ligados na constituição da textualidade. Esses modos – Reiteração, Adição e Identificação – desempenham papel significativo, na medida em que sinalizam, no nível da superfície textual, meios de se apreender a significação do texto.

Nesta seção, desenvolvemos também a metodologia de análise, que comporta quatro etapas que iniciam pela delimitação da dominância entre modalidades e da análise processual de cada modalidade e partem para a análise das opções de CORRESPONDÊNCIA ESTRUTURAL entre as modalidades.

Por fim, estruturamos o terceiro capítulo – *Explorando efeitos semântico-discursivos de padrões coesivos* – a partir das opções de CORRESPONDÊNCIA ESTRUTURAL, de modo a explorar de forma mais detida especificidades dos tipos coesivos, assim como de seus efeitos semântico-discursivos.

Assim, na primeira seção, exploramos a relação coesiva de Reiteração, que consiste na atividade de reapresentação, na modalidade não dominante, de um componente já construído na modalidade dominante. A Reiteração é marcada por uma alta compatibilidade entre os eventos construídos nas modalidades.

Na segunda seção, exploramos a relação coesiva de Adição, que envolve tanto a construção de um componente que não havia sido instanciado pela outra modalidade, quanto a construção de um componente que compartilha funções léxico-gramaticais, mas não a mesma rede de instâncias.

Em seguida, na terceira seção, debatemos a relação de Identificação, que consiste na construção de uma relação de equivalência de um componente de uma modalidade com um componente da outra modalidade, articulados por um Processo Relacional Identificativo intermodal.

Por fim, encerramos o terceiro capítulo com uma seção dedicada a Ciclos Intermodais de leitura, discutidos inicialmente por Unsworth (2006), mas que expandimos ao concebermos que se referem à construção e à reconstrução de significados pelo foco atribuído às relações entre determinados elementos de cada uma das modalidades. A cada ciclo de leitura, o leitor estabelece uma significação, que é reconceptualizada a depender da emergência de novo(s) ciclo(s) de leitura(s).

A partir de análises das relações coesivas, depreendemos os seguintes efeitos semântico-discursivos: (i) Ajuste de Focalização (de Restrição Referencial e de Ajuste de Saliência); (ii) redução de ceticismos; e (iii) orientação de raciocínios inferenciais (neste aspecto, destacamos as Metáforas Multimodais, para as quais recorreremos aos desdobramentos recentes da Teoria da Metáfora Conceptual (LAKOFF; JOHNSON, 1980), da Linguística Cognitiva).

Por fim, é válido que destaquemos aplicações que podem decorrer da investigação que empreendemos, uma vez que o estudo da multimodalidade tem se tornado cada vez mais necessário na contemporaneidade, dada a centralidade do digital na vida social, seja cotidiana, seja institucional.

Em um primeiro nível, compreendemos que é possível articular, com os devidos cuidados, a proposta aqui empreendida com o trabalho com linguagens tanto na escola, quanto na universidade. Considerando a inclusão da multimodalidade e dos gêneros digitais na área de Linguagens da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a transposição didática do sistema de COESÃO VERBO-IMAGÉTICA e de sua metodologia pode trazer frutos consideráveis para a capacitação de alunas e alunos do ensino básico para o desenvolvimento de uma posição mais crítica em relação aos textos que consomem, sejam nas próprias mídias digitais, sejam em outros meios de distribuição. Além da aplicação no ensino básico, compreendemos que nossas propostas, articuladas a outros estudos de visualidade, podem compor módulos de ensino-aprendizagem de multimodalidade no ensino superior, uma vez que não é difícil imaginar um cenário em que, embora incluída na BNCC, a multimodalidade não conste como um objeto que

compõe o currículo dos cursos de formação de professores – e não nos referimos apenas a cursos de Letras e de Artes, ainda que estejam mais diretamente relacionados a estudos de linguagem, mas também a cursos como Ciências Biológicas e Físicas, por exemplo, que, como explora Unsworth (2006), recorrem sobremaneira a uma interação verbo-imagética para a exposição e explicação de conteúdos. Assim, destacamos a importância da multimodalidade do ensino básico ao superior, atravessando áreas de conhecimento.

Voltando-nos à área de linguagens, concebemos que haja uma aplicação da investigação de padrões coesivos a uma investigação de gêneros discursivos. Como exploramos em alguns momentos desta dissertação, e de forma mais detida na seção de Reiteração do terceiro capítulo, hipotetizamos – ainda que não tenhamos nos debruçado sobre tal correlação – que padrões de coesão verbo-imagética podem constituir elementos de caracterização e identificação de gêneros discursivos em mídias digitais.

Além disso, ainda no âmbito dos estudos da linguagem, defendemos que há um espaço significativo para a investigação das relações entre formas e padrões de coesão verbo-imagética e a construção da argumentação multimodal, correlação essa que será objeto de nossa pesquisa de doutorado.

Esperamos que a discussão teórica, a proposta metodológica e as análises que desenvolvemos nessa pesquisa contribuam para a área de estudos de multimodalidade e que possam despertar o interesse de demais pesquisadores para a aplicação de nossa proposta a diferentes *corpora*, para a investigação de novas práticas multimodais e para a exploração de caminhos de pesquisa que apontamos durante esta dissertação.

Referências bibliográficas

- CHILTON, Paul. **Language, Space and Mind: The Conceptual Geometry of Linguistic Meaning**. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.
- ARAÚJO, Ubirajara Inácio de. **Tessitura Textual: coesão e coerência como fatores de textualidade**. São Paulo: Humanitas, 2002.
- BARTHES, Roland. **Elements of Semiology**. London: Cape, 1967.
- BARTHES, Roland. The Photographic Message. In: BARTHES, Roland (org.). **Image–Music–Text**. London: Fontana, 1997a[1961], p. 15-31.
- BARTHES, Roland. Rhetoric of the Image. In: BARTHES, Roland (org.). **Image–Music–Text**. London: Fontana, 1997b[1964], p. 32-51.
- BARTHES, Roland. **Image-Music-Text**. New York: Hill and Wang, 1978.
- BATEMAN, John A. **Text and Image: a critical introduction to visual/verbal divide**. Londres-Nova York: Routledge – Taylor & Francis Group, 2014.
- BAYM, Nancy K. **Personal Connections in the Digital Age**. Cambridge: Polity Press, 2010.
- BEDNAREK, Monika. Epistemological positioning and evidentiality in English News discourse: A text-driven approach. **Text & Talk**, n. 26, v. 6, 2006, p. 635-60. DOI: <http://dx.doi.org/10.1515/TEXT.2006.027>
- BILOTTA, Maria Alessandra. Um exemplo da circulação dos manuscritos jurídicos iluminados na Europa medieval: Três manuscritos jurídicos iluminados preservados em Portugal. **INVENIRE: Revista de Bens Culturais da Igreja**, Quinta do Cabeço, n. 1 especial, p. 106-128, 2015. Disponível em: https://run.unl.pt/bitstream/10362/37260/1/INVENIRE_esp2015_106_113_Maria_Alessandra_Bilotta_002.pdf
- CARIOCA, Cláudia Ramos. Aspectos semânticos da evidencialidade nos trabalhos acadêmicos de grau. In: NOGUEIRA, Márcia Teixeira; LOPES, Maria Fabíola Vasconcelos (org.) **Modo e Modalidade: gramática, discurso e interação**. Fortaleza: Edições UFC, 2011, p. 143-163.
- CHOULIARAKI, Lilie; FAIRCLOUGH, Norman. **Discourse in Late Modernity. Rethinking critical Discourse Analysis**. Edimburgo: Edimburgo University Press, 1999.
- CROFT, William. **Verbs: Aspect and Causal Structure**. Oxford: Oxford University Press, 2012.
- DE CERTEAU, Michel, **The Practice of Everyday Life**. Trad. Steven Rendall. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1984. (Original: “L’Invention du Quotidien. Vol. 1 Arts de Faire.” 1980).
- DIENSTBACH, Dalby. **Metaforicidade nos gêneros discursivos: a natureza das metáforas e a sua relação com os tipos de discurso**. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) - Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, 2017. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/1/3689/1/Tese.pdf>.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Analysing Discourse. Textual Analysis for Social Research**. Londres-Nova York: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, Norman. **Critical Discourse Analysis: the Critical Study of Language**. Harlow: Longman Applied Linguistics, 2010[1995].

FORCEVILLE, Charles. **Pictorial Metaphors in Advertising**. Londres: Routledge, 2009[1996]. DOI: https://doi.org/10.1207/s15327868ms0901_1.

FORCEVILLE, Charles. **A Course in Pictorial and Multimodal Metaphor**, 2007. Disponível em: <https://semioticon.com/sio/courses/pictorial-multimodal-metaphor/#Lectures>.

FORCEVILLE, Charles. Non-verbal and multimodal metaphor in a cognitivist framework: Agendas for research. In: FORCEVILLE, Charles; URIOS-APARISI, Eduardo. **Multimodal Metaphor**. Mouton de Gruyter, Berlim/Nova Iorque, 2009

FORCEVILLE, Charles. Developments in multimodal metaphor studies: A response to Górska, Coëgnarts, Porto & Romano, and Muelas-Gil. In: NAVARRO I FERRANDO, Ignasi (ed.), **Current Approaches to Metaphor Analysis in Discourse**. Série: Applications of Cognitive Linguistics [ACL], v.39. Berlin, Boston: De Gruyter, 2019, p. 367-378. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110629460-017>.

FUZER, Cristiane; CABRAL, Sara Regina Scotta. **Introdução à Gramática Sistêmico-Funcional em Língua Portuguesa**. Mercado de Letras, Campinas, 2014.

GONÇALVES SEGUNDO, Paulo Roberto. **Tradição, dinamicidade e estabilidade nas práticas discursivas**: um estudo da negociação intersubjetiva na imprensa paulistana. 2011. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/T.8.2011.tde-25042012-161141>.

GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. Indignação e culpa em cartas do leitor da Folha de S. Paulo: um estudo sobre a construção discursiva da tragédia de Santa Maria. **Filologia e Linguística Portuguesa (Online)**, v. 16, p. 63, 2014. Disponível em: <http://revistas.usp.br/flp/article/view/83371/86381>.

GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto; ZELIC, Helena Capriglione. Relacionar-se é investir: ideologia, cognição e metáfora no discurso sobre relacionamento em revistas femininas para o público adolescente In: NASCIMENTO, Lucas; MEDEIROS, Breno Wilson Leite (Org.). **Análise do Discurso e Análise Crítica do Discurso**: heranças, métodos, objetos. Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2016, v. 1, p. 64-91. Disponível em: https://www.academia.edu/28270848/AN%C3%81LISE_DO_DISCURSO_E_AN%C3%81LISE_CR%C3%8DTICA_DO_DISCURSO_heranc%C3%A7as_m%C3%A9todos_objetos. Acesso em: 28/06/2019.

GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. Engajamento e processamento discursivo: diálogos entre a linguística sistêmico-funcional e a linguística cognitiva. **Estudos Linguísticos**, v. 45, p. 153-169, 2016. DOI: <https://doi.org/10.21165/el.v45i1.704>

GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. Argumentação e falácias em entrevistas televisivas: por um diálogo entre o modelo Toulmin e a perspectiva textual-interativa. **Revista Linha D'Água**, 29(2), p.69-96, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v29i2p69-96>

GONÇALVES-SEGUNDO, PAULO ROBERTO. A relevância da noção de perspectivização conceptual (construal) no âmbito dos estudos do texto e do discurso: teoria e análise. **REVISTA LETRAS (UFSM/ON-LINE)**, v. 27, p. 69-100, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.5902/2176148529571>.

GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. Discurso e Prática Social. In: BATISTA Jr., José Ribamar Lopes; SATO, Denise Tomaê Borges; MELO, Iran Ferreira de (orgs.). **Análise do Discurso Crítica para linguistas e não linguistas**. São Paulo: Parábola, 2018, p. 79-103.

GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. Multimodal metaphors and practical argumentation: discussing rhetorical effects and modes of articulation between modalities. **Rev. Estud. Ling.**, Belo Horizonte, aop16451.2020.

GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo; ISOLA-LANZONI, Gabriel. *A Terra é plana?: uma análise da articulação entre argumentação epistêmica, multimodalidade e popularização científica no YouTube*. **REDIS: Revista de Estudos do Discurso**, v. 8, p. 84-121, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.21747/21833958/red8a4>.

GONÇALVES-SEGUNDO, PAULO ROBERTO; ISOLA-LANZONI, Gabriel; WEISS, Winola. Entendeu ou quer que Desenhe?: Metáforas Multimodais Aplicadas ao Ensino de Língua Portuguesa. In: AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan; COSTA, Renata Ferreira. **Multimodalidade e Práticas de Multiletramentos no Ensino de Línguas**. 1ed.: Editora Blucher, 2019, p. 31-56. DOI: <http://dx.doi.org/10.5151/9788580394085-02>.

GREENBAUM, Sidney. **Studies in English Adverbial Usage**. London: Longman, 1969.

GRICE, Herbert Paul. Logic and Conversation. In: COLE, P; MORGAN, J. (Orgs.). **Pragmatics (Syntax and Semantics)**. Nova York: Academic Press, vol. 9, 1975.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood **Introduction to Functional Grammar**. 1ª edição. Londres e Nova Iorque: Routledge, 1985.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood **Introduction to Functional Grammar**. 2ª edição. Londres e Nova Iorque: Routledge, 1994.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood **Introduction to Functional Grammar**. 3ª edição. Londres e Nova Iorque: Routledge, 2004.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. **Introduction to Functional Grammar**. 4ª edição revista e ampliada. Revisão por Christian Matthiessen. Londres e Nova Iorque: Routledge, 2014.

HART, Christopher. **Discourse, Grammar and Ideology: Functional and Cognitive Perspectives**. London: Bloomsbury, 2014.

HIIPALA, Tuomo; BATEMAN, John. A. Introducing the diagrammatic mode. arXiv (Cornell University), v. 1, p. 1-16, 2020. Disponível em: <https://arxiv.org/abs/2001.11224>.

HUNSTON, S.; THOMPSON, G. **Evaluation in Text: Authorial Stance and the Construction of Discourse**. Oxford: Oxford University Press, 2000.

ISOLA-LANZONI, Gabriel. Ancoragem Nominal e Sistema de Atenção Humano: O processo de construção do referente em *posts* do *Facebook*. In: GONÇALVES-SEGUNDO, P. R.; MODOLO, A. D. R.; SOUSA, D. R. de; FERREIRA, F. M.; COAN, G. I.; BRITTO-COSTA, L. F. (org.) **Texto, discurso e multimodalidade: perspectivas atuais**. São Paulo: Editora Paulistana, 2017. 382p. Disponível em: <http://eped.fflch.usp.br/publicacoes>.

ISOLA-LANZONI, Gabriel. A construção do auditório em vídeos de *youtuber*: do acionamento à incorporação de conhecimentos prévios na argumentação. In: GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo; PEDRO, Adriana Moreira; OLIVEIRA, Agildo dos Santos Silva de; MARQUES SILVA, Alexandre; ISOLA-LANZONI, Gabriel; KOBAYASHI, Sergio Mikio; WEISS, Winola. **Trajetórias teórico-**

metodológicas nos estudos do discurso. FFLCH/USP, 2019, p. 207-224. Disponível em: <http://eped.fflch.usp.br/publicacoes>.

KOBAYASHI, Sergio Mikio. **Entre o meme e a campanha**: representação e ação na cultura digital. 2018. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/D.8.2019.tde-28022019-133545>.

KONG, Kenneth. Linguistic resources as evaluators in English and Chinese research articles. **Journal of Cross-Cultural and Interlanguage Communication**, v. 25, n. 1, p. 183-216, 2005. DOI: <http://dx.doi.org/10.1515/MULTI.2006.012>

KONG, Kenneth. A taxonomy of the discourse relations between words and visual. **Information Design Journal**. John Benjamins Publishing Company, 14(3), 2006, p. 207-230. Disponível em: <https://www.ingentaconnect.com/content/jbp/idx/2006/00000014/00000003/art00003>.

KÖVECSES, Zoltan. **Where Metaphors Come From**: Reconsidering context in metaphor. Oxford: Oxford University Press, 2015.

KÖVECSES, Zoltan. Some consequences of a multi-level view of metaphor. In: NAVARRO I FERRANDO, Ignasi (ed.), **Current Approaches to Metaphor Analysis in Discourse**. Série: Applications of Cognitive Linguistics [ACL], v.39. Berlin, Boston: De Gruyter, 2019, p. 19-34. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110629460-017>.

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. **Reading Images**: The Grammar of Visual Design. 2ed. Londres e Nova Iorque: Taylor & Francis e-Library, 2006.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors we live by**. Chicago/Londres: The University of Chicago Press, 1980.

LANGACKER, Ronald W. **Cognitive Grammar**: a basic introduction. Oxford: Oxford University Press, 2008.

LAVID, Julia; ARÚS, Jorge; ZAMORAO-MANSILLA, Juan Rafael. **Systemic Functional Grammar of Spanish**: A Contrastive Study with English. Continuum, Londres & Nova York, 2010. Disponível em: <https://www.bloomsbury.com/uk/systemic-functional-grammar-of-spanish-9781441126009/>.

LEMKE, Jay. Resources for attitudinal meaning: evaluative orientations in text semantics. **Functions of Language**, v. 5, n. 1, p. 33–56, 1998. DOI: <http://dx.doi.org/10.1075/fo1.5.1.03lem>.

LIMA-LOPES, Rodrigues Esteves; VENTURA, Carolina Siqueira Muniz. A transitividade em Português. **DIRECT Papers**, São Paulo e Liverpool, v. 55, p. 1-22, 2008.

MANOVICH, Lev. The Practice of Everyday (Media) Life: From Mass Consumption to Mass Cultural Production?. **Critical Inquiry**, 35, 2009, p. 319-331. Disponível em: https://warwick.ac.uk/fac/arts/theatre_s/current/postgraduate/ma-theatre-performance-research-2017/option_modules/th988/schedule/manovitch.pdf

MARÍN-ARRESE, Juana. Stancetaking and Inter/Subjectivity in the Iraq Inquiry: Blair vs. Brown. In: MARÍN-ARRESE, Juana; CARRETERO, Marta; ARÚS, Jorge; VAN DER AUWERA, Johan (org.) **English Modality: Core, Periphery and Evidentiality**. Berlin/Boston: Mouton de Gruyter, 2013, p. 411-445. Disponível em: <https://www.degruyter.com/viewbooktoc/product/182779>.

MARTIN, James; WHITE, Peter. **The language of Evaluation**: Appraisal in English. London: palgrave Mcmillan, 2005

MARTINEC, Radan; SALWAY, Andrew. A system for image-text relations in new (and old) media. **Visual Communication**. Londres, Thousand Oaks e Nova Deli, v. 4, n. 3, 2005, p. 339-374. DOI: <https://doi.org/10.1177/1470357205055928>.

MAZZARELLA, Diana. "Optimal relevance" as a pragmatic criterion: the role of epistemic vigilance. **UCL Working Papers in Linguistics**, London, v. 25, p. 20-45, 2013. Disponível em: https://www.academia.edu/5511224/Optimal_relevance_as_a_pragmatic_criterion_the_role_of_epistemic_vigilance.

MODOLO, Artur Daniel Ramos. O Ato de Curtir: A Estandarização da Responsividade no Facebook. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Tubarão, SC, v. 18, n. 2, p. 623-645, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-4017-180310-15017>.

MOURA, Guilherme Lima. **Ressignificações Linguístico-pragmáticas na Literatura de Formação Profissional sobre teoria Organizacional: Indexando Fragilidades**. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/6998>.

MOURA, Heronides. Relações paradigmáticas e sintagmáticas na interpretação de metáforas. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**. Tubarão, SC, v. 7, n. 3, p. 417-452, 2007. Disponível em: http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/372.

NASCIMENTO; Roseli Gonçalves; BEZERRA, Fábio Alexandre Silva; HEBERLE, Viviane Maria. Multiletramentos: iniciação à análise de imagens. **Linguagem & Ensino**. Pelotas, v.14, n.2, p. 2+529-552, 2011. DOI: <http://dx.doi.org/10.15210/rle.v14i2.15403>.

NININ, Maria Otília Guimarães; BARBARA, Leila. Engajamento na perspectiva linguística sistémico-funcional em trabalhos de conclusão de curso de Letras. **Trab. Ling. Aplic.** Campinas, v.52, n.1, jan/jul. 2013, p.127-146. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-18132013000100008>.

PEREIRA, Ivelã; MOURA, Heronides. Máquinas e mentes: interpretando a metáfora. **Working papers em linguística**. Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 81-99, 2008. DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-8420.2008v9n1p81>.

RICHARDS, A.R.; DAVID, C. Decorative color as a rhetorical enhancement on the world wide web. **Technical Communication Quarterly**, v.14, n.1, p. 31–48, 2005.

ROYCE, Terry D. Intersemiotic Complementarity: a frame work for multimodal discourse analysis. In: ROYCE, Terry D.; BOWCHER, Wendy (Orgs.). *New Directions in the Analysis of Multimodal Discourse*. Nova Iorque: LEA, 2007, p. 63-109. Disponível em: https://www.academia.edu/5872375/Intersemiotic_Complementarity_A_Framework_for_Multimodal_Discourse_Analysis.

ROYCE, Terry D. Intersemiotic Complementarity in Print Advertisements. In: KLUG, Nina-Maria; STÖCKL, Harmut (orgs). *Handbuch Sprache Im Multimodalen Kontext*. 2016, p. 358-371. DOI: <http://dx.doi.org/10.1515/9783110296099-016>

SHIFMAN, Limor. **Memes in Digital Culture**. Cambridge (MA): The MIT Press, 2014. Disponível em: <https://mitpress.mit.edu/books/memes-digital-culture>. Acesso em: 28/06/2019.

SPERBER, Dan; CLÉMENT, Fabrice; HEINTZ, Christophe; MASCARO, Olivier; MERCIER, Hugo; ORIGGI, Gloria; WILSON, Deirdre. Epistemic Vigilance. **Mind & Language**, v. 25, n. 4, p. 359-393, set. 2010. DOI: <http://dx.doi.org/10.1111/j.1468-0017.2010.01394.x>.

SPERBER, D.; WILSON, D. *Relevance: communication & cognition*. 2nd ed. Oxford: Blackwell, 1995 [1st ed.1986].

STEEN, Gerard. The contemporary theory of metaphor – now new and improved! **Review of Cognitive Linguistics**, v. 9, n. 1, p. 26-64, 2011. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/233698586_The_contemporary_theory_of_metaphor_-_Now_new_and_improved.

TENUTA, Adriana; LEPESQUER, Marcus. Aspectos da afiliação epistemológica da Linguística Cognitiva à Psicologia da Gestalt: percepção e linguagem. **Ciências & Cognição**, v. 16, n. 2, p. 65-81, 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-58212011000200006&lng=pt&nrm=iso.

TOULMIN, Stephen. **Os usos do argumento**. 2nd ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006 [1958].

TOULMIN, Stephen; RIEKE, Richard; JANIK, Allan. **An introduction to reasoning**. 2nd ed. New York: Macmillan Publishing Company, 1984 [1978].

UNSWORTH, Len. Image/Text Relations and Intersemiosis: Towards Multimodal Text Description for Multiliteracies Education. In: **33rd International Systemic Functional Congress**, 2006. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/250029489/download>

VEREZA, Solange. Metáfora e argumentação: uma abordagem cognitivo-discursiva. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 7, n. 3, p. 487-506, 2007. Disponível em: http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/374.

VEREZA, Solange. Entrelaçando frames: a construção do sentido metafórico na linguagem em uso. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 55, n. 1, p. 108-124, p. 2013. DOI: <https://doi.org/10.20396/ce.l.v55i1.8636598>.

VEREZA, Solange. Mal comparando...: os efeitos argumentativos da metáfora e da analogia numa perspectiva cognitivo-discursiva. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 20, n; 40, p. 18-35, 2016. DOI: <https://doi.org/10.5752/P.2358-3428.2016v20n40p18>.

YUS, Francisco. Multimodality in memes. A cyberpragmatic approach. In: BOU-FRANCH, Patricia. BLITVICH, Pilar Garcés-Conejos. **Analyzing Digital Discourse: New Insights and Future Directions**. London: Palgrave Macmillan, p. 105–131, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1007/978-3-319-92663-6>.

Fontes

CASTANHARI, Felipe. **Você está em uma BOLHA SOCIAL? Descubra!**. YouTube. 03 mar. 2017a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=COgkI7GhFR0>

CASTANHARI, Felipe. **A TERRA É PLANA? Com Leon e Nilce**. YouTube. 08 nov. 2017b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nEVPDqUb5dM>

CASTANHARI, Felipe. **FIM DO YOUTUBE E DO CANAL NOSTALGIA**. YouTube. 08 nov. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SJacdAbjdZI>

PELTON, Josh. **147. Grice's Maxims of Conversation | THUNK**. YouTube. 26 jun. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eGzV8pHO9Vg>